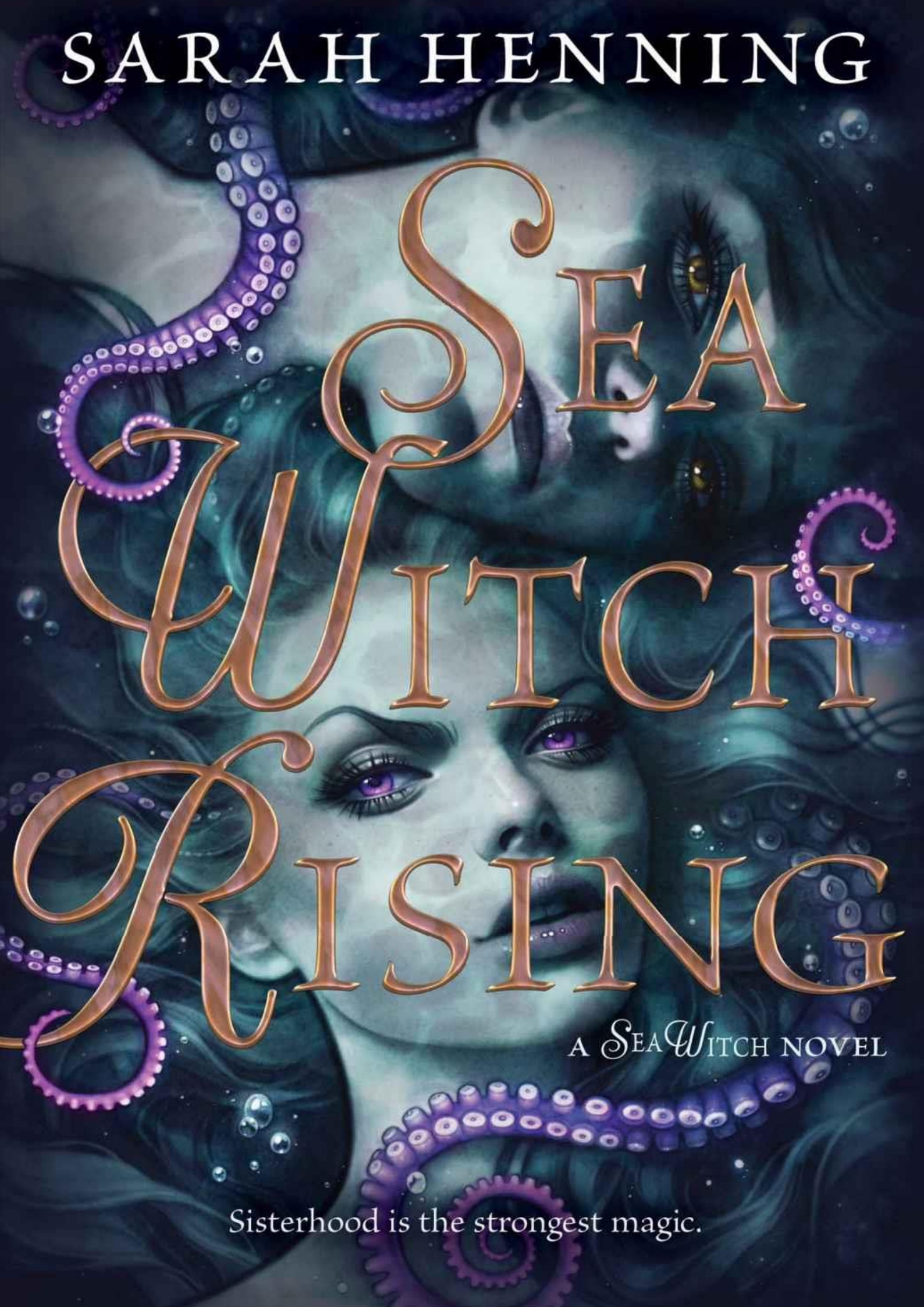




SARAH HENNING

SEA
WITCH
RISING

A SEAWITCH NOVEL

Sisterhood is the strongest magic.



AVISOS

Prezem pelo grupo, não distribuam livros feitos por nós em blogs, páginas do facebook e grupos abertos.

Nunca falem sobre livros que foram feitos por nós para autoras, digam que leram no idioma original.

Prestigiem sempre os autores comprando seus livros, afinal eles dependem disso não é mesmo?

**NÃO GOSTOU DA TRADUÇÃO?
LEIA NO IDIOMA ORIGINAL.**



A presente tradução foi efetuada pelo grupo Queens of Shadows (QOS), de modo a proporcionar ao leitor o acesso à obra, incentivando à posterior aquisição.

O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os e disponibilizando-os ao leitor, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto.

Levamos como objetivo sério, o incentivo para o leitor adquirir as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil. A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo QUEENS poderá, sem aviso prévio e quando entender necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização dos mesmos, daqueles que forem lançados por editoras brasileiras. Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução do grupo, sem que exista uma prévia autorização expressa do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo o grupo QUEENS de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar a presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

STAFF

MODERADORAS

*Lily Draconi, Meghan Willians,
Xamylle Bennett & Kendra Blu Notte*

TRADUÇÃO

Kendra Blu Notte

REVISÃO INICIAL

Kendra Blu Notte

REVISÃO FINAL & CONFERÊNCIA

Medusa

FORMATAÇÃO

Kendra Blu Notte

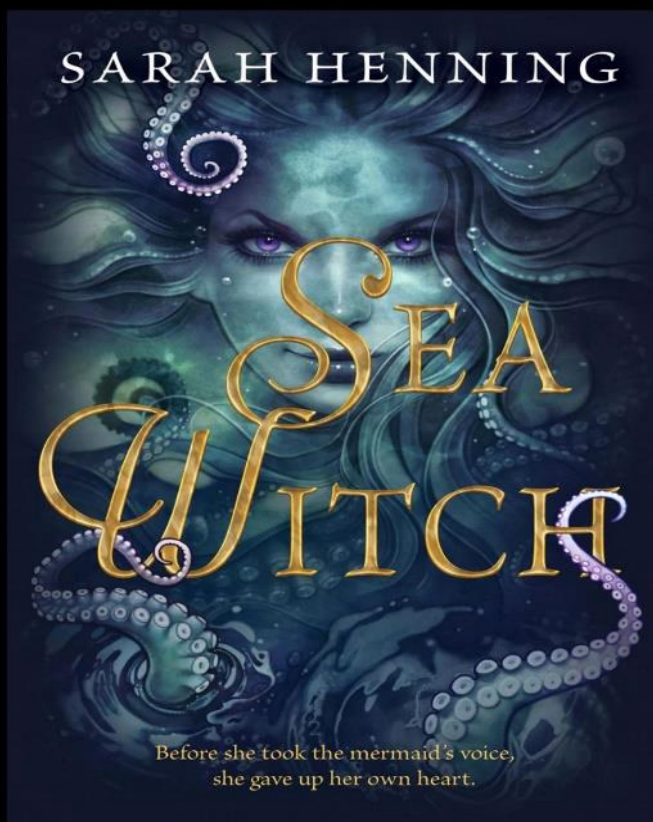
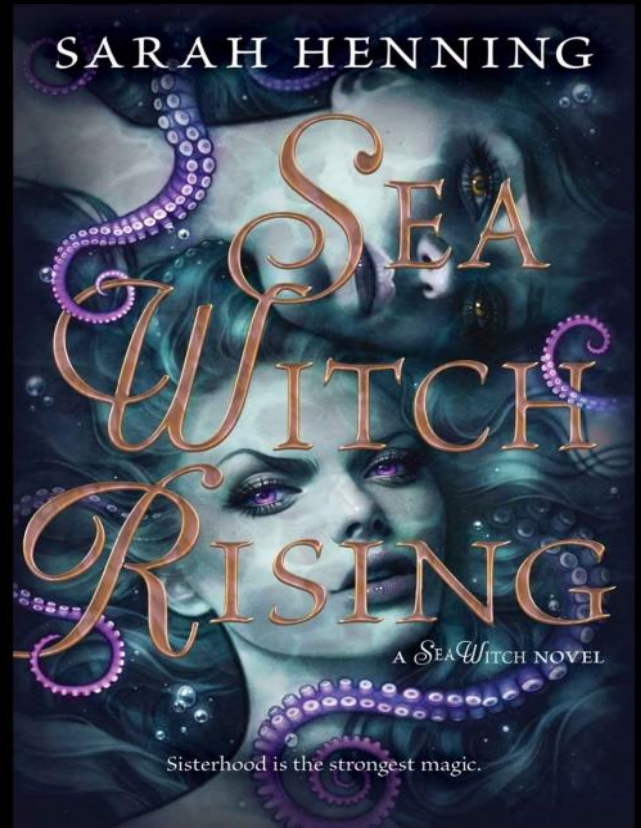
DISTRIBUIÇÃO

QUEENS OF SHADOWS

SETEMBRO, 2019

SEA WITCH

LANÇAMENTO:



DISTRIBUÍDO ✓

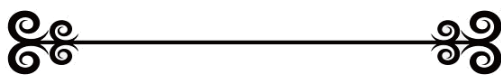


Sinopse



Runa não vai deixar sua irmã gêmea morrer. Alia trocou sua voz com a Bruxa do Mar por uma chance de felicidade com um príncipe que não a ama. E sua rejeição irá literalmente matá-la - a menos que Runa intervenha.

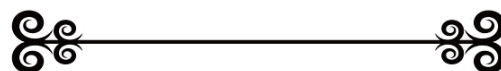
Sob o mar, Evie anseia por sua própria liberdade - mas a libertação de seu papel como Bruxa do Mar exigirá uma troca que ela talvez não esteja disposta a fazer. Com os desejos de seus corações em desacordo, o que Runa e Evie estarão dispostas a sacrificar para salvar seus mundos?





*Vá embora, vá embora
Nossas águas são selvagens.
Nossa criança nascida na terra
Morreu neste dia, morreu neste dia.
Vá embora, vá embora
A tempestade alta
Tece a mortalha
Para quem traiu.
Vá embora, vá embora
Abaixo da onda
Lieth, o túmulo
Dele nós matamos, ele nós matamos.*

- Uma canção de marinheiro conhecida como “A
Vingança da Sereia”





Prólogo



—Você terá sua voz por apenas mais alguns momentos, minha querida. Use o tempo com sabedoria.

A menina engole novamente e depois respira fundo.

—Eu vi Niklas pela primeira vez no dia em que completei quinze anos. Poderia ser chamado de amor à primeira vista, mas eu já tinha visto o rosto dele antes. Em uma estátua que eu tenho no jardim do meu castelo desde que completei dez anos. Aquelas flores vermelhas que eu te trouxe, elas crescem ...

—Sim, os Øldenburgs amam suas estátuas. — Eu digo, parecendo mais uma vez com Hansa. — Ainda há amor nesta história. Apenas coincidência e horticultura.

A garota lambe os lábios e se reformula. —Fiquei ao lado do barco a noite toda, observando esse garoto. Então, depois da meia-noite, uma grande tempestade veio, ondas quebrando com tanta força que o navio tombou de lado. Os marinheiros estavam na água, mas eu não vi o menino. — Aqui, a voz dela engata. —Eu mergulhei até encontrá-lo. Seus membros estavam falhando e seus olhos estavam fechados. Eu o puxei para a superfície e segurei sua cabeça acima da água. Ficamos assim a noite toda. E quando o sol



voltou e o oceano se acalmou, beijei sua testa e o joguei para terra.

Reflexivamente, meu tentáculo aperta em torno de sua cintura, como eu me lembro de Annemette, embora eu tenha lido o suficiente para saber essa história de cor. Uma tempestade, um naufrágio, uma salvadora.

— E? — Eu pergunto.

— Eu o coloquei ao lado de um grande prédio. Fiquei olhando, escondendo-me entre algumas pedras, coberta de espuma do mar. Logo, uma linda garota o encontrou e soou o alarme. Eu sabia então que ele viveria. Ele acordou e sorria para a garota.

— Nenhum sorriso para você?

— Não. — A determinação retorna à sua voz. — Mas eu queria aquele sorriso - quero agora. Eu quero que ele saiba que eu o salvei. Que eu o amo. E eu quero que ele me ame.

Ah. Ela mentiu para mim.

— Mas você disse que ele já amava.

A garota olha para longe, pega. Finalmente, ela continua. — No ano passado, eu o observei. E eu sei que se eu pudesse ser humana, ele me amaria. Ele acha que está apaixonado pela garota da praia, mas eu o salvei. Eu salvei o Niklas.

Como Anna, essa garota acredita que merece algo e está disposta a arriscar sua vida e tudo o que ela sabe por isso. Mas essa garota não anseia por vingança.

Ela quer um feliz para sempre.

E por isso, não posso culpá-la. Mesmo depois de todos esses anos, ainda desejo o meu.

— É muito estúpido vindo de você. — Eu digo finalmente. — Mas você deve ter o seu caminho.

-Das últimas páginas de Sea Witch



1 - Evie



A mais afastada das coisas mantém sua borda nos mais inteligentes ajustes.

E assim, minha faca de coral brilha através das sombras que eu chamo de lar. Parecia um fantasma branco com magia, a lâmina serrilhada afiada é suficiente para dividir um único cabelo em dois.

Bela. Mortal. Perfeita.

Eu só espero que seja o suficiente para quando eles chegarem.

Porque nas horas que se passaram desde que a pequena sereia deixou o mar por terra, perseguindo seu verdadeiro amor, senti isso. Um puxão. Um fio puxado e liberado.

Senti isso em meus ossos, apodrecendo pela medula, em meus pulmões, intestinos e coração, e ainda assim, esse choque de dor estava prestes a acontecer. Precisava vir. O monopólio do mar não é sustentável.

No tempo que eu vivi abaixo da superfície, o equilíbrio mágico mudou, o poder lentamente se inclinando da terra para o mar, até que a maioria da magia da terra afundava nas profundezas do domínio do rei do mar, destinada a obedecer a uma forma não natural. Agora o desequilíbrio é tão evidente que é tudo o que posso ver além do covil



que é minha gaiola, além da minha floresta de pólipos, as fissuras na terra borbulhando com a relva e os redemoinhos violentos girando nas profundezas. Passado o brilho azul misterioso do castelo do rei do mar e seus integrantes, mágico, pesado, transbordante.

Depois que a pequena sereia saiu, comecei a pensar em como é impossível que a magia na terra tenha morrido, embora seja simples, na verdade. Havia tão poucos de nós, bruxas e magos. Caçados, mortos, banidos. Fomos eliminados um a um por séculos, até que a terra estava quase esgotada de sua magia e aqueles que sabiam como controlá-la. De Maren Spliid e sua morte nas mãos do rei caçador de bruxas, todo o caminho através dos anos para mim, cada um de nós lançado para a vida após a morte. Mas eu não morri, não em todos os sentidos, e minha magia ainda é minha, uma mistura de terra e mar.

Eu me lembro do meu tempo lá em cima, e o degelo dentro de mim se cristaliza, claro e azul. Eu era uma bruxa que ficava no subsolo por medo - eu nem sabia como usar minha força. Foi assim que Tante Hansa tentou me manter segura. Escondendo meu poder, reprimindo-o. Como se fosse algo que pudesse ser escondido em um armário de olhos curiosos. Fora da vista, longe da mente.

Mas agora meus olhos estão abertos.

O equilíbrio da magia sempre foi precário. Construído com uma troca. Não apenas as magias, todo o sistema. E o fluxo e refluxo do poder é desviado para aqueles que procuram possuí-lo. No entanto, quando a pequena sereia pôs os pés em terra, levando seus poderes com ela, a balança tombou de volta para a terra apenas uma lasca. A onda de choque da terra de alívio enviou uma sacudida de fogo através dos meus ossos, mas minha breve dor não é preocupante. Eu não preciso dessa magia para viver.

Há outra que tem muito a temer.



Eu guardo a faca, segura em minha caverna, e pego meus livros de feitiços, presentes de Tante Hansa, um em cada tentáculo, mais dois em cada mão. Eu me estabeleço nas areias de estanho e folheio através delas. Tante Hansa sempre me disse que a magia sempre buscará o equilíbrio. Agora que a porta finalmente foi aberta, talvez eu possa acelerar o ganho da terra.

É quando o pólipo mais próximo da minha caverna pigarreja, e a voz que tirei da pequena sereia corta meu mundo isolado. — Seus esforços para conter o Tørhed não foram suficientes para causar um desastre? Você quer tentar de novo?

Eu me assusto um pouco - tão acostumada a cinquenta anos de silêncio. Anna. Ela pode certamente sentir o desequilíbrio também. Embora eu tenha lhe dado a voz da pequena sereia, ainda precisamos conversar muito sobre o que ela fez, por que ela fez isso e por que eu fiz o que tinha que fazer para salvar Nik. Mas agora não é hora de começar.

— Isso é diferente. — Eu digo. Meu feitiço de abundância para acabar com o Tørhed do mar e trazer vida às redes de nossos pescadores criou um desequilíbrio que irritou Urda. Meu desejo aqui é exatamente o oposto. — Eu tenho que tentar.

— Tudo bem. — Anna continua. — Mas você não encontrará o que deseja nesses livros.

Eu viro uma página do meu livro de feitiços em desafio.

Quase como uma exclamação, há o som distante de uma explosão, grande o suficiente para empurrar os redemoinhos para fora do eixo, o fundo do mar tremendo na água e, em seguida, entrando em um novo arranjo. Minha floresta de pólipos - como Anna, corpos descartados e atracados por magia - torce e assobia, acenando na perturbação.

Ainda outra mina no mar - uma bomba escondida na água, ansiosa para fazer um buraco no navio certo e acertar os ossos dos homens.



Há uma guerra furiosa na superfície. Sobre a terra e o mar, e até no ar, os seres humanos sob muitas bandeiras se uniram para matar uns aos outros. Não há mágica envolvida, é claro. Se houvesse mais do que uma magra quantidade de magia deixada em terra, talvez essa guerra não pudesse ser travada. Ainda assim, a busca pelo poder - mágica ou não - sempre será. Quando as minas e as balas pararem, as linhas serão redesenhadas e um tipo diferente de energia mudará. Outro desequilíbrio.

Anna começa uma resposta torta. — Evie, você—

— Leta. — Pare, eu mando. Porque algo não está certo.

Então, como se em resposta ao súbito silêncio, uma grande voz explodiu em meu covil, ecoando com força suficiente para sacudir meus dentes e dobrar os galhos da minha floresta de pólipos de espessura óssea.

— Não pode ser - a grande bruxa do mar fala sozinha?

Eu congelo quando ele aparece, poder e magia pingando dele em um terrível rastro.

O rei do mar.

Seu cabelo é a cor da neve no meio do inverno, os olhos azuis cristalinos, a pele brilhando com quase vida demais, vibrante. No topo de sua cabeça há uma coroa de pérolas ajustadas a um grupo de crânios de enguias, mandíbulas abertas em largas formas em V, seus dentes na orla. Eu nunca vi sua coroa pessoalmente antes, mas é a própria aparência de vida e morte e poder. Um lembrete do que pode ser tirado - os frutos do trabalho de parto, sugados, mesmo quando se descobre presas.

O rei do mar sorri e é tão brilhante e mortal quanto se poderia esperar. — Deve ficar tão solitária, presa nas sombras sozinha.

Ele saberia. Não é minha mágica ou memórias que me mantêm aqui, é do rei. Com medo do que eu posso fazer, embora ele flutue diante de mim, amplificado de uma forma



que não é natural, mesmo para criaturas mágicas.

Ele tem uma queda pelo néctar da rara flor ríkifjor - uma droga que aproveita a magia e a intensifica. Mas examinando-o agora, é quase como se o ríkifjor tivesse se fundido ao seu sangue, ossos e pele. Aquele desequilíbrio que sinto, inclina-se fortemente para este homem, que absorveu tanta magia quanto o seu corpo pode aguentar e, em seguida, duplicou-o através da ingestão constante de ríkifjor.

Olhar para ele só pode ser comparado a olhar diretamente para o sol.

Ele é poder.

Mas se ele está aqui pela primeira vez em cinquenta anos, há algo que o seu poder não pode entregá-lo.

— Às vezes, Alteza, esta enseada me faz sentir-me como em uma prisão. — Eu digo, e seu sorriso se enrola. — Mas só porque eu não posso sair não significa que eu não recebo visitantes.

A postura do rei do mar endurece. Sim, é por isso que ele está aqui. Este homem poderoso perdeu algo importante para ele. Sua filha se foi, e talvez mais importante, assim é a sua magia, que compartilha uma ligação direta com a dele. Como eu suspeitava, o fio puxado de mim devia ter sido muito pior para ele. — Inverta o feitiço e traga-a de volta. Agora. — Ele comanda.

Eu sorrio, reclinada nos meus tentáculos como uma rainha. Eu arrojo uma sobrancelha. — Você sabe mesmo qual foi? — Ele notoriamente trata suas filhas como peões em um jogo, usando sua beleza e seus talentos quando for conveniente.

— Insultar-me não trará nada de bom para você. — Diz ele, mas meu sorriso não vacila, exceto crescer com satisfação quando ele diz o nome dela. — Alia pertence ao mar. Devolva-a.



— Sua Alteza, você deve saber melhor do que ninguém que nem mesmo você pode controlar uma mulher forte. — Eu digo, e sei que ele está pensando em sua primeira rainha, Mette, o ser humano que ele salvou, mas que não conseguiu manter, O coração dela estalava enquanto ela ansiava por ele e pela vida que ela deveria levar. — Alia deve ser livre para fazer suas próprias escolhas e viver sua própria vida - experimentar amor e liberdade. Mas, em vez disso, você a aprisiona e a todo o seu povo, sob o seu polegar, com falsas promessas de proteção dos humanos. Não desde Annemette.

— Nunca fale esse nome para mim novamente. — Ele rosna, sua fúria cuspidando entre nós. Ela é a única que o deixou, traindo ele, sua família e os segredos das sereias. Espero que Anna esteja realmente ouvindo ele agora.

Enquanto suas narinas se abrem, olho-o mortalmente nos olhos. — Como Annemette, Alia tem quatro dias para fazer o menino amá-la e viver, ou falhar e morrer. De qualquer forma, você nunca mais a verá.

— Eu posso destruir você!

Eu mostro meus dentes. — Ah, mas você não pode. Mesmo com todo o poder que você rouba, você ainda precisa de mim. — Minha voz ganha força com cada palavra. Ele está desesperado. Ele não pode recuperar Alia sozinho. Há um elemento da minha magia que ele nunca dominará. — Eu posso trazer Alia de volta, mas vou precisar de algo de você em troca. Eu tenho meu preço.

Os lábios do rei do mar se abrem. Eu o tenho apoiado em um canto e ele sabe disso. Minha pergunta é simples e só ele pode fazer isso. Ele não pode me dar a minha vida de volta, meu tempo perdido, ou Nik - que ele possa descansar na maré - mas ele pode me libertar do meu lar. As palavras estão na minha língua, prontas, quando algo desagradável percorre seus traços bonitos.

— Você tem o seu preço, Bruxa, mas esqueceu o seu lugar.



Seus dentes se encaixam e o azul dos olhos fica frio. É então que a umidade, a dura certeza do meu erro se revela para mim. Esse homem não vai me matar, mas pela abundância de magia que ele é, pesado e desajeitado, ele pode me machucar tanto que eu desejaria estar morta.

O poder dentro dele - amplificado, multiplicado, saqueado da terra e do mar - se expande, explode, como uma bomba viva. Uma mina marinha de magia, apontada diretamente para mim.

— Morna, herfiligr kvennalið!

Desapareça, mulher miserável!

As palavras atingiram meus ouvidos com uma força de magia que eu nunca senti, batendo em mim com o poder do sol caindo do céu e indo em direção à terra, trazendo luz suficiente para dissolver todos nós no instante anterior ao impacto.

E então meu mundo, já tão escuro, desaparece para completar com uma completa escuridão.



2 - Runa



Eu deveria saber que eu perderia esse caminho.

Para ele.

O menino. Aquele garoto idiota. Com seus cabelos escuros estúpidos e olhos brilhantes e sangue real.

Aquele que ela salvou no auge do verão, durante uma tempestade feroz quando ela estava perseguindo ele novamente. Vivendo na esteira de seu navio, esperando por um vislumbre dele com seus irmãos, com suas maçãs do rosto e canções e cachorros. Como se tivessem sido criados a partir dos desejos de seu coração e jogados na terra, perto o suficiente para que ela quisesse, apenas o suficiente - diferente o suficiente - para escapar dela.

Sempre fascinada com humanos, Alia.

Sempre fascinada com o que ela não deveria ter. Andando à beira do que era aceitável - testando a paciência real e a indulgência pessoal de nosso pai. Resgatando aquele garoto e depois se gabando disso carregando no jardim aquela estúpida estátua que desceu com ele.

Eu estava lá quando ela o viu por cima. Seus olhos brilhavam com curiosidade imediata. Nós fizemos 15 anos ao mesmo tempo - gêmeas tão parecidas e mais parecidas com os dois lados da mesma moeda. Nós tínhamos



ido à superfície juntas, mas o fascínio pelo mundo acima era apenas dela.

Uma vez que ela aprendeu o nome dele, não saiu dos lábios dela.

Niklas.

Agora ela foi até ele, tenho certeza disso.

Já faz um dia desde que eu a vi, o mais longo que já nos separamos. Não tenho escolha senão acreditar que a perdi para ele, porque a alternativa - que ela está morta ou morrendo em algum lugar e meu coração ainda não percebeu isso - é muito dolorosa.

Não que isso pareça fantástico, sabendo que meu irmão gêmeo me deixou, nossa família, nosso mundo para um menino.

Um príncipe humano estúpido que nem sabe o nome dela.

— Ah, Alia. Como você pôde fazer isso com você mesma? — Eu murmuro para a maré matutina, a cauda da sereia balançando forte, os punhos cerrados firmemente ao meu lado, unhas cavando fortemente nas minhas mãos. — Como você pôde fazer isso para nós?

A magia para se tornar humana foi banida para sempre pela mão do próprio pai. Ele mesmo inventou, depois que ele trouxe para casa sua primeira rainha, mas a última vez que isso foi feito, quase levou nosso povo à ruína. Quatro dias, uma faca e a verdade sobre a vida sob o mar saindo dos lábios de um dos nossos, quase nos expondo e colocando em risco, se Annemette tivesse vivido.

Então, aqui estou eu, mais perto da terra agora do que eu já fui, nadando nas sombras de uma nova manhã, olhando para o lugar que eu conheço no meu intestino que Alia estará.

Castelo de Øldenburg.

Lar do estúpido Niklas e seu sorriso estúpido e suas covinhas estúpidas.



O castelo é exatamente como Alia disse que seria. No alto da colina e velho o suficiente para ter ossos Viking em sua cripta. É a maior coisa à vista, superando as montanhas às suas costas simplesmente por um truque de perspectiva intencional. A cidade abaixo é um labirinto de casas de pedra, lojas e afins. Tijolos se alinham nas ruas, escorregadios sob a luz fraca de um sol nascente da manhã, enquanto as pessoas de Havnestad fogem para suas tarefas.

Eu afundo de volta abaixo da superfície. As águas ficarão mais seguras perto do castelo - as bóias impedem que os navios sejam atracados muito perto, por isso ninguém atrapalhará meu caminho, mesmo com a agitação da manhã. Além disso, há minas aqui, bombas destinadas a navios na grande guerra dos humanos. Eu duvido que eles saibam ou se importem como eles nos prejudicam.

Eu fiz um curso direto para o castelo, meu caminho está claro, embora eu nunca tenha nadado antes, mas ainda assim eu sei disso. Tarde da noite, Alia sussurrava contos em meu ouvido enquanto nossas irmãs dormiam. Contos de assistir as grandes festas de verão debaixo de uma sacada de mármore, algo novo adicionado ao velho castelo nos últimos anos.

A manhã não é o tempo para festas, mas esta varanda pode ser a única maneira que eu posso ver no castelo da água. Além das bóias, eu nado em um canal estreito, rochas de pedra de cada lado, protegendo os Øldenburgs de visitantes que eles preferem evitar. E lá, assim que entro na abertura de uma enseada, os alpendres da varanda parecem ossos de esqueleto, saltando do fundo do mar. Eles varrem a água e voltam abaixo da superfície com o movimento fluido do salto de um golfinho.

Acima da varanda que fica em cima desses arcos, o castelo balança de um penhasco. Ele se projeta como o queixo altivo de seu rei fundador, olhando para baixo em tudo o que possui, incluindo as águas em suas margens.



— O mar não é seu, bastardos gananciosos. — Digo em voz baixa. Meu pai poderia construir um castelo tão grande quanto este dos ossos de Øldenburgs e sua turma que lutou contra o mar e perdeu ao longo dos séculos.

As gaivotas varrem a superfície enquanto uma brisa suave acaricia a maré, o outono doce que desce em 1914. A música toca das portas e janelas escancaradas do castelo. A esperança aumenta no meu intestino - não, não é hora de festas, mas onde há música, há pessoas.

Ergo-me apenas o suficiente para enxergar além da sacada e através de três conjuntos de grandes portas que trazem o exterior para dentro. Homens com jaquetas de chá, cabelo varrido como se estivesse brilhante e molhado, embora perfeitamente seco, se aglomeram em alguma coisa. As mulheres também estão lá, mas a maioria corre em vestidos azuis rígidos com aventais brancos. Servos - eu reconhecia a correria e obediência em qualquer lugar.

Eu posso ver porque Alia amava essa varanda - ela fornece cobertura que a impedia de ser vista, enquanto também permitia uma visão fácil dos acontecimentos acima. Eu assisto por um minuto, sem saber o que fazer a seguir, exceto pegar tudo.

Mas então um servo se move para o lado, limpando as placas do café da manhã, e lá. Um vislumbre do que está além.

Uma garota dançando em um vestido de ouro cintilante.

Alia.

Longos cabelos loiros arrastando enquanto ela se move no tempo com a música, um sorriso glorioso em seu rosto. Ela sempre foi graciosa, sim, mas é difícil ser qualquer outra coisa na água, nossa atmosfera encorajando redemoinhos, reviravoltas, espirais.

Meus lábios se abrem enquanto vejo o que ela pode fazer em dois pés. Um sentimento pesado agita-



se profundamente dentro de meus ossos, de modo que nunca conseguirei me mexer dessa maneira em pequenos pés apoiados, nem agora, nem com outra vida de prática.

Nós somos gêmeas, mas não idênticas no mínimo.

No entanto, lá está ela. Movendo-se como a própria água. É magnético. Todo mundo está olhando para ela com a mesma intensidade que eu, mas onde alegria brilha em seus olhos, o meu encharca em alívio agridoce.

Minha irmã está viva. Mas ela pode não durar muito mais tempo.

Eu conheço a barganha. Todo mundo conhece, mesmo que o pai a proibiu.

A magia funciona por quatro dias. Quatro dias para ganhar o amor de um príncipe ou derramar sangue Øldenburg para sobreviver. Sem isso, ela se torna espuma na maré.

Um dia já se foi.

Estou com muito medo de sussurrar aqui, tão perto, mas um refrão está em minha mente.

Ah, Alia, o que você fez?



3 - Runa



A canção termina e aplausos ecoam através da sala, junto com pedidos de mais. Alia faz uma reverência e, quando o faz, vejo-o no canto, apontando as covinhas para ela, perigosas como são.

Niklas.

— Mais uma vez, se você quiser, minha querida. — Diz ele, e eu odeio que ele já esteja usando termos carinhosos. Ela tem um nome, Niklas, use-o. — Por favor, para nossos convidados.

Alia obriga quando uma música toca novamente.

O alívio de vê-la aqui e a vida piora, e o pânico vem em dobro - o triplo - do que era antes. Eu tento enfiá-lo, trancá-lo dentro de mim. Eu tenho que chamar sua atenção. Eu tenho que falar com ela. A magia que ela usou é a mesma de quando Annemette fez sua escolha? O que ela sacrificou para vir aqui? Ou melhor ainda, quem? Não, não, não posso acreditar que minha querida irmã prejudicaria alguém, até mesmo para alcançar seu maior desejo. Annemette foi levada pela vingança, minha irmã pelo amor - ou assim ela pensa.

Alia começa a dançar de novo, e a multidão volta a observá-la - todos, menos dois meninos, que



conseguem se afastar e caminhar até a varanda. No começo, acho que posso ficar parada e invisível, mas eles continuam andando, até o canto logo acima de onde eu me posicionei.

Claro.

Com cuidado para não deixar minha cauda fazer muito barulho, puxo meu corpo o máximo possível sob a sacada de treliça, enroscando meus dedos ao redor do arco que o segura, cuidando para que minhas mãos não apareçam.

Um menino é alto, um é baixo, e ambos serão um grande problema se acontecer de me verem. Mas parece-me que eles não querem ser vistos por si mesmos - suas vozes são baixas, gestos curtos.

— Quantos agora? — Pergunta o alto, com um sorriso bonito aparecendo nos cantos das bochechas coradas.

— Os números são novos para mim a partir de ontem à noite. — Diz o menino baixo, com suas características hawkish dobrando-se com força a cada sussurro. — Cinco submarinos.

Eu tento processar uma palavra que eu não ouvi antes. Submarinos.

— Shhh — Diz o garoto alto, quase batendo o curto na boca. — Não use essa palavra.

— Oh, certo, desculpe. — O menino curto responde. — Olha, eu sei que não é uma notícia encorajadora, Will, mas é o que eu tenho.

Will acena com isso também. — Bom trabalho, Phillip. Obrigado. O contrato será concluído a partir de amanhã. — Seus olhos vasculham as águas. — Meu tio-

De repente, Will corta e coloca um sorriso em seus lábios. Toda a sua voz muda, e ele coloca a mão no ombro do menino baixinho, suas largas costas para o oceano agora. — Que prazer que seus pais estão se fazendo presentes aqui, Phillip! Já faz muito tempo desde que eu dancei com sua querida mãe.



É só então que vejo Niklas caminhando na direção deles. Ele tem a audácia de usar uma coroa esbelta em cima da cabeça e mais jóias também - um broche, abotoaduras de ouro brilhante, até mesmo um anel de pedras vermelho-sangue que queimam apesar da luz fraca. Eu tenho uma forte suspeita de que esse garoto gosta de colecionar objetos brilhantes, minha graciosa irmã sendo apenas a última.

— Ah, Will! Eu pensei que era você, esgueirando-se pelas costas e roubando kringle¹! — Niklas repreende, fazendo mais do que simplesmente bater no ombro do garoto alto - em vez disso, ele o leva para um verdadeiro abraço.

Quando eles se separam, a culpa passa pelos olhos de Will. — Há algumas coisas que eu nunca consegui superar, meu amigo, e Kringle é uma delas.

Eu me inclino um pouco mais para que eu possa ver Niklas enquanto ele fala com seus amigos, mas é então que outra pessoa aparece. Alia. Ela coloca a mão no braço de Niklas.

— Oh, meninos, esta é minha convidada. Ela não é adorável? Você viu a dança dela?

Os garotos assentem quando Niklas lhe dá um pequeno giro e ela cai nele com um sorriso ridículo. Ela está no topo há um dia, e já há mais cor nas bochechas dela, embora eu suponha que isso possa ser o trabalho de Niklas mais do que o trabalho do sol de setembro. — Você já ouviu a história, é claro, não é? Tenho certeza que é tudo fofoca. Eu a encontrei ontem na praia durante o meu passeio habitual ao amanhecer. Com roupas rasgadas como a de um naufrago e sem voz. Sorte de estar aqui. Agora ela é minha convidada, e



1

Um tipo de pastel Escandinavo.



é uma boa a dançarina. Ele dá um tapinha na mão de Alia.

— As coisas funcionaram muito bem, não é, minha querida?

Sem voz? Alívio inunda-me, ela desistiu de sua voz em vez de uma vida. Mas como? Isso nem faz sentido. E por que ela desistiria de sua voz? Como ele pode se apaixonar por ela se ele nem sabe o nome dela? Espere, ela poderia escrever, não poderia? Certamente. Mas ela teria se pudesse, certo? As perguntas caem sobre si mesmas enquanto as brincadeiras continuam.

— Por favor, conheça Phillip - um primo distante do lado da minha mãe. — Diz ele, apontando para o menino mais baixo. — E Will, quem eu conheço desde a infância, mas, eu não sei - ainda posso te chamar de amigo, ou primo é agora mais apropriado?

Os pés de Alia se movem apenas para que ela faça reverências para os meninos.

— Oh, primos. Não deixe formalidades confundirem você, minha senhora. — diz Will. — Mesmo que não seja oficial por mais dois dias, quem se importa? Nós seremos primos pelo resto de nossas vidas. — Will ri, e eu odeio que eu goste do som disso. — Por que não começar agora?

— Bem, primo, então. — Niklas concorda.

Eles riem, mais uma vez jovial demais como Alia olha de Niklas para Will e de volta, claramente confusa. A alegria desmorona no rosto de Niklas e, de repente, meus pulmões gaguejam quando entendo o que faria esses primos meninos.

Sangue. Ou não.

Enquanto isso me atinge, os garotos devem perceber isso também e se desculpar com a pretensão de querer café. Quando eles saem, Niklas tira a mão de Alia do braço dele, segurando os dedos docemente.

— Querida. — Ele começa, respirando fundo quase como se ele se importasse. — Eu vou me casar depois de amanhã.



O rosto de Alia cai. A outra mão aperta seu braço com tanta força que seus dedos enrugam o tecido engomado de sua jaqueta de chá. Meu coração sente como se estivesse em seu aperto de torno também.

— Embora tenha sido apenas um dia, eu. . . Eu sinto que te conheço. É estranho, esse parentesco que nós temos - nós dois perdemos como mar. Lavando na mesma praia, algum milagre, minha pequena.

Alia acena com a cabeça, perto dele, um olhar em seu rosto adorável tão puro que diz milhares de palavras que ela não pode. Querendo que ele visse. Querendo que ele saiba que ele a conhece. Que ela o salvou. Que não foi um ato do seu Deus que o resgatou do naufrágio que afogou seus irmãos e pai; era ela.

Eu prendo minha respiração quando sinto isso chegando. Ele está inclinado para ela e ela ainda está segurando-o por sua vida, olhando para ele com olhos que contêm oceanos inteiros de azul, seus lábios e bochechas rosadas de dança.

Sim. Beije-a. Por favor, beije-a.

Para que a magia funcione, ela precisa do verdadeiro beijo de amor - todas as histórias foram as mesmas.

Seus lábios se tocam e meus braços cederam quando eu deslizei para baixo do poste de alívio. É curto e doce, mas eu percebo antes que acabe isso não é suficiente.

Não há mágica para isso. Não é transformador no mínimo. Qualquer que seja o feitiço que Alia encontrou para dar as pernas dela, este beijo não tem o poder de mantê-la em dois pés.

Muito rapidamente eles estão separados novamente, tudo correndo de volta para Niklas - o ambiente, as pessoas a poucos passos no salão de dança, o que ele deve fazer em dois dias.

— Eu sinto muito. Eu sou rei agora, e o dever de um rei é para o seu povo. Com meu pai e meus irmãos



partiram... cabe a mim fazer o melhor. Há tantas coisas incertas sobre o mundo agora... —Ele para, e eu só posso imaginar como a guerra afetaria um reino como esse. —Mas o que é certo é que, apesar do que está acontecendo, preciso tomar as decisões certas para o Havnestad. E a decisão certa para um novo rei é garantir a continuação da monarquia.

Continuação da monarquia. A raiva canta minhas veias quando minha respiração fica curta. Sua monarquia estaria morta se não fosse pela garota bem na frente dele.

O rei tece os dedos com força no de Alia. —Mas por favor, por favor fique. Sofie vai amar você, tenho certeza disso.

Sofie. Eu odeio o nome dela já.

Ele sorri suavemente. —Talvez você possa ser uma de suas damas e ficar aqui o tempo que quiser.

Sim, sim, eu estava certo - esse garoto só gosta de colecionar coisas. Seu enfeitado na praia. Agora sua garota dançando no castelo. Lá para entreter sua esposa como seu próprio coração explode de tristeza.

Que rei bondoso e generoso, de fato.

—Sua Alteza, — vem a voz de uma mulher de dentro, —a rainha-mãe pediu sua presença em seus aposentos.

Niklas aperta os dedos de Alia. A mão da minha irmã cai do seu braço, obrigando, como se ela não tivesse acabado de sofrer o maior golpe em toda a sua vida. O garoto por quem ela está apaixonada, aquele que ela resgatou, aquele em que ela apostou sua vida, não pode amá-la porque o coração dele está embrulhado em um contrato assinado por seu pai.

—Eu vou ver você em breve, minha doce.

E então ele se foi.

A forma de minha irmã cai na varanda, a cabeça apoiada na cruz de seus antebraços contra o corrimão, os ombros arfando sob o cabelo caindo. Deslizo meus dedos pelas ripas no chão da varanda, finas fitas de



mármore cruzadas sob os pés da minha irmã. Eu toco o dedo do sapato dela, tão leve quanto a chuva. Os olhos de Alia se abrem, encontrando os meus. Ela imediatamente olha por cima do ombro para o quarto da varanda, limpando o café da manhã. Os convidados se foram, e alguns criados correm para fechar as portas abertas.

Quando todas as portas estão fechadas, Alia se afunda para se sentar no chão, fingindo que está apenas olhando para além da enseada na ponta do mar.

Minha voz é baixa e apressada. Eu balanço em torno do poste para que ela possa ver a totalidade do meu rosto enquanto eu lato para ela todas as perguntas que eu não posso mais segurar por dentro.

—Papai guardou os livros que achamos que foram destruídos? Os que Annemette usou? Ou você perguntou a elas - as filhas de Mette? Por que você não me contou? E o que aconteceu com sua voz?

Alia respira fundo e levanta as mãos - observe isso, seus dedos soletram. Quando éramos mais jovens, nossa irmã mais velha, Eydis, nos ensinou sinais que ela planejou para se comunicar através da sala durante nossas aulas diárias, enquanto as caudas de nossos instrutores eram trocadas.

Alia assina uma única palavra. Bruxa. Usamos isso para descrever nossa instrutora de voz, que tinha o hábito de enterrar nossos pescoços na areia para que pudéssemos aprender a projetar adequadamente sem a muleta do movimento.

Mas há apenas uma bruxa real que conheço. Alia não encontrou a magia através de livros ou rumores. Ela foi direto para a criatura que não precisa conhecer os velhos hábitos - a única sob o mar que é perigosa o bastante para tentar algo assim.

— Você foi para a bruxa do mar? — Meu tom é chocado e repugnado ao mesmo tempo - se há um único ser além dos humanos que temos sido constantemente



ensinados a temer, é ela. Eu respiro fundo e pergunto, embora eu saiba o que ela vai me dizer. —E ela tomou sua voz?

Ela acena com a cabeça.

Meu desgosto se contorce em indignação descarada. Eu nunca sacrificaria uma vida, mas isso. É tudo que posso fazer para manter minha voz baixa. —Então você realmente não pode dizer a ele que você o ama? Quem é você? O que você fez?

Ela balança a cabeça lentamente, tristemente.

—Que tal escrever? Você pode fazer? Conte a ele a história desse jeito?

Com outro balançar, ela confirma. Ela está totalmente indefesa. Capaz de usar seu sorriso, seus olhos brilhantes, sua dança graciosa, para conseguir o que ela precisa. Ela fez bem por si mesma para chegar tão longe, mas é.... Tão superficial. Para não mencionar, que ele está prestes a se casar.

—Aquele beijo não foi feito? Não acalmou o acordo? Você deve ganhar o amor dele. —Eu confirmo. Alia assente e eu continuo. —Não é o beijo que faz isso; é o amor por trás disso.

Alia aperta meus dedos e depois faz nosso sinal para humanos - dois dedos andando. Amor humano.

—Ou sangue Øldenburg? — Eu sussurro. O rosto de Alia empalidece e ela balança a cabeça violentamente.

Não. Não. Não, Runa, não.

É a única outra maneira de satisfazer o feitiço. Nós sabemos disso também da história de Annemette.

Um beijo de amor verdadeiro ou sangue de Øldenburg.

Mas esse caminho não é um que ela entretém - ainda não. Na verdade, dado o olhar que ela deu a Niklas, é a última coisa que ela irá fazer.

—Alia, me escute. Você pode não ter escolha. Seus irmãos e pai morreram na tempestade onde



você o salvou. Todos no mar sabem disso. — Eu penso no outro garoto, Phillip, mas sua relação com Niklas está do lado de sua mãe. Seu sangue não satisfará a Urda. — Ele pode ser o único sangue de Øldenburg disponível. E se é isso que vai levar...

Alia balança a cabeça violentamente novamente, apontando para mim, depois para a orelha, depois para a porta onde o rei fez a sua saída. Ela aponta para si mesma, e através da força de suas mãos, os sinais que ela está usando, a fúria em seu rosto, eu a entendo.

Você ouviu ele. Ele sabe lá no fundo que eu o resgatei. Ele ama a sereia que o resgatou. Esta sou eu. Ele me ama.

— Alia. — Eu digo, enganchando o bastão com um braço e girando minha cauda ao redor do fundo, então não deslizo. Eu agarro suas mãos trêmulas, tentando pará-las. Eu sempre fui a única a lhe dizer a verdade quando seus sonhos ultrapassam os limites da realidade. — Ele ama a ideia de você - essa garota que ele arrancou do mesmo mar que ele sobreviveu. Ele não disse que acredita em sereias, sim? Ou que ele acredita que uma resgatou ele? Ou você se parece com ela? Não.

Eu reiniciei meu aperto, mais forte, enquanto ela balança a cabeça. — Você não pode deixar suas esperanças - sua vida - em um garoto como esse. A única pessoa por quem ele está apaixonado é ele mesmo. Ele adora a ideia de que Urda o pegou e salvou-o enquanto seus irmãos inferiores afundavam nas profundezas. Você era apenas a mensageira. — As palavras parecem dardos saindo dos meus lábios, mas eu tenho que fazê-la ver.

A cabeça trêmula de Alia ganha velocidade, e ela range os dentes com força, um rubor vermelho se acumulando sob seus olhos.

Ela aponta para mim e eu sei o que ela vai dizer antes de erguer seus dedos. Eu a conheço quase melhor do que eu mesma.



Você não conhece ele, Runa. Você não. Você está errada. Isso não é verdade.

É então que Alia me surpreende, quebrando meu aperto nela com tanta força que eu me inclino para trás, segurando apenas pela minha cauda, enrolada em torno da base da varanda.

Então ela assina uma única palavra.

Saia.

— Não, eu não vou deixar você. Está maluca? Você tem, o que, três dias? E ele vai se casar até lá. Alia, você não vai...

Saia!

Ela fica de pé, vermelha no rosto, tão zangada que ela fala as palavras.

Eu não quero ver você de novo. Se eu morrer, deixe-me morrer em paz.

Então Alia se vira, porque se eu não a deixar, ela vai me deixar.

E ela faz, nem mesmo olhando para trás, desaparecendo através do conjunto mais próximo de portas francesas e para o castelo.

Eu deslizo por baixo da água. Todo o pânico que eu empurrei sobe, galvanizando dentro do meu peito, deixando meu coração em movimento e meus dedos tremendo. A necessidade repentina de fazer algo prende minha pele, ossos, coração e cauda.

Eu tenho que parar isso. Isso não pode acontecer. Não pode. Tem que haver uma maneira de desfazer isso. Para salvar Alia de si mesma. Eu não posso ter Alia falhando. Eu não posso perdê-la duas vezes.

Eu devo visitar a bruxa do mar.



4 - Evie



Os filtros de luz lentamente saem rapidamente do meu mundo indo para o céu, sem estrelas para um com uma queda de luz forte. Sob esse fraco brilho, meu corpo é uma pilha de chumbo, o invólucro de um navio afundado neste lugar, enferrujando e apodrecendo enquanto os ouriços o matam. A única energia que me resta vai para tentar abrir os olhos ainda mais para ver o que, se alguma coisa, resta.

— Oh, bom, você está viva. — Vem uma voz.

Leva-me vários momentos para perceber que não é uma voz na minha cabeça. Ainda não estou tão acostumada a companhia que é quase impossível lembrar o som.

Eu estou consciente de meus pulmões trabalhando, bebendo em respirações finas de escuridão. Enquanto trabalho para testar meu corpo, a voz continua. — Se você tivesse me escutado, eu diria que o que você precisa não está nesses livros. Essa magia é para as bruxas acima - as pessoas do mar são mágicas. Você não pode resolver um problema como este com apenas magia terrestre, você tem que conhecer a magia do mar.

Oh, Anna. Sempre com as sugestões.



— Eu estive aqui tanto quanto você. — Digo, minha voz amarelada em meus ouvidos - quase tão morta quanto o resto de mim. — Eu sei o que você sabe.

— Mas você não. — Ela responde de volta com toda a energia que eu não tenho. — Você esquece que eu era Annemette por quatro anos, lula.

— Não acho que me esqueci disso.

Seu tempo como Annemette é a razão de nós duas estarmos aqui, no escuro. Seu pai quase confirmou isso quando quase me matou em minha casa. Se eu tivesse energia agora, eu a calaria mais uma vez.

Eu crio um tentáculo na areia, tentando me alavancar e ao redor de onde eu aterrissei. A moagem de estanho cobre minha pele em uma erupção cinza, incrustada tão profundamente que nunca sai. O tentáculo ganha força, e eu posso adicionar outros dois para fortalecê-lo e empurrar até que eu esteja do meu lado. Eu sento-me muito rápido, minha cabeça girando quando eu fecho meus olhos e caio de volta no fundo do mar com um baque suave.

— Eu conheço um feitiço que pode ajudar. — Oferece Anna, claramente irritada por eu não ter pego sua sugestão de conhecimento antes.

— O que é? — Eu digo, enquanto tento mais uma vez me sentar. Eu tenho mais sucesso dessa vez, mas minha cabeça ainda gira horivelmente, meus ouvidos nublados com sinos.

— *Festa.*

Se não doesse, eu assentiria. Este era um feitiço que Tante Hansa usou quando ganhou o apelido de Curandeira dos Reis. Não é nada de novo, e não tenho certeza se ele consertará o esgotamento que sinto no meu núcleo. Especialmente se eu, a exaurida, for a bruxa que comanda a magia para a força. Não é um feitiço que eu já tentei em mim mesma; é apenas algo que vi usado nos outros.



—Vá em frente, então. — Digo Anna. —Use essa mágica em mim. Me solete. Eu te dei essa voz; vá em frente e use.

Ela ri, sem alegria. — Você me deu uma voz, mas você tomou minha magia quando me matou. Ou você esqueceu isso? — Ela diz isso como se estivesse me irritando, mas tem mais dor do que ela quer admitir, e ela está se esforçando muito para me machucar enquanto eu já estou no chão.

— Não, você pegou sua própria magia quando matou o rei Asger por uma chance de ser humana. — Eu a lembro, muito perto de trazer o elefante na sala entre nós - Nik. Nenhum de nós mencionou o nome dele desde que eu recuperei a voz dela, e sei que quando o fizermos, será ainda mais feio do que isso. — Tudo o que fiz foi garantir que você não pudesse mais matar.

Há um suspiro com aquela farpa que fez o trabalho. Eu me pergunto se este será o nosso futuro, ferindo uma a outra de pequenas maneiras até que tudo o que resta é sangrar.

Está em silêncio novamente, e como um ramo de oliveira, eu tento o feitiço, fecho meus olhos e cavo fundo para reservas de magia que estão mortas ou dormindo.

— *Festa.* — O feitiço é para reavivar a força, embora, enquanto a palavra ecoa através do meu lar, eu não sinto nada do tipo. Não há muito a trocar - não há muita força para conseguir quando não há praticamente nenhuma mágica dentro de mim para dar.

Ainda assim, improvavelmente, há um tremor em algum lugar lá no fundo. Como uma muda que atravessa a terra, fraca e alcançando o sol. Fácil de tirar. Fácil de esmagar. Quase nada.

— *Festa.* — Eu repito.

Outra contração.

— *Festa.*



E então, Anna se junta, sua voz subjugada. — *Festa.* — Dizemos juntas quando uma pontada de alívio toca meu coração.

Repetimos cinco vezes mais e finalmente tenho forças para sair do fundo do mar. Eu me despejo. Escolho alguns camarões que meus pólipos pegaram e que choviam de seus galhos. O sustento ajuda, mas, novamente, preciso descansar. Eu enrolo meus tentáculos abaixo de mim.

— Obrigada. — Eu digo com relutância.

— De nada. — Ela ri um pouco, mais para si mesma do que para mim. — Eu preciso de você viva - você morre, e o rei do mar vai vaporizar todo esse lugar e aqueles de nós que literalmente se enraízam nele.

O sarcasmo está todo errado no tom da pequena sereia, embora eu ainda reconheça essa Anna de nossa infância, jogando com humor porque ela estava ferida.

Eu engulo mais alguns camarões e recolho a energia para dizer mais, sabendo que vai demorar um pouco até que eu possa lançar outro feitiço. Mas então, mais uma vez, há alguém que vem do azul claro para a minha enseada de manchas solares. A magia fraca dentro de mim pulsa uma advertência que eu poderia ter notado se não tivesse me concentrado tanto quando o rei do mar chegou.

Não é ele, no entanto. Não há excesso de poder escorregando em minhas águas. Talvez outra alma corajosa que precise da minha ajuda. Eu empilho meu livro de feitiços gentilmente pelo meu caldeirão e me ajusto na poderosa criatura que qualquer um que visite espera que eu esteja, esperando que eu não pareça tão exausta quanto estou.

É de fato uma sereia que aparece, nadando febrilmente, determinação dobrando seu lindo rosto em uma carranca. Ela se parece muito com Alia, embora seu cabelo tenha as cores do outono amarradas através de uma base de loiro encaracolado. Seus olhos são um âmbar de mel incomum aqui neste reino de tons de azul.



—Mande-a embora. Mesmo que a faca seja feita, você não tem a... —Anna começa um momento antes de eu sussurrar— *Letta*. — Mais uma vez, e ela corta. Isso me faz sorrir um pouco - eu provavelmente não poderia fazer um pote ferver agora, mas eu posso fazer isso.

A sereia me vê e não perde o ritmo, mergulhando direto.

—Bruxa! — Ela cospe com raiva. —Minha irmã irá falhar. Esse menino não vai se apaixonar por ela em quatro dias - ele vai se casar. Casar! E em menos dias do que ela saiu!

Agora isso é uma surpresa - ele é tão jovem. Mas o fogo nos olhos da garota acende com a verdade.

—Dê-me o antídoto. — Ela exige. —Eu pagarei qualquer custo. Pegue minha língua, meus olhos, meus ouvidos, inferno, pegue minha cauda e a faça para você. Seja qual for o custo, eu vou dar a você.

Eu não respondo, e a menina me olha de cima a baixo do outro lado do meu caldeirão, com os olhos brilhando atrás dos cílios grossos. A fúria dentro dela está ansiosa para escapar através de mais do que apenas palavras.

—Um dia já passou. Como você pode simplesmente ficar sentada assim? Ela tem três dias para viver!

A garota levanta a mão como se para derrubar meu caldeirão, aquela raiva implorando por libertação.

—Eu não faria isso se eu fosse você. — Eu digo, calma em face de sua fúria. Isso só serve para deixá-la mais irritada, mas ela remove a mão - ela é inteligente.

Quando ela fala de novo, sua voz se quebra, a ira da sereia se despedaçando em uma nova onda.

—Traga minha irmã de volta. Você roubou ela de mim. De todos nós. Você sabia que o desejo dela era idiota - uma sentença de morte - e mesmo assim você fez isso. —Os dentes dela estão arreganhando, e de alguma forma isso a faz parecer mais jovem - ela tem quase a idade da sereia que veio para cá. A mais recente ninhada do rei do mar.



— Você sabe o que o rei do mar fará quando descobrir o que você fez? O que meu pai fará? Por que começar isso de novo? Você conhece o perigo. Por quê?

Eu levanto a garota com o meu olhar, e eu sei o que ela vê - rosto jovem, cabelos escuros entrelaçados com prata, eu sou tão estaladiça quanto o resto do meu mundo. Para ela, devo olhar cada pedacinho da minha reputação. Essa coisa que ela foi ensinada a temer - uma aberração da natureza, presa à minha enseada por seu pai poderoso por causa das coisas que eu sou capaz de fazer. Ela veio aqui com fogo e entusiasmo, zangada por ter sido deixada para trás. Irritada com o que a barganha de Alia pode trazer. Mas ela veio, apesar da minha reputação. Porque ela ama a irmã tanto quanto a irmã acha que ama esse garoto.

— Criança-

— Runa. Use meu nome. Você não é minha oma.

Isso quase me faz sorrir - sua oma, eu definitivamente não sou. — Runa, eu já sei o que seu pai fará porque ele veio e fez. E por causa disso, não posso ajudá-la.

Nas minhas costas, posso praticamente sentir o julgamento silencioso de Anna - a faca está segura e pronta para ser usada. Embora não tenha sido claro no acordo de Alia, certamente essa garota conhece sua história - a magia aceitará o sangue do menino se a irmã falhar no amor. Eu poderia dar a faca para ela agora. Mas a magia sempre leva uma troca, e eu fiz o trabalho sem promessa de pagamento até agora.

— Você não pode... — A garota começa, cuspiendo apesar de sua força clara. A fraqueza em sua voz sinaliza um soluço crescente, alto e forte. — É como se você tivesse arrancado meu braço do meu corpo. Ela é minha irmã gêmea. Minha outra metade. Por favor...

— Seu pai me tirou da minha magia. Eu quero ajudá-la, mas o seu pedido por si só não é suficiente, Runa.



A garota bate no caldeirão em frustração, e o metal toca em volta das minhas árvores, batendo na superfície, até o sol que mal brilha aqui. — Você mudou ela - a colocou em risco - para um garoto idiota que nem sabe o nome dela. Deve ser mais do que suficiente que sua irmã gêmea a queira de volta. Eu não preciso de mais nada. Eu deveria ser o suficiente.

Eu nivelo meu olhar para ela e sorrio, o que a irrita mais.

— Ah, mas você tem o que eu preciso.

As sobrancelhas da garota se juntam, mas ela não pergunta, esperando que eu diga claramente o que ela deve fazer.

—Runa, a última filha por um minuto, aquela que mantém seu pai forte com todo o ríkifjor que ele consegue suportar?

Algo nos olhos da garota endurece - o mel congelado em um dia de inverno. — Eles estão guardados. Mesmo eu não posso ir até lá sem supervisão. Eu não posso...

—Então eu não posso te ajudar. — A mandíbula de Runa se ajusta enquanto eu continuo. —Seu pai veio até mim, frustrado por ele não ter o poder de trazer Alia de volta, e bêbado de ríkifjor, me ataca. Ele atacou meu poder - minando a única pessoa viva que pode salvar Alia. Para ter o poder de salvá-la, preciso recuperar minha força. Certamente trinta dessas flores serviriam.

— Eu não posso te trazer trinta flores. Talvez uma, mas trinta? Elas são protegidos por magia e por guardas armados. Não tem jeito-

—Sementes, então.

—Mas-

—Runa. — Eu digo, envolvendo um tentáculo em volta da cintura dela, atraindo-a para dentro. Para seu crédito, a garota não me dá nenhuma reação - nem um piscar de olhos, nem uma onda de repulsa, nenhum tremor de medo. Seu rosto está vazio, duro, determinado. — Eu não posso mudar meu preço. Cabe a você descobrir isso. Se você

quer que sua irmã viva, traga-me as flores e nós vamos lidar.
Então você terá o que precisa.





5 - Runa



Uma onda de sonho corre sobre mim quando deixo o mar, o covil da bruxa. Eu realmente era tão ingênua a ponto de achar que essa criatura, esse monstro escorregadio, me daria algum alívio?

A coisa toda quase parecia ensaiada, como se ela estivesse me esperando e estivesse preparada. Ela manteve seu roteiro como os atores fazem nas nossas brincadeiras mensais da lua, pedindo coisas impossíveis em nome do amor. Alia nunca perdeu a chance de mostrar suas habilidades dramáticas no palco, mas agora, o que ela fará sem voz?

Sem voz. Não há mais jogadas. Eu sacudo minha cabeça. Estes são os menores problemas de Alia.

Embora eu esteja longe das águas escuras da bruxa e de volta no azul frio do mar aberto, eu não estou mais confiante de que recuperarei minha outra metade viva. A perda já pesa em meus ombros, e temo que eu leve isso para sempre se falhar.

Não, vou consertar. Eu vou pegar o antídoto. Eu salvarei Alia. Eu não vou perdê-la.



Eu nado, mas tenho um grande problema. O pai conta essas flores como se ela fosse ouro, se ele fosse qualquer outro tipo de rei. Mas para o meu pai, o ouro não é poder - a magia é.

E minhas flores são mágicas.

Sim bruxa, eu sou jardineira. “Pequena Runa e suas flores” a bruxa conhece o refrão comum. Por toda a beleza que Alia pode produzir, sou eu quem pode fazer as coisas difíceis crescerem. As coisas importantes. Mas eu estava dizendo a verdade quando disse que nem mesmo eu posso entrar no jardim de Ríkifjor sem supervisão. O ríkifjor não pode ser tocado, nem por mim nem por qualquer outra pessoa, a menos que a segurança do Pai - tanto física quanto mágica - considere isso em um cronograma muito específico.

Embora eu odeie perder tempo, se eu for comprá-los, não serei bem-sucedida no meio do dia - preciso esperar o anoitecer para ter qualquer chance de entrar. Na verdade, não serei bem-sucedida em tudo se o Pai perceber que eu tenho ido embora por muito tempo.

Eu nado direto do covil da bruxa do mar para o terreno do castelo. O reino marinho pode ser visto a quilômetros de distância, brilhando em um brilhante azul celeste. Eu empurro o portão da frente e entro nos corredores sinuosos como se nada estivesse errado. Eu sorrio para todas as pessoas certas e faço uma pequena conversa apropriada. Eu faço meu dia fingindo que é completamente normal que Alia não esteja ao meu lado.

A tarde traz minhas lições - canto, dança, artes humanas - com minhas irmãs. A ausência de Alia paira na água entre nós, cada gota inchando com a nossa crescente ansiedade. E ainda assim ficamos em silêncio. Se o pai nos ouvisse falando, isso só pioraria a situação.

Depois das aulas e do jantar, onde olhei para todos os lados, menos para o lugar vazio de Alia, um plano começa a tomar forma na confusão de minha mente



distraída. Talvez seja a única maneira de obter as flores para ela, proteger o antídoto e entregá-lo, embora não seja fácil. Mas que escolha eu tenho? Eu não posso simplesmente deixar Alia ficar lá e morrer, mesmo que ela não queira vir comigo. Viver com um coração partido é melhor do que se dissolver na espuma do mar. Tem que ser.

Eu vou para a cama cedo, fingindo que estou doente, mas nenhuma das minhas irmãs compra. Quando o castelo está escuro e silencioso, Eydis soletra a luz, mas eu já estou acordada, repassando os cenários em minha mente, os olhos colados no teto abobadado de nossos aposentos. Minhas outras irmãs - Ola e Signy - convergem na minha cama, tomando espaço entre os cobertores.

Azul escuro e quase preto - a cor da parte mais profunda do oceano nos dias mais nublados - os olhos de Eydis caem para os meus. Ela geralmente está coberta de poeira de diamante, do osso da testa ao queixo, mas sem roupas à noite, ela parece mais séria do que nunca esteve em sua vida. — Ela foi acima, não é? Para aquele Øldenburg?

Eu sento e isso é o suficiente de uma confirmação. O soluço que estava no fundo da minha garganta esta manhã está jorrando de novo, gordo e deformado.

Signy, a mais próxima da idade de Alia e eu, já descobriu, braços cruzados sobre o peito, as pontas dos cabelos tingidos de tinta espanando os arrepios em seus braços. — E a bruxa do mar fez isso, não é?

Eu concordo. Os olhos de Ola se alargam quando ela acrescenta outra pergunta. Eu posso ser a gêmea de Alia, mas Ola parece mais com ela - loira e etérea da maneira que a maioria dos humanos espera que as sereias sejam. — Existe alguma coisa que podemos fazer? — Ambas as mãos agarram uma das minhas e apertam. — Diga-me o que podemos fazer. Deve haver alguma coisa.



Eu engulo aquele soluço. Eu não queria incluí-las, porque quanto mais de nós envolvidas, mais fácil será para o Pai saber.

No entanto, agora não posso deixá-las fora disso. — Existe um antídoto. Mas o pai visitou a bruxa e enfraqueceu-a o suficiente para que ela não pudesse fazê-lo. Eu tenho que trazer algo para ela primeiro. — A maneira como elas me observam confirma que eles sabem exatamente o que devo trazer.

— Mas o pai...

— Como? Está guardado...

— Ele vai ficar tão zangado...

— Eu sei! — O soluço se espreme, fazendo minha voz muito alta. Eu fecho meus olhos para resetar. — Eu sei. — Eu digo novamente, mais calma e mais controlada desta vez. — Mas todos sabemos como é a sua ira - não é difícil para nenhuma de nós imaginar o que ele fez com ela. Ela precisa que a flor seja poderosa o suficiente para ajudar Alia.

— Não, não, não. — Diz Ola, enfática. — Precisamos contar ao pai. Se formos atrás dele, só será pior para nós. — Ela se levanta da cama e se dirige para a porta que leva de nossos aposentos para a ala da família.

— Não! — Eu pego, pulando da cama e fisicamente cortando-a. — Não podemos dizer a ele. Ele já atacou a bruxa. Se ele descobrir que ela está disposta a nos ajudar e não a ele, ele não ficará satisfeito.

— Você está brincando? — Ola diz, cruzando os braços sobre o peito, uma sobrelanceira levantada. Sua voz ainda está alta demais. — Ele nos recompensará.

Eydis se aproxima e coloca as mãos em cada lado das bochechas de nossa irmã, forçando Ola a olhar nos olhos dela. — Ola, a última coisa em que o Pai está interessado é o reforço positivo. Ele não vai começar agora.

Ola não responde, olhando para mim. — Como você sabe que ele a agrediu? Como você sabe que ela



não está mentindo? Todos nós conhecemos os contos - ela é poderosa o suficiente para arruinar o mar assim como salvá-lo. Por que ela iria resgatar Alia depois de mandá-la para a morte? Talvez ela só queira que o ríkifjor se torne mais poderoso. Ela quase nos destruiu uma vez. O que ela poderia fazer com o poder dessas flores?

Tudo isso poderia ser verdade. Mas nós temos que tentar.

Eu acreditei na bruxa quando ela disse que o pai invadiu, irritado porque ele não poderia ter Alia de volta. Isso parece exatamente como algo que ele faria - toda a nossa vida ele tem estado paranoico, com o desastre que quase nos atingiu com Annemette. O ríkifjor aumenta seu poder, o que faz com que ele se sinta mais no controle, mas também o torna volátil. Ele não é o rei, ele foi os primeiros cem anos de seu reinado.

— Ola, você tem que confiar em mim. — Eu digo. — Eu conheci a bruxa e acredito nela. Eu tenho que tentar.

— Eu quero tentar com você. — Diz Eydis. — Signy?

Atrás de nós, ela balança a cabeça. Então todos os nossos olhos se voltam para Ola. Ela enfia uma mecha de cabelo atrás da orelha. — Bem.

Eydis olha para mim. — Qual é o plano, Ru?

— Para pegar as flores, preciso ir sozinha. Nós quatro não podemos viajar em um bando pelo castelo. Mesmo na calada da noite - o pai vai sentir isso.

As três acenam como um. Então Eydis fala. — Signy e Ola virão comigo. O ríkifjor nos dará a força da bruxa, mas não nos dará o antídoto. Ela vai querer mais. — Eydis diz isso com certeza. Aos dezenove anos, ela acredita que sabe mais do que todas nós juntas, e talvez ela saiba. Ela toca seus ombros. — Juntas, vamos nos encontrar com o preço da bruxa do mar - sempre há um preço para essas coisas.

Então ela olha para mim. — Como Alia pagou?



— Com a voz dela e provavelmente a vida dela.

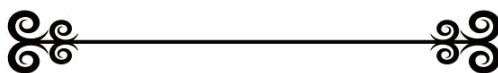
— Não, se pudermos ajudar. — Diz Eydis, e verifica o mostrador rodopiante do relógio da noite em nossos compartimentos compartilhados. Um quarto até a meia noite. — Vamos indo. Encontre-nos pelo desfiladeiro em uma hora, Ru, e nós vamos com você para acordar a bruxa. Alia não pode esperar muito mais tempo.

— O canyon? — Eu pergunto. É um lugar estranho para uma reunião, esse penhasco que atravessa o estreito como uma ferida antiga, resmas frias de água sussurrando de suas profundezas. É também na direção oposta do esconderijo da bruxa do mar.

Minha irmã mais velha acena com a cabeça, as pontas dos cabelos empoeirados de diamantes brilhando como a neve que o inverno traz acima. — Pelo coral vermelho. Você conhece aquele que se parece com um martelo?

— Sim, eu conheço a pessoa, mas por que...?

— É de onde eu mantenho o que a bruxa vai querer. De onde você acha que eu tirei meu pó de diamante? Eu tenho um tesouro, Ru. — Eu sempre imaginei que papai deu a ela o pó que ela tanto ama, ansioso para casar com a próxima de sua ninhada, com todos os pretendentes que Eydis vê regularmente. Um prêmio brilhante para a mais velha da segunda onda do rei. — Meus diamantes e pérolas podem ser substituídos. Se a bruxa exige um pagamento para Urda, ela pode ter meus tesouros, mas ninguém está tomando minha voz.



Os jardins da família cercam o terreno, um canteiro para cada uma das irmãs das duas esposas do rei - a



rainha Mette, há muito tempo, e a rainha Bodil, minha mãe, que é jovem o bastante para ter a mesma idade das nossas meias irmãs mais velhas... Meu remendo percorre o longo caminho em torno dos aposentos reais, onde o pátio do pai e da mãe penetra na suave areia turquesa. É o maior jardim, a conexão final no ringue, girando em torno das dez irmãs como um relógio curto.

Meu jardim é quase todo ríkifjor agora, cobrindo as areias em seu caminho fantasmagórico. As únicas outras flores são rosas com pontos exagerados que se abrem nas bordas, afiadas o suficiente para afugentar quaisquer dedos curiosos apenas pela visão. Os guardas estão lá, mesmo na calada da noite, plantaram três ao redor, espaçados como fatias de torta. O público acredita que a segurança é por causa da proximidade do jardim com os aposentos reais, e essa é uma ótima história de capa.

Eu me prendo a qualquer sombra que eu possa encontrar, tomando cuidado para não chamar a atenção dos guardas, e tomando cuidado para não perturbar a aura de magia que cerca o ríkifjor - uma medida extra de segurança. Meu coração bate forte no meu peito e meu curso de natação falha por um momento.

Há muitas maneiras de meu plano desmoronar. Os guardas. A mágica. A possibilidade de eu não conhecer Alia assim como eu acho que eu conheço. Ainda assim, eu me empurro para frente. Sombra a sombra, enrolo-me através da disposição serpenteante dos jardins, grata quando chego à beira do jardim de Alia.

Embora eu tenha visto isso um milhão de vezes, meu coração cai com a vida lá. Tanta vida, em todas as cores: vermelho rubi, amarelo tão brilhante quanto o sol da primavera, roxo aveludado, branco como a nuvem. Tudo tão brilhante como um novo dia, elas são tão brilhantes como ela é. Tão românticas quanto ela é. Tão cheias de esperança e promessa e sol como ela é.



Elas vão morrer sem ela. Se não for agora, em breve.

Lá, no meio de tudo isso, está a enorme estátua que ela adquiriu depois de resgatar o menino neste verão. Como seu pai, irmãos e o resto do navio, afundaram no fundo do mar e se alojaram na areia. Até que um dia depois, quando ela retornou à cena de tudo isso, usou os limites de sua magia para mover a coisa todo o caminho do local do naufrágio para o jardim.

A estátua é tão corajosa quanto o fato de que ela a trouxe aqui, manuseando o nariz para o que qualquer um pensava - até mesmo o pai, que provavelmente só permitia, porque mostrava exatamente o quão ridículos são os Øldenburgs. A estátua foi feita para fazer uma declaração em terra - Olhe para este pretense rei!

De pé na proa de um navio, um pé subia enquanto ele olhava, olhos procurando por novas terras para saquear! - e isso também acontece aqui. É uma declaração de trombeta do que Alia fez.

Eu fujo para a sombra da estátua e olho para ele.

— Eu te odeio. — Eu sussurro para seu rosto estúpido e bonito.

A estátua aceita minhas palavras, mas há muito mais que eu quero dizer a ele. Que ele já quebrou o coração da minha irmã e ele quase quebrou o meu, que está pendurando por fio que eu posso salvá-la com essas sementes e com a ajuda da bruxa do mar. Que ele não sabe o quão sortudo ele é que Alia já estava apaixonada por ele quando ela o resgatou ou ele seria ossos como o pai e os irmãos dele - mais um Øldenburg alimentando o mar.

Que ele nunca mereceu e nunca será.

Olhando em volta só para confirmar mais uma vez que estou de fato sozinha, eu me agacho abaixo da estátua e cavo, o ponto crucial do meu plano nos próximos momentos.

Embora Alia pudesse cultivar as flores mais lindas, elas não eram o que ela realmente queria crescer.



Nem uma vez ela percebeu a inclinação do pai por ríkifjor. E então eu dei a ela uma chance de tentar, arrancando sementes para ela plantar. No entanto, como eu suspeitava, nada vinha delas. Só espero que ela tenha deixado o restante onde ela as escondeu por segurança.

São necessários vários punhados de terra empurrados para o lado antes que eu sinta o calor delas como a luz dos raios do sol na superfície, quente mas distante. De repente, meus dedos parecem saber exatamente para onde ir, e eles deveriam - eles lidam com a magia do ríkifjor todos os dias. Antes do café da manhã, eu cuido do jardim e pego as plantas para o uso diário do Pai - uma dose de néctar antes que ele comece o dia. É a única razão pela qual eu consegui ficar acima esta manhã - eu preparei o ríkifjor antes de sair.

Alívio me lava enquanto o calor das sementes fica mais forte, meus dedos queimando para alcançá-los. Eles estão aqui.

O coração de minha irmã se agarra a tudo por muito tempo - amor, sonhos, esperança e coisas, muitos deles. Seus baús são cheios de itens, encontrados, comprados ou de outra forma amados. Eu sabia, com certeza com a areia no solo, que ela mantinha as sementes que eu lhe dava. Assim como eu sabia onde ela estaria. O que ela fez.

Minhas unhas raspam a tela. Eu puxo e areia derrama, driblando sobre a base da estátua, que, é claro, tem todo o seu nome ridículo e título anterior sobre ele: Príncipe Herdeiro Nikker Brydsulf Øldenburg V. E lá na minha mão é mais do que eu preciso. Eu libero as cordas do saco e olho para dentro. Outro suspiro de alívio sacode meu corpo. Ela manteve quase cinquenta sementes dormentes.

Obrigada Urda.

Embora Alia sempre tenha jogado uma excelente donzela nas peças da lua do castelo, uma vez que esta donzela não precisa de seu rei, afinal. —Você pode muito



bem ter apenas se resgatado, Alia. — Eu sussurro para as sementes.

— Então Alia precisa resgatar.

Eu quase deixo cair a sacola e giro ao som de outra voz. Eu tinha certeza que estava sozinha, mas ali, bem na minha frente, está Oma Ragn - a rainha mãe Ragnhildr - minha avó. A mulher que me ensinou tudo o que sei enquanto cantava sobre sereias e sua vingança sobre os marujos.

Seu sorriso é rápido e conspiratório enquanto ela nada para frente. Hoje em dia, seus olhos são de um azul tão claro que eles são quase tão brancos quanto o cabelo dela, mas ela nunca perde nada. Não quando se trata de seu filho, não quando se trata de mim, não quando se trata de qualquer coisa.

— Acredite em mim, querida Runa, se seu pai pode sentir que ela deixou a água sem sequer verificar sua cama, eu também sei. Quando a magia sai da água, aqueles de nós que já estão aqui há tempo suficiente sentem isso. — Ela diz tudo como se tivesse visto o que eu vi acima - Alia, o garoto, sua chance sem esperança. Então seus olhos piscam para a bolsa. — É assim que você planeja recuperá-la?

Ela não precisa abrir a bolsa para saber o que está na minha mão. Oma Ragn foi quem me ajudou a plantar o ríkiþjor. Ela pode sentir o poder das sementes tão bem quanto eu. O único melhor é o pai e isso é porque ele tem muito disso correndo em suas veias, ele provavelmente cairia morto sem ele.

Eu não mentiria para o Oma Ragn, e não há uso nisso de qualquer maneira. Não com ela. — Para obter Alia preciso de um antídoto, eu preciso leva-los para a bruxa do mar.

— Eu deveria ter adivinhado que a lula velha estaria por trás disso. — Diz ela com um sorriso torto em seu rosto. Oma Ragn tem duzentos anos e conta, e esse tempo só serviu para torná-la mais direta. — Ela era poderosa o suficiente para



realizar o feitiço de mudança, mas não é poderosa o suficiente para recuperá-la sem o ríkifjor?

Sua voz é muito alta e olho em volta, olhando para todos os cantos e em volta das coxas superdesenvolvidas da enorme estátua.

Oma ri, sua voz quase mais alta quando ela fala novamente. — Ru, acalme-se. Eu distraí os guardas.

Ela diz isso com uma confiança tão legal. Isso me lembra de como ela costumava prometer soletrar todos os monstros em nossos sonhos se eles aparecessem à luz do dia. Ainda posso ver a mim e a Alia em pé ao lado da cama na calada da noite, pesadelos frescos atrás dos nossos olhos. Ela nos puxasse para perto, e uma vez que nossos corações se acalmassem, ela cantaria três estrofes de “A Vingança da Sereia” para nos mandar de volta para dormir.

Mas nenhuma música vai aliviar meus nervos agora.

— Não exatamente. — Eu digo, respondendo sua pergunta. Oma Ragn critica o pai de uma forma que ninguém mais pode fazer - especialmente nos anos desde a mudança de Annemette - mas não vou oferecer o que a bruxa disse que fez com ela. — Oma, eu tenho que ir. Por favor, não diga nada ao pai. Eu vou pegar Alia de volta.

— Eu não vou e você vai. — Oma Ragn me atira com uma onda de seus longos dedos. — Vai. Visite a bruxa. Eu estarei na minha cama, rezando para Urda que ela não a transforme em um caranguejo falante.

Apesar de tudo, sorrio. Oma Ragn tem um jeito de levar humor até mesmo à situação mais terrível.

— Se ela me transformar em um caranguejo falante, me faça um favor e me assegure de que ela me troque de volta antes que o pai tente colocá-la no lugar. Precisamos que ela leve Alia para casa.

Oma me permite um sorriso rápido que atinge o branco dos olhos dela. — É um negócio, Ru. — Ela faz um movimento para voltar para seus aposentos, ou



talvez para a rota de qualquer que seja o mergulho da meia-noite que ela estava quando ela me encontrou, mas depois ela para e envolve meu pulso em seus dedos. — Boa sorte, minha querida. Você e sua irmã precisarão disso para que todos tenham razão.

Eu aperto um beijo rápido em sua bochecha e a deixo, com um saco de sementes na mão, com destino ao covil da bruxa.



6 - Runa



— Você veio aqui sozinha? — Eydis pede, uma nota pesada de proteção de irmã mais velha ressoando quando as primeiras árvores estranhas ao redor do covil do mar entram em vista.

Eu não a culpo - é o último lugar que qualquer um de nós iria de bom grado.

— Sim. — Eu digo, ajustando meu aperto o saco na minha mão - dentro está o estoque de jóias de naufrágios de Eydis, e é pesado o suficiente para que nós duas a carreguemos. — Alia entrou sozinha. Eu devia a ela fazer o mesmo.

Na verdade, eu estava tão zangada que não tive a capacidade de me preocupar em nadar diretamente em uma antiga história de terror Viking.

— É só ela lá dentro? — Ola pergunta, nervos agitando sua voz geralmente confiante.

Signy revira os olhos. — Claro que é. Você nunca ouviu as histórias de Oma? Bruxas assim sempre vivem sozinhas.

— Senhoritas. — Eydis estala, meio girando, e meu aperto na bolsa desliza enquanto ela me arranca com isso. —

Não importa se ela é solitária ou popular; tudo o que



importa é que ela nos dê o antídoto. Apesar de toda essa pressão. — Ela ergue o saco por um momento. — Ela pode comprar alguns amigos.

Isso cala a todas, toda a nossa energia focada em atravessar as árvores. À medida que nos aproximamos, a ansiedade que vem girando dentro de mim o dia todo diminui e é substituída por uma mudança de confiança. Estamos aqui. Nós vamos conseguir o que queremos. Nós vamos fazer isso acontecer.

Eu acelero, nadando na extensão de areia de estanho que cerca o covil da bruxa. Gamely, Eydis aumentam seu ritmo para combinar com o meu, determinação em seus rostos. Nós não resolvemos isso, mas sou eu quem vai falar.

Apesar da tagarelice de minhas irmãs do meio, a bruxa do mar não nos cumprimenta imediatamente quando chegamos. Minha pressão sanguínea aumenta quando percebo que ela não está esperando alfinetes e agulhas, antídoto na mão como deveria estar. Essa é a bagunça dela. Esta é a nossa luta pela vida que ela colocou em jogo. Ela deveria pelo menos ter o coração para aparecer.

Eu entrego a Eydis a minha metade do saco de joias e me movo na frente de minhas irmãs. Signy e Ola se alinham com Eydis.

— Bruxa do Mar. — Eu começo, e minha voz é clara de qualquer tremor, aquela confiança que subiu na minha barriga definindo o tom. Eu sou a bebê da família, mas não devo ser tomada de ânimo leve. A bruxa do mar também aprenderá isso. — Eu voltei com o ríkifjor. Eu trouxe minhas irmãs também. O antídoto, por favor, e nós estaremos a caminho.

Há movimento na boca da caverna e, atrás de mim, minhas irmãs endurecem.

Mas eu não tenho medo da lula velha.

Minhas irmãs podem ficar tensas enquanto ela acorda, mas eu fico mais forte, de braços cruzados - não



de forma protetora, mas com malícia - meu corpo é uma linha inabalável, queixo cortado.

A bruxa aparece, escapando de sua caverna, tentáculos com uma pluma gigante de ônix líquido. Seu rosto é plácido e sei que minhas irmãs são imediatamente fascinadas por sua aparência - Eydis, sua aparência de lua nua; Ola, seus cachos dramáticos; Signy, todo o espectro de aço dela - porque é verdade: ela é impressionante.

— Pequena Runa, onde estão suas flores? — Pergunta a bruxa.

Eu levanto a bolsa. — Onde você gostaria delas?

Eu não tenho que explicar. A bruxa do mar é afiada e entende instantaneamente. — Elas vão crescer em qualquer lugar, ou você deve ter luz?

Eu olho em volta da casa dela - está tão escura agora quanto no halo da manhã. — Considerando o que temos para trabalhar, pode não importar.

Para minha surpresa, a bruxa gargalha. — Eu não escolhi a escuridão, criança, ela me escolheu.

Ela me acena em um ombro marcado por cicatrizes e me leva até sua caverna, construída na base de uma enorme rocha negra, que deve sobressair no meio da noite de Havnestad. Atrás de mim, minhas irmãs hesitam onde estão plantadas, decidindo se devem ficar mais perto para ficar de olho em mim. Eu aceno para Eydis. Eu posso me segurar.

A bruxa aponta para um ponto perto da boca da caverna e se acomoda em seus tentáculos, novamente tratando os oito como seu trono. Pego a sacola, conto trinta sementes e enfio o resto em meu corpete, esperando que ela não perceba ou não se importe com a permanência de algumas sementes.

Ela pediu trinta e eu não lhe darei mais sementes.

Como as próprias flores, as sementes são brancas leitosas e tão luminosas que praticamente criam sua própria luz neste lugar oco. Eu cavo um meio círculo



antes de afundar no fundo do mar, onde uso as duas mãos para varrer uma manta de areia sobre as sementes.

Em seguida vem a mágica. A minha é um feitiço comumente usado para despertar vida em quase tudo, mas há algo na maneira como digo que faz maravilhas com essas plantas mimadas. Como se elas só tomassem direção de mim, a carga no meu sangue a frequência que elas precisam para se comportar, crescer, prosperar.

—*Lif. Líf.* — Eu digo, mais e mais - trinta vezes ao todo. A bruxa me observa em silêncio, um sorriso nos cantos do rosto. Ela foi linda uma vez e ainda está no seu próprio caminho.

Enquanto a magia aquece as areias sob minhas mãos, eu penso em como é romântico que ela supostamente deu sua própria vida para salvar o futuro rei, exceto pelo fato de que sua vida levou ao neto agora segurando o coração da minha irmã em cativeiro.

Nada sobre esses garotos deve valer a pena salvar. Não é um título. Não é um rosto bonito. Nem todas as palavras bonitas do mundo.

Nada disso deveria ter tirado minha irmã de mim.

Minha raiva aumenta novamente, junto com o calor das plantas. Algo sobre isso parece fazê-las crescer mais rápido do que eu esperava, toda a vida - da semente à muda até a floração - decorrendo em meros segundos. Atrás de mim, a bruxa do mar ofega, e quase me faz sorrir apesar da minha raiva.

Eu posso fazer algo que ela não pode.

— Você é talentosa, Runa. — Diz a bruxa, com o queixo inclinado para cima, mas desta vez com admiração. Ela aparece atrás de mim e arranca dez das flores - uma em cada tentáculo e uma em cada mão. Então vai para o caldeirão dela, onde ela os joga, com caules e tudo. A panela imediatamente começa a ferver quando eu volto para onde minhas irmãs estão esperando e assistindo. O



vapor sobe e a bruxa inspira grandes respirações enquanto o doce perfume das flores envolve o covil.

São vários momentos antes de o calor acabar, o vapor morrendo, o fervente se acalmando. A bruxa ousa tocar o que está dentro do caldeirão - néctar puro e concentrado - com as mãos nuas, colocando-o nas palmas das mãos e levando-o aos lábios. Ela bebe enquanto assistimos. Depois que ela engole, um sorriso desliza em seu rosto. E embora ela seja um estudo em tons de cinza, algo quente parece tocá-la - vida e força renovadas na escuridão. Quando ela abre os olhos, ela está olhando diretamente para mim.

— Agora podemos lidar.

Sentindo seu momento, Eydis nada para frente e apresenta seu saque. Mas ela não corta, permitindo-me continuar a ser a nossa voz. — Como pagamento pelo antídoto, trouxemos-lhe jóias - rubis de Rigeby Bay, safiras de Havnestad, esmeraldas e diamantes dos países ocidentais. Alguns são livres para vender ou admirar por conta própria, outros prontos para usar em configurações de ouro, prata, estanho e afins.

Na minha pausa, Eydis abre a bolsa apenas o suficiente para revelar o conteúdo brilhante mesmo neste lugar cinzento.

A bruxa parece, mas não parece ver a beleza brilhando diante dela. Seu tom é nivelado e verdadeiro, sua voz mais forte do que em qualquer momento que eu ouvi. — Jóias não são o que eu preciso.

— Pérolas, então. — Eu digo, apontando para o que estava pendurado por fios dourados na minha garganta. Todas nós - incluindo nossa mãe e minhas irmãs - as temos, um presente favorito de Oma Ragn. — Podemos facilmente obter um grande número de pérolas em questão de horas.

Um lampejo de desgosto se move pelo rosto da bruxa do mar. Definitivamente não são pérolas.



Minha confiança começa a escorregar. Dentro da segurança das minhas costelas, meu coração gagueja e balança. — Eu voltei com o ríkifjor. Nós nos recusamos a fazer o mesmo negócio que nossa irmã fez - você não deve tornar nossa geração inteira sem voz. Trouxemos itens de grande valor que poderiam comprar liberdades que você não via há décadas. — Digo, frustração e exaustão tornando minha voz mais densa, ainda mais alta do que eu gostaria. Eu não posso soluçar na frente dessa mulher. Na frente das minhas irmãs. Eu olho-a morta nos olhos. — O que será o suficiente para você?

A resposta da bruxa do mar é imediata. E eu me pergunto se ela sempre soube que eu voltaria com minhas irmãs, assim como ela sabia que eu viria em primeiro lugar.

— Não é muito que eu exija, e isso significa mais para mim do que para você. — Ela poderia dizer a mesma coisa sobre nossas vozes, então eu não encontro conforto nesta declaração, apertando meus lábios fechados, esperando impacientemente por ela para continuar. — Tudo o que eu quero é a mesma coisa de cada uma de vocês: seus cabelos.

Com isso, a respiração de Eydis se apega. — Nosso cabelo? Mas por que nosso cabelo? Não é precioso; vai voltar a crescer. Você poderia fazer a mágica de volta.

O rosto da bruxa do mar permanece plácido - sem reação. Simplesmente uma inclinação de cabeça. Ela é quase a definição de entediada, estabelecendo-se em um trono de preto se contorcendo.

— Isso é exatamente o certo; isso não tem importância para você. O cabelo cresce. Mas é isso que eu peço para o que você quer que eu faça.

Isso não pode estar certo. Não pode ser. De todas nós? Algo que não é precioso, ameaçado ou raro?

Isso tem que ser uma armadilha. Um truque. Errado.



A bruxa do mar apenas nos observa, sem preocupação de cruzar o rosto ou a postura, enquanto espera ser paga.

Mal-estar crescendo na minha barriga e no meu coração oscilante, eu aceno, dizendo a mim mesma que não é o que ela quer; é o que ela precisa para o antídoto. Talvez ela precise de um pedaço de nós para devolver a peça que faltava.

A bruxa parece sentir a maré virando seu caminho. Ela estende a mão para mim. — Venha então, vamos pegar seu cabelo.

Uma por uma, a bruxa nos acomoda em um bloco de arenito ao lado de seu caldeirão e, usando uma faca simples feita de um coral fino como navalha, corta nosso cabelo até o queixo. Eydis fica em primeiro lugar e, sem planejá-lo, entramos em ordem de nascimento. Ola em seguida. Então Signy. Então eu. Cada cadeado é jogado sem um segundo olhar para o caldeirão.

Quando ela termina, eu me endireito, nariz a nariz com a bruxa do mar, esperando nosso antídoto. A água escura parece fria contra o meu pescoço, e eu digo a mim mesma que é simplesmente uma sensação nova e não meus nervos se instalando. Nós fizemos a nossa parte; agora ela vai fazer o dela e depois vamos salvar Alia de sua busca.

— Muito bom então, minhas meninas. Você terá o que precisa, além de instruções sobre o que deve ser feito.

Espero que a bruxa do mar volte para sua caverna, reviste-a e volte para nós com outra pequena garrafa de vidro cheia de um líquido cintilante.

Em vez disso, a bruxa me entrega a faca que ela usava para cortar nossos cabelos. Eu olho para ela, as palavras morrendo na minha boca. A bruxa traz um tentáculo de seda para o meu queixo e inclina minha cabeça para que eu não possa fazer nada além de encarar seus olhos azuis escuros.

— Encontre sua irmã na beira do rio e dê a ela essa faca.

Se ela não ganhar o amor do menino em troca



no final do seu quarto dia inteiro em terra, ela deve mergulhar essa faca em seu coração, deixando o sangue pingar em seus pés. Quando sua força vital se for e seu sangue ungir seu novo corpo, ela será humana pelo resto de seus dias.

— Ela não pode voltar para nós? — Eydis pergunta. — Ela não pode mais ser uma sereia?

A voz da bruxa é nivelada e clara. É um punhal para cada um dos nossos corações. — Ah não. Nunca. Não é assim que a magia funciona.

Não. Isso não está certo. As palavras caem quando tento respirar.

Mas a rainha Mette...

— A magia da rainha Mette era outra coisa completamente diferente: a união da magia deste mundo com a mágica acima.

Ela diz que é um fato. A primeira rainha do pai foi capaz de conseguir algo que não podemos. Meus intestinos azedo e enrugado. Eu olho para a faca na palma da minha mão, me perguntando se, se eu matar esta bruxa agora, minha irmã vai brotar automaticamente com barbatanas e ser chamada para casa. A arma é afiada o suficiente para cortar um dedo com apenas uma pressão. Definitivamente há mágica, mas não é o que pedimos.

Além disso, não vai funcionar.

O rosto de Alia na varanda quando eu sugeri isso como uma opção pisca na minha mente. Eu conheço minha irmã, teimosa e romântica. Ela não matará Niklas em nenhuma circunstância, mesmo que isso signifique que ela vai apodrecer de dentro para fora.

Isso deveria ser um antídoto - uma alternativa para levá-la para casa.

— Mas isso descreve sua mágica também. — Eu digo, lançando a lógica da bruxa do mar de volta para ela.

Lembrando-a de quem ela era. Eu me movo do



meu assento para a minha altura total, ousando suportar essa bruxa, reclinada em seus estúpidos tentáculos. — O que significa que você tem o antídoto. Você tem o que Mette tinha. Nós mantivemos nosso fim do acordo. Isto não é um antídoto; é uma arma do crime. Nós concordamos com o antídoto.

A bruxa endireitou-se em toda a sua extensão, dando-me um gosto do meu próprio remédio, olhando para baixo do nariz para mim. A presença dela é mais do que o corpo dela - a enseada inteira parece se juntar a ela, me olhando por baixo, o peso de tudo isso me pressionando. Por todos os lados, suas estranhas árvores parecem se curvar para dentro, seus membros esqueléticos se estendendo para mim, minhas irmãs, nossa raiva.

— Você não sabe nada do meu poder. E foi você quem disse a palavra antídoto, Runa. Eu não disse. — Diz a bruxa do mar. — Eu disse que te daria o que você precisa. E o que você precisa é essa faca.



7 - Evie



Nossa conversa acabou, e as sereias nadam para longe, seus novos cabelos na altura do queixo fluindo levemente para trás enquanto navegam pela minha floresta de pólipos. Mas a nossa visita ainda não acabou. Eu posso sentir isso da ponta dos meus tentáculos até o final dos meus cachos.

— Por que você precisa do cabelo delas? — Anna pergunta.

— Você vai ver. — Eu digo, esperando que isso pare as perguntas. A Anna que eu conhecia não estava cheia de perguntas, mas parece que ela é quem ela se tornou desde que eu dei a ela uma voz. Eu suponho que se eu tivesse sido deixada como um pólipo silencioso, eu teria muitas também.

— Você não está... Você não faria... Você não pode. Se você nos deixar, nós seremos transformados em escombros. O pai, o rei do mar, ele dizimarará seu covil.

— Eu não posso sair a menos que ele me liberte, Anna.
— Eu digo, tirando o cabelo do caldeirão antes de amarrá-lo com barbante. Uma vez embrulhado, coloco-o nas flores restantes, certificando-me de que ele esteja escondido. — Nenhum feitiço meu vai mudar isso.



— Isso não significa que você não está se preparando para sair. Por que mais você precisa desse cabelo? Eu sei que você não vai usá-lo para me trazer de volta.

— *Leta.*

Eu silencie ela não por um momento. Runa voltou. Só espero que ela acredite que imaginou a voz de sua irmã gêmea.

Runa tem minha faca apertada com cuidado, firmemente entre as palmas das mãos diante do peito, como se estivesse rezando. A confiança desapareceu de suas feições, mas aqui está ela de novo. Insatisfeita com a barganha. Ela olha para mim, os olhos brilhando, e eu sei antes de ela falar que a voz dela será a mais fraca que eu já ouvi.

— Ela não vai. — Diz Runa, o lábio inferior rosado e trêmulo, sua voz quase alta o suficiente para ser ouvida sobre a maré quase estagnada da minha casa. — Ela o ama desde o momento em que o viu pela primeira vez no ano passado. Ela é a única razão pela qual ele não morreu naquela tempestade neste verão. Ela não deixaria ele morrer tão cedo, e ela não vai matá-lo agora... mesmo que isso signifique a morte dela.

Minha respiração pega. — Este verão?

A garota concorda com a cabeça. Eu sabia que Alia havia mentido sobre o menino que já a amava; ela praticamente admitiu, mas pelo menos achei que os detalhes de sua história fossem verdade. Eu arrojo uma única sobrançelha e faço uma pergunta que já foi respondida na boca do meu estômago. — E eu não suponho que ela tenha uma estátua dele em seu jardim desde que ela tinha dez anos?

Runa olha para a faca em suas mãos e depois de volta para mim. — Alia tem uma estátua, mas apenas nos últimos meses. Ela puxou-a dos destroços e arrastou-a para o jardim como uma espécie de altar.



Eu inalo profundamente, fechando meus olhos. Abaixo de mim, meu corpo fica perfeitamente imóvel, tentáculos como pedra cortada. Até meus cachos não cortados se sentem pesados pelo que quer que esteja passando pela minha barriga. Raiva e repulsa - ambas dirigidas a mim mesma, não à pequena sereia. Eu deveria saber que a garota estava tentando me manipular. Eu tenho sessenta e seis anos nesta terra para conhecer melhor.

Finalmente, depois de um longo momento, abro os olhos. — Alia me disse que o salvou um ano atrás, na primeira noite em que o viu. Ela me disse que tinha uma estátua de sua imagem em seu jardim desde os dez anos. E ela me disse que quando o deixou na praia, ele foi encontrado por uma garota - uma que ele acredita ter resgatado e, portanto, ama. Ela disse que viu esse amor por um ano.

Os lábios de Runa se abrem, a cor voltando para suas bochechas, a fúria em seus olhos retornando.

— Essa história não é correta, ele está se casando com uma garota de outro lugar. Mas — Sua voz está tremendo junto com todo o resto. — Se você soubesse disso e do que ela tinha que fazer em quatro dias - por que diabos você disse sim? Por que diabos você a mandou lá, sabendo que ela falharia? Que ela morreria?

Porque eu acreditava que o amor dela valeria a pena.

Porque eu me vi nela. E seu avô nele.

Porque ainda acredito em finais felizes, mesmo quando sou um pesadelo.

Runa está olhando para mim, e me pergunto se ela pode ver na minha cara - a garota por trás dos anos. Aquela que se deu por Nik mais de uma vez e quem faria isso de novo.

— Eu pensei que seu coração tinha o suficiente. — Eu digo, e agora minhas palavras são fracas e enfiadas com toda a exaustão que eu não tenho forças para esconder. — Eu pensei que ela merecia uma chance de amar.



— Uma chance? — Runa avança em mim, o que resta de seus cachos rodando em torno dela como a juba de um leão. — Você ouviu tudo isso, com toda a sua sabedoria e reputação, e você sabia que ela não tinha uma chance.

— Nenhum de nós sabe de nada com certeza, pequena Runa. Mas sua irmã foi resoluto. Ela me procurou, disposta a lutar por algo que ela acreditava. Se ela ganha ou não essa luta, não era o meu lugar para dizer a ela que ela não deveria tentar. — Eu cerrei meus dentes, meus punhos, meus tentáculos. — O amor vale a pena sofrer e se sacrificar se for verdadeiro.

— O amor não vale nada para uma vida se você não estiver por perto para vivê-la! — Seu rosto está gritando para mim: por que você não consegue ver isso? Você não viveu o suficiente, sofreu o suficiente para ver que a morte é permanente? Você não viveu o suficiente, sofreu o suficiente para ver que a morte é a morte? — Alia deveria estar aqui por mais trezentos anos. Quantas vezes ela poderia ter amado em todas essas décadas e não tão caro?

Runa está levantando agora, a faca mortal em seu aperto. Eu não tenho medo dela, mas de repente tenho medo dela.

— Você não acredita no amor, não é? — Pergunto.

Seus dedos se apertam em volta da faca. — Eu amo minha irmã.

— Runa. — Eu digo, querendo muito colocar uma mão em seus ombros para acalmá-la, embora não ajude a abafar o abandono que ela sente. — Se você realmente a ama, o melhor que você pode fazer é dar a ela aquela faca e aceitar sua escolha.

— Não. Eu não vou aceitar isso. Eu lhe dei as flores de meu pai, colocando em risco ele e eu no processo. Nós te demos nosso cabelo - e você nem usou isso para nada. — Runa levanta a lâmina. — E agora eu tenho uma faca, mas



uma irmã que morreria antes de empunhar o único maldito Øldenburg disponível.

A sereia não está pronta. Ela está fazendo uma pausa para se certificar de que afunda isso em mim. Tudo o que ela perdeu, ficou claro.

— Eu só tenho mais uma coisa para dar a você, e se você não fizer isso agora, você descobrirá como eu realmente sou talentosa. — Suas narinas se abrem e ela avança em mim, com a faca para fora. — Mude-me. Mude-me e eu farei isso. Eu matarei o menino se isso significar que ela será salva.

Os olhos âmbar da garota perfuraram meu rosto, seus ombros e peito arfando.

Eu realmente acredito que ela vai matar o menino para sua irmã viver.

Estou impressionada e completamente desolada com isso. Não importa o que ela possa pensar de mim, meus motivos eram puros em mandar sua irmã para cima. Acredito firmemente que meu coração estava no lugar certo quando dei as pernas para Alia. Embora agora eu percebo que eu não deveria ter me preocupado tanto com ela mentindo em terra como mentir para mim, embora de qualquer forma sua manipulação possa ser a ruína do neto de Nik. De alguma forma, eu queria que Niklas fosse qualquer outra pessoa. Talvez ele esteja - talvez a pequena sereia tenha me dito mais uma mentira para conhecer o caminho dela, conhecendo minha história com sua família e como eu amava Nik.

— Você viu esse garoto lá em cima e ainda assim vai fazer isso?

Runa acena com a cabeça, fúria quente no conjunto de seus ombros. — Oh, eu o vi. Ele age como se ela fosse um animal de estimação premiado. Algo brilhante que ele encontrou na praia. Um bom complemento para sua coroa de safira ou anel vermelho idiota.

Minha respiração pega. — Anel vermelho?



— Sim, não são rubis ou granadas, mas outra coisa. Ele o esfrega como um vilão que roubou a lua.

Eu trabalho para manter meu rosto claro, embora às minhas costas eu possa sentir Anna ansiosa para gritar. Quando Nik estava vivo, ele costumava me visitar. Ele mergulhava as pontas dos pés de suas botas de couro oxigenado na água, na extremidade traseira da areia cinzenta e seca e me contava sobre sua vida. Dentro de um ano da minha ausência, ele me contou como uma empregada encontrou uma pedra de cristal vermelho nos vestidos antigos que eu tinha deixado no castelo na noite em que o meu tempo acabou. Era a pedra que o mar me dera quando eu pratiquei meu primeiro feitiço de troca - a vida de Annemette pelo que o mar já havia reivindicado. Ele se lembrou de eu usar aquele vestido quando ele me viu enquanto preparava o barco de Iker para a Celebração do Mar.

Meu coração dispara por todas as coisas que eu teria feito diferentes naquela manhã nocaís. Eu deveria ter beijado Nik quando ele escovou um cacho do meu rosto, seus dedos demoraram o suficiente para que nós dois ficássemos quase tão vermelhos quanto a pedra no meu bolso. A pedra que Nik moldou em um anel, que agora está no topo do dedo de seu neto.

— O que mais você sabe sobre ele? — Eu pergunto a menina.

Estou preocupada de ter ido longe demais e de que sua frustração não vai aguentar, mas Runa morde o lábio, sua interação acima passando por sua mente. Embora ela esteja pensando muito, acho difícil acreditar que ela esteja mentindo. Ela quer muito salvar sua irmã, e é o suficiente para mantê-la honesta. Não faria exagerar.

— Esses outros garotos estavam falando de algo chamado U-boat.



Meu coração para. U-boat? Ele tinha sido inventado quando eu era uma menina - não era comum, mas o pai tinha feito sua pesquisa sobre eles para o rei Asger, acreditando que ele poderia ser capaz de melhor identificar baleias enquanto trabalhava em conjunto com eles.

Eles não foram amplamente difundidos, mas agora, com o tempo e melhorias na tecnologia? Eles podem ser. Essa possibilidade parece muito diferente para mim do meu ponto de vista sob o mar. O perigo que eles podem representar para os sereianos é grande.

— São navios que podem ficar submersos por semanas a fio. — Digo, recordando os desenhos que papai recebeu de um marinheiro próximo à foz do Reno, no Mar do Norte. Runa se assusta. — Sim, o que você está pensando está correto - eles seriam extremamente perigosos para o seu pessoal na água. — Um choque de compreensão passa por mim. — E o reino está construindo submarinos para a guerra?

Havnestad sempre colocou seu pessoal para trabalhar em barcos em tempos de fome. Tempos de guerra podem não ser diferentes.

A garota concorda com a cabeça. — Toda a Dinamarca, incluindo Havnestad, é oficialmente neutra, embora os garotos das regiões do sul estejam próximos o suficiente da Alemanha e estejam sendo recrutados. Então, Havnestad - toda a Dinamarca, na verdade - está na guerra, quer queira ou não.

Rapazes roubados para a guerra. Eles são apenas corpos. Corpos sobre corpos. Eu não acho que seria muito difícil acreditar que Niklas ou qualquer outro governante que estivesse perdendo civis para uma potência estrangeira iria querer ter certeza de que o poder é bem-sucedido.

— Niklas é rei de Havnestad agora, não simplesmente um príncipe. — Mais notícias para mim - notícias que explicariam seu iminente casamento. — Então,



ele teria que aprovar esses U-boats - eu não sei como funciona acima, exatamente, mas aqui o pai teria uma palavra a dizer sobre qualquer coisa que pudesse ser uma perda em potencial - ou lucro.

Lucro. Na guerra? Não consigo conciliar esse pensamento com o meu Nik. Embora seu neto não seja o garoto que eu amava. — E você acredita que ele poderia estar tendo lucro?

— Por que outro motivo ele ajudaria sem declarar guerra? — Ela diz, com raiva, embora não seja para mim. — Ele provavelmente está lucrando com as minas que ele montou nas águas.

Eu sei tudo sobre as minas. Elas saem diariamente do lado de fora do meu covil, um sinal do que acontece lá em cima.

Runa sacode a cabeça. — Eles são feitos para navios inimigos, mas são perigosos para todos nós aqui em baixo. Há algo desconcertante para mim sobre um homem que colocaria bombas no mar sem o cuidado de quem ou o que poderia detoná-las.

— E seu povo morreu com essa prática.

— Ainda não, mas houve feridos. Baleias, tubarões e peixes, do menor ao maior, foram mortos. Se um navio explodir, os projéteis podem acabar com qualquer um ou qualquer coisa em seu rastro. Ela respira instavelmente. — Já é ruim o suficiente e quem vai dizer quanto tempo a guerra durará?

O significado de tudo isso se acumula entre nós, sombras dançando no quase amanhecer. De certa forma estou protegida aqui na minha prisão, protegida do lado de fora por boias erguidas por Nik há muito tempo atrás, minha enseada fora dos limites para qualquer um que queira sair na maré negra. Eles jogam as bonecas de *Sankt Hans Aften* em minhas águas a cada ano. Nem todo mundo, claro. Apenas



aqueles que acreditam no conto da bruxa, o príncipe e o feitiço que o arrancou da beira da morte.

A sereia olha para mim. — Me deixe fazê-lo. Me ajude a salvá-la. Mude-me. — Ela se atreve a pegar minha mão na que não segura a faca. — Por favor por favor. Por favor, deixe-me fazer isso direito. Eu não posso perder Alia.

Algo que Tante Hansa uma vez me disse se solta das memórias antigas, caindo na linha de frente da minha mente.

A solidão é a desculpa mais fraca para a magia que existe e mistura-se horivelmente com orgulho e ignorância.

Ela quis dizer isso como uma repreensão de mim enquanto eu tentava ajudar Annemette, mas eu sei que isso é diferente. Essa garota está solitária porque esta é sua irmã. Sua gêmea. Sua outra metade.

Ela não é orgulhosa. Ela não é ignorante - ela sabe muito mais sobre a situação do que sobre a garota que eu conheci. Isso é certo.

E ela me deu todas as indicações de que ela assassinaria o rei para salvar tanto sua irmã quanto os sereios ameaçados pelos submarinos e pelas minas.

Minha mente se agita com todas as possibilidades. Quem poderia viver, quem poderia morrer, o que poderia ser do desequilíbrio mágico com outra sereia em terra. Com outra troca. É um tiro longo, mas todos nós podemos conseguir o que queremos.

Eu adiciono minha outra mão ao topo dela até que nos abraçamos como peixes espetados na barriga de um pique. Sua mão está quente e me lembra um pouco de casa.

— Eu vou mudar você, mas ouça atentamente. — Os olhos da garota se arregalam de alívio. — Aqui está o que você deve fazer. Como eu lhe disse antes, o sangue de um Øldenburg morrendo deve cair nos pés da sua irmã, derramado por essa faca. Se isso acontecer no último momento do quarto dia - ao nascer do sol, porque é quando



ela subiu - ela viverá. Embora ela nunca possa se tornar uma sereia novamente.

Ela engole. — Nunca? Nem mesmo com essa faca?

— Não os termos do acordo dela. A magia é séria sobre troca - o mar não pode levá-la de volta. — Eu envolvo um tentáculo ao redor da cintura da garota. — Agora, o seu negócio é diferente.

Eu observo seus olhos enquanto deixo que isso se encaixe. Seus lábios começam a tremer, e eu não a culpo - ela sente como se já tivesse falhado porque sua irmã nunca mais pode ser uma sereia - mas os olhos da garota permanecem firmes e firmes.

— Seu negócio, Runa, é uma ação muito específica. Você está lá para ajudar sua irmã, mas ainda assim, Alia deve matar o garoto com essa faca. Eu não posso mudar isso também. Sua vida era sua barganha, não sua. — Essa verdade parece perfurar ainda mais a resiliência de Runa. — Mas ter você lá ao seu lado, como você sempre esteve, é o maior poder que você tem para dar. Você quer que eu continue?

Runa engole um soluço e acena com a cabeça.

— Depois que Alia permitir que o sangue caia em seus pés para sua sobrevivência, estas são as coisas que você deve fazer para retornar ao mar: você deve pegar o anel de pedra vermelha do garoto e pegar a faca. Então você deve borrifar o sangue do menino em seus próprios pés. Não faça nada disso até o final do quarto dia inteiro após a sua chegada, inclusive enviando-me o anel e a faca, e você permanecerá humana para sempre.

Ela engole. — Eu... Eu não vou me tornar espuma na maré? Eu me tornarei humana se falhar?

— Não assuma que você vai falhar - você não veio aqui para falhar. — Ela aperta os olhos fechados por um segundo e depois ela está de volta comigo. Bom.

Meu tentáculo desliza para fora de sua cintura e minhas mãos soltam as dela enquanto ela passa em sua



mente. É muita verdade. E eu entendo que, ao contrário de Alia, a última coisa que Runa sempre quis ser era humana. Mas isso foi antes de ela saber que sua irmã poderia morrer. — Agora, você concorda?

Ela está assentindo antes que as palavras saiam. — Sim eu concordo.

Eu a observo, certificando-me de que ela esteja falando sério. Mas ela está inabalável sob o meu olhar duro. — Me dê a faca.

Sem uma palavra, ela estende a arma. Há um pouco de hesitação quando eu transfiro o punho para a minha mão e o fecho, inspecionando a borda serrilhada, o coral tão finamente cortado, é quase translúcido em sua nitidez.

— Me dê sua mão.

A sereia estende a mão esquerda sobre o meu caldeirão, garota esperta. Ela segurava a faca na mão direita dominante. Ela pode confiar em mim para mudá-la, mas ela não tem certeza se eu não vou mandá-la para o topo perdendo um importante anexo.

Como medida de boa-fé, coloquei um tentáculo em volta do pulso dela, suave e delicado. O caldeirão é tão profundo e escuro quanto a noite, mas há um calor saindo dele - parte da minha magia particular. Eu coloco meu próprio braço sobre o caldeirão, de modo que nossos braços estejam lado a lado. Então, sem aviso ou hesitação, eu arrasto a faca sobre a pele da minha palma. Sangue, um ônix escuro, escorre para o cinza achatado da água, caindo lentamente e faiscando com a magia que eu seguro por dentro.

Os olhos da garota permanecem na faca enquanto ela espera, sabendo que será a vez dela. Meu sangue pinga em sua palma branca e plana no momento em que a faca quebra sua pele. Ela não se mexe, recua ou até estremece, embora o sangue tão vermelho quanto as flores que sua irmã me deu se transformem no cinza. Eu sufoco a mão dela na minha e



aperto, o nosso sangue pingando na barriga do vaso abaixo como um só.

Com cada gota, o caldeirão suaviza com uma luz interna. Ele tem o mesmo brilho prateado de uma lua cheia em águas rasas, exibindo raios hipnotizantes nas explosões estelares dos olhos âmbar da garota. Respiro fundo e deixo minha voz ecoar nos pólipos, profunda e imponente, com todo o poder que suas flores me proporcionaram.

—*Lif. Saudita Minn líf. Minn bjod. Seiðr. Seiðr. Seiðr.*

Quando digo a palavra final do feitiço, o caldeirão treme de luz - ofuscante, brilhante e suficiente para transformar todo esse mundo puro e estampado em branco e iluminado.

Quando a magia está completa, a luz recua em um instante. Das profundezas do caldeirão, um líquido prateado se agita, como se as melhores pérolas do oceano tivessem sido derretidas.

Eu trago um tentáculo em frente de nós duas, uma pequena garrafa agarrada lá. É muito parecida com o que dei a Alia. Esta é de cor verde clara, trazendo todo o poder do novo sol da primavera. Eu mergulho a garrafa na poção, preencho-a no topo e paro com um pouco..

— Tome desse frasco nas águas rasas, para que você não se afogue. — Digo, e então dou a ela um último lembrete. — Você tem quatro dias para você. Dois para sua irmã. Anel, faca, sangue.

Com dedos cuidadosos, a garota agarra o frasco e a faca, pressionando ambas perto do coração e repete o que deve fazer. — Anel, faca, sangue.

Quando ela se vira para ir, juro que ouço sua voz novamente, sussurrando um único refrão.

— Eu estou indo, Alia. Estou chegando.



8 - Runa



Acima, os primeiros raios da luz do dia acionam todo o horizonte, uma luz branca brilhante no Estreito de Öresund, a promessa do sol se aproximando rapidamente. O brilho matinal toca as praias de Havnestad, as montanhas atrás da cidade iluminadas apenas no topo, o resto nos tons de aço do covil da bruxa do mar.

A aurora seria linda se não sinalizasse outro dia para Alia.

Eu estou indo, Alia. Estou chegando.

Eu me agarro às sombras que caem das rochas que abraçam a enseada negra da bruxa do mar, o frasco tão pesado em uma mão quanto a faca na minha outra. Eu preciso de um lugar para mudar. Eu acredito que a bruxa do mar deixou um dos seus melhores conselhos. É fácil imaginar Alia duas alvoradas anteriores, mudando na praia principal, cronometrando-a de modo a coincidir com as caminhadas matinais nas quais o rei gosta de entrar. Ela pulou o café da manhã por semanas a fio só para vê-lo vagar, jogando paus com seus cachorros, examinando seu reino.

Mas de onde eu estou, minha visão da praia principal de Havnestad já está cheia de gente da cidade. As docas ao lado da praia estão vivas com os sons dos homens,



com a carga rolando em carroças puxadas por cavalos tilintando com a lanterna que não será necessária em poucos minutos. Muitos deles traçam um caminho direto por uma estrada de tijolos que margeia o oceano e leva até o castelo de Øldenburg, carregando os preparativos para o casamento, tenho certeza.

O resto da praia é uma ode a essa ocasião também. Pequenas lanternas de papel estão penduradas em postes de uma praça real perto do castelo, o esqueleto de uma fogueira de um lado, um altar para outro. Uma vez me disseram que os Øldenburgs adoravam se casar no mar, no convés de seus grandes navios, mas suponho que seria bastante desastroso se a festa de casamento atingisse uma mina plantada nas águas que seu noivo acreditava possuir.

Eu não vejo o menino em seu passeio matinal, ainda não, embora ele provavelmente esteja lá em breve. E talvez com Alia, se eu tiver sorte. Eu coloco a faca e o frasco seguramente dentro do meu corpete, apertado contra o bater do meu coração e as sementes de ríkifjor que coloquei lá antes de retornar ao covil da bruxa. Minha preciosa carga segura, eu nado ao redor da enseada negra e para o outro lado de Havnestad, em direção à entrada do mar para o castelo com seu balcão de mármore. Penhascos encontram as águas aqui, tão diferentes do resto da Dinamarca, este pequeno reino.

Em torno deste lado, ainda não no canal do castelo, há um estranho arco de pedra, bocejando sobre uma fissura entre as rochas. A água fluindo sob ela é profunda e segura, e eu nadei, subindo em uma pequena lagoa. Em uma lasca de praia, entre duas pedras grandes, há uma pequena caverna. De um lado está uma escadaria íngreme de pedra em ziguezagues, que leva até o penhasco. Eu forço meus olhos na luz fraca para ver exatamente onde ela leva, mas há apenas árvores, sombreando o topo do penhasco da vista do castelo acima.



Sim, isso vai funcionar.

Mas primeiro, vou precisar de roupas.

A bruxa não me deu nada para vestir, então eu devo fazer isso sozinha, usando o que está por perto. O que não é muito. Areia, pedras e água. Mas sob a superfície, isso é algo que eu posso usar. E assim, passo o resto da madrugada tirando algas da lagoa. Não é muito, mas é suficiente apenas para uma saia ir com o meu corpete do mar.

Meu corpete é de um marfim de água salgada, da cor de uma presa, junto com o brilho de mil pérolas de Eydis, que não terá nenhuma de suas irmãs usando a tela. Considerando as sedas e permanências que Alia usava no castelo ontem de manhã, é bom que Eydis tenha padrões tão precisos.

Uma vez que tenho algas suficientes - verdes escuras e vibrantes com o verão final - coloco tudo na praia e fecho os olhos.

— *Snúa. Efni.* — Eu comando.

Um cheiro de magia se instala contra a minha pele, minha confiança aumentando.

Minha magia funciona aqui.

Meus olhos se abrem e eu observo, repetindo o feitiço várias vezes, enquanto a magia faz seu trabalho, tecendo cada pedaço de alga marinha sobre si mesma, torcendo-se e entrelaçando, cada pedaço secando com verniz uma vez colocado em seu devido lugar.

— *Snúa. Efni.*

— *Snúa. Efni.*

— *Snúa. Efni.*

Logo, a alga se enrola em uma saia que é realmente muito bonita - tão profunda e brilhante quanto as melhores esmeraldas. Eu a enrolo em volta da minha cintura, prendendo-a com um último pedaço de alga que termina o vestido como uma fita de seda. Parece um pouco estranho - ter algo além da água fluindo pela minha



cauda. Há um pouco de algas e deixo de lado na praia quando entro no baixio - alguém certamente terá um uso para isso.

Satisfeita, eu removo a faca e o frasco - metade de mim acima da água e metade de mim abaixo. A garrafa pega a luz que flui sobre as rochas, o sol muito mais alto agora, embora a luz ainda esteja azul com a noite que se retira. A poção brilha como a lua em uma noite clara - tão opaca que quase branca, brilha como se tivesse vida própria. Talvez isso aconteça.

Eu dou uma última olhada na minha barbatana caudal, suspirando na areia aqui embaixo da bainha do meu novo vestido.

— Não me olhe assim. — Digo. — Eu vou te pegar de volta.

Eu pego a rolha e deixo cair na água.

E bebo.

O líquido é frio ao toque, mas queima para baixo - a água é quente e cobre minha língua, garganta e barriga. O calor se espalha pelo meu corpo no tempo que leva para uma bala explodir de uma pistola. E, de repente, eu sou o próprio sol, pulsando e estremecendo com o calor que raramente sentimos no mar.

Eu me agarro à faca na minha mão, querendo não soltar, meus dedos sufocados, o frasco já caído, minha concentração apenas o suficiente para um. Eu estou derretendo. Eu sou tão líquido quanto o mar - quente e fumegante. Apenas a faca é sólida; fogo é o que se inclina e eu sou fogo. Fogo e fúria e nada.

Tudo isso é intenso o suficiente para me perguntar se, na minha raiva e desespero, cometi um grande erro. Se a bruxa do mar inventou uma poção para acabar comigo, não para me ajudar. Algum velho rancor se misturando com um novo ataque recente do pai, matando duas das crianças do rei do mar em um golpe fácil. Mas assim como



esse pensamento se cristaliza, o calor recua. O calor esfria em algo duro. Sólido.

Pernas

Ossos, músculos, tendões, artérias e veias.

Tornozelos e dedos dos pés.

Meus pulmões crepitam no meu peito, não mais adequados para os dois mundos. Feito para apenas um, e não é minha casa. Eu suspiro com tanto ar quanto meus pulmões podem segurar, de repente, embora eu não tenha estado debaixo d'água por vários minutos. De alguma forma, sem meu corpo de sereia, a temperatura do ar é muito mais fria, e eu imediatamente começo a tremer, a adrenalina correndo em minhas veias, não obstante.

Eu me empurro para fora da maré ondulante, pernas novas balançando sob o meu peso, meus dedos cavando na areia irregular abaixo. É quase impressionante para mim que eu seja completa e sólida. Eu olho para baixo além da minha saia de algas para os dedos dos pés, piscando brancos. Eu sou humana. E agora meu relógio está correndo bem ao lado de Alia.

Eu testo meu passo, dando alguns passos desconfortáveis. A natureza inconstante das areias sob meus pés não ajuda antes que eu quase caia. E então percebo que, mesmo que descubra como andar, ainda não estarei certa. Eu preciso de sapatos.

Eu recuo e pego aquelas mechas extras de algas marinhas.

— *Snúa. Efni.* — Eu digo o feitiço, mas... Alguma coisa está distante da magia que eu invoquei.

— *Snúa. Efni.* — Eu repito, pensando que isso poderia melhorar as coisas.

Sim, mas a distância continua, mesmo quando as algas começam a obedecer, tecendo-se em um chinelo e depois em outro.



Eu continuo alcançando, alcançando, alcançando, pela mágica enquanto ela funciona. Ela me ouve, mas é do outro lado da sala, não dentro das minhas veias. Depois de muito mais tempo do que eu esperava - vários minutos a mais do que levou a mágica para criar minha saia inteira - meus sapatos foram feitos. Eles não são duráveis, mas devem ser por enquanto.

Quando eu termino, o céu se nivelou em um azul exuberante, o calor do amanhecer se foi. Outro dia começou. Dois dias. Hora de encontrar Alia.



9 - Runa



As escadas são um teste imediato para este meu novo e estranho corpo. Rochas núbeis e raízes rebeldes rasgam as solas dos meus chinelos. Minhas panturrilhas e coxas esticam e se contraem com o movimento enquanto eu subo, a lagoa ficando menor a cada passo. Não há corrimão de qualquer tipo, então eu equilíbrio com as minhas mãos, a faca e a pequena bolsa apertada contra o meu peito.

Quando chego ao topo do penhasco, estou respirando com dificuldade em meus estranhos pulmões. Eu paro por um momento para recuperar o fôlego e olho para o Estreito de Øresund brilhando ao sol. Mas eu não tenho tempo para ficar por perto. Uma vez que minha respiração se estabelece em um ritmo mais normal, eu viro as costas para o oceano e caminho pelo caminho que leva das escadas.

Eu fui ensinada que o outono traz folhas para o chão, mas aqui elas ainda se agarram aos seus membros, verdes, mas na beira de cair, densas e contentes no sol de um novo dia. Através delas, só posso ver trechos do castelo na colina. Ainda assim, eu ainda não sou hábil o suficiente para andar e olhar sem tropeçar, então eu aponto meus olhos para o chão, observando cada passo para uma raiz errante. A escova prende meu vestido, e me ocorre que eu devo ser



muito cuidadosa aqui - entrar na companhia do rei como uma estranha será duro o suficiente, e se eu parecer ter sido cuspidada da floresta, definitivamente soará algum alarme.

Enquanto caminho, tento consertar meu cabelo, sabendo que um corte tão curto não vai me ajudar nem um pouco - é incomum, e não de um jeito bom. Mas com todos os feitiços em que consigo pensar, a magia não muda. Nada muda isso. Terá que funcionar.

Eu logo chego a um chalé, que está sob as árvores. É pequeno e velho, e eu sei mesmo sem espreitar pelas venezianas que é abandonado. Por alguma razão, isso me faz pensar em Niklas e seus objetos brilhantes - como os humanos podem amar tanto as coisas quando estão vivos e depois deixá-los apodrecer quando desaparecem? Eles tratam o seu povo dessa maneira, ou apenas as outras coisas que colecionam na vida?

Passado o chalé, há um caminho mais definido de paralelepípedos² escorregadios com o tempo, parecendo como dentes tortos, acolchoados de cada lado por uma grama alta demais. Onde os paralelepípedos encontravam a estrada, tijolos mais pesados correm ao longo de toda a orla - ao longo da praia, passando pelo farol e docas - e sobem a colina em direção ao castelo e à cidade propriamente dita, com seus telhados de chapéu de bruxa e pinturas alegres.

Hesito por um momento, pensando nos passeios na praia de Niklas e na possibilidade de Alia comparecer. Mesmo sem conhecer os termos da magia de Alia, o rei não deve ser tolo o suficiente para acreditar que pode desfrutar de passeios na praia e beijos doces com sua “convidada”



² Para quem não sabe o que é, que nem a revisora aqui não sabia, é tipo um calçamento.



após a chegada de sua noiva. Se ele não pode ou não vai entender isso, sua esposa pode matá-lo, a menos que Alia e eu cheguemos a ele primeiro.

Eu me viro para o castelo. Ele fica pesado na colina, perfeitamente quadrado, com torres de cada lado. Gramados bem cuidados de um verde quase sobrenatural saíam da base, parando apenas por limites forçados - a pista do mar, o próprio oceano e uma fileira de casas de aparência bastante imponente que se erguiam contra o terreno como um batente de porta.

Os guardas do castelo estão em seus postos no gramado, os sapatos brilhando e o cabelo solto no lugar, enquanto eles percorrem uma formação que eu só posso imaginar que se destina ao casamento.

Para toda a organização dos guardas, todo o resto é um caos. As pessoas correm para todos os lados, descarregando carroças das docas - porções de tecido, caminhões de mão de frutas fora de época, velas cítricas sendo carregadas nos braços. Eles estão até descarregando pessoas, manobristas uniformizados correndo para guiar senhoras sedosas e senhores engomados dos carros pelos caminhos bem cuidados.

O caos oferece cobertura e, por isso, sou extremamente grata. Engolindo uma respiração profunda, eu coloco um sorriso em meu rosto e ando para onde os homens e mulheres em trajes extravagantes estão indo. Meu traje é leve em comparação com o que eles estão usando - preciso encontrar algo com mangas ou um xale rápido - mas faço uma pequena oração para Urda pelo sentido de dom de Eydis. As pérolas no corpete me salvam, assim como a mágica que teceu minha saia.

A procissão de convidados do casamento desacelera até passar perto das portas, onde os guardas do castelo verificam cada nome em um pergaminho. Uma enxurrada



de títulos em vários idiomas passa pelos seus lábios. A maioria é dinamarquesa e alemã.

Hertug. Markis Greve Friherre. Barão.

Herzog. Pfalzgraf. Markgraf. Reichsfreiherr. Herr.

Eu coloco atrás de duas empregadas indo na direção da sacada de mármore. Eu não sei onde Alia estará, mas se o rei é realmente o homem de hábito que Alia testemunhou, é uma suposição tão boa quanto eu posso fazer.

Mas uma suposição, um sorriso e um vestido aceitável só me levam até certo ponto.

— Posso te ajudar?

Eu congelo ao som da voz de um homem, me chamando do cruzamento do corredor que acabei de passar. Eu arrumo meu sorriso e verifico que meu queixo está alto antes de me apresentar.

Eu cerro os dentes e me viro... e é ele.

O menino da sacada com o belo sorriso.

Cabelos castanhos claros, bem penteados para o lado. Olhos azuis como a maré no crepúsculo. Ombros largos que me lembram mais o pai do que deveriam.

Eu me preparo para uma admoestação, a história que preparei na minha jornada aqui pronta na minha língua. Mas então Will lança aquele sorriso bonito para mim, e eu percebo que não sou suspeita - ele está tentando ser amigável. Minha sorte é tão impressionante que me atrapalho com minhas palavras por um segundo. — Eu-eu, sim. — Eu digo. — Estou procurando por Alia.

Sua boca oscila um pouco e reconheço meu erro. Eu engulo e tento novamente. Ajudaria muito se ele não olhasse para mim assim.

— Desculpe-me, deixe-me tentar de novo. — Eu encontro seu sorriso. — Minha amiga. — Eu começo, porque sei que Alia pode responder perguntas sim ou não, e ela pode ter dito que ela estava sem família. — Ela está



desaparecida há dois dias e eu a localizei aqui. Ela é incapaz de falar, mas o nome dela é Alia.

Os olhos do garoto se iluminam e há uma ruga diabólica em seu nariz. — Oh, sim, eu sei exatamente de quem você está falando - acho que todo mundo desse lado do Lille Bjerg Pass sabe. — Para meu alívio, uma pequena risada escapa do garoto. — O rei ficará satisfeito por você estar aqui...

Ele se afasta e percebo que ele quer meu nome. — Runa. Eu sou Runa.

— Runa, a salvadora. — Ele diz com outra pequena risada, e um calor se espalha pela minha barriga porque ele não sabe o quanto eu espero que ele esteja certo. — Eu sou William, mas você pode me chamar de Will. — Ele estende um braço, sua jaqueta escura e perfeita. — Venha comigo. Eu acabei de deixá-los.

Eu tomo seu braço e, por alguma razão, isso dificulta a caminhada. Como se eu estivesse desequilibrada pela mera proximidade dele. Eu não sou o tipo de garota que anda de um lado para o outro no braço de um menino. Me parece um espetáculo, e talvez seja - um castelo como este e um rei assim e talvez tudo seja colocado como uma peça de lua.

Will me guia pelo castelo, fazendo o tempo todo uma conversa fiada, e agradeço porque ele está, inadvertidamente, me dando dicas que são suficientes para ajustar a história que tenho em mente sobre quem é Alia e de onde ela veio.

— Ele a encontrou lavada há dois dias, usando esse vestido de baile antigo. Niklas - o rei - disse que parecia que ela saiu de uma fotografia antiga e foi para a areia.

O calor no meu estômago cresce quando eu percebo que talvez a bruxa do mar não tenha enviado Alia para a toca do leão completamente despreparada - ela não tinha me dado roupas para cobrir minha própria nudez, mas a bruxa deve ter compartilhado uma relíquia de seus dias para evitar que



Alia tropeçasse na praia nua. Eu suponho que isso foi uma gentileza.

— Ela tem um amor especial pela moda do passado... e dança.

— Eu diria que Niklas aprecia os dois. — Ele ri novamente, mas depois abaixa a voz para um sussurro conspiratório. — Honestamente, se não fosse minha prima se casando com ele, eu teria confundido ela com a noiva. Ele está muito empolgado com ela. — Trabalho para manter minhas feições calmas - se a magia tivesse lhe dado quarenta dias e não quatro. — Mas não diga isso a Sofie, ou ela vai me atirar da varanda.

Will me guia até uma escada e desce um corredor, e assim que estamos prestes a entrar no que parece ser outro salão de baile, Alia também entra no corredor. Seu rosto está apontado para as tábuas do assoalho e é um desastre - despreparada para a companhia e definitivamente não para mim.

Eu a aviso da única maneira que posso. — Alia! Oh, minha querida amiga, eu estava tão preocupad com você! — Eu me solto de Will e corro para ela enquanto sua cabeça voa para cima. Eu a seguro em um abraço e, antes que uma reação possa se espalhar por seu rosto, ela está enterrada na curva do meu pescoço.

— Estou aqui. Vai dar tudo certo. Por favor, não fique brava. — Eu a aperto mais uma vez. — Sorria.

Nós nos separamos, e Alia se apresenta para Will. De repente, seus olhos estão acesos - animados.

— Assim que ouvi onde você estava, eu procurei. Será que uma das damas não fez isso? — Will se regozija com o período do tribunal para as damas de companhia.

Não tenho certeza se elas perguntaram a Alia sobre sua herança, mas sei de uma coisa: se ela está apaixonada por um rei e hospedada em seu castelo, devemos nos certificar de que ela seja convidada para esse casamento



estúpido. Um cheiro de nobreza é o melhor caminho a percorrer.

Alia balança a cabeça, e eu gemo dramaticamente com a perda do navio e das pessoas, e que minha amiga ficou sozinha por tanto tempo. Eu realmente deveria ter escutado os pedidos de Alia e tentado minha mão agindo com ela. — Ah não. Querida, sinto muito. — Eu a abraço de novo e olho para Will, que parece genuinamente tocado. — Estou tão feliz por você estar segura.

— Eu vou receber Sua Alteza. — Diz Will, passando por nós e através de portas duplas para o salão de baile.

Quando ele se vai, Alia se retira de mim e fixa seus olhos nos meus, apontando rapidamente para seus lábios. Ela quer usar uma palavra que não temos nos sinais. Sacrifício.

Como no dia anterior, Alia faz o sinal para bruxa e, em seguida, pressiona a mão em sua garganta. Então, ela toca as pontas do meu cabelo cortado em questão.

Ela quer saber o que eu desisti de estar aqui. Se não a minha voz, então o que?

As perguntas continuam, reunidas em sinais e palavras faladas.

O que mais você sacrificou? Seu cabelo? Parece idiota. Por que diabos você a deixaria fazer isso? Por que diabos você viria aqui? Runa, isso é muito perigoso. O que você estava pensando? Você estava pensando?

— Eu-

Uma gargalhada para minha explicação morta em suas trilhas. — Alia! O nome dela é Alia? Traga-a aqui, preciso vê-la.

Will aparece e nos leva para o salão de baile e para um riso de diversão. Os candelabros brilham através da luz do dia através de mais portas duplas que levam a uma varanda. O rei é cercado por empregadas domésticas, arrumando o quarto para uma grande festa.



—Minha convidada tem um nome! — Suas covinhas brilham, e ele pega Alia pela mão, girando-a sob as luzes cintilantes. Sua diversão é suficiente para que ninguém na sala possa evitá-lo. Após o giro, ele a esmaga em um abraço rápido. Parece mais íntimo do que o beijo na varanda, e eu pego Will olhando para longe enquanto faço o mesmo.

Quando eles se separam, ele coloca as mãos gentilmente em seus ombros. — E é um nome adorável, de fato. — Minha irmã não pode evitar, um sorriso se derrete em seu rosto - o que a deixou chateada quando a vimos no corredor sumiu. Niklas parece satisfeito com isso. Ele se vira para se apresentar para mim.

—E você é amiga dela? Runa, é isso? —Seu deleite brilha no meu caminho, e é quase tão cegante quanto o sol.

—Eu sou o rei Niklas, mas, por favor, me chame de Niklas - não há necessidade de títulos entre amigos.

Eu não esperava que ele fosse tão caloroso. Eu realmente não esperava. Não por qualquer olhar que eu tenha tido com ele - longe, de perto, nem pelas descrições de Alia.

Eu limpo minha garganta. —Runa, sim, Vossa Alteza. — Eu digo, e ele parece gostar do título, mesmo que ele apenas dê de ombros. Os homens sempre preferem títulos que os façam parecer importantes, e qualquer outra coisa é mentira. —Eu fui em busca dela quando ela não chegou e fiquei tão preocupada. É muito bom que você a tenha encontrado e a acolhido - obrigada por sua gentil hospitalidade.

—Oh, Runa, você terá que responder a todas as perguntas que Alia — Ele pausa em mais uma chance de dizer seu nome, antes de continuar. —Foi incapaz de responder por mim. — Então algo lhe ocorre, e sua os olhos mudam dos meus para os de Alia e vice-versa. —Oh, por favor, me diga que ela pode ficar por mais alguns dias. Você não vai roubá-la de volta para Helsingør, não é?



Helsingør. Eles devem ter pedido a Alia apontar para um mapa. Então é daí que nós somos.

Eu olho para Alia para fazer como se eu estivesse checando, e então eu digo. — Nós gostaríamos de ficar, mas nós não queremos ser um incômodo - eu ouvi que você vai se casar. Parabéns.

Quando Niklas responde, é para Alia, cujas mãos ele segura nas duas. A alegria suavizou em sua voz, e parece que ele está momentaneamente esquecido que tanto Will quanto eu estamos lá. Eu olho para minhas mãos. Eu não posso vê-lo ser tão carinhoso - não com a faca destinada a matá-lo pressionado contra minhas costelas.

— Por favor fique. E por favor, venha para o casamento.

Ah, Urda. Ele é encantador. Com seus olhos estúpidos e suas covinhas estúpidas e seus ombros estúpidos largos. É verdade.

E talvez ele realmente se importe com Alia.

Mas mesmo que ela tivesse sua voz e pudesse dizer a ele o que ela fez e como ela o ama - mesmo que eu pudesse trair a nossa espécie dizendo a ele mesmo - quatro dias para amar depende dele. Ele deve amá-la. Ele deve sentir o suficiente para que a magia não tenha outra escolha senão se curvar à vontade do seu coração. Não dela. O bônus da prova está em sua cabeça estúpida e Alia escolheu um homem que talvez nunca o veja.

Eu odeio isso, mas minha mente salta para o nosso pai. Apesar de sua forma agora monstruosa, ele já foi um homem que se apaixonou tão profundamente, tão rapidamente, que ele mudou uma mulher no minuto antes de ela se afogar. Mas esse tipo de amor instantâneo e poderoso é raro e, infelizmente, esse amor não é esse amor. O amor de Niklas não será poderoso o suficiente - não em um instante, não em quatro dias, e certamente não com os obstáculos do dever, da guerra e da obrigação. Ainda assim, Alia acena com a cabeça e ele a puxa para outro abraço comovente.



Há uma comoção atrás de nós. Eu me viro, e Will está oferecendo seu próprio abraço para uma mulher escoltada pelo outro menino da sacada. Phillip. Eu ouço a voz doce de uma garota dizendo: – Eles me disseram que você estava vindo para me cumprimentar, primo!

Quando ele a solta, é para apresentá-la, sua mão segurando a dela no alto, e eu já posso sentir o coração de Alia afundando. Will sorri para a garota e depois para seu amigo e primo em breve. – Meu bom rei, Condessa Sofie, do Ducado de Holsten, finalmente chegou.



10 - Runa



Alia e eu fazemos uma reverência curta e mantemos nossos sorrisos enquanto os três nos alcançam.

Os primos Will e Sofie têm as mesmas bochechas rosadas e cabelo castanho claro, mas logo ficou claro que Will e Niklas se conhecem muito melhor do que os dois. Ainda assim, eles existiram na mesma constelação por todas as suas vidas, alguns escalões superiores da cultura não prejudicados pelas linhas do reino. O nome certo, o sangue certo e a confiança imediata são dados. É o mesmo abaixo da superfície.

Eu desejo odiar tudo sobre essa garota como eu faço com Niklas, mas ela é tão entusiasmada que é quase impossível não se emocionar com a energia dela. Ela ri com todo o seu corpo, seu dinamarquês tocado pelo alemão tão comum em Holsten. Além disso, ela tem um livro em suas mãos - aparentemente, Effi Briest - e honestamente, não há nada que eu ame mais do que ler. Mas essa garota não é para ser minha amiga. E certamente não de Alia.

Não é muito tempo depois da chegada de Sofie que as características de Alia vacilaram. Lágrimas ameaçam cair, e ela me dá um sinal de explicação. Jardim.



— Se você nos der licença. — Eu interrompo a reunião, — Alia me disse que você tem um belo jardim no terreno, e eu gostaria muito de levá-la.

Alia pega minha mão e me puxa para fora antes que qualquer menino possa se oferecer para levar-nos. Mas assim que atingimos a escuridão relativa do corredor, ouvimos a voz de Sofie. — Senhoras, você não se importa se eu for junto, não é? Eu estou precisando de ar fresco. — Eu forço Alia a parar seu ritmo determinado e jogar educadamente. Sofie alcança. — Eu ainda sinto que estou naquele carro. Minha cabeça está simplesmente girando de todas aquelas estradas sinuosas sobre o desfiladeiro.

— Claro. — Eu digo, nós duas sorrindo largamente. — Por favor, venha, Condessa Sofie.

— Obrigada. Meu quarto ainda não está totalmente pronto - meus nomes são bem particulares. — Ela lança um olhar conhecedor para Alia. — E eu acho que os meninos poderiam usar de algum tempo juntos.

Alia acena com a cabeça, mas não é convincente. Precisamos de tempo sozinhas, mas não podemos fazer de Sofie nossa inimiga mais do que ela será depois de enfrentar o abraço que deve ter testemunhado com as fofocas do castelo sobre Alia e Niklas. Eu colo o sorriso que Sofie está procurando e segure sua mão. — E assim poderíamos, meninas.

Isso apazigua Sofie, e nós descemos as escadas e passamos pelos corredores, com Alia liderando o caminho. Ela sempre teve uma boa bússola interna e usá-la em terra parece não ser diferente. Criadas circulam em torno de nós, como peixinhos descendo um riacho. Elas correm, pendurando grandes torções de tecido dos parafusos que vi anteriormente. Outros preenchem cada candelabro com um novo cone e substituem os tapetes que acabaram de ser batidos na brisa. Quase tudo é o mesmo tom de azul que seus uniformes. A decoração é avassaladora; elas



quase recriaram o elenco azul que fica sobre o palácio do rei do mar.

— O que você acha das decorações de casamento? — Eu pergunto como meio de conversa fiada. — Eu espero que você goste de azul.

Os olhos verdes de Sofie se prendem a uma corda de veludo que está pendurada sobre a porta de frente para o jardim. — Eu gosto... — Diz ela enquanto nos dirigimos sob a nova corda e saímos pelas portas para um pequeno patamar. — Mas é um pouco demais. Temo que tudo seja azul - os anéis, o bolo, o vinho. Se o peixe no jantar esta noite estiver azul, me salve alguns rolos extras, sim? Porque eu simplesmente não posso comer isso.

— Tem isso, Alia? Pão para a noiva azul. — Alia dá um sinal de positivo quando descemos os degraus.

Apesar do final do verão, o jardim ainda é exuberante, as roseiras maduras e cheias de flores de todas as cores. Vermelho, rosa, branco e amarelo dominam, estampados em todo o jardim como rendas tanto.

— Agora isso é colorido. — Eu digo, principalmente porque eu tenho que continuar com isso - é muito cedo para mandar Sofie embora. Ao meu lado, posso sentir o desconforto de Alia. Há um franzir na sua testa, e sei que ela está pensando sobre o quanto eu não disse.

Sacrifício.

Mas devemos jogar este jogo.

— Eles já tiveram tulipas aqui, me disseram. — Diz Sofie, inspecionando um arbusto de flores rosas, ainda marcantes, seus espinhos grossos e mortais. Ela sorri para nós. — Mas um rei do passado arrancou-as porque elas o lembraram de um coração partido.

O rosto da bruxa do mar brinca em minha mente. Seu príncipe, que se tornou rei com seu sacrifício. *Annemette.*

— Niklas disse que queria rosas porque elas mostram todas as partes do amor - a beleza, a



longevidade... — Ela estala dos dedos e levanta, um dedo imaculado pairando sobre um espinho irregular. — A dor. — Sofie sorri, e algo se agita dentro de mim.

— Mas não deve haver dor para você; você vai se casar com um rei! — Eu digo, tentando manter as coisas leves, embora eu não queira nada mais do que encerrar essa conversa neste mesmo instante. Ao meu lado, Alia se contorce.

— Não há dor em uma escolha que é para ser para sempre? Para sempre é uma promessa e um fim.

Um fim. Seus olhos se demoram em Alia, e agora está claro que essa garota já conhece as fofocas do castelo. Ela sabia disso antes de pisar no prédio hoje. E ela não está prestes a deixar o relacionamento de Niklas com Alia ir um segundo mais longe.

Chegamos a um banco, sombreado do meio-dia por uma grande árvore. Sofie se senta e convida Alia para o lado dela com um tapinha. Quando ela o faz, eu paio sobre seus ombros como o fantasma quando Sofie pega a mão da minha irmã na dela.

— Seu pai é um barão titular, não? — Ela sorri quando Alia acena, e então seus olhos caem para na mão de Alia, suave em sua palma. — Mesmo assim, você estará no meu lugar em breve. Não será sua escolha - pais como os nossos mantêm e expandem seu poder prometendo suas filhas.

Isso é verdade. Eu ainda me recuso a gostar de Sofie, mas posso me relacionar com ela. Os lábios de Alia tremem - ela também pode se relacionar.

— E, embora eu não aprecie necessariamente o meu destino, planejo ser casada com sucesso em um dia. — O aperto de Sofie fica maior, e eu tenho uma súbita vontade de pegar Alia e correr. Se apenas desse certo. Os olhos da condessa brilham. — O rei pode gostar do seu rosto e do seu silêncio, Alia, mas ele gosta mais do dinheiro e das conexões



do meu pai. Deixe ir agora, ou a dor será muito pior.

Alia visivelmente empurra a franqueza de tudo, seus ombros varrem para trás enquanto ela arranca sua mão. Ela está de pé antes de eu piscar e ela me bate, desequilibrada.

Alia corre em direção ao portão do jardim e passa por ele sem um segundo olhar.

Sofie não se levanta para perseguir Alia, o que é simplesmente bom para mim. Eu pego o comprimento do meu vestido para libertar meus pés e tentar o meu melhor em uma corrida. A sensação é ainda pior do que caminhar, essa propulsão estranha e não-suave para a frente acompanhada por uma dor semelhante a ser apunhalada repetidas vezes a cada passo. Eu passo através do portão, sorte que não trava e me impede de morrer. Alia já está muito à frente e eu preciso correr. Com cada respiração, imagino as crianças que vi na praia, correndo com tanta certeza de que suas pernas não se enroscam e instantaneamente as deixassem cair na areia. É um começo lento, mas eu logo alcanço, uma corredora muito mais feia do que a minha irmã, mas tão rápida quanto parece.

— Alia. — Eu a pego assim que ela se vira para a cidade propriamente dita, seus ombros curvados e bochechas coradas de tristeza, tudo errado contra as cores brilhantes dos edifícios. — Alia, ela não está errada. Foi cruel, mas é verdade. Você sabe.

Ela gira em torno da mão que eu coloquei em seu ombro, seu rosto uma bagunça e com seus lábios tremendo. Ela me olha nos olhos e sei que ela não me odeia pelo que acabei de dizer.

Alia sabe que é verdade também.

Espero que ela diga, mas ela assina outra coisa.

Por quê? Por quê você está aqui? Por que, se é verdade, você fez isso? Por que você viu a bruxa? Por que você fez um acordo?

Ainda outro “por quê” na forma dos dedos dela, ela finalmente cai em soluços destruidores,



silenciosos, e colapsa em mim. O peso em seu coração a desequilibra. Eu quase caio sob o peso dela, mas minhas novas pernas serão fortes. Seus ombros se levantam e se agitam enquanto eu me inclino contra o prédio mais próximo.

Eu beijo o cabelo dela com todo o amor e ferocidade que espero que ela possa ver. — Alia, me escute. Eu não sacrifiquei minha voz, não. Mas eu fiz um acordo com a bruxa.

Ela se afasta e aponta um dedo para o peito.

Para mim.

— Sempre para ti. Sem você, não há eu.

Alia sacode a cabeça com força suficiente para se libertar do meu abraço. Ela cai contra a parede.

Não. Não. Não, você não deveria.

— Está feito. Eu estou aqui. — Eu pego sua mão e ela vai olhar para mim, para não ficar presa no manto da culpa. — Você quer que eu sobreviva? Você precisa sobreviver também.

Alia respira tão fortemente quanto o sol, fechando os olhos enquanto seus pulmões se enchem e depois soltam. Ela abre os olhos e eles estão nos meus - gelo azul no âmbar, dois pedaços de um todo. Alia permanece tempo suficiente para me perguntar se passaremos os próximos dois dias assim, em um confronto silencioso. Finalmente, ela empurra meu cabelo para trás das orelhas, e posso dizer que ela está se distraindo dessa decisão, concentrando-se no meu corte de cabelo.

O que devemos fazer?

E então eu digo a ela. Sobre a faca. O anel. O sangue. Quando termino, ela levanta uma sobrancelha, ainda tentando entender a troca. De como ela deu o mesmo que eu fiz na equação mágica da bruxa.

É então que eu conto a ela o resto. Da ira do pai. A bruxa ferida. As sementes de ríkifjor do jardim dela.



Os sacrifícios de nossas irmãs - com certeza, se eu não posso curar meu cabelo, nem elas podem... e o Pai notará.

Seu cabelo realmente parece estúpido, ela diz, mas é apenas uma deflexão.

A cada detalhe que passa tudo parece afundar. O rubor nas bochechas de Alia empalidece, o lábio treme. As cordas do pescoço dela se contraem e se soltam. Ela assina uma última pergunta.

Se falharmos, você não vai morrer como eu? Em vez disso, você será humana?

Eu achava que a rejeição de Niklas a machucaria mais - que eu vim porque sabia que ela não seria suficiente para ganhar o amor que ela tanto deseja - mas agora minha opinião vacila. Pelo que parece, o fato de que serei humana se fracassar quando ela seria humana se ela for bem sucedida é tão comumente.

—Sim. — Eu digo baixinho. —Se eu falhar, estou condenada a ser humana. Mas se você falhar, eu não quero viver - acima ou abaixo, tudo será muito doloroso.

Quando termino, ela está me olhando diretamente nos olhos. E talvez seja porque ela percebeu agora que sempre estivemos juntas e sempre deveríamos estar. Talvez seja porque ela sabe que não há outro jeito. Ou talvez seja só porque ela me ama. Mas ela balança a cabeça.

O rei Asger Niklas Bryniulf Øldenburg V deve morrer.



11 - Runa



Nós precisamos satisfazer critérios mágicos muito específicos. Se fizermos qualquer outra coisa, somos assassinas, simples. Talvez nós somos de qualquer maneira. Eu não sei.

Tudo que sei é que não temos escolha.

Ainda assim, não é fácil pensar nisso. Se eu o decomponho em seus componentes - assassinato, magia de sangue, roubo, fugindo da cena do crime - fica difícil enxergar o bem nele. O ponto. Os fins, justificam seus meios.

Se cumprirmos os requisitos da magia, Alia viverá e eu irei para casa. Mas um homem será...

Eu não posso - não podemos - pensar nisso como algo diferente do que devemos fazer.

Tudo o que resta agora é quando a ação será feita.

Se eu pensasse que poderíamos sair vivas, eu teria agarrado a mão de Alia no segundo em que ela assentiu, entrou no castelo e a fez acabar com isso. Mas isso teria sido um erro - voltamos a um desfile impossível de banquetes, chás e fogueiras de praia com literalmente todos no reino, testemunham tudo.



No entanto, quanto mais esperamos pelo momento certo, mais tempo passamos com as pessoas que sofrerão quando tivermos sucesso. Cada bondade, cada sorriso, cada minuto vendo um pouco de nós mesmas nas bordas da minha determinação.

Então decidimos esperar até o sol se pôr, levar o rei em seu sono naquela noite.

Com alguma sorte, seus aposentos estarão vazios além de seu coração pulsante, seu anel estará bem à mão e uma saída estará disponível.

Mas esse plano é espalhado depois da fogueira do jantar, quando aprendemos algo mais sobre a cultura de Havnestad. É tradição que o castelo e todos os seus quartos sejam deixados para a noiva na noite anterior ao casamento. Boa sorte ou algo assim. Certamente provou ser para o noivo útil, que em vez disso tomaria um carro com seus padrinhos - Will, Phillip e outros garotos sorridentes - para uma propriedade no vale além da passagem de Lille Bjerg.

De fato, porque a tradição insiste, nem sequer veremos Niklas até a cerimônia.

Então, agora que a nova manhã se transforma em tarde, perdemos um dia inteiro. Nossa única chance de sucesso é esta noite - a noite de núpcias do noivo. Meras horas antes do nascer do sol que levará a minha irmã se falharmos.

Apesar do que a bruxa do mar pensa, eu acredito em amor - eu nunca experimentei o tipo romântico. Ainda assim, conheço o coração de Alia e o meu. Sei que o amor dela é intenso e, por isso, levar uma faca até Niklas será, sem dúvida, angustiante, embora, ao se deitar ao lado de sua nova esposa, temo que seja ainda pior.

Mas, novamente, não temos escolha. Quando o sol nascer amanhã, o rei deve estar morto, ou Alia estará.

Eu respiro fundo na frente do espelho no quarto de Alia. Eu estou vestida em um vestido humano moderno - azul, apertado por um espartilho de costela,



cortesias dos nossos anfitriões. Eu poderia muito bem ser mais uma das decorações. A faca ainda está enfiada contra o meu peito, o coral fino e frio pressionando minha pele, e as sementes de ríkifjor estão estendidas na bolsa contra as minhas costas.

Enquanto Alia está vestida como eu, ela usa seu coração partido pesadamente nos ombros, a linha dos lábios, os olhos baixos. Até o cabelo dela parece inclinar-se para a terra, os cachos caídos pelas costas.

— Temos que ir ao casamento. — Eu imploro a ela. — Haverá muitas perguntas se não estivermos lá.

Alia dá de ombros exageradamente e volta para a cama, completamente vestida, graças apenas às criadas atribuídas ao quarto de cada hóspede. Suas mãos voam através de uma onda de gestos frustrados. Nenhuma tradução é necessária.

Não importa. Quem se importa se houver perguntas? Nós vamos assassiná-lo e depois desaparecer. Isso nos ajudará a não ficar por perto.

— Não. Não. Se - quando - tivermos sucesso, você ainda estará em terra. E quando você desaparecer, você certamente será uma suspeita.

Ninguém vai suspeitar de uma mulher.

— Você está de brincadeira? Você não estava prestando atenção durante nossas aulas? Ninguém tem medo de uma mulher quando ela é um objeto dócil e dançante, mas no segundo que ela é desprezada? Ela é um perigo histórico para ela e para os outros.

De sua cama, ela encolhe os ombros violentamente novamente. *Deixe-os pensar isso.*

— Eles vão te ver como uma garota tão apaixonada pelo rei que se você não pode tê-lo, você não quer que ninguém o tenha. Você será a número para se suspeitar.

Quem se importa?



— Não é uma vitória para você viver o resto de seus dias e gastá-los sendo caçada. — Eu me sento ao lado dela.
— Precisamos garantir que você esteja segura.

Finalmente, ela não dá de ombros. Mas ela não reage, exceto para fechar os olhos.

Eu coloco uma mão na perna dela. — O que você quer fazer da sua vida quando você for humana?

Eu espero outro encolher de ombros. Talvez algumas renovadas palavras sobre como não há nada para viver sem Niklas ao seu lado. Em vez disso, ela se empurra sobre os cotovelos e, em seguida, empurra as costas contra a cabeceira da cama, liberando as mãos.

Mais uma vez, ela assina bruxa, mas aponta para si mesma. Ela não está falando sobre a bruxa do mar. Ela atravessa gesto após gesto, mais animada do que eu a vi desde que cheguei aqui.

Em um minuto, eu entendi.

Alia quer ser uma bruxa poderosa. Sob o mar, ela é a nona filha do rei do mar. Algo para se casar para uma aliança - como Sofie. Ela quer a liberdade de fazer um nome para si mesma. Para sua magia prosperar em um lugar que foi sistematicamente despojado de seu poder por centenas de anos - o rei caçador de bruxas; Sankt Hans Aften, fogueiras, afogamentos, banimentos. Por toda a magia em cada gota de água do mar, não há quase nada acima. Ela poderia mudar isso.

Eu sorrio para ela. — Sim, você será uma ótima bruxa. Para fazer isso, precisamos sobreviver a isso primeiro.

Eu não tenho coragem de perguntar se ela experimentou magia sem a voz dela. Para ver se isso a afeta, se isso só aumenta a distância que eu sinto - ou se ela pode fazer isso. Eu também não tenho o coração para lembrá-la que Annemette perdeu sua magia no segundo em que ela se tornou completamente humana novamente. Embora talvez fosse porque sua verdadeira forma humana,



Anna, nunca era uma bruxa, e os poderes de sereia de Annemette não eram dela.

Alia respira fundo e balança as pernas sobre a borda da cama. Pronta para ir.

— Finalmente. Estamos atrasadas.

Nós rapidamente abrimos caminho pelos corredores vazios. Todos os convidados certamente já se reuniram na praia. Alia me aponta para um pequeno corredor, um atalho para o pátio, quando uma voz soa.

— Eu não. Eu não preciso. Não é necessário. Você ouviu o pai, está tudo pronto...

Sofie

Então a voz de outra garota encontra a dela. — Querida, eles estão todos esperando por você. — O tom duro das consoantes da garota me diz que é Agnata, uma de suas amigas de Sofie. Estávamos sentadas uma com as outras outro na festa das mulheres de ontem. — Você não pode desapontá-los.

— As pessoas não se importam se ele se casar comigo ou com qualquer outra pessoa. Na verdade, pode ser melhor se eu não aparecer. Então isso é puramente uma transação financeira.

Os olhos de Alia encontram os meus e, de repente, eles são atingidos com alegria. Nos lábios dela é uma questão particularmente humana: pés frios?

Há algum farfalhar e um lacaio aparece. Alia cumprimenta-o com um sorriso selvagem, e eu aceno, e espero que ele não nos veja ali, ainda como pedra, ouvindo. Nós explodimos para fora das portas, quase correndo. Nossos corações estão batendo quando batemos nos paralelepípedos da pista do mar que leva até a praia principal. O dossel do casamento aparece e o sorriso cai dos lábios de Alia. Ela pega minha mão e repete, quase como um canto silencioso: *pés frios. Pés frios. Pés frios.*



Como convidadas do castelo, somos colocadas ao lado do noivo, na última fila dos assentos cobertos. Ao redor da borda do dossel, milhares de cidadãos se misturam como se estivessem em uma partida esportiva, com muitos deles se espalhando na praia, sentados em cobertores de tecido e na areia quente do sol.

Não dois minutos depois de estarmos sentados, Niklas reaparece, não pior com a roupa da noite dos meninos. Seu cabelo brilha escuro e é estilizado com cuidado, com uma coroa de safiras em sua cabeça enquanto ele sorri do altar, covinhas brilhando.

Alia o vê antes de mim, e tudo nela fica imóvel e rígido ao meu lado. Eu sei que ela está vendo o garoto que ela sonhou por mais de um ano exatamente como ela esperava que ele fosse um dia com ela ao seu lado. Mais uma vez, ela boca seu refrão, esperança em seus olhos pela primeira vez desde que morreu na varanda de mármore. *Pés frios. Pés frios. Pés frios.*

Niklas se instala ao lado do capelão e se vira para a multidão. Minha respiração pega quando ele imediatamente encontra Alia na multidão. Embora estejamos nos fundos e estivéssemos vestidos em azul como a maioria dos convidados do noivo, ele não pode deixar de se sentir atraído por ela. Para olhar para ela. Ele encontra os olhos dela e, por um momento, meu coração palpita, como naquele dia na sacada.

Talvez tenha uma chance.

Talvez ele realmente ame Alia.

Talvez esse amor seja suficiente para que ele pare com essa farsa do casamento e traga Alia para lá, casando-a com um beijo tão feroz, que a magia não tem escolha a não ser ficar satisfeita.

Talvez a única parte triste da história seja que permanecerei humana contra a minha vontade. Se Alia



estiver feliz e sobreviver, isso será o suficiente para mim.

Mas então, tão rapidamente quanto seus olhos se encontraram, Niklas se força a desviar o olhar. Seu olhar encontra as pontas de suas botas polidas. Suas mãos permanecem firmemente dobradas atrás das costas. E aquela onda de esperança no meu coração cai na areia. Ele vai continuar com isso.

Como se confirmado, os olhos de Niklas voltam a subir e ele sorri. A multidão inteira engasga e não precisamos nos virar para saber o que ele vê. O que todos eles veem. Sofie chegou.

Ao meu lado, Alia começa a tremer o suficiente para eu agarrar a mão dela para firmá-la em seu assento. De repente eu odeio Niklas tanto que naquele momento eu gostaria que tivéssemos tempo para fazê-lo sofrer. Para experimentar um pouco do que Alia sente em seu coração agora. Todo o corpo de Alia se move em direção ao meu, palavras prontas para serem formadas sem som. Seus olhos são grandes e redondos, sombras roxas de sua insônia entalhando luas sob seus cílios.

Ele me ama.

Eu balancei minha cabeça e forcei minha voz a ficar um sussurro, centenas de ouvidos ao nosso redor agora. — Se ele amava você, ele não iria colocar você através disso.

A boca de Alia se contrai em uma linha tensa, as sobrancelhas se juntam com força e rapidez. Ela balança a cabeça e depois as mãos e os lábios e todo o seu corpo está se jogando no que ela quer dizer.

Olha como ele me observa. Veja como ele é atraído por mim. Ele. O amor. Eu.

— Alia. — Eu digo, minha voz mal acima de um sussurro. — Tudo o que ele pode pensar de você, não é o suficiente.

Seus lábios tremem em resposta.



— Tudo vai dar certo, Alia. — Eu insisto, segurando seus dedos frios com força. — Nós vamos ficar bem.

Espero não estar contando uma mentira.

A banda começa a tocar, e os olhos de Alia se fecham e ela reajusta nossas mãos para que ela esteja me segurando o mais forte possível.

Sofie varre o altar no braço de um homem que deve ser seu pai - o barão Gerhard - mas que parece tão fraco que uma rajada forte pode levá-lo até Rigeby Bay. É difícil acreditar que esse homem tenha tanto poder sobre Niklas - seu coração, seu amor, sua vida. Mas lá está ele, os mesmos olhos verde-musgo que Sofie tem e que estão brilhando à luz do anoitecer, quando ele a coloca ao lado do jovem rei.

A cerimônia é abençoadamente curta. E então vem o que todo mundo está esperando. Niklas remove o véu de Sofie, empurrando-o sobre o cabelo para revelar seu rosto. É polido com um sorriso, sem nenhuma dúvida e frustração que ouvimos dela antes. Então ele se inclina e, sem hesitar, planta um beijo nos lábios dela.

Ao meu lado, toda a tensão no aperto de Alia desaparece. Eu tiro meus olhos assim que o corpo de Alia fica folgado.



12 - Runa



— Alia. — Eu assobieie em sua orelha. — Acorde. Você não pode fazer isso. Mulher histérica, lembra? O desmaio está definitivamente no topo da lista de sintomas de histeria. Por favor.

Sua cabeça bate forte no meu ombro. Ela não me ouve. Ela não se move. Tudo sobre ela deu para fora; aquele momento de esperança tornou tudo pior.

O público está de pé, batendo palmas - outro punhal.

O rei e sua noiva se viram, dedos recém-tocados pressionados juntos e levantados, enquanto apresentam sua união às massas. Estou parcialmente satisfeita por Alia não ver e ficar completamente horrorizada. Ao nosso redor, todo mundo se levanta. Nós não podemos estar sentadas.

Se alguém não percebeu que ela está desmaiada, eles logo vão. Eu a puxo para cima, envolvendo um braço em torno de suas omoplatas. Sua cabeça se debruça na curva do meu pescoço. A atenção de Niklas está mudando de Sofie para a multidão, e eu sei que ele vai procurá-la primeiro. Ele não pode se ajudar.

Ele não pode vê-la assim. Ninguém pode vê-la assim - se um médico for chamado, Alia estará sob observação a noite toda. O rei cuidará disso.



Eu me inclino em seu ouvido. — *Vaka*. — Eu sussurro o feitiço suavemente, mas deliberadamente. *Despertar*.

Os olhos de Alia se abrem com um sobressalto. Sua cabeça se solta do meu ombro e eu coloco um sorriso no rosto como uma ordem para ela. Uma veterana de jogos de lua, ela sabe exatamente quando dar uma dica e improvisar, inteligência rápida e tudo.

Seu rosto espelha o meu assim que os olhos de Niklas encontram os dela.

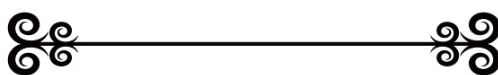
Sim, sua convidada ainda está aqui. Ainda olhando para você assim. Ainda querendo você.

O garoto rei sorri, e ao lado dele Sofie também.

Eles se dirigem pelo corredor, e quando chegam à última fileira, tão perto que Alia pode estender a mão e tocar o corte fino do terno de Niklas, seu corpo fica mais claro de novo. Líquido ao meu lado, como se ela pudesse se dissolver ali mesmo, levada pela areia para o outro mundo.

Ainda minha irmã segura rápido. Coisa forte que ela é. Coisa corajosa. Ela encontra seus olhos com toda sua beleza, amor e promessa, e por um momento ele não consegue desviar o olhar. Ele observa o tempo suficiente que o olhar de Sofie segue o dele. Quando eles passam por nós, eles estão olhando para minha irmã, mantendo-se firme.

Ainda aqui. Ainda apaixonada.



Por tradição, a noiva e o noivo levam os convidados do casamento - apenas os participantes sentados - até o castelo. As pessoas comuns alinham a faixa do mar, pressionando em camadas grossas contra a progressão. Mesmo à distância, a alegria em massa entre eles sacode meus dentes



enquanto eles cantam músicas de velhos marinheiros que conhecemos mesmo sob a superfície.

Todos os convidados elegantemente vestidos fluem pelos caminhos forrados de tijolos e entram no castelo sob o índigo de uma nova noite, tochas tão antigas quanto o próprio castelo tocando as grandes paredes de pedra do lugar.

Mas nós os esperamos. Embora revivida, Alia ainda está cambaleando em pé. Quando finalmente saímos de nossos assentos, nos separamos através das massas e cortamos caminho por um canto solitário da praia para sentar por um momento sob as estrelas.

Nós nos deparamos com o mar. Como eu gostaria de estar de volta lá. Até aqui tudo é muito claro, muito alto, muito... Mesmo na nova noite. Alia não olha para as águas azuis, brilhando contra a noite que cai. Ela observa as mãos dela em vez disso. Mas eu sei que ela cheira a salmoura e a vida. Ela faz um sinal: *não podemos*.

E então ela está de pé. *Não podemos*.

Eu subo atrás dela. Eu gostaria de me convencer de que é o mar, nossa casa, que ela não pode lidar, mas eu sei que é o que devemos fazer hoje à noite.

—Nós podemos. — Eu digo. Eu agarro a mão dela enquanto nós voltamos para o castelo.

Ela respira fundo. *Eu sei*.

Fazemos um lento progresso pela agora vazia rota do mar, pelo jardim de rosas e pelo castelo. Seguro a mão de Alia enquanto subimos os degraus até o salão de baile que eu a vi pela primeira vez naquele dia, aquele com a sacada de mármore. Música flui para o corredor, o barulho da dança testando as antigas fundações do castelo.

— Aí estão vocês. — Diz Will, aparecendo no corredor.

— Niklas disse que você parecia doente. Você está bem, Alia? Ele está tão preocupado com você.



Alia está segurando minha mão com tanta força que eu não posso fingir ser afável. — Tão bom do rei para poupar um pensamento sobre como Alia está se sentindo.

Eu espero que Will volte. Para defender seu amigo. Primo dele. Mas em vez de superficialidades planas, ele pega a mão da minha irmã. — Um coração partido é um fardo diferente de qualquer outro. — Estou tão chocada que meus lábios se abrem - um bálsamo significativo para sua dor é a última coisa que eu esperava de um dos companheiros de Niklas. — Eu sinto muito, Alia. Se você quiser, apenas me dê um aceno de cabeça e eu vou te ajudar no seu quarto. Eu vou fazer com que o jantar seja trazido para você também. — Ele sorri. — Eu posso jogar duas fatias desse bolo ridículo também.

Eu espero por Alia responder. Embora eu seja a pessoa que a fez participar do casamento, de alguma forma, depois de sobreviver, essa justificativa de repente parece boa. Ela sentou-se e sorriu através do seu coração partido, e o peso do que devemos fazer e do sofrimento durante uma última festa não é necessário. Podemos nos aposentar com este álibi e nos preparar, completamente dispensadas por um dos confidentes mais próximos do rei.

Talvez a doença dela, o coração partido que até a própria noiva notou, junto com uma nota minha, a garota que chegou para buscá-la em casa, bastarão para que possamos sair do palácio sem mais despedidas do que uma simples nota de obrigada. Ninguém pensará duas vezes sobre nós no caos que certamente acontecerá nos minutos e horas após o rei ser encontrado morto.

Will e eu esperamos, nossos dois olhos ficaram olhando para Alia. Permitindo que seja sua decisão.

Alia balança a cabeça - *eu estou bem* - e pega o braço de Will.

Alia é forte. Alia ama a pompa. Estas são as razões pelas quais digo a mim mesmo que ela disse sim.



Não que ela acredite que iremos falhar. Não que essa dança seja literalmente a última.

Dentro do salão de baile, homens e mulheres rodopiam com o tempo, todos os movimentos coreografados. As peças da sociedade moderna retratadas em uma metáfora agitada de toques de mão e ganchos de cotovelo, reverências e giros.

— Ah, as danças. — Diz Will. — Você vai ser magnífico nisso, Alia.

Seus olhos mudam, observando o casal feliz rodopiar. Sofie é uma nuvem de babados e pele brilhante, e as safiras na coroa de Niklas captam a luz do candelabro a cada torção e passo. Novamente, ele está incrustado com coisas bonitas que ele colecionou - o anel vermelho da bruxa do mar em sua mão direita, mais atraente do que a nova e fina faixa de ouro à sua esquerda; ainda outro broche dourado; um relógio de bolso.

A pista de dança é cheia de espectadores com várias pessoas com copos no ar. Vinho de verão, fugaz como é, cobiçado neste final antes do outono. Hvidtøl - cerveja branca, como o pai prefere - flui livremente para canecas tão grandes quanto a minha cabeça.

Comida - tanta comida. Se há algo que precisa ser consertado em nossas lições sobre cultura humana, é o fato de que a comida tem um papel incomparável. Uma baleia inteira em filetes é apresentada em um espeto, assando baixa e devagar até que a carne e a gordura de baleia caiam do osso, apanhadas antes de mergulharem nas chamas abaixo. As últimas frutas do verão, maduras e brilhantes com açúcar e xarope.

E, no canto, como Will insinuou, há um enorme bolo, com a cobertura do azul de Havnestad, um lado do bolo estampado com uma representação do brasão de Øldenburg feita de açúcar, e uma urtiga vermelha e branca. Casaco de folhas eu suponho que é o brasão de Holsten.



A música termina e os dançarinos se alinham novamente, trocando de parceiros. O olhar de Niklas encontra Alia na multidão. Espero que ele chame por ela. Para pedir que ela se apresente, mesmo sabendo que ela está doente, o prazer dele em vê-la dançar mais do que a preocupação com a luta física dela.

Estou prestes a puxar o ouvido dela para os meus lábios e informá-la se ela vai até ele como seu animal de estimação, vou acabar com ele aqui mesmo. Mas então Will se levanta novamente.

—Alia, se você quiser experimentar, eu serei seu parceiro.

Outra gentileza desse garoto.

Alia olha para os dançarinos, fazendo fila novamente. Atrás deles, os músicos se redefiniram. Niklas e Sofie trocam copos cintilantes de vinho de verão. Minha irmã concorda e Will estende o braço.

A chegada de Alia na pista de dança é algo grandioso, os foliões se separam para ela como água ao redor da proa de um navio. Todos os olhos vão para ela, sabendo que eles estão prestes a ver algo realmente especial.

É claro que Niklas também percebe, olhando para cima com muita rapidez do seu copo de vinho. Ele engole e gagueja, tossindo. Sofie pula para trás, pressionando os babados de seu vestido na curva de seu corpo, na esperança de manter o tecido claro. Alguém lhe dá um tapinha nas costas e um lenço é produzido. Ele levanta a mão - eu estou bem - enquanto pressiona o lenço contra a boca com a outra. A música começa de novo, e ele acena para qualquer um que desça sobre ele, assistindo a próxima rodada de dança com os olhos lacrimejantes.

Te serve bem.

Há um número ímpar de pretendentes masculinos e Sofie é atraída para a disputa. Ela vai sem um segundo olhar para o marido, derretendo na música.



Quase imediatamente, seu pai leva o lugar da noiva ao lado de Niklas. O homem mais velho se inclina para o ouvido do rei. Niklas mantém o lenço na cara, mas está claramente dizendo algo para o homem. O pai de Sofie aponta o queixo para as portas francesas e a sacada de mármore. É quase imperceptível, mas o rei concorda.

E então algo estranho acontece.

Eles se separam.

O rei indo para um lado, seu sogro indo para outro.

Eu verifico Alia e Will – no meio da canção, e bochechas rosadas - e ombro através da multidão que faz fronteira com a pista de dança. Quando passo, pego um prato de bolo do prato de um garçom, esperando que meus movimentos pareçam naturais. Eu sorrio e gesticulo para a confecção enquanto eu escolho meu caminho através da sala. Há algumas pequenas mesas redondas encostadas na parede, e consigo pousar meu prato em uma que dá para a porta aberta da sacada.

Lá, como esperado, está o rei, encostado no corrimão, a brisa da água testando o porão da pomada em seu cabelo.

Eu tomo uma garfada de bolo... e imediatamente engasgo.

Como em nome da Urda esses humanos podem comer algo tão doce como isso e ainda ter dentes?

Quando a mordida suja é cuspidada com segurança no meu guardanapo, volto os olhos para a sacada.

Niklas ainda está lá, de frente para a água. Outro homem chega até ele - não o pai de Sofie, mas alguém vestido como guarda do palácio. Colocando uma mão dentro de sua jaqueta, o guarda pega um envelope e o coloca na palma da mão do rei. Niklas não diz nada ao guarda, que, feito o dever, vira-se e dirige-se para o salão de baile.

Quando a música chega ao fim, eu procuro a sala para o Barão Gerhard. Ele está bem onde Niklas o deixou, batendo



palmas educadamente quando a música termina.

O rei entra, sorrindo e batendo palmas como se nunca tivesse saído. E, pela primeira vez, em vez de ver Alia primeiro ao entrar na sala, ele se concentra em Sofie, todo sorrisos.



13 - Runa



A recepção vai até à meia-noite. O rei e sua noiva se retiram, mas Alia e eu nos certificamos de ficar alguns minutos a mais. Quanto mais pessoas nos veem aqui - felizes, sorrindo e dançando.

Alia está exausta quando voltamos aos confins dourados do nosso quarto. Ela está falhando agora, o tecido do feitiço que a mantém nesse corpo se desgastando nas bordas e se enfraquecendo a cada momento. Eu a ajudo a ir para a cama, enxotando as empregadas que vieram nos ajudar a se despir. Ela precisa de todo o resto que conseguir.

No entanto, de alguma forma, o cansaço dela me energiza. Eu não posso deixá-la desaparecer, o cansaço se construindo até que ela não possa fazer nada além de esperar que seus ossos se dissolvam na espuma do mar. Eu não posso. E assim, embora seja minutos até a manhã, eu fico acordada, me preparando.

Eu convoco uma empregada, pedindo que ela pegue um pergaminho, um pote de tinta e uma caneta. Quando ela volta com os meus itens, eu peço que ela encontre outra casa para os vestidos, roupas de baixo, meias e chinelos que foram presenteados para nós durante a nossa estadia. Tudo



isso é um álibi - esperançoso o suficiente para nos comprar tempo antes de virem nos procurar.

Quando ela sai, eu me sento na penteadeira.

Obrigada pela sua gentileza, o rei Niklas.

Nunca te esquecerei.

Alia de Helsingør

Nosso álibi fortificado em tinta, eu testo minha magia novamente, em frente ao longo espelho.

— Blakkr. — Eu sussurro para o meu reflexo.

Mais uma vez, a magia, uma vez tão vigorosamente presente, flui de um lugar distante. Ouvindo, mas tendo que viajar para atender a chamada. Eu pego, implorando para ficar perto. Vou precisar hoje à noite. Ainda assim, o feitiço faz o seu trabalho, escurecendo o azul do meu vestido para o negro mais escuro da noite lá fora.

Repito, na esperança de mudar meu cabelo. O atalho torna muito mais reconhecível do que eu gostaria, mas o feitiço não vai mudar isso. Repito mais uma vez, mas ainda assim, nada.

— Maldita bruxa.

Meus olhos se prendem no pote de tinta na mesa. Eu mergulho a ponta da caneta na panela até que a tinta fique pingando e escorra da ponta, e então a passo em uma mecha através do meu cabelo. Uma fita de preto aparece imediatamente, a magia da bruxa não está imune aos poderes da tinta.

Excelente.

Quando eu terminei meu cabelo, decidi testar minha mágica em Alia - o cabelo dela não foi afetado pelo mesmo feitiço teimoso que o meu. — Blakkr.

Em menos de um minuto, o cabelo dela está tão negro quanto a noite - e, de repente, somos muito menos reconhecíveis. Satisfeita, eu a acordo e ela não está feliz com isso, os olhos piscando fortemente. Alia segura um único dedo indicador.



Mais uma hora.

— Não. Há menos de cinco horas até o amanhecer. Não podemos esperar mais. Eu sinto muito.

Alia não protesta novamente, mas ela demora a se mexer. Tudo o que ela faz é a uma velocidade reduzida. A resistência de tudo pesa em seus movimentos enquanto eu a ajudo a balançar as pernas e ficar em pé. Seus olhos se fixam no espelho e, de repente, seus olhos entreabertos se abrem, com uma estrela-do-mar.

Seus dedos voam para o vestido, o rosto, o cabelo. Ela suspira silenciosamente, suas mãos se movendo furiosamente enquanto ela encontra energia mais que suficiente para marchar até o espelho.

Ela gira ao redor para ver melhor o que eu fiz. Girando para me encarar, suas mãos se movem novamente em uma enxurrada de sinais.

Eu pareço estar jogando a bruxa do mar no palco!

Eu quase rio. — Ok, você está certa, mas se você se parece com ela, então você não se parece com você mesma. Vê? Disfarce perfeito.

Alia resmunga silenciosamente, levando a mão ao cabelo mais uma vez.

Eu puxo a faca de onde eu escondi no meu espartilho e ofereço a ela. Os olhos de Alia caem para a lâmina serrilhada, sua réplica morrendo em seus lábios enquanto ela estende a mão e a pega.

— Pronta? — Pergunto-lhe enquanto ela pesa a faca na palma da mão.

Seus olhos encontram os meus, suas mãos estão calmas. *Como eu sempre estarei.*

Alia foi para as câmaras reais. Eu posso dizer pela falta de hesitação em seus passos enquanto escapamos pelas sombras de cada corredor, serpenteando até uma parte do castelo onde eu não estava.



Eu não pergunto a ela porquê. Onde. Quando.

Seja qual for o motivo, isso não resulta no amor que ela precisa. Não faz sentido piorar as coisas com perguntas.

A faca pendura mais pesada em seu vestido do que o esperado; mesmo com seus passos fluidos e flexíveis, cria um engate no tecido. Está oculto, mas está inegavelmente lá.

Nós viramos uma esquina, e há um guarda do lado de fora da porta da câmara externa. O homem está acordado, uma pistola recém-engatilhada captando a luz fraca de um único candelabro.

Não precisamos de um pedido com a boca nem de um sinal de mão entre nós. Eu sei exatamente o que precisa ser feito e faço antes que ela possa perguntar.

— *Ómegin. Rata.* — Eu sussurro.

Aquecida, minha magia se sente mais perto, e o guarda imediatamente adormece onde ele está, seu corpo batendo suavemente na parede atrás dele.

Nós não hesitamos, passando por ele, tomando cuidado para fechar a porta gentilmente atrás de nós. Embora o feitiço funcione para induzir o sono, o seu sono ainda pode ser perturbado.

Como em nossa própria casa, os aposentos do rei são enormes e consistem em quartos e salas - uma biblioteca particular, escritório, sala de reunião, sala de estar. No final de tudo está o quarto de dormir, as portas abertas. A lua paira fortemente no céu, sua luz prateada caindo de uma grande varanda privada que ocupa um lado da sala, com vista para o mesmo pedaço de água visto da varanda de mármore. A energia do mar carrega a sala, o sal pesado no ar, e eu quase sinto que estamos prestes a entrar no covil da bruxa - aço-tonificado e assombrado por quase-fantasmas.

Alia também pode sentir isso. Ela dá um único passo acima do limiar e congela, seu olhar fixo na cama.

Niklas deita-se de costas, numa cama cheia de peles de grandes animais que vagueiam pela terra de



cima longe de Havnestad. Sofie está ao lado dele, com o cabelo espalhado sobre o travesseiro em pedaços de cachos curtos e desarrumados, bagunçados contra a seda gloriosa.

Eles não estão se tocando.

Não que eu esteja surpresa. É difícil fazer um bom show na mente inconsciente.

Eu cutuco Alia para frente.

O anel. A faca. O sangue.

Ela não vai se mexer, então eu vou na ponta dos pés para a penteadeira, onde a coroa do rei repousa sobre um travesseiro, e seus outros objetos brilhantes brilham ao luar. O anel vermelho está lá, aguardando seu dedo na luz da manhã. Eu deslizo o anel no meu polegar.

Feito, eu volto para minha irmã. Ela não se moveu. A faca está na mão dela, mas ela ainda está ao pé da cama, com os olhos presos à subida e descida do peito dele.

A lua está mais baixa agora, e eu sei que estamos muito mais perto do amanhecer. Temos talvez quatro horas, mas do jeito que ela está agora, ela pode ficar aqui a noite toda.

Seus olhos piscam para o meu, o azul um mar tempestuoso na luz de seda.

Eu não posso. Eu não vou. Isto está errado.

Tudo isso toca em seu rosto quando ela deixa cair a faca e ela bate no mármore. A ponta fina de pergaminho se solta, estragando a única coisa que pode manter nossos futuros intactos.

Eu me esforço para a faca e, embora quebrada, sua magia fria parece não ser afetada. O barulho, porém, é suficiente que o rei se mexa em sua cama. Eu olho de seus olhos esvoaçantes para minha irmã e ouço um sussurro. — É assim que deve ser.

Estou aqui para salvar minha irmã. Isso é o que devo fazer.

Eu chego atrás dela e a envolvo em meus braços, forçando as mãos ao redor do punho da faca.



Ela está lutando - cotovelos voando em minhas costelas, se afastando. Usando cada grama de força, eu levo os dois para a beira da cama. O rei se mexe levemente, e o lençol cai, expondo seu peito.

É agora ou nunca.

Eu levanto a faca acima de nossas cabeças. E sussurro um lembrete final em seu ouvido. — É o que você deve fazer.

Então eu mergulho a faca em direção ao seu coração. As mãos de Alia seguem com as minhas... e então elas não são. Minhas mãos são deixadas sozinhas no cabo da faca quando elas quebram a pele, a lâmina atravessando seu coração.

Os olhos do garoto se abrem, sacudidos pela dor súbita.

Nós fechamos os olhos, Niklas e eu, e... O menor ponto de remorso desmorona da minha raiva, antes que seus olhos se fechem pela última vez.

Alia agarra meu braço naquele momento, tentando soltar a lâmina - como se ela pudesse ser desfeita.

Ah, Urda, eu queria que pudesse.

Eu matei ele, não Alia.

Eu pressiono Alia para frente, tentando empurrar seus pés para o quadrado de mármore onde seu sangue certamente gotejará a qualquer momento. Mas ela encontra outra onda de luta dentro dela e usa o meu ímpeto para nos puxar de volta. A faca desaloja, mais na mão dela que na minha.

Alia e eu batemos no mármore, seu peso total caindo com impacto no meu corpo. Minha cabeça balança para trás e bate no chão duro como um diamante, minha visão fica embaçada quando uma picada quente do meu próprio sangue escorre em algum lugar do meu couro cabeludo.

Minha irmã se afasta de mim, com a faca na mão - a maior parte do sangue espirrou da faca e caiu no mármore quando ela bateu. Eu tento encontrar as palavras para dizer a ela para limpar a lâmina em seus pés, apenas no caso de

Urda aceitar meu sacrifício no lugar dela, mas



minha língua não vai obedecer à minha mente. Antes de mim, Alia vacila entre tentar me ajudar e pegar Niklas como se ela pudesse consertá-lo.

E então há um grito uivante.

Sofie.

Ela está acordada e chorando, as mãos cobertas de sangue do marido, que ela limpa furiosamente em sua camisola. Espero que ela mergulhe para nós, acreditando que a própria vida está em risco e vá em busca da faca.

Mas, em vez disso, ela pula da cama, pegando um livro da mesinha de cabeceira enquanto ela avança para passar por Alia e chegar ao limiar.

Alia a bloqueia, tentando impedi-la de sair, mas Sofie empurra Alia para longe, e ambas tropeçam em direção à varanda. Alia cai para trás, batendo o pulso em uma cadeira encharcada de luar. Seus dedos se abrem e a faca avança para trás.

Sofie agarra o livro novamente, e passa correndo onde eu deito, quebrada no chão, trabalhando para ficar de pé. Enquanto ela vai, eu não sei dizer se as batidas na minha cabeça são do sangue que sai do meu corpo, seus passos no mármore ou a pressão dos guardas.

Alia se levanta, correndo para a beira da sacada, olhando para o lado. Eu sei pelo suspiro imediato de seus ombros que a faca desapareceu sob as ondas. Mesmo que a bruxa do mar possa recuperá-la, nossos destinos estão selados.

Ela se vira, os olhos absorvendo Niklas, o rosto na cama, o sangue encharcando os lençóis e as peles.

Eu fico de pé, tonta. — Eles estão vindo. — Eu não posso dizer o quão alto é minha voz. Pode ser um grito; poderia ser um sussurro; não poderia haver nenhum som real.

Alia agarra minha mão. Eu não sei aonde vamos, mas não podemos estar aqui.



Os passos estão crescendo agora. Vários homens correndo.

Alia nos puxa para fora do quarto e para a sala de visitas, para uma estante de livros. Ela puxa com força um volume magro de couro verde empoeirado e toda a estante se move. Pelo menos eu acho que sim - minha visão é dupla agora, uma explosão de roxo apagando quase tudo que eu possa ver.

Então nós entramos no escuro e começamos a correr.



14 - Evie



Eu pego meu caldeirão, os dedos nas bordas furadas, os nós dos dedos ficando brancos. Antes de mim, tudo foi para o inferno.

O anel de Nik está no polegar de Runa, mas a garota está ferida, sangrando pela cabeça.

Além dela, Alia investe com a faca na mão na noiva do menino, que está gritando. Não há som na minha visão, mas só posso imaginar o castelo inteiro e metade de Havnestad piscando os olhos abertos para o barulho.

Na cama, o neto de Nik respira fundo nos lençóis e peles. De alguma forma, não consigo desviar o olhar dele. Apesar dos anos, ele me lembra mais Nik do que eu esperava - cabelos escuros, construção grande, orelhas que poderiam corar nas pontas da garota certa.

Talvez com o feitiço certo, eu pudesse consertar tudo isso. Cure-o, traga-os de volta e não perturbe Urda. Talvez-

—Saia, sua velha lula. Explique-se! —Uma voz estrondosa ecoa em todo o meu covil. É antiga e feminina, mas ninguém acusaria esse som de ser fraco.

Com o coração em conflito na garganta pelo neto de Nik Alia e Runa apago o turbilhão no meu caldeirão e



apressadamente me endireito, preparando-me para o furacão que está por vir.

Uma mulher parece muito mais velha do que eu. Muito mais velha que o rei do mar também.

Rainha Mãe Ragnhildr.

Ela é ágil, com cabelos compridos tão brancos que brilham, retos e leves o suficiente para que ele gire em torno de seu corpo como um halo. A antiga sereia está nadando para mim, em plena velocidade, na direção de onde permaneço firme.

A fúria está em seus movimentos, seu rosto, seu cabelo. Ela levanta a mão, pronta para derrubar meu caldeirão no ramo de pólipos mais próximo - muito parecido com Runa, dias antes.

Antes que ela ponha um dedo envelhecido no meu pote, o caldeirão explode em chamas vermelhas. Seus reflexos antigos fazem seu trabalho, pegando sua mão do calor escaldante e - impressionante - ela não perde o foco.

— Como você se atreve, sua bruxa! — Ela grita. — Colocando em risco duas das minhas netas dando-lhes pernas e enchendo a cabeça de esperança.

Eu encontro sua raiva com uma voz calma e incolor. — Todo mundo sabe que suas netas crescem em árvores. Você ainda tem oito à esquerda.

— Bah! Oito não é dez. Ou você só pode contar tão alto quanto seus tentáculos?

Eu levanto uma sobrancelha, a voz ainda calma. — Provas de escola de uma mulher com mais de dois séculos? Eu espero melhor de uma mulher de sua reputação e estatura, sua peixe velha.

Os olhos da mulher brilham e sei que ela mordeu a isca.

— Isso parece velho para você?

Eu me preparo para uma demonstração de força bruta como a que seu filho atirou em mim, mas onde o rei do mar



prefere um cutelo, sua mãe emprega um bisturi de lâmina afiada.

— *Féra!* — Ela grita. Uma luz avermelhada e sangrenta corre à queima-roupa na minha testa.

Eu mergulho e bato a areia com força enquanto ela grita o comando de novo e de novo. No segundo em que meu ombro bate no fundo do mar, eu me inclino para trás, as areias de estanho rodopiando em volta de mim como fumaça.

— *Reykr!* — Eu grito de volta. A areia cinzenta responde, erguendo-se em uma nuvem tão densa quanto uma aldeia em chamas, e sopra em direção à velha sereia em uma massa ofuscante.

Ela está mais do que pronta, com a amplitude de seus poderes e anos na ponta dos dedos. Quando os primeiros tentáculos da minha bomba de areia chegam até ela, ela já gritou um comando. — *Vaxa bálkr!*

Em um piscar de olhos, todo o alicerce do meu covil começa a mudar e a tremer. Uma parede de trepadeiras sai da areia morta, espessa e protetora. A parede repele meu próprio feitiço, enviando a pluma de areia diretamente para o meu rosto. Quando começo a cortar e tossir, a sereia grita de novo por trás da parede. — *Vaxa hellir!*

O fundo do mar dá outro arrepio furioso, e de suas profundezas, mais uma parede se ergue, uma grande circunferência, ao meu redor, o caldeirão e Ragnhildr. Enquanto as vinhas se entrelaçam, os sons do oceano ficam em silêncio. Até Anna foi cortada, a árvore pólipó excluída do nosso casulo. A parede entre nós murcha.

— Finalmente, velha amiga. — Ragnhildr estende a mão, sua pele quase translúcida com a idade. Eu pego, deixando ela me ajudar a sair do fundo do mar - e então eu ofereço a ela um sorriso.

— Eu deixei você ganhar, sua peixe velha.



— Ouvi dizer que tivemos um contato. — A voz da mulher é mais suave agora. — Estou feliz que você esteja bem.

— Eu quase não fiquei. O poder do seu filho é imparável sob o feitiço de ríkifjor.

Ragn sacode a cabeça, os colares empilhados em volta do pescoço tilintando. — O ríkifjor poderia ter sido um presente, mas ele usou muitas flores, eu me pergunto se ele pode sobreviver sem elas. Muito de uma coisa boa pode ser uma maldição pior do que quase qualquer outra coisa.

Ela diz isso e, mais uma vez, lembro dos meus erros fatais com o Tørhed. Eu fiz tudo pior tentando curar a seca com meus feitiços de abundância. Sim, muito de uma coisa boa pode significar a morte tão facilmente quanto não o suficiente. O equilíbrio é crucial para todos os seres vivos e as estruturas que os sustentam.

Ragn continua. — No entanto, mesmo com o ríkifjor e tudo o que isso lhe custou, ele não é poderoso o suficiente para fazer as coisas que ele quer. Ele não pode ter suas filhas de volta. Só você pode fazer aquilo. E embora eu saiba em algum lugar desse crânio espesso que ele as ama, acredito que ele ama mais o que elas podem fazer por ele.

— Eu concordo. — Eu digo. — Ele parecia ferido pela traição de Alia, mas ele não teria vindo para mim por causa de um coração partido.

— Não, aquela lágrima que sentimos o machucou terrivelmente, mesmo que o ríkifjor tenha mascarado seu declínio mágico. Essa droga só vai funcionar por pouco tempo, especialmente agora que Runa também se foi. Com cada pedaço que falta, ele fica mais fraco, a magia delas escapando dele.

Não é uma equação perfeita, mas não posso deixar de imaginar a magia do rei dos mares saindo dele como a força vital das costas de Nik.

Fora do peito do neto de Nik.



— O que ele vai fazer? — Eu pergunto a ela. Não estou preocupada que o rei do mar me mate - não mais. Ele está esperando que ele possa me manter à beira do medo tempo suficiente para que eu faça o que ele mandar. Mas há muito pior que ele poderia fazer do que acabar com a minha vida apenas usando o que restou dela.

— Você quer dizer que depois que ele terminar de me fazer lances contra você por mandar Runa embora e deixar as outras?

Eu sorrio um pouco. — Ele não gosta do novo visual delas?

— Você está empurrando ele, lula velha, e estou preocupada. — Diz ela. — Mesmo aparando os cabelos... essa perda é dolorosa também. Levará uma eternidade para o cabelo crescer novamente.

Sim, eu sei. Elas não podem fazer essa magia. O cabelo é mágico em si - e é imune a tudo o que elas tentarem.

Oma Ragn puxa uma respiração longa e firme. Quando ela fala de novo, o peso de seus duzentos anos colore sua voz.

— Os humanos são fracos pela grande guerra acima - a guerra sempre faz isso, você sabe. A guerra vai ao ar em todos nós e deixa-a apodrecer à luz. — A velha mulher esboça um sorriso triste. — E enquanto a fealdade deles apodrece, a magia humana deles é quase inexistente para pará-lo. Que melhor momento do que agora para atacar e mudar o equilíbrio da magia permanentemente?

O rei do mar vai atacar os humanos. Eu nunca pensei que isso poderia acontecer. Por milênios, os sereianos sobreviveram como lenda. Atacar os humanos significa dizimar a lenda e a segurança que vem com ela. O ríkifjor o deixou bêbado de ambição.

Eu pisco e vejo aquele menino rei morrendo na cama. Talvez se houvesse magia em terra, ele poderia não ter pedido comissionamento ou colocar aquelas minas, todas as coisas que seguramente colocaram o rei do mar



no limite. No entanto, ainda assim, atacar primeiro e destruir nossa mortalha de mistério não trará nada além de mais morte para nós abaixo.

— Mas quem vai lutar ao lado dele? — Eu pergunto. — Ele passou os últimos cinquenta anos garantindo que os seres humanos comuns tenham pavor da superfície.

Sua resposta é imediata e firme. — Ele plantou medo dentro deles. Ele sabe como semear e crescer no que ele precisa ser.

Minha mente volta para o Sankt Hans Aftens da minha infância - uma fogueira em uma praia destinada a renovar o medo e o ódio de minha espécie, para provar que somos diabos, que não pertencemos, que queimamos, afogamos ou somos banidos foi a única maneira justa de ir. As coisas são diferentes agora nos anos desde que eu salvei Nik, mas as sementes desse medo foram semeadas profundamente o suficiente para que fosse preciso um ato de amor muito público e traumático para mudar qualquer tipo de percepção.

Quando essa verdade me domina, Ragn fala novamente, desta vez tão quieta e incerta quanto ela estava mandando e certa apenas um momento atrás. — O que devemos fazer, Evie?

— Ele enviou você aqui para me enfraquecer novamente. Me ameaçar novamente. Me fazendo pensar que ele está ganhando, então meus poderes serão dele para usar como ele achar melhor. — Faço uma pausa porque odeio o que devo sugerir. — Precisamos fazê-lo acreditar que ele conseguiu.

Ragn acena com a cabeça. — Ele é um homem difícil de convencer. Eu meio que acredito que ele me enviou aqui como um teste - ele sabe que tivemos contato.

Claro que ele acredita.

— Você não pode continuar voltando aqui. — Eu levanto um tentáculo. — Eu tenho uma ideia.



Sim, isso pode funcionar.

Eu pego uma lança fresca de espadarte e a esterilizo sobre o fogo mágico que mantenho quente sob o meu caldeirão. Então, antes que eu possa pensar sobre a dor, eu tiro uma parte do tamanho de um pé de coelho da ponta de um tentáculo. O sangue escurece quando a noite cai, e eu cauterizo a ferida com a lança quente do peixe-espada antes de me virar para segurar a ponta do tentáculo para Ragn - minha única e verdadeira amiga em todos esses anos.

— Leve isso para ele como um presente. Um troféu roubado pelas habilidades de sua mãe. — Ela o pega, mas antes que possa colocá-lo em uma das muitas correntes de ouro em volta do pescoço, eu a paro. — Segure-o ainda, por favor.

Ela faz exatamente isso, meu sangue escorrendo em suas mãos. Eu mergulho um dedo nele e corro ao longo de um lado virado para cima. Então, eu agito o mesmo dedo no conteúdo do meu caldeirão, sussurrando quase o mesmo feitiço que me trouxe a minha visão da luta no quarto do rei Niklas apenas alguns minutos antes. Embora o rei do mar tenha me impedido de ver o fundo do mar, ele não tem controle sobre o que eu vejo na terra.

— *Líta. Heyra.*

A lança brilha com a luz dourada por um momento rápido antes de desaparecer no mesmo tom monótono de ônix do restante da ponta do tentáculo.

O sorriso resolutivo de Ragn está de volta. — Bruxa inteligente.

— Veja que ele use seu troféu com orgulho e com frequência.

— Eu vou enfiar no cinturão dele eu mesma.

Ragn coloca o tentáculo em segurança em volta do pescoço e sei que ela deve voltar. A última coisa que precisamos é o rei do mar nos seguindo e nos surpreendendo.



Eu a puxo para um longo abraço. — Tome cuidado, sua peixe velha.

— Você faz o mesmo, minha amiga.

Quando nos separamos, eu dissolvo as videiras, deixando-nos ao ar livre. A velha sereia sai sem uma palavra.

Quando ela se vai, Anna não pode se ajudar. — Evie, você está ferida.

— Não é nada. — Eu digo, e viro as costas para ela. Eu quase a deixo em silêncio novamente quando a ouço respirar, mas ela para quando percebe o que estou fazendo.

Eu me inclino sobre o caldeirão, girando o conteúdo o mais rápido que posso com uma lança limpa de espadarte. Então, quando a tempestade começa a girar sozinha, eu soletro o quarto do rei de volta à minha vista.

— *Líta.*

A sala está cheia de homens com uniformes combinando e expressões chocadas. O rei está morto, seu sangue no chão.

As garotas se foram.



15 - Runa



As primeiras pétalas do trovão abraçam o solo e o céu enquanto nós saltamos do centro do Castelo de Øldenburg. Um painel não marcado nos leva a um pedaço de terra equilibrado entre o castelo e o rochedo caindo no mar cinzento e agitado.

Um estalo de raios atravessa as nuvens e, por um momento, estamos completamente expostas. Vestidos pretos, claramente disfarçados, claramente fora de lugar e em fuga. Nós temos que sair daqui. Minha cabeça está confusa e ensanguentada, e sei que meus pensamentos coerentes agora correm apenas com adrenalina, mas nossas opções não são boas. Nós não podemos voltar para o castelo. É fácil imaginar as notícias da morte do rei se espalhando como fogo pelo reino - as janelas se acendem uma a uma, sinalizando para outra pessoa que sabe. Outra pessoa nos procurando. E nós não podemos chegar à água. A partir daqui, mesmo como sereias, não sobreviveríamos a um mergulho na enseada ou no mar propriamente dito sem quebrar um osso ou vários. Nestes corpos humanos, podemos apenas quebrar nossos pescoços e nos afogar.

Nossa única escolha é correr.



Direto para o gramado aberto que se espalha em frente ao castelo.

Ainda não está cheio com homens; Estará em breve.

Eu pego a mão de Alia enquanto do céu despenca em chuva, colando nossos cabelos em nossos olhos. — Nós vamos ter que perdê-los na cidade. Você já foi lá? Ele? Você conhece o seu caminho?

Alia balança a cabeça.

Não importa. Nós vamos encontrar o nosso caminho. Eu aperto meu aperto na mão dela e dou um passo correndo, mas ela me para com um puxão forte, seus saltos cavando. Então ela está assinando.

Bruxa.

— Eu sei, nós não satisfazemos a bruxa do mar. — Eu sussurro com pressa. — Vamos resolver isso mais tarde. Nós vamos encontrar um jeito, mas não podemos conversar aqui. Vamos-

Eu sou cortada por outro trovão alto o suficiente para roubar as palavras da minha língua. Todo o céu se ilumina como no meio do dia - brilhante o suficiente para que nós duas fechemos os olhos instintivamente.

Quando eu pisco de volta para o presente chuvoso, é para o latido alto das vozes dos homens. Na varanda, um par de guardas apontam diretamente para nós, entrelaçados, ainda à vista.

— Corre!

Assim como no primeiro dia em que ela correu do jardim de rosas do castelo, Alia é rápida e graciosa, avançando em uma corrida de cabelos molhados e sedas negras. Eu tropeço atrás dela, mais certa do que dois dias atrás, mas eu hesito mais do que gostaria a cada passo.

— Lá vão elas! — Um homem grita, correndo pelos mesmos grandes degraus onde eu entrei no castelo em busca de Alia. — Peguem elas!



Eu não sei quantos homens ele comandou, mas as botas batem nas escadas e então as calçadas são aterrorizantes em número. No entanto, ainda pior é quando eles ficam em silêncio, o progresso de cada homem engolido pela almofada macia do gramado.

Agora é Alia, rápida Alia, agarrando minha mão. Me puxando. Nós serpenteamos até o final do gramado e atingimos novamente os paralelepípedos quando chegamos à fileira de imponentes moradias cortesãs que se aproximam dos terrenos do castelo. Alia não hesita, seu passo forte e seguro enquanto ela me puxa para baixo por uma servidão florida entre duas casas, imponente e silenciosa.

Dou um olhar atrás de mim e deve haver vinte guardas uniformizados correndo em nossa direção, enquanto mais pessoas - guardas, funcionários do castelo, convidados - entram na chuva como se todo o Castelo Øldenburg estivesse em chamas.

Em algum lugar, os sinos tocam, gritando as notícias. *O rei está morto! O rei está morto! O rei está morto!*

Quando eu volto para Alia, quase chego em seu ombro quando ela percebe que nós encontramos um beco sem saída. Uma pedra do tamanho de um navio está em nosso caminho, uma imensa e imponente parede de pedra. A água da chuva corre pelo rosto erodido - seria impossível escalar em nosso estado atual. Ele curva para a nossa esquerda, engolindo qualquer opção que teríamos que dar a volta por esse caminho.

Nossa única escolha: escalar a cerca do jardim à nossa direita e torcer para que possamos chegar à cobertura da cidade antes que os guardas percebam o caminho que seguimos.

Alia já está me puxando para a cerca de ferro, com suas espirais espetadas e imponentes. Ela começa a subir - suave e eficiente, apesar da água da chuva fazer um bom trabalho



em suas mãos. Minha irmã: graciosa, ágil, atlética.

Minha cabeça está latejando forte o suficiente para que eu não tenha certeza se consigo minhas mãos e pés se movendo na mesma direção. Eu agarro a cerca abaixo dela, sentindo-me completamente descoordenada.

Alia acena de onde ela já escalou a cerca. Fique lá.

Então ela desaparece.

Em um momento, ela reapareceu, abrindo um portão de privacidade escondido e pegando minha mão. Estou me movendo antes de comandar minhas pernas para fazer isso.

Nós serpenteamos através de um pátio lateral enquanto as persianas se abrem e as lâmpadas se acendem ao nosso lado. Uma mulher começa a gritar para nós como se fôssemos vermes na despensa. — Fora do meu jardim! Fora!

Nós atravessamos o portão da frente dela, esperando por um momento livre para enrolar ao redor do canto da cerca e seguir direto para a cidade adjacente.

Em vez disso, ficamos cara a cara com um par de guardas. Há a menor hesitação, pois um guarda não pode decidir se ele deve gritar um alarme ou nos atacar. Enquanto o outro começa a gritar, sua mão se atrapalha com a pistola ao seu lado. No meu torpor, suas reações se desenrolam como os últimos tentáculos de uma música, e isso me dá tempo suficiente para encontrar um feitiço na ponta da minha língua.

— Ómegin! Rata! Ómegin! Rata! — Eu choro, apontando minhas palavras e meu esforço para o idiota com a arma e depois para o outro no momento em que sua mão pega um pedaço da saia de Alia.

Felizmente, a magia vem novamente, assim como aconteceu fora dos aposentos do rei. É o suficiente para que ambos caiam no chão, parecendo estar morrendo. Alia agarra minha mão. O vestido dela está rasgado, sua pele branca de uma perna cintila durante a noite. A penugem desaparece da minha cabeça, uma chamada de



perto fazendo tudo de repente afiado o suficiente para tirar sangue em qualquer lugar que eu olhe.

Estamos correndo de novo, desta vez em uma rua real, apontada para o declive da cidade enquanto ela sobe a passagem de Lille Bjerg. As lojas correm à medida que ganhamos velocidade. Alia é minha bússola, atravessando os paralelepípedos, atravessando as sombras e desviando por becos. Atrás de nós, vozes soam. Nós não estamos nos movendo rápido o suficiente, mas eu mal posso manter essa velocidade. Minha cabeça está latejando agora, e o sangue está parado, emaranhado no meu cabelo, apesar da chuva. Mais uma vez, meus sentidos ficam tontos quando minha adrenalina diminui. De cabeça para baixo, vejo o caminho diante de mim e dos pés de Alia enquanto ela corre. Tenho que ver cada passo antes de pegá-la, ou sei com certeza que vou cair de cara no chão.

Impossível, Alia acelera seu ritmo, me arrastando como uma baleia abatida. Quando eu pisco do chão, vejo por que: chegamos ao ponto em que a rua termina e a trilha da montanha começa. Depois da trilha, há uma curva imediata nas árvores. Nós finalmente alcançamos alguma cobertura. Eu trago uma respiração enorme, o coração martelando na minha garganta. Mas não podemos parar agora. Subimos correndo pela chuva por caminhos rochosos repletos de galhos e arbustos que se soltaram da tempestade, até que o mundo é uma densa cobertura de arbustos e árvores.

Do nosso lugar acima, nós rastreamos o caminho dos guardas, espiando através dos arbustos para ver os postes de rua piscarem enquanto eles batem nas portas e procurar por qualquer um que nos veja.

Ao dar o primeiro passo em direção ao campo, Alia pega minha mão - dessa vez para me impedir.

Eu encontro sua expressão e sei que estou pronto para isso. Aquela raiva se construindo enquanto ela mantinha



trancada tempo suficiente para nos tirar do terreno.

Eu o amava.

É uma declaração, mas há apenas perguntas em seus olhos. *Como você pode matá-lo? Como você pode matar o homem que eu amo? Como poderíamos pensar que era a coisa certa a fazer? Acabamos de matar o rei!*

Meu coração batendo palpita a cada recriminação nessas perguntas. Que eu sou um monstro. Que eu não fui inteligente o bastante para encontrar outro caminho. E o pior, que nós falhamos, então ele nunca precisou morrer. No entanto, minha raiva e frustração e o desamparo de tudo se combinam até eu explodir nela, minha voz um sussurro, mas ensurdecador em seu silêncio acusatório. — Você concordou! E você sabe que ele não te amava!

Runa, ela assina, e eu quase caí porque ela não usou meu nome desde que eu estive aqui. O sinal é simplesmente dois dedos - um, Alia; dois, Runa.

Não há eu sem ela.

Em todos os anos desde que chegamos a esses sinais, eu nunca soube o quanto isso era verdade.

Ele não merecia morrer.

Eu engulo. Ninguém merece morrer. Mas, mas, mas... Eu cerro meus dentes.

— Como você ainda pode ter algum amor em seu coração por ele depois que você soubesse que ele poderia construir uma arma de guerra e vendê-la ao maior lance? Uma que poderia destruir nossa casa, nosso povo também?

Eu me afasto dela, dando os primeiros passos do outro lado da montanha. O ar está pesado com a chuva que começou a diminuir, e meu vestido gruda na minha pele, seu aperto ficando mais forte a cada passo. Quando secar, será uma parte de mim.

Alia alcança e agarra meu braço para chamar minha atenção, e então suas mãos estão voando através de um sinal



e outro, seus lábios se movendo furiosamente na luz fraca.

Eu não sabia no começo.

Mas você ouviu a Sofie; ele estava se casando com ela por dinheiro. Para seus assuntos.

Esta guerra já interrompeu o comércio. Quem sabe quanto tempo isso vai durar.

Esses barcos eram uma transação destinada a alimentar seu povo – simples.

Eu continuo andando, e ela corre na minha frente e agarra minhas duas mãos nas dela, bloqueando o caminho, então eu sou forçada a olhar para ela. Ela usa as duas polegadas que ela tem em mim com o melhor de sua capacidade enquanto ela olha para baixo - lógica, dor no coração e nosso fracasso no conjunto desafiador de seus ombros.

Niklas era um bom homem.

Alia dirige a faca e espera que eu exploda novamente, assim como ela sabia que eu faria. Eu sou a irmã que diz a ela a dura verdade, mas isso não significa que eu quero que alguém jogue de volta para mim em espécie. Especialmente não sobre isso.

Eu faço careta e dou um tapa nas mãos dela. — Você sabe o quão tola você soa? Eu sei que você é uma romântica, mas como você pode ser tão cega? Quanto?

As cordas do meu pescoço se levantam, e Alia deixa minha raiva rolar sobre ela como uma dor pela qual ela estava esperando. Ansiando por ela. Como pegar uma crosta que você sabe que vai sangrar. Quer sangrar.

Bem. Deixe sangrar.

Eu descubro meus dentes. — Esse dinheiro só iria encher o bolso, matar o seu povo e tornar a nossa espécie vulnerável à descoberta, captura, prisão e assassinato.

Ela sacode a cabeça, enfática.

Você escutou demais o pai!

Os humanos não são a raiz de todo mal.



Como sabemos que eles nos destruiriam se nos descobrissem?

Eu pisei para longe dela, jogando minhas palavras sobre o meu ombro, mais agudas do que deveriam estar. — Eles nos tratariam exatamente como qualquer coisa exótica que encontravam. Nosso tipo seria trancado atrás das grades no zoológico, forçado a se apresentar em circos. Alguns até podem levar nossas barbatanas por prêmios - travesseiros de pele de sereia para descansar em cima de peles como as que estão na cama de seu amado.

Alia para atrás de mim. Eu me viro para puxá-la para frente. Temos que seguir em frente - nossa liderança evaporará antes de sabermos. A cada passo em direção ao campo, estamos perdendo nossa cobertura de árvores. Em meros pés, seremos alvos nus sob as estrelas enevoadas, assim como estávamos no gramado aberto. Mas agora os guardas estão prontos com suas pistolas e possíveis ordens para nos derrubar.

Eles não precisarão nos questionar - Sofie testemunhou a coisa toda. Eles só precisam de nós para pagar.

Alia está parada ali, os ombros balançando, a cabeça pendendo para trás. Ela não faz um som, mas eu sinto o soluço irradiando para fora dela, o som disso se infiltrando em meus ossos.

Ah, Urda

Eu tomo a mão dela agora, mais suave que antes. Eu não agarro ou aperto, mas manejo como se fosse o peixinho mais delicado.

— Vamos... vamos continuar. Onde quer que estejamos indo. . .

Ela funga. Outro sinal.

Bruxa.

Minha cabeça bate com ela fazendo aquele sinal no pátio. Eu pensei que ela queria falar sobre a bruxa do mar e nosso acordo fracassado, mas aqui, onde nós



não podemos nem mesmo ver a água, parece-me outra maneira.

— Espera. Uma bruxa humana?

Ela acena com a cabeça. E então pega minha mão, soletrando letras na palma da minha mão. Ela tem que fazer isso duas vezes para eu formar a palavra nos meus lábios na luz fraca.

K-A-T-R-I-N-E

Katrine? Uma bruxa chamada Katrine?

Ela acena novamente. E aponta para o vale, pois ele deve apontar para o litoral. Então, ela faz outro sinal singular.

Socorro.

Eu hesito. — Eu tenho que lembrá-la da última vez que uma bruxa ajudou uma sereia? Não, essa Katrine não vai nos ajudar.

Eu não posso acreditar em você. Você acha que eu sou tola, mas você regurgita as palavras do pai como se você não tivesse um cérebro em sua própria cabeça!

Ela me bate com força na cabeça para provar seu ponto de vista, mas quase parece se arrepender, esquecendo minha lesão enquanto afundo de joelhos, desequilibrada. Ela me ajuda, mas não pede desculpas quando fecho os olhos e espero que o toque se aclame. Isso não acontece, e parece que nunca, então viro-me e tento passar por ela para voltar para o desfiladeiro da montanha - se sairmos da borda de Katrine, poderíamos perdê-las nas terras ao norte do assentamento do reino.

Mas Alia se planta na minha frente.

Suas flores - ele usou você para sugar cada grama de poder no mar e tirar da terra de tudo que os humanos e o medo das bruxas não faziam. Isso o corrompeu. E você sabe disso.

Eu engulo em seco e paro de tentar passar por ela. Eu sei disso.

Não há mais equilíbrio.



Ela aponta novamente nessa palavra: *equilíbrio*.

Mas trabalhando com as poucas bruxas remanescentes em terra, posso ajudar. Eu posso fazer a diferença. Eu posso restaurar o equilíbrio - restaurar o Pai à quantidade de poder que ele pode suportar.

Magia é necessária aqui para salvar o oceano. Salvar o pai de si mesmo.

Eu adiciono suas palavras juntas até que as peças se encaixam. Penso em tudo o que ela me contou no castelo, em seus planos de fazer a diferença aqui. Minhas próprias palavras soam na minha cabeça

— *Sim, você será uma ótima bruxa. Para fazer isso, precisamos sobreviver a isso primeiro.*

Eu respiro fundo e medi minhas palavras. — E é por isso que você sabe sobre Katrine... você estava fazendo pesquisa?

Alia acena com a cabeça.

Eu sabia que teria quatro dias. Eu não ia para a superfície despreparada.

Eu não indico que ela estava definitivamente despreparada se a pesquisa dela não incluísse o fato de que o amor dela já estava comprometido para se casar. Ou que ele estava construindo armas de guerra para o lucro.

Urda, isso é uma bagunça.

Alia pressiona a mão no meu rosto. Sua energia, sua vida queima contra a minha pele.

Ela está viva. Tão presente.

O pensamento de perdê-la novamente raspa nas bordas do meu coração. O pânico que me levou à bruxa do mar depois de confirmar o que ela fez se ergue novamente dentro de mim.

Se você acha que eu teria esses submarinos no nosso oceano, você não me conhece de jeito nenhum.

Então, um puxão da minha mão. *Vamos.*

Eu não sei se esta Katrine pode salvar minha irmã. Eu não sei se ela não vai nos matar no momento em



que sentir o cheiro de magia em nós. Mas eu sei que amo minha irmã com todo meu coração. A bruxa do mar me disse que apoiar Alia era meu maior poder, mas talvez eu possa fazer mais. Eu puxo a mão de Alia com força suficiente para que não apenas pare seu impulso, mas também desloque suas costas. Minha irmã bate no meu ombro. Eu tomo seu rosto em minhas mãos no rebote.

E beijo ela.



16 - Runa



Ficamos lá por um longo momento, meus lábios sobre os dela. Eu tenho meus olhos fechados, esperando a mágica fazer o seu trabalho.

Eu amo minha irmã.

O verdadeiro amor é tudo o que importa para esse maldito feitiço, e considerando que eu acabei com a parte do acordo tão espetacularmente, eu sou basicamente humana agora.

Assim. Trabalhos. Você. Estúpida. Magia.

Apesar de seu fogo e fúria, a luz de Alia está em meus braços, e eu me pergunto se isso é ela me deixando, a magia que a prende a este corpo, a este lado do negócio, quase completamente erodida.

Quando meus olhos se abrem, eles encontram Alia.

Nós nos separamos, uma pergunta em seus lábios.

O que você está fazendo? Ela boca.

Eu explico minha lógica e ela ri silenciosamente. Sinto falta de sua qualidade de sino, e o movimento alegre de seus ombros não é o mesmo. Ela abaixa as sobrancelhas e faz um sinal que me faz corar.

Calder.



Então, para piorar, ela enuncia a frase para que eu não possa ignorá-la.

Agora eu sei o que você estava fazendo com Calder nas fontes termais.

Eu me encolho, mas rio e lanço de volta para ela. Eu posso ter uma amizade especial com um certo guarda de primeiro ano, mas ela é conhecida por ser imediatamente e furiosamente apaixonada por qualquer tritão sortudo o suficiente para cativar com ela em um jogo de lua.

— Nada que você já não tenha feito com Svend, Balder, Hammond ou Geir!

Ela ri silenciosamente de novo, os ombros tremendo. Então ela pega minha mão. A chuva parou e uma brisa revolve seu cabelo, secando-o em belas ondas ao redor dos ombros.

Outro sinal.

Eu sinto muito.

— Eu também sinto muito. Eu não deveria ter gritado. Eu apenas - tem sido tão difícil.

Ela sorri suavemente e me puxa junto. Começamos novamente na direção da casa de Katrine, e eu não protesto, viajando para o sul e para o oeste. A grama é macia sob nossos pés e, embora as árvores sejam poucas e distantes entre si, é fácil acreditar que somos simplesmente nós, a grama arruinada pelo verão e as estrelas.

Quando ela olha para mim novamente, é para bocar outra coisa.

Eu me sinto melhor.

— Mesmo?

Ela acena com a cabeça.

Alia planta um beijo na minha bochecha. Eu acho que funcionou.

— Sério? — Eu pergunto novamente. Não havia nada que eu pudesse sentir do meu lado. Eu não sei o que eu



esperava - talvez um choque como uma lâmpada acendendo
chamas ou raios correndo pelo céu.

Mas eu sou um navio para o amor. Talvez só importe o
que ela sente. Minha incerteza é certamente irritante para ela.

SIM, ela grita, de braços abertos para o céu.

—Ok, então é só isso...

Um tiro de pistola atravessa a noite calma que nos
rodeia.

Nós duas mergulharmos no chão, sem saber de onde
veio a bala ou para onde ela está indo, sabendo apenas que
isso é para nós. A água da chuva se agarra a cada folha de
grama, e quando meu rosto bate, é como um spray de água
fria para as minhas têmporas. A parte de trás da minha
cabeça lateja de acordo.

Eu levanto o suficiente para ver um flash de fogo pouco
antes de outro tiro vir. Eles estão próximos. Muito mais perto
do que o esperado. E vindo depressa. Não podemos ficar no
chão.

Nossas mãos se encontram ao mesmo tempo e nos
levantamos, perpendiculares ao tiro. Eles terão que mudar
de curso e tentar nos pegar agora. Há um grupo de árvores
ao longe, claramente uma marcação para onde a terra de um
fazendeiro encontra seu vizinho.

Outra bala soa pelo ar. Esta aqui está tão perto que seu
calor incandescente passa por mim. Eu me preparo para seu
companheiro, o outro guarda alinhando seu tiro, mas tenho
que continuar me movendo. As árvores não parecem estar se
aproximando.

Os guardas estão longe demais para eu soletrá-los no
sono como os do jardim dos cortesãos. O que eu posso-

O segundo tiro finalmente se rompe no ar.

Eu me viro e, novamente, é como se o tempo
diminuísse, a imagem da bala e sua trajetória ficassem claras
em minha mente - a última veio para mim, então esta virá
para Alia.



Eu jogo uma mão sobre as costas dela e grito o único feitiço que consigo pensar que pode ser de alguma ajuda.

— *Skjoldr!*

Invisível, mas sólido, um escudo se espalha da minha mão, apesar da distância que eu senti da minha magia. A bala acerta, logo acima da minha mão. Bem entre as omoplatas de Alia. E então cai no chão.

Eu paro de correr e me viro para esses homens sem rosto no escuro, ambas as mãos para fora agora.

— *Skjoldr! Skjoldr! Skjoldr!*

Os homens estão se movendo rápido, mas o escudo faz o seu trabalho, aquecendo e fortalecendo todo o comprimento e a largura do meu corpo. Não é uma capa perfeita, só funciona de um lado, mas vai funcionar.

Atrás de mim, Alia parou de correr e circulou para trás, agachando-se dentro da minha envergadura.

Vários tiros vieram para mim, mas caem na grama. Os homens estão perto o suficiente agora que eles parecem azuis em vez de pretos no escuro, seus uniformes feitos para parecerem afiados e intimidantes em um cenário de castelo, mas imperfeitos para rastrear presas no campo.

Estupefatos, eles trocam uma palavra que não consigo ouvir, e então eles se lançam para nós. Correndo a toda velocidade. Eles são mais inteligentes do que parecem. Um mergulha para os meus pés para me derrubar. O outro aborda Alia.

Eu estou cega pelo homem em cima de mim. Ele tem minhas duas mãos trancadas na minha cabeça e está procurando por sua pistola.

Não consigo ver Alia; Eu só posso ouvir os grunhidos da guarda exigindo que ela fique parada. O homem em cima de mim põe a mão em sua arma, e ao invés de puxar o gatilho, ele arremessa de volta, pronto para bater o metal frio na minha testa.



— *Villiedlr!* — Eu cuspi em seu rosto. O homem hesita. Mas com seu atraso, minha pele fica quente com um incêndio, ficando roxa na noite.

— *Yeow!* — O homem grita quando verrugas se formam em sua palma, onde ele estava prendendo meus pulsos juntos. Ele tira a mão e recua, enviando sua pistola para a grama.

— *Ómegin! Rata!* — Eu grito para ele, soletrando-a para dormir como os guardas de antes.

A pele ainda acendendo com chamas, eu rolo de pé e examino a situação de Alia. Ela chutou o guarda e o desarmou de sua arma e chapéu. Há um rasgo enorme em seu vestido, maior do que antes, e ambas as pernas brilham em branco no escuro quando ela tropeça em seus joelhos, claramente tentando pegar algo na grama - a pistola.

O guarda, desleixado em pé, também vai para ele. Ele está mais em todos os sentidos do que Alia - estrutura mais alta, braços mais esguios - e sei que ele chegará primeiro, mesmo com a velocidade aparente dela.

— *Ómegin! Rata!* — Eu grito para ele. Mas ele está muito longe de mim - a nova brisa pegando minhas palavras e as afastando - e fica de pé.

Eu corro atrás dele. — *Villiedlr! Vindr!* — Empurrei os dois braços na minha frente, apontando para o guarda.

Um vento sussurra dentro de mim, e é preciso cada centelha de concentração que tenho para canalizar essa força para que ela sobre o fogo da minha pele, através do espaço entre nós e para as costas largas que se agitam para a pistola invisível na grama.

O fogo escalda suas costas em um jato de chamas roxas. O homem grita e cai no chão, tentando desesperadamente extinguir o fogo da ponta da cabeça até as solas das botas endinheiradas - agora provavelmente atadas à sua pele.

Alia agarra a pistola e mostra-me por cima da cabeça.

Ela está tentando gritar algo, olhos frenéticos.



Pare. Pare. Pare.

Ela não pode ver alguém morrer.

Mas eu preciso ter certeza de que ela está livre.

Quando ela está livre da guarda e correndo na minha direção, eu apago o feitiço e o azedo com o feitiço de sono que usei nos outros guardas - *Ómegin. Rata.*

O guarda para de se contorcer no chão, sua mente se afastando, longe da dor que causei.

Alia se dobra, recuperando o fôlego. Ela levanta a mão para mostrar que está bem, e percebo que devo fazer o que ela fez - pegar a pistola do meu homem. Qualquer munição também.

O guarda que me atacou está com o rosto na grama a vários metros de distância. Eu me agacho gentilmente, respirando com dificuldade, e considerando o quão alto nós acabamos de ser, eu murmuro outra rodada de *Ómegin. Rata*, para reforçar seu sono. Eu pego sua pistola e começamos nossa jornada novamente.

A passada suave de Alia tem um engate inescapável, sangue manchando sua perna através de outro rasgo em seu vestido. Ela ainda se move melhor do que eu, considerando todas as coisas. Ficamos em silêncio enquanto nos movemos em direção ao bosque à distância. Está claro agora que não há mais guardas correndo pela encosta da montanha para nós. Muito provavelmente, se algum deles testemunhou isso, eles estão voltando para os reforços. Eu sei que isso pode significar que temos alguém nos seguindo, mas eu preciso desse silêncio. Eu preciso acreditar que estamos sozinhas. Ao meu lado, enquanto diminuímos o ritmo, a respiração de Alia cresce de maneira superficial. Leve.

O suporte das árvores quebra o silêncio entre nós e ao nosso redor. As gaivotas chamam as nuvens cinzentas baixas enquanto a maré da manhã penetra, o oceano rugindo para a vida com seu movimento inesgotável e inegável. A poucos metros de onde estamos, a paisagem ondulante



cai abruptamente, dando-se ao oceano na forma de um penhasco íngreme.

Eu não negocio enquanto ela se senta na beira do penhasco. É uma rotação vacilante, no sentido sul-leste, para esse ponto de terra, e além dela há uma linha azul e profunda, separando o ponto onde a água se encontra com o céu, a noite em que se encontra o dia. Alia dá um tapinha no chão ao lado dela, expondo o corte em sua perna para o ar salgado. Um nó se forma na minha garganta. Quando me sento, Alia sorri e rasga um pedaço de pano de seu vestido, tentando amarrá-lo em torno de sua panturrilha. Acrescentei minhas mãos ao problema e acabei assumindo enquanto seus dedos se atrapalham - tenho um ângulo muito melhor para amarrar uma coisa dessas.

Como você está se sentindo? Ela pergunta e coloca uma mão cuidadosa contra a minha cabeça, virando-a para que ela possa ver o que aconteceu comigo. Seus dedos são gentis enquanto ela inspeciona, não puxando o cabelo que está seco sobre a ferida, o sangue coagulado tudo em um ninho de pássaro de preto-vermelho e tinta arruinada morango loiro. Ela cutuca meu queixo com um dedo torto. Há um sorriso nos lábios dela. Isso faz com que seu cabelo pareça melhor, na verdade.

Eu tusso uma risada e suspiro. O peso pressionando meus ombros é o suficiente para que eu possa afundar nesse penhasco, atravessar o oceano e derreter no centro da terra. Quando eu não aguento mais - o silêncio, a esperança - meus lábios começam a tremer, e eu posso ouvir minha voz alta o suficiente para ameaçar se apagar em meras palavras da boca também. Mas Alia pressiona um dedo nos meus lábios antes que eu possa começar.

Eu perdoô você. Eu sei que você pensou que matando Niklas estava certa.

Me desculpe, eu sou a razão pela qual você vai viver neste corpo.



Eu espero que você venha a amar isso.

— Não! Não, podemos consertar isso. Não. Não diga isso. Você está apenas cansada. Você perdeu sangue. O sol está chegando e tudo ficará bem. Você vai ficar bem. Dois lados de uma moeda - eu e você. É assim que deve ser.

Alia tira uma mecha de cabelo do meu rosto.

Runa, ela diz, e eu estremeço novamente no sinal - dois. Nós duas. Eu sou a segunda. Ela é a primeira. Eu te amo.

Ela assina como aquela linha azul entre o mar e o céu fica branca. Eu leio seus olhos e sei que ela pode sentir isso.

Tinha que ser amor romântico. Nosso amor era forte o suficiente, mas não era o que a magia precisava para essa troca. Eu pego suas mãos nas minhas e digo exatamente o que eu queria dizer a ela no momento em que percebi que a perderia assim, para esse garoto, para esse sonho. — Alia, eu te amo.

A luz muda novamente, os primeiros dedos da aurora escorregando do horizonte. Eles varrem através de nós, iridescentes. As mãos de Alia ficam mais claras na minha até que elas são quase nada. A pressão aumenta no meu peito até que todo o meu corpo treme. Suas mãos não tremem nas minhas. Nada a move, serena como ela é. Alia fecha os olhos e eu sei com absoluta certeza que vi o azul lá pela última vez.

Eu respiro fundo - um longo puxão do ar da salmoura com os pulmões feitos para ele - e vejo Alia transformar-se em nada além de espuma do mar.

Minha irmã, minha irmã gêmea, minha outra metade, se foi.



17 - Evie



—Ela falhou. Ela se foi. Você não pode sentir? — Anna pergunta com sua voz roubada.

Sim, sim, eu posso sentir isso.

Mesmo que o amanhecer faça pouco aqui, definitivamente se elevou, a maré da manhã mudou. A magia mudou novamente. Alia não conseguiu.

Nada correu conforme o planejado. Embora ela tenha capturado o olhar de Niklas, todo o seu coração não era dela. Ela não foi a única a matar Niklas - Runa fez isso, e o sangue não pingou em seus pés.

Ela se foi e o rei do mar sabe disso. Ele sentiu com a mesma certeza que nós fizemos. E sua raiva será pior quando ele perceber que não apenas sua única filha está morta, mas a outra - e o poder que obtém de suas habilidades especiais - permanecerá no topo para sempre.

No entanto, Anna está tagarelando como se estivéssemos recebendo decorações de Natal em vez de outro corpo morto de magia. —Ela vai estar aqui em breve, uma árvore bebê! Isso não será divertido?

Estou começando a me arrepender de dar-lhe uma voz.



—Você sabe o que você deve fazer agora? — Ela pergunta com alegria conspiratória.

—Chega, Anna. Uma garota está morta. Estou tentada a silenciá-la não apenas com um rápido feitiço, mas para sempre.

Por que eu a trouxe de volta?

Sim, eu sentia falta dela. Embora não haja como desfazer o que ela se tornou. O que ela fez e o que ela tentou fazer. Faz apenas quatro dias agora, mas está claro que essa Anna não é minha Anna. Ela nunca será novamente. Ainda assim, de alguma forma, Anna, com toda a sua seriedade para compensar o tempo perdido, forçando suas opiniões sobre mim, arrancou uma lembrança solta dos arbustos de nossa história.

Minha Anna sempre gostou muito de conselhos. Sempre sugerindo outro caminho. Algo mais para tentar. Na maioria das vezes, era porque, embora eu vivesse na sombra literal da realeza, eu nunca pensaria como eles, e ela sabia disso. Nik e Iker eram diferentes da maioria dos príncipes, por assim dizer, mas minha visão do mundo ainda era diferente.

Que Anna estava tentando ajudar - eu sei disso. Tentando me empurrar em uma direção aceitável. Me encaixar em uma pequena caixa para que eu possa durar mais tempo em nosso trio. Ela sabia que eu não pertencia, e ela usou a influência que tinha para me manter por perto, protegida de forma segura de quaisquer chamadas para a minha remoção da órbita de Nik.

Seu conselho significava algo, e eu sempre quis retribuir o favor, mas ela nunca me procurou até o dia em que eu a desafiei a ir para o oceano.

—Como... como faço para que ele olhe para mim? O jeito que ele olha para você? — Anna perguntou, ombros caídos sobre os degraus de sua casa, um dia antes dela compartilhar o aniversário com Nik.



Sentei-me ao lado dela e apertei meus joelhos contra o peito, a outra mão sobre a dela. Nós três tínhamos acabado de passar o dia juntos, como sempre, antes que Nik saísse para as aulas de finanças com o tesoureiro real.

A pergunta de Anna era uma pergunta desagradável, mas era uma que poderia ser feita a partir de uma posição de poder, se não de idade. A filha de um pescador deve sempre responder a um *friherrinde*. No entanto, eu não sabia o que fazer com a pergunta, assim como não sabia o que fazer com a maneira como Nik olhava para mim.

Pensei em todas as coisas que eu tinha feito que Nik parecia gostar mais - trabalhar em um navio como um menino em vez de uma menina, nadar nas profundezas sem medo, e então houve o tempo que nunca falamos, quando eu o salvei. Eu me joguei em uma pedra para quebrar sua queda, deixando-me com um pulmão ruim, uma mãe morta e ainda assim um Nik seguro e saudável.

Finalmente, eu disse: — Ele quer que você seja corajosa.

Os lábios de Anna franziram, lágrimas brilhando em seus olhos. — Eu sou tão corajosa quanto você. Não é isso.

— Você é tão corajosa quanto eu; Nós apenas temos que provar isso. *friherrinde* Minha mente girou para uma chance de curar seu desespero. Havia uma maneira de fazer Nik ver. Tinha que haver. — Uma corrida. Amanhã podemos ir à praia e nadar uns contra os outros. E certifique-se de ganhar.

O nariz de Anna se encolheu. — Isso não soa muito corajoso.

— Você viu o oceano hoje? A corrente é feroz. Deve ser o mesmo amanhã.

Ela inalou profundamente e olhou para cima, os olhos azuis examinando o belo gramado e as torrentes altas do castelo além. Depois de um longo momento, ela assentiu. — É um começo.

Isso foi. Eu só não sabia que era o começo do fim.



Agora, eu suspiro e olho para onde Anna está enraizada, aqui e para sempre comigo. Por minha causa.

— O que devo fazer? — Eu pergunto, finalmente.

Se ela não estivesse amarrada ao fundo do mar, Anna provavelmente teria saltado em um grande giro por toda a alegria que está em sua voz quando a sugestão que ela manteve no fundo irrompe na escuridão entre nós. — Você precisa se tornar humana, Evie! Ir para casa. Restaurar a magia. É a única maneira de você parar o rei do mar.

Ela está tão feliz que eu quase me sinto mal em cortá-la. — Eu não posso fazer isso. Você sabe que não posso. Você sabe que eu tentei sair muito antes de pedir para ele me libertar.

— Sim, muito antes. Você não tentou agora. — Ela diz que é a coisa mais óbvia do mundo. — Você acabou de enviar duas sereias para a superfície. Se o rei do mar está chateado por perder uma fração de sua magia com duas de suas crias em terra e outras três com cabelo perdido, você sabe que isso faria suas barbatanas se curvarem para saber que você escapou por cima.

Ela fez seu caso.

E ela ainda está indo. — Além disso, você usou sua mágica terrestre e a combinou com sucesso com a magia do mar. Urda te fez forte de uma maneira que ninguém jamais foi, Evie.

É um elogio, e eu deixo isso penetrar em meus ossos, porque não consigo me lembrar do último que recebi. Ainda assim, o que ela está dizendo é uma impossibilidade.

— Mas eu não tenho nada para dar a Urda para a troca.

— Eu digo, empilhando meus tentáculos embaixo de mim. A única ponta abreviada fica bem no topo. — Meu cabelo, minha voz, eu precisaria de tudo para resistir à viagem acima e sobreviver ao que quer que o rei do mar faça para retaliar.

— E o anel que a garota tem? Foi Nik, não?



Eu recuo em seu nome em seus lábios. Eu não tenho certeza se ela pode dizer, no entanto. Eu mantenho minha voz incolor. — Runa não tem necessidade de trazer isso para mim agora.

Anna ri. — E você vai deixar uma coisinha assim entrar no seu caminho?

O anel, a faca, o cabelo não usado das princesas - Anna tem razão. Isso poderia funcionar.



18 - Runa



Enquanto os raios dourados do amanhecer chegam aos meus olhos, a lembrança de Oma Ragn me atinge como uma bala de canhão no peito.

*Vá embora, vá embora
Nossas águas são selvagens.
Nossa criança nascida na terra
Morreu neste dia, morreu neste dia.
Vá embora, vá embora
A tempestade alta
Tece a mortalha
Para quem traiu.
Vá embora, vá embora
Abaixo da onda
Lieth, o túmulo
Dele nós matamos, ele nós matamos.*

Embora fosse triste, eu amava “A Vingança da Sereia”. Porque eu sabia que era de cima, havia uma pequena medida de culpa dentro de mim por seu apelo, o constante refrão de papai sobre os perigos dos humanos, os males dos humanos, nas minhas orelhas.

Certa vez, quando eu era mais velha, perguntei a Oma Ragn sobre o assunto, e por que ela cantaria se um humano o escrevesse. Sua resposta foi imediata.



— Minha querida Ru, eu cantei para todas as minhas garotas por uma simples razão: não podemos esquecer o que os humanos pensam de nós. — Ela fez uma pausa e deu um pequeno sorriso. — Ou o que podemos fazer com eles.

A luz muda do ouro para o salmão, o sol bate contra as águas, e tudo que posso fazer é observar o local onde Alia estava.

— Ou o que podemos fazer para nós mesmos, Oma. — Eu digo, a música rodando na minha cabeça.

Pela primeira vez eu gostaria de poder chorar do jeito que os humanos fazem. Eu não posso, ainda não, até que a troca tenha sido feita para o bem. Eu posso chorar então, mas isso não me ajuda agora, minha tristeza não tem meios reais de escapar. Um soluço não é suficiente. Bater meus punhos contra o chão não é suficiente. Gritar no céu não é suficiente.

Embora eu nunca tenha sentido, imagino as lágrimas como um alívio. Quando um corpo não tem mais nada para dar, só pode ter sua angústia de volta à terra. Muito parecido com o que Alia acabou de fazer. Ela se tornou uma lágrima mil vezes e voltou para Urda.

— Runa?

Eu assusto meu nome falado em voz alta, arrancando minha cabeça para olhar por cima do meu ombro. Minha mão rasteja para a pistola no meu colo.

Will. Ele está ali, com o corpo protegido pela arborização. Suas mãos estão levantadas no ar como se eu já estivesse apontando a pistola para ele. Apesar do choque no meu rosto, ele dá um passo por cima do mato que o protege e fica à vista, com as mãos ainda para cima. — Runa, eu não estou aqui para te machucar. Ou capturar você. Eu prometo.

Ele dá outro passo, seu corpo totalmente exposto e a poucos metros de mim. É o suficiente para eu me levantar, impedindo que ele se aproxime.

— O que você quer? — Eu pergunto.



Ele abaixa as mãos um pouco, mas ainda as mantém fora. Seus olhos voam para a arma em meu aperto, mas há algo sobre sua hesitação que não é sobre o que a pistola pode fazer.

— Eu vi o que você fez com aqueles guardas. Ali atrás. Eu... o fogo, era um feitiço que eu nunca vi.

Não digo nada.

Esse garoto é amigo de Niklas. Seu primo pelo casamento por algumas breves horas. Ele não é um Øldenburg, mas ele é vizinho o suficiente para que a última coisa que eu precise confirmar para ele é que eu sou uma bruxa. Eu mudo de pé. Eu não quero matar outro humano hoje, mas acho meu dedo deslizando para o gatilho da pistola.

— Oh. Veja. Não, quero dizer, só posso fazer isso.

Um pequeno sorriso tímido se enruga nos cantos de seus lábios enquanto ele se abaixa e arranca uma folha de grama da terra. Ele levanta a mão e passa a mão sobre ela como o mago de uma das festas pré-casamento que participamos. Estou quase revirando os olhos quando ele diz algo que faz os pelos dos meus antebraços ficarem eretos.

— *Vaxa fagrliga lágr kappi.*

A lâmina de grama treme por um momento na luz do alvorecer antes de se derramar - estendendo-se para cima e para fora até que, em duas piscadelas, é algo totalmente diferente. Uma flor - finas pétalas brancas e um centro amarelo ensolarado.

Will se apresenta para mim. — William Jensen, ao seu serviço. Um mago muito sério que só consegue fazer margaridas.

Eu não aceito. Estou muito atordoada. — Um feiticeiro?

Ele concorda. — É um grande termo para o que posso fazer, mas sim, eu tenho um pouco de magia. Não é como você - ou Alia.

Eu respiro fundo. — Você a viu ir?



Ele acena e depois de uma longa pausa, ele fala novamente. — Eu sinto muito.

Aquela sensação espessa de liberação pressiona meu peito de novo e de repente eu quero atacar esse garoto e chicotá-lo com a pistola na mão do jeito que o guarda esperava fazer comigo ou me afundar no chão e soluçar até minha voz ficar cru e usada. Eu varro meu dedo do gatilho porque não confio em mim mesma para não usá-la, e seguro o aperto nos meus dedos. — O que você quer? — Eu repito.

— Para ajudar. — Ele diz simplesmente, ainda segurando a flor para mim.

— Eu não acredito em você. — Eu não tenho nessas pernas há muito tempo, mas elas estão resistentes embaixo de mim. Inflexível. — Como eu sei que você não me levará de volta ao castelo para aprisionamento ou coisa pior? Sua prima disse a todos no castelo que somos a razão pela qual o marido dela está morto. Eu não conheço você, Will, mas sei que sua lealdade se inclina em direção a ela e ao rei morto.

Ele coloca a flor no bolso da frente do casaco. — Não atire em mim. Eu tenho algo que preciso te mostrar.

— Se são mais flores, não há necessidade.

Will pisa no mato e nas árvores. Minha mão desliza de volta para o gatilho da pistola enquanto ele se agacha. Quando ele está de pé, há um homem debaixo de cada um de seus braços, ambos vestidos com uniforme do Castelo de Øldenburg. Mais guardas

— Minha capa. — Diz ele. Com um grunhido, ele os levanta mais alto e os apresenta para mim. Cada homem tem um galo gigante na testa, levantado o suficiente para fazer suas cabeças parecerem deformadas. — Eles não se lembram do que viram no vale. Eles podem não lembrar de seus próprios nomes, uma vez que eles abrirem os olhos. — Ele deixa os homens em uma pilha. — Agora você acredita em mim?



Eu não. Ainda não. Eu sacudo minha cabeça.

— Eu vou levá-lo para Katrine.

Em nome da bruxa, eu suspiro. — Você nos ouviu falando sobre ela. Você provavelmente nem sabe quem é.

Para minha surpresa, ele ri. — Ela é a bruxa mais poderosa da Dinamarca - é claro que eu sei quem ela é. Quem você acha que eu pedi para me ajudar a aprender a soletrar qualquer coisa além das margaridas?

— Ela não é muito boa se esse ainda for seu único truque.

Suas bochechas rosadas e seu nariz enrugam de um jeito muito próximo. — Isso tem mais a ver comigo como estudante do que com a professora.

Eu não digo mais nada. Will respira fundo. — Runa, escute. O lugar de Katrine é uma casa segura para a nossa espécie. Será sua melhor aposta.

Olhos em mim, ele alcança os corpos dos guardas e joga a pistola e munição de cada homem através da grama aos meus pés.

— Pense sobre isso. Mas eu estou desarmado, e eu sei o caminho. — Ele está de pé novamente, desta vez com as mãos ao lado do corpo. — E se o que eu disse te levou a um erro, dispare balas, e será isso.

Eu guardo as armas e munições nos bolsos. Will parece sentir que isso significa que ele me convenceu, e ele fica no limite, esperando que eu dê o primeiro passo. Mas primeiro tenho algumas perguntas - não sou tão confiante quanto Alia.

— Por que você está fazendo isso? Por que você quer me ajudar? Por que essa mulher Katrine quer me ajudar? Um suspeito de homicídio é um suspeito de assassinato, especialmente se for uma bruxa.

Will não está confuso com minhas perguntas. Ele responde claramente, olhos azuis nunca se desviando do meu rosto. — Porque passei os últimos três



meses da minha vida fazendo o que podia para impedir que os U-boats de Havnestad caíssem nas mãos dos alemães.

— Por quê?

— Porque eles serão a única arma mais mortal desta guerra. — Ele faz uma pausa e deixa que afundar antes de continuar. — Um avião pode lançar bombas, sim, mas há sirenes de alerta, abrigos antiaéreos e similares. U-boats vêm até você das profundezas sem aviso e sem misericórdia. Apenas este mês, um afundou o HMS Pathfinder. Dividiu o casco em dois e afundou-o em poucos minutos. Duzentos e cinquenta e nove almas perdidas para o mar.

Minha respiração bate no número - duzentos e cinquenta e nove.

Acabei de perder minha irmã e parece o meu fim também. Quantas dezenas de pessoas se sentiram assim depois que seus entes queridos foram abatidos no mar?

E se isso é o que os humanos farão uns aos outros, o que eles farão conosco?

— Você pode imaginar depois desse sucesso, eles querem o maior número possível de barcos. E embora a Dinamarca seja neutra nesta guerra, Niklas viu uma oportunidade para o seu reino praticamente falido pagar algumas dívidas e talvez ganhar dinheiro. Eles têm construído secretamente barcos aqui com planos de colocá-los no mar no estreito de Øresund para a Alemanha. — Minha mente retrocede para o mapa da nossa escola de canais apertados e mares abertos. — Afundam soldados, afundam cargas - matam homens em seus conveses e passam fome na Grã-Bretanha: esse é o plano da Alemanha.

Eu estou espantada. Eu não tenho uma participação no que esses humanos fazem - alemães, ingleses, dinamarqueses, eles são todos iguais para mim. Mas a pura perda de vidas e a crueldade de tudo isso é quase tangível.

— O pai de Sofie incentivou Niklas a construir submarinos. Acenou dinheiro em seu rosto e



sussurrou promessas em seus ouvidos. Esta guerra arruinou a temporada baleeira de verão, e seus cofres já estavam parecendo magros, então ele mordeu a isca. — Will olha para baixo e para longe agora, as memórias piscando por trás de seus olhos. — Eu tentei convencê-lo de que ele poderia ganhar dinheiro de outra maneira. E Sofie trabalhou no barão, mas uma filha só pode dobrar pouco os ouvidos do pai.

Bem, isso é algo que sei de primeira mão.

A vontade continua. — Quando ficou claro que somente convencer não funcionaria nos dois lados, fizemos planos alternativos. Eu não quero - e as bruxas que eu conheço não querem - essas armas nas mãos de ninguém. Elas têm que ser destruídas, e nós vamos fazer com que elas sejam.

Eu sempre fui ensinada que os humanos eram nossos piores instintos colocados nas almas, mas talvez haja algo de bom aqui. — E Katrine é uma das bruxas que é contra os barcos?

Will acena com a cabeça. — Como eu disse, a casa de Katrine é nossa casa segura. Quando digo que você estará a salvo, posso garantir, porque, embora não sejamos suspeitos de homicídio, se fracassarmos, provavelmente seremos capturados por um bando de alemães irritados antes que Havnestad possa nos banir por bruxaria.

Ele recupera o fôlego e encontra meus olhos. — Se você gostaria de se juntar a nós, poderíamos usar uma bruxa como você.

Para efeito, ele segura a flor mais uma vez. Uma oferta de paz.

Desta vez, eu aceito.

A pequena coisa ensolarada brilha em minhas mãos. Não há raiz para isso, mas vai fazer. Eu coloco gentilmente no lugar onde minha irmã já esteve. — *Vaxa. Líf.*

A margarida aquece na minha mão, endireitando-se, fortalecendo-se até se tornar uma com o solo



abaixo, seu coração ensolarado se elevando para os céus acima.

— *Dveljask*. — Eu digo.

Fique.

Embora eu não tenha criado, de alguma forma essa pequena flor é a perfeita sentinela, de pé, então eu sempre saberei onde Alia me deixou.

Will e eu caminhamos em silêncio, o único som entre nós é o golpe de batida das pistolas batendo nas minhas pernas a cada passo. Embora eu seja grata pelo descanso, depois de alguns quilômetros, até o silêncio está chegando a mim.

— Você é diferente do que você estava no castelo. — Eu digo. — Aquele menino poderia falar no meu ouvido direto para minha cabeça.

— Eu sou diferente quando estou em um ambiente como esse. — Ele admite com uma risada rápida. — Pessoas com títulos sempre querem um show. Eles não querem que o menino da fazenda de Aarhus que acorda antes do amanhecer para alimentar as galinhas; eles querem o menino que limpa bem e se curva e ri em todos os momentos certos.

— Bem, eu gostaria de conhecer o menino de Aarhus. Quem é ele? Além de um criador de margaridas.

— Ele fala como uma pessoa comum e parece uma também. A distância entre a nobreza e o plebeu cresceu mais do que o conforto de alguém que nasceu em um título que a família mantém por centenas de anos.

É estranho pensar em coisas em anos humanos - centenas de anos sob o mar pode significar um governante. Como pai.

— Se eu aparecesse em um sarau direto das tarefas, eles me espantariam, aterrorizados. Eu sou um aviso ambulante que as linhas de aula estão borrando. As pessoas gostam de sua nobreza acessível e humana - os Øldenburgs são



particularmente bons nisso - mas não querem sujos.

— Você não quer o título que veio com o seu nome, William Jensen?

Will encolhe os ombros. — Não faz de mim uma pessoa melhor para tê-lo. Eu ainda sou o mesmo garoto com merda de galinha em suas botas. O verdadeiro eu está no nome, não no título.

Eu acho que é verdade, embora até o meu tempo em terra eu nunca tive a oportunidade de vivê-lo. — Então este é o seu verdadeiro você?

— É o que eu conheço melhor. — Então, ele me olha de olhos arregalados. — Esta é você real?

Eu lhe digo a verdade. — No momento, sim.

— É o suficiente, Runa.

Nós nos atermos ao litoral, o enorme penhasco desce, até a praia e encontra a linha onde o rosto de pedras já se foi. Então, a linha costeira é plana até onde os olhos podem ver, pastagens envelhecidas no verão, grossas e onduladas.

— É só aqui. — Diz Will. Eu olho para frente, mas não vejo nada além de grama que encontra a costa.

Chegamos a uma colina que está mudando um pouco. Em vez de subir, Will dá a volta e eu sigo.

Mas quando nos desviamos, percebo que não é uma colina - é uma casa construída no interior. Deste ponto de vista, uma antiga fundação de pedra espreita por baixo de escotilhas grossas de feno que disfarçam a frente. Há uma pequena veneziana marrom cobrindo uma janela e uma porta igualmente marrom ao lado dela. De longe, não pareceria nada de importante a ser explorado.

— Fique aqui. — Diz Will. Ele se aproxima da porta e faz uma pancada muito específica - duas batidas lentas e medidas, uma pausa e quatro batidas rápidas.

A janela se abre.

— Quem é a garota? — Pergunta uma voz suave.

— Uma amiga. Ela é uma de nós.



É estranho o não uso de nomes, o nível de confiança ausente. Se eu não estivesse com ele, essa troca seria diferente. Talvez. Em tempo de guerra, a confiança é algo mais do que em paz.

Mas isso é suficiente para a mulher que está lá dentro. Logo mais, ouvimos o som de trancas se contorcendo. A porta abre-se e Will entra primeiro. Eu sigo meus olhos se ajustando mal às sombras; o lugar todo está quase escuro como a noite.

Em algum lugar, uma luz pisca, um fósforo encontra uma lâmpada. A mulher com a voz sussurrada está inundada de luz. O cabelo dela é de crina de leão, o sangue viking dentro dela, e o rosto dela não é tão velho quanto sua voz sugeria.

Katrine.

Eu posso sentir a magia nela - picante, de barro. Ela é poderosa de fato.

Katrine levanta a lâmpada para o meu rosto, e eu endureço, sabendo que a iluminação não é para eu vê-la; é para ela me inspecionar. Eu me forço a sorrir, embora o peso em meu coração não possa torná-lo genuíno. Agora que estamos dentro, Will começa a desvendar meus melhores atributos.

— Essa é Runa. Ela é de Helsingør, e eu a vi trabalhando feitiços que eu nem sabia que eram possíveis.

O som da lâmpada batendo na mesa o corta com um barulho. Sem hesitar, Katrine agarra meu braço e me leva para a porta aberta. Com força que não pode ser toda humana, ela me dá um empurrão final.

— Saia!



19 - Runa



A porta se fecha quando meu corpo encontra o chão.

Eu tiro meus pés, tão envergonhada quanto eu estou brava. Através das persianas, a voz de Will carrega. — Katrine, por que você fez isso?

Sim porque? Eu quero saber. Eu quase pisei fora, mas agora estou brava e Will já viu demais.

Eu vou para a maçaneta da porta. Meus dedos imediatamente queimam e eu as tiro.

A bruxa enfeitiçou a porta.

Bem, eu posso enfeitiçar de volta.

— *Frijósa*. — Eu cuspi na porta. Gelo imediatamente empilha na maçaneta, tão frio que começa a fumar.

— *Brjóta*. — A maçaneta quebra em filetes de gelo não maiores que grãos de areia.

— *Styra mótt minn rodd*. — A porta quase balança suas dobradiças na minha direção. A sala está exposta, a porta está aberta com magia e não há como eles me expulsarem novamente sem responder às minhas perguntas ou ouvir o que tenho a dizer.

Eu entro na cabana. Will e Katrine ficam atordoados ainda à mesa.



— *Villieldr.* — Desta vez, quando minha pele está em chamas, limito-a ao meu braço esquerdo. Ela crepita como uma tocha e eu a seguro no alto, perigosamente perto da parede seca. Tudo neste lugar é inflamável. Os olhos de Katrine se arregalam e ela ofega, sua compreensão da minha ameaça é clara.

— Prometa-me agora que você não vai dizer aos guardas que eu estive aqui, ou eu prometo a você, não haverá um lugar para eles encontrarem. — As palavras saem da minha língua, ameaças que eu nunca pensei que fosse fazer. Queimar esta casa é a última coisa que eu gostaria de fazer para sobreviver - ainda assim, eu não as retiro.

— Nós não vamos. — Diz Will. Dor pisca através de seus olhos, e ainda assim ele está mais calmo do que eu gostaria. Mas suponho que ele tenha visto meu fogo antes.

Minha atenção muda para Katrine. — Eu quero ouvir isso de você.

— Tudo bem. — Diz ela, queixo erguido muito alto. — Agora saia. Nós não precisamos do seu tipo aqui.

Eu mudo uma sobrancelha. Eu não sei exatamente qual é o meu tipo nos dias de hoje: assassina, sereia, fracassada, parte humana. Há muitas razões para me desprezar.

— Foi a irmã dela que o assassinou, não ela. — Diz Will a Katrine, decidindo que assassina é o meu título mais abominável, embora eu não possa dizer por que ele acredita na minha inocência.

— Não, ela fez isso.

Outra voz.

Minhas pernas fortes tremem embaixo de mim ao reconhecer isso. Coração alojado na minha garganta, eu balanço meu braço em direção ao som - vindo das sombras do canto.

Sofie.



Ainda em sua camisola ensanguentada, um cobertor surrado cobria seus ombros magros. A garota se levanta e entra na luz.

Eu manexo meu braço ao redor da sala da frente para me certificar de que não há mais ninguém se escondendo nas sombras. Ao longo da parede do fundo há uma entrada para outra pequena sala, mas a porta está aberta e vazia. As sombras em todos os lugares são claras, exceto por um malhado laranja do tamanho de um peru selvagem.

— Ela é a única que matou o rei. — Sofie perfura seus olhos verdes brilhantes no meu rosto, de repente, uma garota muito mais difícil do que a que eu encontrei em fitas de cabelo e rendas. — Embora não seja pela nossa causa.

— Não, ela tem suas próprias razões para temer Niklas e seus U-boats. — Diz Katrine, encontrando seu pé. — Ela é uma sereia.

Tanto Will quanto Sofie suspiram.

Eu olho para Katrine. Eu não pergunto. Eu não confirmo isso.

Ela inclina o nariz para o ar novamente. — Sua magia cheira ao mar.

Espero que ela me pergunte quantos dias resta. Depois do que aconteceu com Annemette, as bruxas remanescentes provavelmente sabem mais sobre nós do que antes. Eu deveria ter adivinhado. No entanto, elas têm séculos para ir antes que elas saibam tanto sobre nós como sabemos sobre eles. Nosso vasto conhecimento da humanidade é a única vantagem do ser humano além de sermos feitos de magia.

— Onde está a outra? — Sofie pergunta, seus olhos penteando as curvas do meu vestido, como se eu tivesse Alia escondida nas dobras.

— Minha irmã está morta.

Eu engulo em seco e finjo que Katrine não está me observando, as perguntas sobre minha troca são grossas em sua língua.



—Sinto muito. — Diz Sofie. — Eu tive uma irmã uma vez também. — Ela parece se transformar por um momento, e Will coloca a mão em seu ombro. —Imediatamente assassinada, apesar de ninguém admitir isso. — Pela falta de reação, está claro que Will e Katrine já sabem o que aconteceu com essa irmã, e eu não pergunto. Sofie sacode a lembrança do presente. —Os guardas do rei a pegaram?

—Não. — Eu encontro os olhos de Will e espero que ele mantenha o que viu para si mesmo. Algo me diz que ele vai. Repetir - ou mesmo ouvi-lo repetir - seria semelhante a viver de novo e não posso fazer isso agora. Eu não sei se alguma vez poderei. —Mas a guarda do rei definitivamente ainda está atrás de mim, e eu suponho que se você está aqui no escuro, eles estão atrás de você também.

Sofie acena com a cabeça. —Sim. Eu corri para fora da sala, gritando minha história para quem quisesse ouvir, mas quando os guardas entraram e você não estava lá, eu tive que sair. Mesmo com suas camas vazias, minha história não soava, já que você deixou um bilhete que sai quando eles estão partindo. — Seus olhos escurecem. —E agora somos todos suspeitos. Eu tinha isso tratado - Niklas estava me ouvindo. Ele estava.

Seu rosto empalidece, e me pergunto se talvez ela se sentiu um pouco diferente sobre ele por aquelas poucas horas após o casamento do que naquele dia no jardim. Mais uma vez, Will parece sentir isso com ela, sua cabeça mergulhando enquanto ele passa a mão na testa.

—Agora o reino continuará com a venda, com certeza. Sem rei, sem herdeiro, sem dinheiro. — Diz Will, calmo e claro. —Caos.

Os olhos de Sofie brilham para os meus. —Foi ridiculamente estúpido matá-lo.

—Nós tivemos que... Ela tinha que... — As bruxas olham para mim, esperando por mais. Eu engulo. —Para salvá-la. Para ir para casa. Mas tudo deu errado.



O rosto cantando de Alia paira na parte de trás das minhas pálpebras enquanto eu deixo o fogo selvagem escurecer do meu braço.

Vá embora, vá embora

A tempestade alta

Tece o sudário

Para quem traíra.

Sofie e Will compartilham um olhar, mas os olhos de Katrine apertam meu rosto de um jeito que me faz sentir completamente nua. Ela vê o que eu não estou dizendo, e talvez - apenas talvez - ela possa me ajudar a ir para casa. Não importa o que, eu devo fazer os dias que deixei aqui contar. Alia teria exigido isso. Se a venda do submarino passar, estamos todos em perigo.

— Sim. — Eu finalmente digo para Will, com cuidado com a palavra nos meus lábios. — Mas, se aproveitarmos esse caos, poderemos não apenas destruir os barcos, mas também garantir que todo o programa seja desativado. Os barcos que são construídos não serão vendidos e eles deixarão de fabricá-los.

— Nós? — Will pergunta, um capricho de diversão em seus lábios.

— Se você pode lidar com a minha espécie. — Eu digo, e Katrine franze os lábios. — Eu gostaria de ajudar você a terminar o trabalho. Eu vim aqui para salvar minha irmã e não pude fazer isso. Eu gostaria da chance de ajudar com sua causa e proteger meu pessoal. É o que Alia veio fazer aqui.

Um verdadeiro sorriso se espalha no rosto de Will. Sofie não sorri, mas concorda. Ambos olham para Katrine, que finalmente inclina o queixo de acordo. Uma vez que ela faz, Sofie se apressa em confirmar meus pensamentos sobre o programa.

— O que Runa disse é verdade. Podemos destruir a safra atual, mas sem nenhuma toupeira no castelo — Ela aponta para si mesma e para Will. — Não podemos



cortar a construção e a venda de mais. Seus olhos brilham para os meus. — O que você tinha em mente?

Queimando tudo no chão.

— Nós atacamos não apenas os barcos, mas os suprimentos, o espaço de trabalho, o armazenamento. Tudo.

— Eu digo. — Nós destruimos tudo de uma vez e tornamos impossível reconstruí-lo.

Um olhar de culpa cruza o rosto de Will. — Isso significaria tirar o sustento de metade do porto.

É verdade. Seria. Mas isso não iria matá-los.

— Não há rei para aprovar o pagamento pelo seu trabalho duro de qualquer maneira. — Eu digo, estremecendo. — E se removermos as minas à deriva no estreito? Tornar seguro o suficiente para eles velejarem para terminar a temporada? Eles serão capazes de pegar o suficiente para sobreviver no inverno e no plano de sucessão.

Will franze a testa como ele fez na varanda, trabalhando através da minha linha de pensamento. Seus olhos brilham para os meus e seu rosto se contrai um pouco. — Você não é apenas uma sereia; você tem acesso à realeza, não tem?

Eu não respondo. Em vez disso, eu olho para o grupo.

— Se vamos aproveitar o caos, devemos trabalhar rápido.

Um por um, eles acenam.

Bom.

Eu puxo uma cadeira e me sento, os outros seguindo o exemplo.

Todos olham para mim. Mas esse não é meu plano. Eu olho através da mesa para Katrine.

— Diga-me tudo o que você sabe sobre a produção de submarinos.



20 - Evie



O desejo de fazer as coisas diferentes para Alia pressiona meus pulmões, pesando-os.

Eu não posso viver com arrependimentos, não com todos os anos que posso ter deixado. Mas eu gostaria de ter dado algo mágico além da voz dela. Eu tive minhas razões, mas agora não posso deixar de jogar tudo de novo em minha mente. Se eu tivesse feito algo diferente, talvez a mágica fosse mais gentil.

Por toda a tristeza e culpa que penduram ganchos no meu peito, o rei do mar tem fogo e raiva. Está construindo o dia todo, essa pressão instável e borbulhante dele - um vulcão ameaçando entrar em erupção. Parecendo como uma tempestade lenta no horizonte, quente, esperando, violenta. Todo o seu poder mercurial e a magia que o acompanha vão à beira do desastre.

Eu tenho esperado que o rei do mar e sua raiva me façam outra visita.

Me preocupa mais do que qualquer coisa que ele não tenha vindo.

Porque se ele não está me ameaçando, ele está ameaçando muito pior.



E então, eu me inclino sobre o meu caldeirão e chamo a minha peça que falta.

— *Minn moli, líta.*

O turbilhão dentro do caldeirão explode em uma luz brilhante. Olhos sempre acostumados com as sombras, eu pisco - eu não vejo um azul assim desde o desastroso passeio de barco com Nik, Iker e Annemette.

O efeito é suficiente para verificar a noite acima. O céu acima do meu covil é certamente negro, atravessado por estrelas e uma lua gorda.

Esse brilho azul peculiar do reino apaga a noite tanto quanto apaga a escuridão que vem com a profundidade. O reino é um farol sob as ondas - apenas a magia do rei do mar pode trazer luz.

Abandonados sob a bolha cerúleo, dezenas de milhares de seres humanos se misturam em um enorme anfiteatro formado por pedras do mar. Uma variedade de flores de imensurável elegância e cor toca o nível mais alto do estádio em um arco-íris vibrante. Não consigo identificá-las dessa distância, mas, estranhamente, sinto a magia de Alia nelas.

— Cada filha tem um presente mágico refletido em seu jardim. — Diz Anna por cima do meu ombro, como se ela soubesse exatamente o que estou pensando. — Alia é claramente a capacidade de fazer qualquer coisa bonita - e possivelmente ver a beleza nos outros.

Eu sinto profundamente em meus ossos que isso é verdade.

— E Runa é a capacidade de desenvolver coisas difíceis.

— Respondo.

— Sim, e ela também tem o dom de lidar adequadamente com pessoas difíceis - seu pai e você mesma incluídos.

Eu rio, embora ela não esteja errada. Uma vida atrás eu era muito mais fácil - e mais ansiosa - de agradar.



—Qual foi o seu talento, refletido em seu jardim? —
Pergunto, porque sou genuinamente curiosa. Quando Anna fica quieta, eu acrescento: —Ou talvez seja melhor eu reformular essa pergunta como - qual foi o talento que eles disseram para você que era o seu?

Agora é Anna quem ri, mas é tão amargo que quase não se qualifica. —Sorte. Meu jardim era uma cama de trevos de quatro folhas. Foi só mais tarde que percebi que achavam que tive sorte de estar lá.

Não há nada de construtivo para dizer sobre isso.

Na visão do caldeirão, os sereianos ficam em silêncio. Expectativas. Anna e eu ficamos em silêncio também, esperando.

Desloco a vista para confirmar que Ragn me fez melhor do que prendê-la ao cinto do rei do mar - em vez disso, ele a usa presa a uma corrente de pérolas no pescoço. Um sinal para o mundo ver. E uma que me permite ver a multidão e ouvi-la - som que não consegui ao invocar uma visão das garotas acima.

O rei do mar se contorce e a vista se desloca para o palco atrás dele. Sentados ali, alinhados em fileiras formidáveis, estão suas filhas - as cinco primeiras com cabelos compridos e filhos próprios, as três mais jovens usando longas tiras de pérolas no alto de suas cabeças, como se pudessem disfarçar seus cabelos curtos. Não e elas sabem disso, seus rostos coloridos com os nervos que elas estão tentando muito dificilmente disfarçar junto com seus pescoços nus. Entre os agrupamentos estão as rainhas - Ragn, orgulhosamente mãe-rainha, e a segunda mulher do rei do mar, a rainha Bodil.

A visão muda novamente quando o rei do mar se posiciona em um grande pódio de coral cortado, seus fios vermelhos alcançando as estrelas como os chifres de um fanfarrão de doze pontos. Aplausos cumprimenta-o. Do jeito que meu tentáculo está inclinado, a ondulação do queixo cortado em mármore aparece à vista. Ele



balança a cabeça e gesticula, e eu posso apenas ver a ponta de sua coroa de boca de uma enguia - afiada e brilhante enquanto ele lança seus agradecimentos até que o tumulto morre de volta e fica em silêncio e com olhares expectantes.

— Caros cidadãos dos reinos do mar, vocês se honram, seus concidadãos, a família real e seu rei reunindo-se aqui esta noite.

Previsivelmente, a multidão aplaude-se por aparecer. Então, o rei do mar faz uma pausa para uma mudança de chave.

— Cidadãos, seu senso de urgência é importante neste momento crucial porque, não se enganem, somos um povo aterrorizado.

Mais uma vez, a multidão muda, de auto-apreciação para acenos severos.

— Os seres humanos sempre tornaram nosso mundo perigoso - ameaçando nos matar, nos expor, nos explorar. E agora eles atacam uns aos outros, envenenando nossas águas com bombas que explodem diariamente - sujando nosso precioso mundo com seus mortos e a decadência moral da humanidade. Embora todos nós saibamos que a moralidade nunca foi a maior força da humanidade.

Eu reviro meus olhos. Este é um homem que magicamente mudou um ser humano em uma sereia e depois se casou com ela. Hipócrita. Além disso, seu senso de empatia é inexistente.

— Houve várias chamadas de perto desde que essas minas apareceram neste verão - temos tido sorte de que os ferimentos por arma de fogo dessas armas tenham sido escassos.

Ele faz uma pausa. Atrás dele, suas filhas entalham suas cadeiras.

— Hoje, nossa fortuna acabou. — O rei do mar deixa essa notícia penetrar. O silêncio fica sobre a multidão.



Quando o rei do mar extraiu o máximo dessa pausa, ele fala de novo - se é que é algo, ele é bem o orador. — Uma mina de combate humano foi lançada esta tarde, matando uma baleia jubarte e ferindo dez pessoas que a caçavam para fornecer comida para suas famílias.

Há uma comoção e, em seguida, aplausos - o rei gira em direção ao barulho e as pessoas feridas entram no palco direito. Elas estão enfaixados e machucadas, o pior ajudado por outros dois, claramente perdendo a maioria de sua nadadeira.

Quando eles estão instalados, o rei retorna para a multidão. — Orem por essas almas corajosas para se curarem. E orem para que não percamos outra baleia dessa maneira - não podemos alimentar nosso povo em animais crivados de estilhaços.

As pessoas batem suavemente enquanto os feridos são transportados do palco.

— Muitos de vocês sabiam da explosão da mina antes desta noite e reuniram urgentemente sua família, amigos e vizinhos nesta arena para prestar seus respeitos - é melhor que nos procuremos em tempos de grande sofrimento. — Quando ele fala novamente, a voz do rei do mar ficou quieta, pesada. — No entanto, o que você pode não saber é quanto mais sofremos este dia. Quanto minha família e eu sofremos hoje.

Há um suspiro audível da multidão. Eu suspiro também, sua intenção cristalizando em minha mente de uma forma que eu ouço as palavras antes que ele as diga. — Não, você não pode, você não faria...

Mas ele faria. O ser amargo que ele se tornou. Ele definitivamente iria.

— Hoje, tivemos nossa primeira morte por causa de uma explosão na mina, e infelizmente chega muito perto de casa.



As pessoas na multidão estão esticando o pescoço agora, contando as mulheres por trás do rei. Murmurando.

— Não há maneira fácil de anunciar isso... Princesa Alia morreu de seus ferimentos em uma explosão na mina.

A multidão inala ao mesmo tempo, com os rostos aturdidos.

— Me disseram que a morte dela foi quase instantânea. Ela não sofreu. Ela pode nem ter sabido o que aconteceu. E eu me consolo com isso. Eu quero que vocês consigam consolo nisso também.

Ele faz uma pausa e agora está em silêncio.

— Infelizmente, não é aí que esta história termina. Como você pode ter adivinhado pela apresentação da família real hoje à noite, minha Alia não estava sozinha quando aqueles humanos rasgaram seu membro. Não, ela estava com minha filha mais nova, a princesa Runa.

Raiva arrepia no meu intestino. Está mentindo sobre mentiras. Explicando uma verdade - duas filhas desaparecidas - com uma história destinada a alimentar o medo que ele trabalhou tão arduamente para construir nos últimos cinquenta anos.

A multidão sussurra perguntas em pânico.

— Minha Runa teve a sorte de sobreviver à explosão que levou sua irmã gêmea, mas ela está gravemente ferida e inconsciente. Ela pode nunca acordar.

A multidão reage, inquestionável. Eles acreditam em cada palavra, embora, curiosamente, ninguém tenha ouvido falar dessa explosão de minas antes. Nenhum boato fez as rondas. Não houve uma conta de testemunha ocular. Nem mesmo um herói bem colocado arrastando os corpos das meninas para o castelo, transmitindo a história.

Nada.

Ele apenas diz isso e eles acreditam nele. Nenhum pensamento crítico. Nem mesmo uma pergunta.



Eu quase limpo minha visão agora. Eu não posso assistir a um homem mentindo para o seu povo. Usando inverdades para transformá-las em uma espuma cáustica de medo e vingança.

— A família real enterrará a Princesa Alia em seu jardim ao amanhecer de amanhã. O funeral será fechado ao público, e peço que vocês respeitem nossa privacidade neste momento. Enquanto isso, eu ficaria honrado se vocês pedissem a Urda que devolvesse a princesa Runa para nós em breve.

Ele espera recuperar Runa.

Ele vai me visitar novamente.

E se ela ficar em terra, ele a matará também, usando sua morte como outro ataque contra a humanidade.

— A perda que nós, como povo, sofremos hoje é grande. Mas me ouçam agora: só vai piorar. Esta guerra tem as marcas de ser a maior e mais devastadora guerra que o mundo já viu, e as minas não são o nosso único perigo.

As pessoas se sentam, espinhas retas.

— Grandes navios de guerra já estão patrulhando nossas águas, novos canhões prontos. Naves voadoras apareceram no céu, lançando bombas cem vezes mais poderosas que as minas flutuantes. E se uma ameaça não vem de uma mina, de um canhão ou de um grande navio voador acima, pode muito bem vir de baixo.

Há outro suspiro coletivo.

— Sim, embaixo. Os humanos criaram navios que navegam debaixo d'água. U-boats são como eles os chamaram, mas o que eu chamo deles é a maior ameaça que já enfrentamos da humanidade.

Febril, a multidão está em movimento agora, balançando as suas caudas, enviando plumas de bolhas violentas girando.

— Os U-boats destinam-se a destruir grandes navios antes de serem detectados. Eles são feras de



metal furtivas, carregadas até os dentes com munição. Uma delas já afundou um grande navio de guerra britânico, matando mais de duzentos homens humanos - uma missão tão bem-sucedida que certamente levará a um enxame desses barcos em todas as águas daqui até o Atlântico.

A multidão cresce mais alto, e o pânico em seus rostos deixa tudo claro. Todos estão criando cenários em suas cabeças - pela falta de raciocínio que eles fizeram quando aceitaram sua história sobre a morte de Alia e os “ferimentos” de Runa, as rodas estão realmente girando agora.

— Um enxame desses submarinos significa não apenas mais explosões, mas, pela primeira vez, enfrentamos uma ameaça real e imediata de descoberta. Os seres humanos podem viver nesses navios submersos por dias a fio. Alcançar profundidades que nenhum homem pode nadar. Eles têm equipamentos que podem sentir nossos assentamentos de uma maneira que nenhum humano fez antes.

Ele bate no pódio, os pináculos de coral ameaçando se romper.

— Se eles puderem nos ver, eles podem nos capturar. Se eles nos capturam, eles podem provar a nossa existência. E então todos sabemos o que vem a seguir - aprisionamento em massa, escravidão, extinção.

A multidão subiu os degraus do estádio.

— Os humanos sempre foram nossos inimigos. A ameaça mais perigosa para o nosso tipo. Vivemos em paz há milênios, mas chegou a hora em que não podemos mais nos esconder. Nós não podemos mais ficar quietos. Não podemos esperar que eles nos encontrem. Para salvar nossa espécie e nosso modo de vida, devemos agir.

O estádio ruge em aprovação. É alto o suficiente para que eu não apenas ouça os aplausos em expansão através do caldeirão, mas em eco quando a maré a



transporta do reino marinho direto para as minhas águas. Os pólipos tremem com a vibração de centenas de milhares de vozes gritando.

O rei termina, sua voz não mais trovejante, mas pesada e grave. — Vão para casa, meus queridos cidadãos. Vão para casa e abracem seus entes queridos, façam uma boa refeição e durmam uma boa noite de sono. Porque o dia está chegando e em breve nós vamos lutar de volta.

Ragn estava certa. Ele plantou medo dentro deles. Ele sabe como semear e crescer no que ele precisa ser. Sim, sim, ele tem. E o que o rei do mar precisa é de guerra. Ele poderia facilmente culpar a morte de Alia em mim. Seria verdade, e eles sempre me temeram. Mas se ele virar os sereios contra mim, ele nunca recuperará sua Runa.

Ainda assim, não há como ele vencer uma luta contra os homens. Com magia ou sem magia, se os humanos são bons em uma coisa, é destruição.

Eu giro o tentáculo para capturar o rosto do rei do mar enquanto ele retorna para seus aposentos após o grande discurso. Apenas a rainha Bodil está com ele, os outros membros de sua família se afastaram. Ela se inclina para um abraço que parece um pouco forçado, sua postura fria. — Não fique acordado até tarde, meu rei. Preste atenção às suas próprias palavras - até os reis devem dormir.

— Eu vou junto daqui a pouco.

A rainha inclina sua linda cabeça em reconhecimento e depois desaparece sem outra palavra.

Quando o cadáver desapareceu, o rei do mar fechou a porta do escritório e tirou uma garrafa rolhada - o que parece ser uma caneca roubada de um vaso humano.

— Hipócrita. — Murmuro.

Ele se acomoda em uma cadeira em uma grande mesa. Livros e livros entram nas paredes, cheios de séculos de informação, embora, se eu olhar de perto, eu possa espiar o vazio do espaço onde o livro-razão contendo os



detalhes da mudança da rainha Mette estava. Ele os destruiu depois que Annemette quase revelou e arruinou todos eles - Ragn me disse isso. Eu me pergunto se por trás de mim, Anna sente isso.

O rei do mar dá um longo puxão no hvidtøl, sussurrando magia que o mantém livre da água do mar - o mesmo feitiço que uso com minhas poções. Quando ele retira a garrafa para sua mesa, é como se ele tivesse cem anos a mais. Sua pele parece desbastada, mostrando cada linha, enrugada. As veias correm em forma de hachura sob a pele. O azul de seus olhos parece desvanecer-se. Até mesmo seu cabelo, geralmente comprido e esvoaçante, ficou frágil e rachado nas pontas. Fraco. Isso é algo que eu nunca pensei que ele iria parecer.

No entanto, mesmo quando parece que ele pode se dissolver em uma pilha de poeira, o homem toma outro gole de hvidtøl e lança um feitiço de convocação. — *Koma, Svend.*

No espaço de outro engolir, há uma batida rápida e eficiente na porta do escritório.

— Entre, Svend.

Um jovem tritão com a postura educada e movimentos eficientes de um criado favorecido entram na sala. — Você chamou, Alteza?

— Eu preciso de uma dose de soro ríkifjor hoje à noite.

Esse servo não é do tipo que nem remotamente retrocede, mas sua expressão tremula o suficiente para contar como uma hesitação. — Certamente, sua Alteza.

Ele respondeu corretamente, mas sua reação não está perdida em seu rei. — Qual é sua preocupação?

Svend se levanta. — Eu não tenho preocupações, vossa alteza.

— Ah, mas você tem. Fora com isso, Svend. No entanto, se você seguir a sugestão da minha mãe e me criticar pelo meu consumo exagerado, ficarei muito desapontado.



O jovem sacode a cabeça. — Eu nunca presumo sugerir tal coisa, Sua Alteza.

— Bom homem.

O rei do mar acena para ele falar.

— Sua Alteza, as flores ríkifjor estão em... sofrimento.

— Sofrendo, como?

— Esta manhã, quando recuperei sua dose, nada estava errado. Mas ao longo do dia, elas começaram a murchar.

Os olhos do rei se arregalam. — Murchar? — Ele cospe a palavra com descrença.

O garoto confirma com um breve aceno de cabeça. — Sim senhor. Pelo menos metade da colheita está danificada.

O rei do mar passa a mão pelos cabelos. — Elas são aproveitáveis? Podemos recuperar o soro delas de alguma forma e armazená-lo?

— Os guardiões de flores - nós tentamos. Mas as flores murchas não produzem soro.

Estou impressionado quando este rei, por mais horrível que tenha sido para mim, tão controlador quanto ele é sobre suas filhas, não ataca esse garoto. Ele nem mesmo exige inspecionar as flores para si mesmo. Em vez disso, ele se acomoda em sua cadeira. — Elas estão morrendo sem Runa.

O garoto não pretende acenar com a cabeça, embora ele tenha uma pergunta para seu mestre. — Sua Alteza, você ainda gostaria que eu trouxesse a dose desta noite?

— Sim, Svend, a quantidade usual.

O menino se curva e sai.

Sozinho, o rei do mar permite que sua raiva apareça. Em um piscar de olhos, ele esmagou sua garrafa contra uma estante de livros do outro lado da sala, cacos cintilantes espalhados pelo espaço onde o garoto acabou de nadar um momento antes.

Eu me viro do caldeirão, olhando por cima do meu ombro para a boca da minha caverna, onde Runa plantou meu ríkifjor. Um punhado de pétalas cai das



plantas remanescentes e no fundo do mar. As flores desaparecerão quando os quatro dias de Runa estiverem completos.

Se ele não a receber de volta, a retirada do ríkifjor pode ser o suficiente para matá-lo.

Eu estremeço.

O rei do mar, amargo, furioso, de coração partido e doente como está, não terá mais nada a perder.



21 - Runa



Da manhã até noite ouço à medida que eu aprendo tudo isso do pequeno coven de rebeldes sabe sobre o programa de U-Boats de Havnestad. O que acaba sendo bastante - eles sabem datas, lugares, a estrutura organizacional do programa.

O que eles não sabem é muita mágica. Mesmo Katrine, apesar de sua reputação e seu claro conhecimento. Pior, não há muitos de nós. Não há uma rede de covens trabalhando juntos neste enredo. Nosso exército é composto apenas por essas três bruxas e mais dois - Phillip, o outro garoto da varanda, e Agnata, a criada de Sofie. E nenhum deles chegou ao esconderijo quando as coisas foram para o sul na noite passada. Nem números nem magia estão do nosso lado.

Uma coisa é aprender nas lições diárias sobre as maneiras pelas quais humanos não mágicos, especialmente aqueles no poder, deixavam em extinção a comunidade de feiticeiros - Hypatia na Grécia, mais de um milênio atrás; Salem, do outro lado do Atlântico; as bruxas Pendle e Chelmsford nas Ilhas Britânicas; e aqui, rei Cristiano IV, o auto-intitulado rei dos caçadores de bruxas, e todas as mulheres que ele jogou no fogo - mas ver como isso deixou as que permanecem é uma coisa e tanto.



Eu pensei que talvez a habilidade singular de criar margaridas de Will fosse simplesmente por causa da falta de prática, mas como se pode esperar que ele aprenda quando até mesmo as habilidades de sua professora são rudimentares e auto didáticas através das páginas desbotadas de textos antigos? Katrine pode sentir magia e enfeitiçar uma porta, mas sua magia só tem aplicações práticas.

Como seu primo, Sofie tem um dedo no fio da magia, mas ela não pode usá-lo corretamente. Mesmo agora, mal posso reconhecer um cheiro de seu perfume mágico, é tão fraco. Não é surpresa, então, que ela não tenha completado com sucesso um feitiço - nem mesmo o da margarida. Ainda assim, ela pode sentir magia como as outras - ela cheirou isso em mim e Alia, embora ela não tenha percebido que era do mar - então há uma pequena esperança de que possamos fazer dela uma verdadeira bruxa ainda.

Decidimos fazer uma pausa rápida, nos lavar, comer alguma coisa e depois trabalhar com essas bruxas para ver se posso ensinar algo à minha magia.

Qual é outro pequeno problema. Minha magia está ligada ao mar, ainda mais fora do alcance de sua própria magia. Se eu quiser ser útil para essas bruxas e para mim mesma neste corpo, preciso aprender a explorar a magia da terra.

Eu vou para Katrine enquanto ela limpa tigelas e colheres da sopa que ela fez, algo saudável de amêijoas que ela tirou da praia no dia anterior. — Katrine, posso falar com você sozinha?

Ela lança um olhar por cima do meu ombro para Sofie e Will, que estão adicionando novos gravetos à pequena lareira embutida na casa - algo que só podemos usar à noite para evitar a detecção. Secando as mãos no avental, Katrine acena e me leva para a pequena sala nos fundos da casa.



Mais cedo, eu aprendi que este é seu quarto de dormir. Não é muito mais do que uma cama cercada por malas de roupas e itens destinados à magia da terra - pedras preciosas de contornos irregulares, frascos cheios de várias poções, os livros empoeirados contendo toda a magia conhecida por ela. Aqui é onde ela me encontrou um vestido limpo. É uma coisa áspera de algodão que, apesar de simples, me serve bem depois que eu lavei o sangue e a noite desastrosa do meu cabelo.

Agora, Katrine acende uma lâmpada em sua mesa de cabeceira enquanto fecho a porta com força atrás de nós. Ela acena para eu falar.

— Antes que eu possa instruí-la esta noite, eu preciso da sua ajuda. — Eu digo, e então busco uma maneira de dizer o que sinto. A gata laranja, Tandsmør, balança nos meus tornozelos, talvez tentando ajudar. — Eu não sei como descrever isso, mas minha magia parece magra neste corpo. Ainda faz o que eu peço, mas é improvável que eu possa fazer o tipo de grandes feitiços que precisamos de forma confiável.

Para minha surpresa, Katrine ri. É uma coisa rude que tem mais peso do que a voz natural dela. — Você acendeu seu braço depois de derrubar minha porta. Se isso é magro, você está sendo um pouco dura consigo mesma.

OK. Sim. Comparado com o que ela faz, o que eu faço é impressionante. Apenas não é... certo.

— Desde que estou aqui, minha magia parece distante. Ainda vem do mar. Existe alguma coisa que eu possa fazer para me sentir mais conectada em terra?

Seus lábios pressionam em uma linha, e ela aponta para a minha mão. — Não é por isso que você tem esse anel?

Eu olho para baixo - quase esqueci que o anel de Niklas ainda está no meu polegar.

Katrine bate com a unha. — As pedras nos aterram. Este anel é feito de obsidiana de mogno - uma ótima



escolha para conectá-la à terra. É feito do mesmo ferro que se diz estar no centro da Terra. Um anel formado dessa pedra serve para apoiar a integridade e a coragem - mesmo sob as circunstâncias mais difíceis.

Minha mente relembra minhas suposições sobre Niklas que cuspi no rosto da minha irmã. Esse dinheiro seria apenas para o seu bolso, matar o seu tipo, e tornar a nossa espécie vulnerável à descoberta, captura, prisão e assassinato.

Ela lutou comigo sobre isso, e então Will confirmou. *Essa guerra arruinou a estação baleeira de verão, e seus cofres pareciam magros, então ele mordeu a isca. Eu tentei convencê-lo de que ele poderia ganhar dinheiro de outra maneira.*

Talvez Niklas não estivesse enchendo seus bolsos, talvez ele realmente achasse que ele estava fazendo certo com seu pessoal. Mas era uma visão estreita que afetaria muito além de Havnestad.

Eu pisco no ringue. Pode ser meu agora, e pode ter me ajudado durante a nossa luta com os guardas, aterrando minha magia neste lugar de uma maneira que eu não percebi, mas também me conecta com o assassinato de Niklas, e se formos ir de volta a Havnestad, a última coisa com que posso ser pega é este anel.

— Você tem outra pedra que possa funcionar para mim? Algo que ajudará a me ancorar de outra maneira?

Katrine afunda-se no baú mais perto da cama e abre-o. Dentro estão libras e libras de pedras, todas ásperas e irregulares. Ela sai com uma pedra roxa do tamanho de um ovo de galinha.

— Ametista é o caminho tradicional - uma das pedras mais mágicas que temos. É para equilibrar o medo e gerenciar as emoções.

— Perfeito.

Eu aceito a ametista e deixo aquecer as palmas das minhas mãos. Ela fica lá, pesada como um batimento cardíaco, intensa e viva. A magia dentro de



mim recua primeiro, duvidosa. Eu coloco meus dedos ao redor da pedra, não deixando minha magia sair. O calor se espalha contra as costas dos meus dedos. Desta vez, meu poder se desenrola, a curiosidade hesitante finalmente fazendo contato.

A sensação me lembra de estar no canyon com minhas irmãs, o hálito quente da terra borbulhando das profundezas do penhasco no fundo do mar, fumegando quando entra em contato com as águas frias de nossas profundezas típicas.

— Estes podem fornecer orientação também. — Katrine pressiona uma pilha de livros no peito e depois os joga na cama. — Estes são os grimórios que eu achei mais úteis.

Eu nunca trabalhei magia de um livro de feitiços. Nós escrevemos nossos feitiços, é claro que sim, mas é simplesmente uma questão de registro - pai e seus livros. Mas, quando crianças, não aprendemos nossa magia a partir de uma lista de frases, e sim de intuição e observação. Uma sereia sentindo a magia dentro dela é simplesmente outra parte do crescimento. É orgânico de uma forma que isso não é.

Mas isso é magia da terra. Ao contrário das sereias, as bruxas não são feitas de magia. Elas devem chamar a magia de uma maneira diferente. Isso é algo que preciso entender para ajudá-los.

Agora que tenho a pedra em minhas mãos, hesito em me separar dela. Eu a dobro na palma da mão esquerda e gentilmente abro o livro mais próximo, com a coluna desgastada. As páginas se abrem para um feitiço muito amado, esse chamado com mais frequência do que qualquer outro. As palavras estão desbotadas e a luz do quarto está fraca, e tenho que segurar a página para lê-las.

É um feitiço para desossar peixe.

Meu peito cai e eu toco para a próxima linha quebrada da espinha, o próximo feitiço popular.

Fermentação.



Há uma notação escrita à mão ao lado com rações de malte de galinha, lúpulo, leveduras.

Hvidtøl. Um hvidtøl mágico de fermentação rápida.

Este é um livro de receitas mágico. Nós não podemos destruir uma operação de U-boat magicamente desossa de peixe e cerveja ale.

— Katrine, você pode me apontar para os feitiços mais complexos? — Coloquei o livro na minha mão para o lado. O gato se deita sobre ele. Todo seu, Tandsmør.

Ela se debruça sobre a cama, passando os dedos pelos espinhos restantes. Ela seleciona um que é fino, mas parece desproporcionalmente pesado para todo o valor nele - uma folha de ouro em uma encadernação surrada.

O Grimoire Spliid.

— Este era o favorito da minha avó. — Diz Katrine, esfregando um polegar distraidamente na colcha da cama.

— Ela me ensinou as poucas coisas que eu sei.

— Você já tentou alguma coisa?

Katrine suspira. — Eu não tive um uso para esses feitiços na minha vida.

Isso soa exatamente como o tipo de livro que eu preciso.

A velha bruxa me entrega o livro, mas não olha para longe, seus olhos leoninos rolando as feições do meu rosto. Ela é uma pessoa de quem não se esconde - ela já sabe de qualquer maneira. — Você está procurando por um feitiço para ir para casa?

Meus olhos piscam para os dela e minha boca cai aberta, mas nada sai.

— Eu não sei se é possível, Runa. Mas sei que se for, vou ajudá-la a encontrá-la nesses livros. Nós só temos a história de Annemette e sua jornada, passada de uma bruxa conhecida como a curandeira dos reis... tia da mulher conhecida como a bruxa do mar. Essa história é mais recente que esses livros, mas a magia é tão antiga quanto o tempo.

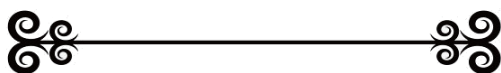


Eu pressiono a capa de couro do *Grimoire Spliid* no meu peito.

— Você vai me ajudar? Mesmo?

Há uma batida na porta, mas antes de Katrine responder, Sofie vem correndo, olhos arregalados e cor nas bochechas pela primeira vez desde o casamento.

— Agnata voltou!



Na sala principal, Agnata desmoronou na mesa. Está chovendo de novo, e ela está uma bagunça gotejante e tremendo. Seu cabelo escuro está em frangalhos, colado em suas bochechas brancas, mãos tremendo enquanto ela aceita uma caneca de algo quente - chá. Não é algo que bebemos abaixo.

Sofie pressiona um pano na cabeça da garota, ensaiando o que pode para evitar que caia no chão. Agnata engole vários goles grandes de chá e, entre os cabelos secos e o calor que escorre pela garganta, o tremor diminui. Sofie joga o pano sobre uma cadeira para secar.

Ainda abraçando as mãos firmemente na caneca, Agnata finalmente parece disposta a aceitar seu público, olhando para nós, seus olhos escuros tensos e vermelhos. Ela quase deixa cair sua bebida quando ela me vê. — O que você está fazendo aqui?

Eu não pisco. — Eu fui convidada.

Agnata verifica a validade da minha declaração com Sofie, Will e Katrine. Eles silenciosamente atestam por mim.

Sofie se senta ao lado dela, puxando uma cadeira para perto. — Diga-nos o que aconteceu.

Eu decididamente me sento diretamente em frente a Agnata - sei que ela passou por muita coisa, mas eu não vou ajudá-la. Katrine, enquanto isso, passava a mão



no fogão para aquecer o restante da sopa de moluscos e o calcanhar de um pão de centeio. Tandsmør morde os calcanhares, ansioso pelo que quer que ela possa compartilhar.

— A guarda do rei me segurou e me questionou. — Diz ela, virando-se para Sofie. — Então seu pai veio e me questionou. E então eles me questionaram juntos.

De alguma forma, com todo esse acúmulo, eu estava esperando algo um pouco mais descritivo. Sofie e Will devem pensar assim também, enquanto trocam um olhar.

— O que você disse a eles? — Sofie pica suavemente.

— Nada sobre isso! E eu não sabia o que aconteceu nos aposentos. Só que o rei estava morto. — Ela faz uma pausa, sua voz se quebrando. — Eu disse a eles que te vi coberta de sangue e transmiti sua história, Sofie, mas depois você desapareceu e eu disse a eles que não sabia nada sobre isso.

— Boa. Eu estava frenética, mas eu não queria que você soubesse quando eu saísse do castelo. — Sofie admite, agarrando a mão de sua amiga. — Foi ruim o suficiente que você soubesse onde eu iria.

Agnata acena com a cabeça. — Eu não contei a eles sobre este lugar, eu juro. Eu não contei nada a eles.

— E isso foi o suficiente para que eles deixassem você ir? — Eu digo, levemente incrédula - os guardas no reino marítimo não fariam tal coisa, mesmo o mais novo deles. Até mesmo Calder. No entanto, Agnata confirma isso.

Enxugando a testa, Will interrompe. — E quanto ao Phillip? Eles o questionaram?

— Ele foi embora - voltou com a família para Copenhague. Ele está fora. Eu não sei mais do que isso. Tomei minha primeira chance de sair e depois corri.

Will acena com a cabeça. Pelo que ele me disse, Phillip não é um bruxo, simplesmente alguém com interesse em parar a guerra da maneira que pudesse. Ele sabia que havia mais jogadores, mas não as realidades mágicas



dos outros membros. Apesar de sermos mais fracos, provavelmente é melhor que ele tenha ido embora.

Sofie se inclina. — Eles perguntaram por Will? Eles acham que ele é parte disso?

Agnata balança a cabeça, enfática. — Eles não perguntaram depois de você nenhuma vez.

Will franzir o cenho. — Mesmo? Ninguém notou que eu não retornei com os guardas na minha equipe de busca?

Mais uma vez, ela balança a cabeça, deixando apenas água suficiente para apimentar as tábuas do assoalho. — Eles podem ter percebido isso até agora, mas, para ser honesta, da cela onde eles me tinham, eu podia ver a linha de carruagens estacionadas. Todos os hóspedes saíam assim que as malas estavam prontas. Eles não têm o melhor resultado de pessoas agora.

Caos - exatamente o que queremos aproveitar.

— Então, o que eles acham que aconteceu? — Eu pergunto.

— Eles não acreditavam na história de Sofie - fugir não ajudou sua causa - e agora eles acham que vocês duas estão trabalhando uma com a outra. — Ela diz apontando para mim e Sofie. — E a outra garota também. — Agnata não me inspeciona para a minha peça que faltava como Sofie fez horas antes; Em vez disso, ela simplesmente ergue uma sobrancelha. — Ela não chegou aqui?

Vai responder por mim. — Não, ela não chegou.

Nossas expressões contam o resto da história.

— E o pai? Ele acha que eu poderia estar envolvida? — Sofie balança a cabeça. — É como ele me jogar para os lobos tão rapidamente quanto ele estava pronto para casar comigo. Qualquer coisa para selar esse maldito negócio.

Agnata se aprofunda. — Eu sinto muito. É verdade. Seu pai ainda está passando com a venda. A rainha-mãe aprovou isso de suas câmaras de luto. Ele vai se encontrar com o vereador principal do rei amanhã de manhã,



Nielsen. Eles esperam que os barcos estejam prontos e prontos para inspeção dentro de dois dias, e a venda ocorrerá imediatamente após serem inspecionados. Eles estarão na água dentro de minutos do dinheiro trocando de mãos.

Pelo menos isso confirma: o acordo não está morto e enterrado com o rei.

Ao redor da mesa, todo mundo está em silêncio. Pensativos.

Nenhum de nós precisa dizer isso. Estamos todos pensando a mesma coisa.

Nós temos dois dias. Temos que começar a trabalhar.



22 - Evie



A guerra estará aqui em poucos dias se não houver nenhum problema.

O rei do mar vai elogiar sua filha, ingerir o último de seus ríkifjor e jogar o destino de seu povo para obter o poder que ele precisa para se sustentar.

Eu preciso avisar Runa. É uma proposta difícil daqui, mas não impossível.

Eu agito o caldeirão, imaginando a garota na minha mente. — *Líta*.

O líquido dentro brilha, vapor subindo em meus poros enquanto minha magia procura por ela. Não me permite comunicar - nem sequer me permite ouvir uma coisa, não sem um sinal acrescentado como o tentáculo que o rei do mar usa. Mas esperamos que, como foi nos aposentos de Niklas, o contexto seja suficiente.

As partes de vapor e a forma de Runa aparecem. Ela mudou de roupa, em tecidos camponeses. Seu cabelo está limpo, o sangue lavado, o louro moreno quente no brilho das velas e da luz do fogo.



Com ela estão três mulheres - duas jovens, uma com idade suficiente para ser a mãe de qualquer uma das outras - e um menino não mais velho que o rei morto.

Espera. Não.

Três bruxas e um mago.

As mulheres estão em fila, seus perfis estão padronizados em luz e escuridão de um pequeno fogo aceso em uma lareira. Apertando os olhos, eu inspeciono as mãos de Runa. O anel de Nik ainda está em seu polegar. Bom. Na mesma mão está uma pedra. Uma onda de familiaridade e perda flui sobre mim quando ela segura a lâmpada. Seu tom elegante e púrpura brilha na luz.

Uma ametista.

Runa segura a pedra, diz um comando, e seu braço esquerdo pisca em fogo.

Braços para cima, os três repetem o comando e... falham. As duas meninas produzem exatamente nada além do comando, enquanto algumas faíscas voam do braço da mulher mais velha.

O mago participa como uma seção de aplausos, enquanto descansa em uma cadeira de balanço, girando o que parecem ser lâminas de grama em margarida após margarida.

Depois de uma segunda tentativa fracassada na qual todos tentam mudar para pedras de outros tamanhos, uma das garotas corre até o garoto. Sem aviso, ela joga as margaridas diretamente de seu colo para a lareira e puxa o garoto para tentar o feitiço.

Quando a garota se senta novamente ao lado dele, sua risada muda seu rosto o suficiente para que, de repente, fique óbvio por que ela parece familiar.

Ela é noiva de Niklas.

O rei de Havnestad, descendente dos Øldenburgs caçadores de bruxas, foi casado por algumas horas com uma bruxa de verdade.



Isso é interessante.

Adicionado ao meu pânico sobre o movimento do rei do mar para a violência é uma súbita pontada de inveja. Em outro mundo, outra vez, eu poderia ter sido a bruxa casada com um rei Øldenburg. Ou, da mesma forma plausível, se Tante Hansa não tivesse passado tanto tempo me protegendo de como o mundo nos via, eu poderia ter meu próprio coven e passar uma noite praticando feitiços com nossa espécie. Eu não teria que esconder meu verdadeiro eu.

Ou, talvez, em outra história, neste mesmo momento, eu pudesse ser uma velha senhora em outra cabana, ensinando outras bruxas à luz do fogo. Em vez disso, sou a velha senhora que tem árvores estranhas em vez de gatos e passa seus dias falando principalmente para si mesma.

Eu volto para o meu caldeirão. As bruxas se alinham novamente, desta vez com os dois braços em um movimento de bloqueio, prontas para outro feitiço.

— Elas poderiam aprender muito mais com você, Evie. Eles não sabem o que vão encontrar quando o rei do mar chegar. Eles não estarão prontos, especialmente se não conseguirem fazer um simples feitiço de fogo selvagem. Eles precisam de você; você pode mostrá-los.

Eu aceno, mas digo: — O melhor que podemos fazer é avisá-los. — Então, para o meu caldeirão, eu digo: — *Heitr*.

O fogo sob ele muda de um vermelho escuro para o azul claro da aurora, o pote vivo com calor delicioso. De segurança em minha caverna, eu pego um fio de cabelo de cada uma das filhas que ainda estão amarradas no mar e os coloco no caldeirão. Enquanto o caldeirão treme em ebulição, dou meu comando ao universo. Exatamente como o rei do mar fez em seu estudo.

— *Koma, Eydis. Koma, Ola. Koma, Signy.*

As garotas aparecem dentro de uma hora. Elas nadam em três, todas com os braços bem apertados sobre o peito. O



medo e a raiva rolam em ondas alternadas, e eu não as culpo, embora eu ache isso equivocado.

— Você tem algum nervo. — A mais velha, Eydis, cospe em mim quando elas vêm para descansar além do meu caldeirão. Silenciei Anna novamente e enfrento-as no meu trono do tentáculo. Eu encontro seu fogo com um rosto sem cor, nós não temos tempo para lutar.

Minha não-reação claramente irrita essa garota, suas sobrancelhas se juntando abruptamente, seus lábios rosados se enrugando como se ela tivesse provado algo azedo. Embora limpa para dormir, suas bochechas brilham com excesso de pó de diamante - nunca deve haver um momento em que essa garota não brilhe.

— Por que você nos chamou aqui assim? Você tem alguma ideia de como é perigoso deixarmos o castelo agora? Desde que voltamos sem Runa e fomos aliviadas do nosso cabelo, o Pai nos trancou dentro da torre norte. Trancadas em nossa própria casa! Ele está tão medroso que nós viemos visitá-la novamente e todas acabam em terra, perseguindo nossas irmãs até a nossa própria morte.

Eu levanto uma sobrancelha para ela. — Você veio, no entanto, não foi?

Eydis suspira. — Que escolha nós tivemos? Eu soletrei a sensação de um guarda do primeiro ano doce em Runa. — Seus olhos brilham, uma tempestade se formando. — É verdade? Alia está morta? Runa falhou? E o que tem ela? Ela também vai morrer?

Ao lado dela, as outras irmãs se inclinam para a frente, com as mesmas perguntas em seus lábios, sem fazer perguntas. Eles me encaram com suas próprias medidas de esperança piscando em seus olhos cansados.

— Alia está morta. — Eu confirmo, e tenho que olhar para baixo e para longe de seus rostos jovens enquanto eu entrego as notícias. — Ela falhou. O acordo de Runa, no



entanto, é diferente. Ela falhou, mas a morte não vai levá-la agora.

— O que será dela? — Pergunta Ola, ela dos olhos da lua e cachos apertados.

— Ela vai se tornar humana.

— Humana? Humana? — Signy grita, os cordões em seu pescoço tão tensos quanto cordas de violino. — Alia morreu porque queria ser humana, mas Runa será humana para sempre?

Eu concordo.

Os lábios de Ola tremem e sua linha do chicote se eleva como a de Anna fez em sua segunda vida. — Como você pode ser tão cruel?

Mais uma vez, eu examino as areias de estanho do fundo do mar da minha caverna enquanto respondo. Eu realmente não esperava que fosse assim tão difícil. Minhas próximas palavras são escolhidas com cuidado. Eu esqueci o que era ser gentil.

— Alia fez sua escolha, e eu gostaria que tivesse terminado de forma diferente. Runa procurou algo diferente do amor; portanto, a troca mágica dela era diferente. Encontro seus olhos uma por uma. — Eu espero que vocês meninas entendam a magia bem o suficiente para reconhecer isso.

As sereias acenam com a cabeça tensa e eu continuo.

— Seu pai vai tentar devolver Runa ao mar. Ele precisa da magia dentro dela e de seu talento específico.

— As flores. — As três dizem de uma só vez. Eu aceno e os olhos das meninas vagam para a boca da minha caverna, onde Runa plantou meu ríkifjor.

— Ele acredita que posso trazê-la de volta. Eu não posso fazer isso. Ela não pôde completar sua parte da troca também. A troca mágica controla tudo, não a bruxa.

— E pai... sem as flores.... ele vai... — Signy se afasta.



— Eu não sei o suficiente sobre ríkifjor para saber se ele vai morrer. — Eu digo. — Mas as complicações da retirada e sua ira durante esse tempo podem ser mortais o suficiente por conta própria.

Eydis repõe as mãos firmemente em seu peito. — Então o que você quer? Uma de nós para ir até lá depois de Runa? Adicionando mais de nós na mistura não vai reparar este desastre.

— Você está certa: enviar outra de vocês até lá, mesmo se você quisesse ir, seria tolo. Dito isso, preciso da sua ajuda, Runa precisa da sua ajuda.

Eydis ri. — Se você acha que vamos ajudá-la sem receber algo em troca, você é louca. Nós estamos trancadas em uma torre por sua causa.

— Eu entendo isso e prometo-lhe algo em troca de sua ajuda.

— Bom. — Diz Eydis. — Dê-nos o seu ríkifjor restante e depois vamos conversar.

— Não.

— Sim. — Eydis cospe de volta. — Isso vai nos comprar a nossa liberdade e as boas graças do meu pai.

— Não vai. — Eu digo a ela. — Ele vai pedir para você cultivar, e quando nenhuma de vocês conseguir, ele perguntará de onde veio, e você terá que dizer a ele que Runa os cultivou para mim. Só vai provar para ele que você não é confiável, e você irá para uma torre mais alta com um guarda mais inteligente.

Os olhos de Signy brilham. — Bem, não estamos fazendo seus lances sem algo.

— Eu tenho algo que posso lhe dar de boa fé que você possa explicar ao seu pai.

Uma por uma, cada irmã levanta uma sobrancelha.

— Seus cabelos. — Eu digo a elas.

Os olhos de Ola se estreitam. — Você pode devolver o nosso cabelo?



—Sim. E seu pai ficará satisfeito, porque, como com cada uma de vocês e todo o seu povo, ele tira um pouco de seu poder de cada pedacinho de vocês, especialmente do seu cabelo.

As garotas têm uma conversa sem palavras entre elas. Finalmente, Eydis inclina a cabeça e decreta: —Não vamos ouvir outra palavra até você devolvê-lo.

E assim, eu recupero seus cabelos, colocando cada novelo dentro de uma garra antes da sereia correspondente.

—*Ávoxtr skor. Ávoxtr skor. Ávoxtr skor.*

Uma por uma, o cabelo de cada menina encontra a sua casa, e com uma luz azul cintilante, cada fio se torna tão longo e exuberante como antes, as peças fluindo sobre os ombros e as costas. Um girou com fio de ouro, um com ponta de tinta ônix, um encaracolado o suficiente até mesmo a água não pode pesá-lo em linha reta.

Um pouco de relaxamento atinge o corte da coluna de cada menina. Não é muito, mas é um alívio.

—Agora, antes de vocês voltarem para o seu covil do castelo, aqui está o que vocês devem fazer. Eu não posso deixar este lugar - seu pai se certificou disso - mas vocês podem. Eu preciso que vocês vão até Runa. Ela está em uma pequena cabana construída na terra do campo, a oito quilômetros da passagem de Lille Bjerg, no vale ao longo da costa sul da costa de Havnestad.

As garotas acenam com a cabeça.

—Chame-a em seu caminho, e quando ela surgir, você deve avisá-la sobre os planos do seu pai para a guerra. Ele não está apenas vindo para os humanos, ele está vindo para toda a magia restante em terra. Quer dizer, que sua irmã deve preparar qualquer bruxa que possa encontrar o mais rápido possível. Seu pai se mudará em breve - ele precisa daquela mágica terrestre como se ele precisasse de outro golpe de soro ríkifjor. Quando as flores acabarem, ele não terá escolha a não ser atacar.



Mais uma vez, as meninas concordam, aceitando meus termos. Elas se viram para ir embora, mas eu as paro - porque a missão delas não é apenas de aviso, mas de recuperação. Em um redemoinho de cabelo longo, bonito e mágico, as três me encaram.

— Eu tenho um pedido adicional. Como parte de sua barganha, Runa pegou um anel do rei Øldenburg. Peça a ela para lhe dar aquele anel e entreguem-o para mim.



23 - Runa



Meu fogo não está trabalhando.

De modo nenhum.

Oh, eu posso chamar o fogo no comando uma e outra vez, a distância que eu estava tentando ignorar agora é uma lacuna preenchida, se não curada e fechada. Mas o meu conforto não tem tempo para definir, completamente sacudida como eu estou pela tarefa impossível à minha frente. Essas bruxas são praticamente inatingíveis.

Depois de executar Agnata através da versão abreviada do que decidimos fazer, priorizamos nossas tarefas antes de implementar nosso plano, e todas as bruxas sabendo como chamar os saltos de fogo para o topo da lista. Útil como ataque, defesa e excelente distração.

A presença da ametista aquecendo minha palma e o anel de Niklas ainda circulando meu polegar, eu demonstro o feitiço para as três garotas - o espaço é escasso, e Will se ofereceu para se sentar até que alguém pegasse o jeito e trocasse.

Eu fico no centro da sala, ao lado da mesa, livre do último jantar de Agnata.



— Quando eu chamo a minha magia, é com autoridade e um comando para ação. Eu não dou espaço para hesitar ou desobedecer.

Eu aponto meu braço esquerdo para cima, punho formado e apontado para as vigas, embora eu saiba que tenho uns bons cinco pés de sobrecarga para trabalhar. Eu coloco minhas pernas em uma base forte abaixo de mim e chamo a minha magia.

— *Villieldr*.

Chamas roxas cintilam do meu braço, iluminando os rostos esperançosos das bruxas na minha frente.

— Sua vez. Comandem a magia. Pronto? Um dois três.

— *Villieldr!* — Gritam as três quase ao mesmo tempo.

E nada.

Eu sacudo isto. — Novamente.

— *Villieldr!*

Nada.

— Novamente.

Desta vez elas são ainda mais lentos. Fora de sincronia. Menos entusiasmadas. — *Villieldr!*

Continua assim pela próxima hora. Falha após falha. O único sucesso é um punhado de faíscas que não passam de manchas pretas no chão em frente a Katrine. Mas Sofie, Agnata e Will não ligam para nada. Não importa o quão vigorosamente eles perguntem. Não importa o quanto eles se concentrem. Não importa quantas vezes eu tente explicar a maneira correta de fazê-lo.

Talvez eu seja uma professora horrível.

Sofie aperta suas mãos em seus olhos. — Eu preciso de alguns minutos.

— Eu também. — Diz Agnata. Eu só as assisti interagindo fora do castelo por algumas horas agora, e tenho a sensação de que o ato de Agnata não era realmente um ato. Ela adia para Sofie literalmente tudo. O que faz de Sofie nada além de feliz - e me faz querer vomitar.



No entanto, desta vez, mesmo com o acordo de Agnata, quando as mãos de Sofie saem de seus olhos, toda a determinação foi arrancada de seu rosto. Ela pede uma cadeira à mesa, apoia os cotovelos e põe a cabeça nas mãos.

— Eu não sinto absolutamente nada. — Lamenta Sofie quando Tandsmør pula no colo e enfia a cauda de cor de gengibre no seu rosto. — Existe algo como uma bruxa espectadora? Eu me sinto como um cachorro em uma caçada - eu posso farejar o coelho, mas eu só tenho uma fungada, nunca um gosto. Isso é para os outros.

— Não seja dura consigo mesma, Sofie. Eu posso sentir a magia, mas não vai me ouvir uma lambida. — Diz Agnata, caindo na cadeira ao lado dela.

Will não grita, mas a maneira como ele está agachado perto do fogo passando a mão pelo cabelo me mostra que tem sido o mesmo para ele também.

Minhas pernas coçam para se mexer, andar de um lado para o outro, resolver a decepção e a irritação que se misturam na boca do meu estômago. Por que eles não estão entendendo? Eu atravesso os movimentos, quebrando as noções básicas de como eu faço um feitiço. Eu fecho meus olhos e respiro fundo. Na minha mão, a magia da terra bate como um pulso da pedra, e por dentro, a magia do mar gira como um redemoinho em minhas veias, chamando o fogo selvagem.

Paro e abro os olhos antes que o feitiço tenha saído dos meus lábios, sacudindo a cabeça em descrença. Quão cega eu estive. Esse feitiço, esse feitiço de fogo selvagem, é do mar. Não é de admirar que eles não consigam fazer isso. A magia do mar de uma sereia vem de dentro, mas essas bruxas terrestres devem de alguma forma invocá-la. Talvez haja um caminho.

— Katrine. — Eu ligo, embora eu já esteja entrando no quarto dela. Ela está na cadeira de balanço no canto, folheando um livro antigo com uma coluna



tortuosa, procurando algo para me ajudar a voltar para casa. Eu gesticulo para o baú ao lado dela, aberto e cheio de pedras preciosas, garrafas empoeiradas e qualquer livro que ela já tenha folheado e descartado. — Alguma dessas garrafas contém tinta de polvo?

— Claro, e lula também. Por quê?

— Eu tenho uma ideia.

Eu abraço o máximo possível de pequenas garrafas no meu peito, as tintas contidas em cada uma delas. Peço a Katrine que pegue o resto e incite Will do seu lugar perto do fogo para pegar pedras preciosas suficientes para todos.

Sofie se anima enquanto colocamos as coisas na mesa.

— O que é isso? — Claramente, esses itens nunca fizeram parte de suas aulas com Katrine.

— Uma ideia. — Eu respondo novamente.

Os vestidos das outras meninas são exatamente como os meus. Rudes e com mangas compridas, com botões ao redor dos pulsos. Mas Will - ele está com as mangas arregaçadas, antebraços cheios das pedras. Suas bordas irregulares transformam a luz em pedaços cintilantes - lavanda, verde-mar, vermelho-fogo. Ele as coloca gentilmente na mesa, transferindo-as uma a uma para o canto mais próximo de sua prima.

Quando as gemas são contabilizadas e seus braços estão vazios, eu pego seu pulso sem preâmbulo. Seus lábios caíram de surpresa, rudeza voltando para as cavidades de suas bochechas.

Eu não coloquei um dedo nele desde a nossa dança na recepção do casamento, quando nós dois estávamos fingindo ser algo que não éramos. Meus olhos se erguem para os dele. O azul neles se enfurece perto do preto nesta luz e o calor imediatamente subiu pelas minhas bochechas. Eu levanto o pulso um pouco, gesticulando com ele, e peço permissão um pouco tarde demais. Eu levanto a garrafa também, de repente um pouco espantada. — Posso?



Ele aceita sem questionar.

Eu puxo seu braço para baixo na minha frente, abro a garrafa e enfio o dedo indicador dentro. A tinta adere facilmente, meio encharcada, meio mole. Pinte a tinta quase ônix da faixa grossa de seu pulso, dos músculos fortes do antebraço até a dobra do cotovelo. O processo pareceria algo íntimo se não fosse pelo nosso público, encarando cada gesto com olhares confusos. Will também me observa trabalhar, bochechas rosadas mais profundamente, mas corpo completamente imóvel. Quando termino, hesito em largar o braço dele. Então eu não largo. Em vez disso, eu trabalho meus dedos através dos dele e os enfio juntos. Eu levanto nossos braços como um e dou-lhe um sorriso confiante.

— Ok, vamos fazer isso juntos. — Digo a ele. — Em três, vamos dizer a magia exatamente o que queremos.

Um sorriso aparece nos cantos da boca de Will, discreto. — Eu suponho que vamos descobrir se minhas flores são inflamáveis.

— Só se você disser o feitiço errado e tiver grama escondida em seus dedos. — O sorriso em meus próprios lábios cai, e eu lancei-o com toda a concentração que me resta. — Em três.

— Um. — Nós contamos juntos, olhos fechados. — Dois. Três. *Villieldr*.

Meu braço acende como sempre, apesar da minha ametista pendurada no bolso - a conexão de Will com a terra girando através do poder dentro de mim, me prendendo a este lugar, uma âncora no fundo.

No momento em que meu braço se apaga, meu estômago treme com o erro que cometi. Eu vou queimá-lo como fiz com os guardas do castelo. Derreter sua pele em algo com cicatrizes, feridas, fervendo de vermelho.

Mas Will não se afasta. Em vez disso, ele fica, os dedos abraçando as costas dos meus dedos em chamas. E, finalmente, sua pele pintada começa a brilhar,



difusa e em lavanda. A perturbação cresce, junto com um sorriso no rosto, e dentro do espaço de duas piscadas, essa queima lenta se transforma em uma chama roxa profunda, como a minha.

Em nossa periferia, as cadeiras das garotas se arrastam para trás enquanto estão de pé.

— Will! — Sofie exclama. — Você fez isso! Você fez isso!

— Ele fez. — Eu digo. E então, segurando seus olhos com os meus, eu pergunto: — Você está pronto?

— Sim.

Eu tiro meus dedos, um a um, dele até que ele esteja lá sozinho, com uma tocha acesa. Finalmente, horas depois, prova que a magia do mar pode encontrar a terra quando o feitiço está certo. Revestimos o braço de cada bruxa com tinta de polvo e, em poucos minutos, todos, exceto por Sofie, acionaram chamas com sucesso.

Ela tentou várias vezes, mas ainda encontra o poder da magia frustrantemente fora de seu alcance. Ela ameaçou se retirar para a noite, a cópia de Katrine dos contos de fadas de Grimm chamando seu nome como toda a magia que ela precisa. Mas eu não vou deixar ela desistir. Ainda não.

Talvez a distância que ela descreveu não seja tão diferente do que eu tenho sentido, embora minha magia ainda não tenha falhado completamente. Talvez ela precise se aterrar da mesma maneira que eu. Não apenas a conexão com o mar através da tinta, mas talvez com a própria terra também.

Eu a puxo de lado, para o canto da cozinha com o lavatório. — Eu tenho uma ideia para você. Mas só para você.

Seu rosto parece cair mais longe, como se isso não fosse uma oportunidade, mas mais um ataque contra ela. — Vamos encarar isso, eu realmente sou um cachorro na caça.

— Pare.

Ela revira os olhos, mas não diz mais nada.



Eu levanto minha mão esquerda. O anel de Niklas brilha lá, vermelho como o centro da terra. — Eu quero que você tente com este anel.

Seus lábios se abrem e ela hesita por uma vez. — Isso é dele.

— Isso foi.

Eu conto a ela suas origens - uma gema levantada do ventre da terra até a crosta. E embora ela possa ter reservas sobre usá-lo nas últimas vinte e quatro horas, pode ser exatamente o que ela precisa. — Por favor tente.

Sofie olha para o anel, sentada na minha palma. — Eu... Eu não sei. Ele usa esse anel desde que seu avô morreu. Parece também... Perto. — Dor pisca em seus lindos olhos verdes, a dor que ela planejou para Niklas nunca física. Nunca tão permanente quanto o que fiz.

É então que noto que os anéis de casamento dela sumiram. Eles não fizeram a viagem do castelo com ela. Eu me pergunto se eles teriam se ela tivesse dormido neles, ou se ela os teria arrancado no segundo em que ela estava livre do casamento arranjado de seu pai, o plano que ela desenvolveu debaixo daquelas circunstâncias, morto junto com o rei.

Eu pego a mão dela e pressiono o anel de Niklas na palma da mão dela. — Se não funcionar, você não precisa ficar com isso. Devolva e será isso.

Eu fecho seus dedos ao redor dele.

Sofie respira fundo e coloca o anel no polegar de seu braço preto como tinta. Suas mãos são tão delicadas que desliza um pouco demais. — Posso? — Eu pergunto, minha mão pairando sobre a dela.

— O que você vai fazer?

— Apenas aperte-o para que não seja um projétil flamejante quando o feitiço funcionar para você.



Há quase outro rolar de olhos dela, mas ela estende a mão de qualquer maneira. Eu coloco um único dedo no anel. — *Smár*.

As pedras vermelhas brilham apenas um toque, aquele vermelho específico do pôr-do-sol. Sofie estende a mão na frente dela, como deve ter admirado o anel que Niklas lhe deu na cerimônia da praia. Isso se encaixa perfeitamente; a distante luz de vela dança em cada faceta. Ela rasga os olhos o tempo suficiente para olhar para onde os outros estão tentando competir um com o outro chamando o feitiço, vendo de quem são as luzes dos braços primeiro.

— Vamos dar uma chance aqui. — Eu digo.

— Agora?

— Certo.

Em resposta, Sofie levanta o braço, pronta. Ela aperta os olhos fechados, uma respiração aterrada enchendo seus pulmões.

— Sinta a magia. — Eu sussurro enquanto ela toma mais algumas respirações profundas, visualizando o sucesso. — Alcance para isto. Diga o que você quiser.

Há um longo momento em que acho que ela pode ter se assustado.

Então...

— *Villieldr*. — Sua voz é tão quieta que é quase como se ela não dissesse nada, seus olhos fechados.

Começa com o brilho do alto verão, apenas por pouco. Os olhos de Sofie se abrem enquanto a sensação vai do olho de sua mente para a carne real de sua pele.

— Segure isso. Concentre-se. Você tem isso. — Eu digo apenas sob a minha respiração.

O brilho se transforma em uma névoa. E então, abençoadamente, o braço dela se torna quente, inequívoco fogo roxo.



24 - Runa



À meia-noite, todos estão satisfeitos e completamente drenados. Não só cada bruxa conseguiu derrotar a magia do fogo selvagem - ambos restritos a um único braço como uma tocha e permitindo que ele ocupasse todo o corpo - mas eles também aprenderam o feitiço de escudo que eu usei na minha luta com os guardas do castelo.

De manhã, pretendo ensiná-los a colocar um homem para dormir. E então, quando a noite cai novamente e é relativamente seguro estar à vista, eu planejo ensinar-lhes mais usos para o feitiço de fogo selvagem, incluindo como explodir as chamas em um alvo específico com um vento mágico. Mas por enquanto, podemos chamar isso de triunfo.

Todos começam a fazer planos para dormir durante a noite, Sofie e Agnata amontoando colchas perto do fogo, Katrine cuidadosamente guardando sua pequena coleção de livros em seu baú. Tandsmør já está fora, uma bola de pelos laranja enrolado ao lado das pedras da lareira.

O cansaço está pendurado nos meus ossos - não durmo desde a noite anterior ao casamento e, mesmo assim, estava me recuperando. Essa falta de sono se acumula em meus ombros, aumentando o peso do que aconteceu desde



a última vez que dormi - o casamento, o assassinato, o fracasso, a morte de Alia e meu próprio destino incerto. Concentrar-se no enredo do U-boat e no nosso avanço mágico evitou que tudo me arrastasse para baixo. No entanto, no fundo desses mesmos ossos cansados, sei que não consigo dormir. Ainda não.

Eu fico em pé com as pernas rígidas e acidentalmente faço contato visual com Will, que sussurra, sem perder o ritmo. — Você gostaria de tomar um pouco de ar?

— Sim por favor.

Nós saímos pela porta e entramos no doce coração da meia-noite. O céu está livre de tempestades, mas há um vento inquieto subindo da água, trazendo o mar até mim. Fechando os olhos, eu inalo profundamente, deixando o cheiro encher meu nariz, garganta e pulmões.

Pela primeira vez, sinto-me como uma estranha para o mar. Embora eu esteja em um campo e não na praia, é como se eu tivesse a maré batendo nos meus calcanhares e as ondas nas minhas costas, meus dedos dos pés segurando a terra firme enquanto eu andava por esses mundos.

A lua fica baixa sobre nossos ombros, gorda e prateada. A luz banha o cabelo de Will em um halo difuso e destaca o cabelo brilhando em suas bochechas como grãos de areia individuais.

— Posso te perguntar uma coisa? — Ele diz depois de alguns passos na noite fria. Vai chover de novo e essa promessa fica no ar entre nós.

Quando eu não digo não, ele me olha nos olhos, então não há como escapar. — Você quer voltar?

Eu não tenho certeza se ele está perguntando porque ele quer que eu ensine mais a ele, ou porque ele não acha que eles podem fazer nosso plano sem mim, ou até por causa do jeito que ele não podia parar a cor de subir em sua bochechas quando minha mão tocou a dele. Seja qual for o motivo, eu

lhe digo a verdade.



— Não importa se eu quero. — Eu digo. — Eu quebrei minha promessa para a magia. Não vai ser gentil.

— Pelo que vi de você, acredito firmemente que você pode fazer qualquer coisa.

Ele diz isso com uma espécie de abertura que me faz corar, e espero que ele não possa dizer sob a lua. Eu me esquivo, olhando para a grama esmagada debaixo dos nossos pés. — Você está falando com Katrine.

Um sorriso aparece em sua boca. — Ela pode ter me contado a história de Annemette e seus quatro dias. E que você está esperando por inspiração nesses velhos livros de magia.

— Está em casa. Nesta madrugada, eu vou ter um dia, ou estou aqui para sempre. Eu tenho que tentar. — Ele acena, e um choque de realização me prega bem entre os olhos. — Você pode ir para casa, não pode? Para suas galinhas em Aarhus?

O nariz de Will franziu um pouco enquanto ele franzia a testa. — Receio que o lar seja uma perspectiva perigosa quando eles perceberem que eu não fui lá depois do assassinato de Niklas. E considerando o que planejamos com os U-boats, será uma impossibilidade.

— O que estamos fazendo ou como estamos fazendo isso? É mágica, sim, mas... mas a magia está no seu sangue. Alguém tem que ser uma bruxa na sua família. Eles entenderiam, não iriam...

Will entrelaçará seus dedos nos meus e a surpresa me corta do frio.

— Não discutimos nossas habilidades mais do que discutimos o que já perdemos com essa guerra. Se eu for para casa, e minha família decidir me proteger, isso significará que eles me mandem para ser recrutado pelo exército alemão. — Seus olhos se erguem das nossas mãos entrelaçadas para as minhas. — Se eles me chamarem de



traidor no local, eu serei entregue à coroa de Havnestad sem nem dizer adeus.

— Sua família faria isso com você?

Seus lábios se inclinam, mas há algo de triste nisso. — Não há nada tão perigoso quanto uma criança que acha que sabe melhor do que seus pais e age com base nesses instintos.

Ele é tão sério, mas eu quase rio porque ele resumiu exatamente o que Alia e eu fizemos. Em vez disso, olho nos olhos dele. — Não vai fazer você se sentir melhor, mas acho que seus instintos estão certos. Rebelde ou não.

A tristeza no azul escuro de seus olhos muda, aquele sorrisinho triste se curvando em algo real. Estamos a centímetros de distância, a mão dele ainda enrolada na minha e, mesmo assim, apesar de não ter certeza de que me movi fisicamente, estamos mais perto.

Ele escova meu cabelo para trás das minhas orelhas e traz sua boca para respirar. Eu me inclino, mas antes que eu possa encontrar seus lábios, algo me pega no ouvido.

Cantando.

O vento carrega uma canção que conheço tão bem quanto qualquer outra em meu coração. Will também ouvirá quando eu me afastar. — O que-

— Fique aqui, por favor. Eu volto já. Apenas fique.

Com o coração na minha garganta, eu corro para o som. O vento do Estreito de Øresund bate contra o meu progresso, pressionando cada passo. Minhas pernas rangem como uma porta enferrujada, mas eu mergulho minha cabeça e empurro, os pés doendo com o alongamento e o contato de cada passo.

Eu subo o topo de uma colina baixa, e lá está ela - a praia, a areia cintilando ao luar. As ondas chicotam e se partem fortemente, agitadas na próxima tempestade. Entre as ondas estão três cabeças balançando, a música que elas cantam é inegável.

Minhas irmãs.



Eu corro em direção a elas, alegria e choque trabalhando juntas como um bálsamo para a minha exaustão, a dor nas minhas pernas, o esfriamento da minha pele onde a mão de Will estava uma vez. Atingi o litoral e continuei, minhas pernas não pararam até que a areia sob meus pés estivesse longe o suficiente para que apenas minha cabeça permanecesse acima. Eu não sei nadar, mas não posso ficar longe. Eu tenho que estar o mais perto que puder.

Eydis, Ola e Signy me cumprimentam de braços abertos e eu caio nelas.

Minhas irmãs, oh minhas irmãs.

— Alia está morta. Eu sinto muito. Eu falhei. Eu tentei e falhei e me desculpe. — Eu cuspo na curva do pescoço de Eydis. Minhas pernas quase desistem também, mas minhas irmãs me seguram. — Eu deveria ter dito o que eu ia fazer. Eu sinto muito. Eu sabia que Alia não iria passar por isso sozinha, e eu tinha que tentar. Eu precisei.

— Nós sabemos, Ru, nós sabemos. — Minha irmã mais velha me garante. — Você sempre foi muito teimosa.

— E incapaz de aceitar a realidade. — Diz Signy, divertida como de costume.

— E uma sabe-tudo. — Acrescenta Ola.

Eu ri tristemente. — E olhe para onde isso me levou. — Eu olho para baixo, e embora minhas pernas sejam pouco visíveis sob a maré agitada, o significado é claro. Ainda assim, eu as abraço mais perto. — Eu senti falta de vocês meninas. Ei, espere, seu cabelo ...

— A bruxa retornou com a condição de que entregássemos uma mensagem. — Diz Signy.

— O... o que ela quer?

— Ela sabe o que aconteceu com Alia e que você também falhou em sua missão.

Eu concordo. — Alia perdeu a faca em uma briga com a noiva do rei. Que é uma bruxa, na verdade, vai descobrir.



— A noiva tem isso? — Ola pergunta, esperançosa.
Eu sacudo minha cabeça. — Não, caiu da varanda... — E
então eu percebo onde isso teria acabado. — No mar.

Os olhos de Eydis se iluminam com compreensão. —
Espera. Se estiver no mar, poderíamos consegui-la. Ou ela
poderia recuperá-la, talvez, com alguma mágica. De
qualquer forma, se ela voltasse para ela, e nós lhe
trouxéssemos o anel, você acha que isso seria suficiente para
satisfazer o feitiço e trazer você de volta?

— Eu não sei... Tudo deu errado. O rei Øldenburg está
morto, mas eu matei ele, não Alia.

— Isso ainda é um sacrifício. — Diz Eydis. — Talvez
Urda obrigue.

É como se minha irmã mais velha me desse esperança.

— Bem, eu tenho o anel, e se a faca faz o seu caminho de
volta para a bruxa do mar, a única coisa que falta no feitiço é
o sangue de Øldenburg em meus pés.

— Eu suponho que não há como colocar as mãos nisso.
— Suspira Ola.

Espera. Minha mente volta aos primeiros minutos na
casa de Katrine, quando Sofie saiu das sombras em sua
camisola.

— Eu realmente posso ter acesso a um pouco.

— Sangue Øldenburg? — Esclarece Signy, com a
sobrancelha arqueada.

— Sim!

— Isso pode funcionar! — Diz Eydis.

Eu quero concordar com ela, mas não pode ser assim
tão simples. Não será.

— Mas rápido, nos traga o anel. A bruxa nos pediu para
recuperá-lo. — Ola grita, soltando meu braço e meio
empurrando-me na direção da praia.

— Espere! — Eydis estala, me puxando de volta. — A
bruxa também tinha uma mensagem.



—Oh, sim. — Diz Ola, encolhendo os ombros. Signy está chocada e franzindo a testa diante de uma reação tão blasé, o que significa que isso deve ter sido importante.

Eu olho para Eydis e sua expressão é terrível. Ela tem medo de compartilhar isso, seja o que for.

—Desde que você saiu, seu jardim... está morrendo. Sem sua mágica, o ríkifjor não parece sobreviver. Mais da metade da colheita morreu imediatamente. Agora é quase todo preto e murcho.

Meu coração pega na minha garganta. —E o pai...

—O pai está em pânico. Ele culpou a morte de Alia e seu desaparecimento com os humanos, dizendo que você foi ferida em uma explosão de minas.

Meus lábios se abrem enquanto eu procuro isso. Eu não pensava em como o pai explicaria minha ausência ou a de Alia - achei que a verdade seria suficiente. Todo mundo conhece a verdade de Annemette... Eu não pensei que isso fosse diferente.

O vento levanta, e a maré vem com isso. De repente minha boca está cheia de água salgada. Eu engasgo e tusso, cuspiendo de volta quando minhas irmãs me dão tapinhas nas costas, meus pulmões sufocando e ofegando de um jeito que eu não estou acostumada.

Quando eu posso falar de novo, minha voz é confusa e fraca com outra tosse vinda. —O que... porque... Qual é o ponto?

Eydis puxa uma mecha de cabelo emaranhada em meus olhos depois do meu ataque. —Sem a flor e com a raiva e a permissão do povo, ele planeja guerrear contra os humanos.

—Mas isso vai contra tudo que fizemos pela sobrevivência. Eu não-

—Sem o ríkifjor, o pai precisa de mais poder para se sustentar. Ele já possui todo o poder no oceano. A única coisa que ele não tem um dedo é a magia restante em terra. —

Eydis agarra meu pulso. —Runa, ele está



dizendo ao nosso povo que devemos atacar os humanos por vingança, mas a bruxa do mar acredita que ele atacará as bruxas e reivindicará qualquer magia que ele possa conseguir em terra.

— Mas... não... Estamos tentando impedir que a guerra aconteça aqui - há algo muito pior do que as minas, chamadas U-boats, e estamos tentando destruí-los.

— Não importa o que você tente - eles estão tentando fazer aqui. — Diz Eydis. — Ele não se importa. Ele só quer a magia. Sua raiva se transformou em loucura.

Não pode ser. Isso não pode acontecer. No entanto, acredito nas minhas irmãs. Eu acredito na bruxa do mar.

— E se eu voltar? Então ele iria adiar? Eu vou cultivar mil flores. Um milhão. Eu vou comer e dormir no jardim, e faço com que fiquem acordados. Eu... — Minha voz fica baixa, alta e desajeitada. — Ele não pode atacar as bruxas e bruxos aqui. Eles são tão poucos... e eles são tão fracos. Eles mal sabem soletrar mais do que sopa quente.

— Sopa? O que é isso? — Ela pergunta.

Mas eu continuo: — E eles estão fazendo o que podem para deter a grande guerra que já chegou aqui. Eles são pessoas boas e estão tentando fazer a diferença e salvar vidas.

Eydis me lança um olhar. — Se você voltar, pode fazer a diferença, Ru.

Sim. Isso pode funcionar. O anel, a faca, as manchas na camisola de Sofie. Eu teria um dia para concluir a troca. E um dia para terminar de treinar as bruxas para sua missão.

Isso poderia funcionar.

— Eu vou pegar o anel. Fique aqui.

Meus passos são pesados, mas eu corro de volta para Katrine tão rápido quanto posso. Eu sou muito melhor em correr agora, mas ainda não tão rápida quanto gostaria de estar. Will está me esperando do lado de fora, sentado de



pernas cruzadas sob a janela fechada. Eu corro por ele.

— Runa, o que é isso? — Ele diz, me seguindo enquanto eu abro a porta e passo rápido pela sala até onde Sofie dorme de frente para o fogo, Agnata enrolada da cabeça aos pés na direção oposta ao lado dela, Tandsmør entre elas.

Eu manobro em torno do braço de Agnata, apoiado como um travesseiro, e ao redor dos pés de meia de Sofie, e toco seu ombro. Suas mãos estão pressionadas juntas sob suas bochechas. — Sofie. — Eu sussurro mais alto do que eu quero dizer.

A garota se mexe, confusão se acumulando nas feições finas em seu rosto. — O q...

— O anel, eu preciso disso. — Ainda trabalhando a meia velocidade, ela me deixa pegar a mão dela, e eu arranco o anel do rei, raspando o polegar enquanto eu vou, a magia fazendo o seu trabalho de mantê-lo confortável.

— Espera. Não, você deu isso para mim. É meu. Eu-

Ela se levanta, mas eu já estou pulando sobre ela e Agnata e correndo para a porta.

— Runa. — Diz Will, tentando pegar meu braço.

— É importante. — É tudo o que eu digo para a sala antes de sair correndo pela porta e voltar para a noite, o anel apertado na palma da minha mão.

Eu quase cheguei à colina onde as vi pela primeira vez, os pulmões trabalhando duro contra a resistência do vento, quando eu ouço.

O inesquecível boom e spray de uma explosão no mar.

— Não não não... — Eu deixo meu queixo e cavo mais fundo, subindo a colina.

Espuma branca atira para a lua em uma explosão enorme, exatamente onde minhas irmãs estariam esperando.

Uma mina. Uma mina flutuante onde elas estavam.

— Não! — Eu grito, e corro abaixo da colina.

A água se agita e rola, tão branca tão quanto eu estou pulsando e tremendo.



Desta vez, mantenho minha distância, pés na maré.

— Eydis! Ola! Signy!

Eu grito seus nomes, mas não há nada. Minhas irmãs se foram.

Escaparam, feridas ou foram assassinadas. Eu não sei qual.

E então, ao longe, sob a lua gorda, vejo o contorno de uma barbatana caudal.

Pelo menos uma sobrevivente. Fico aliviada, embora saiba com a mesma certeza de que posso sentir uma tempestade, que provavelmente nunca mais as verei ou a qualquer outra.



25 - Evie



Enquanto eu espero que as irmãs retornem com o anel, uma nova safra de flores aparece no meu lar. Bem do lado de fora da minha caverna, as flores vermelhas que Alia me trouxe do seu jardim criam raízes.

Sem um corpo, o pólipo de Alia será incomum. Embora Anna a esperasse, eu não tinha certeza se a magia concordaria. Os pólipos que me cercavam eram feitos de humanos - não apenas Anna, mas os guardas do rei que morreram durante a minha última parada. Seus ramos forrados de ossos são o trabalho de ossos reais, sua estrutura criada a partir do que eram.

Alia não era uma verdadeira humana, e ela não morreu aqui. Mas lá está ela - flores como sangue, criando raízes e crescendo rapidamente. Suas flores já estão deformadas, pétalas outrora maleáveis, rígidas, grisalhas nessa nova existência além da vida.

— Eu disse a você que ela veio. — Diz Anna, uma ponta de satisfação em sua voz.

Eu me lembro novamente que não conheço Anna, que se deleita em estar certa, mesmo que isso signifique que a vida se foi.



A bile agita dentro de mim na finalidade de tudo isso. Essas pequenas flores representam uma vida que eu tentei melhorar, apenas para levar ao seu fim.

Minha voz vacila quando eu falo de novo, e em sua alegria, espero que Anna não note. — Você fez. Você estava certa.

— Eu sempre estou.

Ficamos em silêncio com essa afirmação por mais alguns instantes, antes que o claro sibilar das barbatanas da cauda anuncia a chegada das princesas.

Elas entram em uma pilha, enegrecidas com areia embutida em sua pele como fuligem - Ola está em pior situação, o comprimento do seu lado direito com uma erupção cheia de covas e protuberâncias.

— O que aconteceu com vocês?

— Uma mina. Humanos estúpidos. Um peixe boi chegou muito perto e não saiu de perto de nós.

Eu nado até Ola, mãos para fora. — Posso?

— Você pode o quê?

— Curá-la.

As garotas trocam um olhar. Eu pressiono. — Minha tia foi chamada de curandeira dos reis por um motivo. Deixe-me tentar. Não vai doer, e seu pai não saberá quando ele te visitar em seu cativeiro.

Em resposta, Ola vira a cabeça para o outro lado, a porção de seu corpo cheia de areia se aproxima de minhas mãos. Pressiono as palmas das mãos levemente na curva do pescoço até o ouvido, onde os grãos de areia aparecem primeiro em sua pele.

— *Forsjá, afli, fullting, lið.*

A pele de Ola se enrugua, em seguida, derrete sob a pressão da magia. Sua respiração rápida diminui; seu batimento cardíaco normaliza. Em um banho cintilante, a areia desaloja-se, caindo no fundo do mar. Os micro-buracos



em sua carne se suavizam até que não restou nada além da pele sem manchas.

Eu removo minhas mãos e enfrento as outras garotas.
— Quem é a próxima?

Uma vez que elas estão limpas e inteiras novamente - uma questão simples de minutos depois - eu não posso mais segurar minhas perguntas. — Vocês fizeram contato com Runa?

— Sim. — Eydis confirma. — Mas nós não temos o seu anel.

— Runa foi buscá-lo logo antes da explosão. — Explica Signy.

— Ir buscar? Nenhum feitiço de recuperação?

Elas balançam a cabeça. — Temos a sensação de que mesmo estar ao ar livre era perigoso para ela, quanto mais fazer esse tipo de mágica.

Claro que seria. O palácio deve estar atento para ela e Alia após o incidente.

— Mas nós aprendemos que sua faca está segura! — Grita Ola, esfregando a mão sobre o braço recém curado.

Eydis explica. — Runa diz que a faca escorregou da mão de Alia na varanda e entrou nas ondas debaixo da janela do rei. Havia uma pequena enseada que ela sempre tagarelava para Runa tarde da noite, algo que se eleva ao reino.

Eu sei exatamente onde é essa entrada. Eu podia olhar para baixo do penhasco onde minha casa estava sob o olhar atento do castelo. O pai traria uma captura particularmente desajeitada - uma baleia cheia e coisas assim - direto para o castelo através daquela entrada, em vez de levá-la pelas ruas. As empregadas da cozinha o encontravam e carregavam a coisa em um ombro como um caixão em um funeral.

— Obrigada. — Eu digo.

— Ela parecia pensar que se você fosse capaz de pegar a faca, além do anel, ela poderia ser capaz de satisfazer a



magia... tudo o que ela precisaria é o sangue do rei.

— O que ela pode ter!

Isso é novidade para mim. Eu vi aquele menino morto em sua cama, com a sua vida desperdiçada. Ainda assim, a esperança nas vozes das irmãs é tão tangível, eu gostaria de poder lhes dizer que com o sangue do rei, Runa voltaria para o mar - para elas. Mas eu não posso. Não com alguma confiança. Alia não matou Niklas - Runa fez, e seus negócios estavam ligados.

Eu mudo meus tentáculos abaixo de mim. É possível? Um sacrifício foi feito para Urda, mas não, eu não posso dar falsas esperanças a essas garotas. Se Urda aceitar a vida desse garoto por Runa, teremos certeza em um dia.

— Receio que ela esteja enganada. — Digo a Eydis, e sinto muito mesmo por fazê-lo. — Mas você foi capaz de avisá-la sobre os planos de seu pai?

— Sim. — A mais velha confirma, com os olhos longe. — Ela diz que as bruxas restantes são fracas e não estão em condições de lutar com ele. Eles mal estão se unindo na tentativa de minar a guerra humana que já está acontecendo.

— Eles vão destruir alguma coisa... U-boats? — Signy acrescenta.

O feitiço de fogo, falhando repetidamente na minha opinião, vem à mente.

— Mas nós não sabemos como. Ela diz que mal consegue soletrar sopa, o que quer que seja. — Diz Ola, com os lábios comprimidos. — E foi exatamente quando ela começou a falar sobre tentar voltar. Ela acredita que, se puder cultivar mais para o pai, isso impedirá um ataque.

O que resta do meu coração treme por essa garota. Runa, sempre tentando consertar e curar as coisas. Sem medo de sacrificar suas necessidades e desejos ou até de si mesma por outros.

Eu diria que me lembra da garota que eu costumava ser, mas isso seria muito generoso. Eu só estava



interessada em salvar Nik - e quando eu não estava salvando ele, eu estava me salvando da praga que eu causei.

Não há muito a dizer depois disso. As sereias se viram sem um adeus, o pavor se arrastando em seu rastro quando retornam ao cativo e a um guarda que esperançosamente manteve seu segredo.

— Você é gentil por ajudá-los. — Diz Anna quando estamos sozinhos.

— Eu gostaria que eles fossem os únicos que precisassem de ajuda. Tantos estão em perigo - Runa e as bruxas, os seres humanos - literalmente todas as criaturas mágicas acima e abaixo estão em risco. — Eu gesticulo para o que me rodeia. A pesca não pescada mata as areias de estanho; tudo o que possuo está escondido na minha caverna ou espalhado, minha vida nos últimos cinquenta anos foi despejada neste lugar. Esta prisão. — Eu não posso ficar aqui comendo camarão enquanto o mundo está em guerra.

— Suba, então! Você não precisa dele para libertar você - você teve cinquenta anos. Certamente você pode quebrar a magia que mantém você. Você acabou de fazer duas sereias humanas, uma permanentemente. Se alguém é talentosa o suficiente para quebrar esses laços mágicos, é você. — Sua voz fica mais frenética e enfática a cada palavra. — Você precisa subir e ajudá-los.

É demais, eu acho. — Você é muito insistente em se livrar de mim para alguém que há poucos dias pensou com certeza se eu morresse, o rei do mar faria, e cito o que disse, 'vaporizar todo esse lugar e nós que literalmente se apegaram a ele'.

— Evie, ele está vindo para você de qualquer maneira. Uma vez que Runa mudar para sempre, ele não precisará mais de você.

Ela está certa. Eu não respondo porque nós duas sabemos disso.



Depois de um tempo, Anna fala novamente. — É provavelmente melhor para todos nós, se você sair.

Minha visão pula para o corpo novato de Alia. Minha cruz para suportar. Meu erro.

Eu fecho meus olhos e torço meus tentáculos para encarar a direção aproximada da pequena enseada de entrada que meu pai iria navegar com uma baleia pesada o suficiente para afundar um navio menor e um homem menor.

— *Koma minn knífr.*

Um fio da magia de dentro de mim dispara através da escuridão, passando pela lama borbulhante, pela floresta de pólipos e pelo azul frio do mar aberto.

Alcançando, alcançando, meus fios mágicos para a faca. E então eu sinto isso vindo como um tiro de um rifle, grande, corajoso e imparável. Mais alguns segundos e o distinto zumbido e sussurro de um objeto subindo pela água ecoa pelo meu covil. Então ele está passando direto pelos braços finos da árvore de Anna, batendo na minha mão.

A faca. Está lascada. Mas a sua magia está mantida - o sangue de Øldenburg ainda se agarra à lâmina, apesar da agitação implacável das águas oceânicas. Exatamente como eu esperava.

Viro as costas para Anna e limpo meu caldeirão para o feitiço mais importante da minha vida.



26 - Runa



Eu permaneço na praia mais tempo do que deveria, encarando as ondas e rezando para que Urda poupasse a vida das minhas irmãs restantes. É de manhã cedo, mas ainda escuro quando volto, encharcada.

Eu rastejo em silêncio, o anel em segurança no meu bolso, e me deito na cozinha, longe do fogo, longe de todos os seus olhos sonolentos. Eu nem mudo minhas roupas para algo seco - querendo descansar com o conforto do abraço do mar, mesmo quando o sal arranha minha pele.

Quando nos levantamos, deixo suas perguntas sem resposta penduradas. Deixe-os acumular uma por uma sobre a outra como raios de sol até que eles estejam cegando e brilhando em mim. Mas mesmo que eles perguntem novamente, não tenho certeza se vou responder. Ou como. O que aconteceu ontem à noite parece muito próximo, importante demais para confiar em alguém.

Sem uma palavra entre nós, nos reunimos em volta da mesa de Katrine para o pão e a manteiga, servidos com um bule de chá fumegante. Sofie e Agnata me encaravam do outro lado da mesa, franzindo a testa para o chá, olhos desconfiados. Will se senta mais perto, mas ainda há



uma distância entre nós, como se ele colocasse o feitiço do escudo que ele recentemente dominou.

Katrine silenciosamente reabastece meu chá, Tandsmør serpenteia em torno de seus tornozelos.

Embora agora seja dia, o fogo da noite ainda continua, e até as venezianas são puxadas para trás. A chuva voltou, inclinando-se em uma torrente, certamente inundando as estradas do país não pavimentadas. Ninguém está propenso a sair neste tempo procurando por nós.

Gostaria de agradecer a Urda por isso, mas tenho dúvidas de que este tempo não seja dela. Desde a noite em que Niklas morreu, cada tempestade foi mais estranha que a anterior, as nuvens que vinham do estreito de Öresund, um padrão climático que se movia na direção oposta àquela típica dessa época do ano. Eu tentei ignorar, mas o vendaval furioso de hoje tem impressões digitais do pai por toda parte. Quero acreditar que é a tristeza dele ou a angústia dele, mas é mais provável que isso faça parte do plano que minhas irmãs transmitiram. O primeiro passo é testar sua capacidade de recorrer ao tempo para fazer o seu lance.

O mar dá vida ao Reino de Havnestad tão facilmente quanto pode roubá-lo. Quando o pai travar uma guerra aqui, não será com soldados, bombas ou espingardas. Não, ele usará a fúria do mar primeiro. Transformando a vida cotidiana em suas cabeças, deixando seus oponentes fracos enquanto usa suas forças.

Eu tenho que dizer ao coven. Eles precisam conhecer os planos do pai para que possam se preparar. Então podemos nos preparar. É o meu dever. Minha culpa. Minha responsabilidade em ajudar. E quando o fizer, devo fazer o melhor que puder para ir para casa e impedir que o pai venha.

Outra tarefa impossível. O otimismo de minhas irmãs, tão reconfortante na noite passada, está começando a diminuir dentro de mim, mas preciso manter



firme o que restou. O anel de Niklas está bem no bolso do meu vestido arruinado, bem ao lado das cerca de vinte sementes ríkifjor que tirei do jardim de Alia. Em algum lugar desta casa está a camisola de Sofie da noite de núpcias e, ao contrário dos meus pés, ela estava salpicada no sangue de Niklas. Está seco agora, mas se eu conseguir tirar o líquido dos meus dedos dos pés antes do amanhecer, junto com o feitiço certo, poderei recuperar minha cauda e evitar uma guerra. No entanto, essa tarefa e quaisquer preparativos para o impulso do Pai devem esperar. Nós temos uma missão para completar. É a única coisa que podemos controlar.

Depois que as comidas são guardadas e as canecas de chá frias, os olhos de Will encontram os meus. É hora de começar. Eu me levanto e ele segue. As garotas ficam paradas, fingindo me ignorar. Katrine abaixa o fogo. A chuva finalmente se acalmou - talvez o pai esteja cansado - e o sol está espiando através das nuvens. A fumaça nos tornará muito visíveis.

— Temos aproximadamente vinte e quatro horas. — Digo como um começo, embora ninguém realmente precise de um lembrete. — Vamos finalizar nosso plano e executá-lo.

— Quem colocou você no comando? — Os olhos de Sofie brilham enquanto o resto dela ainda está, curvado de volta em sua cadeira, os joelhos puxados para o peito.

— Sim, quem? — Agnata fala junto, como esperado.

— Para que você não esqueça, foi ideia de Runa expandir nossa missão e destruir não apenas os submarinos, mas toda a operação. — Diz Will, de cima da cadeira de balanço. Ele puxa um rolo de papel de trás e volta para a mesa, os olhos fixos em sua prima. — Não há tempo para ser insignificante sobre isso, então vamos começar.

— Não é mesquinharia, é sobre confiança. — Sofie cospe, sem olhar para ele, apenas para mim. — Eu quero meu anel de volta. — Sua voz pega na última sílaba. Lágrimas brilham rapidamente em seus olhos verdes, e



ela as deixa cair quando suas palavras surgem, cada uma cortando. — Você me deu como se fosse o mínimo que você poderia fazer, e depois roubou como se nunca fosse meu. O que há para confiar nisso? — Os olhos dela se estreitam. — Para que você precisa, Runa? O que? Então você pode usá-lo como uma lembrança doentia da vida que você tirou?

Ela quer me machucar, mas não há nada que ela possa dizer que eu ainda não sinta. Sua adaga esfaqueia uma ferida que nunca cicatriza. Eu sou uma assassina. Apesar das minhas intenções de salvar minha irmã, um homem morreu. Bom, ruim, eu não sei. Eu não nego. Mas ela não pode ter o anel. Poderia salvar mais vidas do que ela jamais saberá.

— Eu preciso disso para um feitiço. — Digo finalmente, para que possamos seguir em frente. Não temos tempo para isso.

— Que feitiço? — Sofie aperta.

— Ela respondeu sua pergunta, Sofie. Solte-a. — Will rompe, uma veia que eu nunca vi cintilando no meio da testa dele. Ele a desaprova, rolando o rolo de papel sobre a mesa - um mapa da cidade portuária do reino.

— Eu não vou. — Ela cheira como a condessa que é, ou pelo menos era até que a suspeita caiu a seus pés.

— Sofie, no segundo em que os barcos subirem uma bola de fogo, terei prazer em comprar qualquer anel maldito que quiser. Agora, vamos nos concentrar. — Will diz calmamente, mais para ele mesmo, mas ainda com um ar de autoridade que exige respeito e ação. A determinação se solidifica em seus olhos quando ele os fixa na criada dela. — Agnata, onde a venda será realizada?

Agnata olha para Sofie, que concorda com a cabeça. — Um armazém onde estão fabricando e protegendo os barcos.

Will assente e olha para mim. — Eles devem assumir que os espiões que se infiltraram no castelo também estão procurando os submarinos.



— Eles não estão errados. — Eu brinco. Isso me dá um sorriso de Will.

— Não, eles não estão. — Ele concorda. — Agnata, o armazém está localizado aqui, correto? — Ele aponta para um ponto no mapa não muito longe das docas.

Lápis na mão, Will circula o armazém. Parece pesado e sombrio em uma rua sem saída em forma de cogumelo. Katrine passa um dedo ao redor da grande parte, nos dizendo que sua oma tinha uma casa naquela rua há muito tempo. Havia três chalés lá, todos demolidos em nome do progresso industrial sob o reinado do pai de Niklas, que tinham o mesmo nome que seu filho e seu pai, mas que eram coloquialmente chamados de rei Bryn.

— Como são as entradas e saídas deste armazém? Existe mais de um? Eles serão guardados? O que podemos esperar?

— Pergunto, olhando do mapa para Agnata.

Seu rosto está em branco e inseguro, enquanto ela puxa o final da trança da noite passada.

Will está respirando fundo para fazer a pergunta à sua maneira, quando Sofie o interrompe com a primeira coisa realmente útil que ela teve a dizer a manhã toda.

— Eu visitei o armazém com o pai - é onde eles abrigavam o protótipo para ele inspecionar quando confirmamos nosso noivado.

Ah, ah.

Will embaralha o mapa em cima da mesa, puxando um caderno, do qual rasga uma página em branco. — Você acha que pode desenhá-lo?

Sofie pega o lápis, hesitante. Depois o papel. — Sim.

Enquanto ela desenha, Will volta sua atenção para o mapa e aponta um percurso sinuoso do prédio pelas ruas, escolhendo aquelas com menos lojas antes de seguir para a Lille Bjerg.

— Que tal uma rota aquática? — Inclino-me e corro um percurso com o dedo indicador de nossa

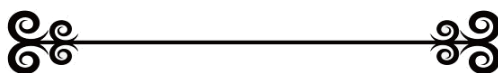


posição provável, através do Estreito de Øresund e até a praia logo além do público. — As minas são um obstáculo, sim, mas com a mágica certa, podemos navegá-las e atingir a terra, economizando tempo e sem sermos vistos por terra.

Os olhos de Will se iluminam. — Oh, como o mundo se abre quando uma sereia ensina os feitiços certos.

Sofie revira os olhos. — Will, pare de lisonjear. A cabeça dela já é grande o suficiente para flutuar um zepelim depois de nos ensinar a explodir em chamas.

Um rubor sobe pelas bochechas de Will. Ele ainda não fez a barba e a combinação é impressionante o suficiente para que eu realmente precise parar de procurar.



Trabalhamos até que o que restou do sol comece a se acalmar novamente, a luz mudando de ardósia para fumaça. A chuva retorna, batendo contra as janelas, não tão áspera como antes, mas ainda lá. Talvez desta vez o pai tenha ficado com fome, deixando a magia cessar o tempo suficiente para algumas mordidas de barbatana de tubarão e um puxão de hvidtøl de seu esconderijo secreto.

Por mais que eu tenha medo do que ele possa fazer, eu não me deixo pensar que a mudança do clima é um sinal de que ele está ficando fraco, o soro de Ríkifjor racionado. Por minha causa. As palavras de Will da noite anterior cobrem minha mente.

Não há nada tão perigoso quanto uma criança que acha que ele sabe melhor do que seus pais e age por esses instintos.

Não, não há.

Sofie e Agnata declaram que precisam de um pouco de ar, enfrentando a chuva com as capas que Katrine usa. Depois que elas saem, Katrine se volta para suas tarefas de jantar na cozinha, perguntando a Will enquanto ela



corta batatas para mais um ensopado - labskovs - para buscar e secar mais gravetos para o fogo.

Quando os dois começam a trabalhar, tenho a minha chance. Eu tranco os olhos com Katrine para que ela saiba onde eu estarei e depois me retiro para o quarto dela, O Grimoire Spliid debaixo do meu braço. Eu coloquei o livro na cama - uma peça do quebra-cabeça na mão. Em seguida, eu passo na ponta dos pés até a parede perpendicular à porta, onde três baús estão acomodados, cheios de brânquias com roupas de vários tipos. Katrine tem vindo a colecionar muita coisa para a vida de uma fugitiva já há algum tempo.

No canto, encravado no final da fila de troncos, está uma cesta contendo nossa roupa. Eu me ajoelho e começo a vasculhá-la, cuidadosamente empilhando vestidos, calças e meias no chão.

Finalmente, na parte inferior, está a camisola de Sofie.

Ela está cortada e nova - significa ser branca como a neve. E seria, se não fosse pelo borrão vermelho-preto do sangue de Niklas na frente.

— Magia de sangue? — Eu me assusto, e lá está Katrine na porta, observando enquanto seguro a camisola até a luz.

— Será que vai funcionar para chegar em casa?

— Sim. Eu acho que sim.

Katrine assente e quando ela se move para voltar ao seu ensopado, Will está parado ali. Olhando para mim, para o vestido sangrento em minhas mãos, agora agarrado ao meu peito como se fosse a coisa mais preciosa em todo o mundo.

E talvez seja.

— Will, vamos deixar Runa. — Katrine chama. — Venha me ajudar a refrescar o fogo.

— Está tudo bem, Katrine. — Eu digo. Então, para ele:

— Por favor, fique.

— Você encontrou um caminho. — Diz ele, uma vez que ela fechou a porta atrás dela. Não é uma pergunta. Seu nariz faz seu bonito e pequeno aperto por um



momento antes de erguer os olhos para os meus. — Eu sabia que você poderia fazer isso. Literalmente qualquer coisa, incluindo consertar um feitiço quebrado. — Ele sorri de careta e continua. — Eu sabia, e mesmo assim eu ainda tinha esse vislumbre de esperança de que você estaria lá conosco amanhã. Que você veria através do plano que você fez acontecer.

Eu passo meus dedos através dos dele, e isso me choca, embora sua pele seja muito mais familiar do que era ontem. Suas mãos estão manchadas de casca de madeira molhada e tinta de pólvora.

— Will, eu quero ajudar. Você sabe que sim. Você também sabe que eu quero tentar ir para casa. Mas as coisas mudaram e agora preciso estar lá.

— Nós precisamos de você também. — Ele coloca uma junta sob o meu queixo, inclinando meu rosto para o dele.

Eu fecho meus olhos, procurando as palavras certas para explicar sem dizer muito. — E eu preciso proteger você.

Will hesita. — Proteger-me do que, Runa?

Eu abro meus olhos, e ele está olhando diretamente para mim, tentando ler os pensamentos piscando por trás das minhas feições. Procurando respostas tão diretamente quanto eu procuro o que posso dizer.

Não. Ele merece saber. Eu guardei dele, de todo mundo o dia todo; embora eu não quisesse atrapalhar nossos planos, o momento talvez nunca esteja certo antes do amanhecer.

— Will, eu preciso que você se sente. — Eu o puxo através do quarto e o despejo na cadeira de balanço.

Ele se senta de acordo, me observando, esperando - o ouvinte que ele é.

Minhas pernas coçam para se mexer e começo a andar entre o cesto de roupa suja e a cama.

— Lembra quando você imaginou que eu sabia uma coisa ou duas sobre a realeza?

Ele concorda.



— Bem... — Eu fecho os olhos de novo e paro de andar por um momento - andar às cegas ainda não está no meu conjunto de habilidades. — Meu pai é chamado de rei do mar. Ele preside todas as sereias e tritões e tem mais de cem anos.

Meus olhos se abrem e Will acena com a cabeça, o rosto ainda trancado sem reação. Bom.

— Como você pode imaginar, ele está muito bravo com o que aconteceu com Alia. Ele está com raiva porque ela deixou o nosso mundo por causa disso, usando magia banida há muito tempo. Ele está com raiva porque fui atrás dela. Ele está com raiva porque não conseguimos salvá-la das consequências da magia. E ele é ainda mais infeliz que se eu não mudar de volta no amanhecer de amanhã, eu serei humana para sempre.

— Por que ele está infeliz com isso? Ele deveria estar satisfeito que você não vai... voltar como Alia. — Diz ele, por ser respeitoso. — Suponho que ela tenha retornado; toda a água vai para o mar eventualmente.

— Ele está muito feliz por eu estar viva, tenho certeza. Ele prefere não ter uma filha morta. Mas ele também está muito chateado que sou eu em particular quem está ficando aqui. — Eu encontro seus olhos. — Porque eu sou a única que pode dar a ele o que ele precisa.

Will estabiliza os cotovelos nos joelhos e olha para mim, o rosto e a voz calmos. — E o que ele precisa?

Eu respiro fundo. — Poder.

— Poder? E você pode dar isso a ele? — Ele pergunta.

— Sim.

Minha resposta funciona em seu rosto e no balanço de seus ombros largos. — E a alternativa é porque eu preciso de proteção.

— Sim. Você, Katrine, Sofie, Agnata e qualquer outra bruxa que se possa ter, estarão em perigo se eu não voltar.



— Não poder então, mágica? Ele precisa de magia.

— Sim. E a menos que eu possa ajudá-lo no meu caminho, ele fará qualquer coisa para consegui-lo. Eu tenho que pará-lo, Will.

Ele concorda, entendendo. Ele fica de pé, e em um passo ele está bem na minha frente, cheirando a terra e madeira e algodão fresco. Deixei que ele me atraísse, suas mãos segurando meus cotovelos, enquanto colocava as palmas das mãos no peito dele. A camisola pendurada do meu braço entre nossos corpos, um lembrete.

Ele olha profundamente nos meus olhos e novamente pressiona um dedo sob o meu queixo, inclinando-o para cima. — Você vai pará-lo. Eu sei que você vai.

Eu beijo ele na bochecha. Ele ainda não se barbeou, mas eu gosto que ele seja rude com barba por fazer - a queimação em meus lábios vai durar mais, a memória se forma tão clara quanto o arranhão que eu sinto neste momento.



27 - Runa



Depois da ceia, é imediatamente óbvio que os nervos estão se instalando.

Com uma cópia de Frau Jenny Treibel intocada em seu colo, Sofie olha para o fogo como se estivesse assistindo o dia se desdobrar dentro das sombras dançantes e flashes de luz. Ela estava carregando livros pelo castelo para passar notas para a equipe, mas acontece que ela gosta de ler em seus momentos de folga. Agora, o gato malhado laranja ronca suavemente contra seus pés enquanto o livro não é lido. Previsivelmente, Agnata está ao lado dela, tentando muito fazer a mesma coisa, mas ela está inquieta - pernas cruzando e descruzando, e cruzando novamente.

Katrine está limpando, esfregando, endireitando. Como se não voltássemos a este lugar e ela não suporta a ideia de ser uma bagunça quando os inspetores chegarem para prendê-la.

E Will, ele está na cadeira de balanço, de olhos fechados, percorrendo o plano, o bloqueio, a sequência, repetidamente. Seus lábios se movem, mas ele não faz nenhum som. Suas mãos fazem ocasionalmente pequenos movimentos



enquanto ele atravessa seus feitiços - sono, escudo, fogo selvagem.

Eu estou curvada ao lado de uma vela baixa, paginando através do The Spliid Grimoire. O poder deste livro é inegável. É uma coleção sólida, repleta de informações nos rabiscos em loop de uma escrita sem fim - é muito fácil ver por que foi a que Katrine escolheu imediatamente.

Ainda assim, eu ainda não encontrei um feitiço que me ajudaria a ir para casa, mas meu cabelo fica em pé quando eu encontro uma passagem onde minha situação é descrita, agradável e arrumada, a balança está clara.

O mar é sempre definido por sua maré, dar e receber a medida de seu escambo. Na magia, como na vida, o mar não dá seus assuntos de ânimo leve - o pagamento é necessário, o valor equivalente, não importa a pergunta. Uma concha, um peixe, uma pérola do maior esplendor - nenhum pode ser tomado sem dívidas a serem pagas.

A franqueza disso tudo me faz sorrir, mas a mágica por trás disso é muito mais complexa. Eydis diria que meu sacrifício do rei deveria ser suficiente, mas sei que não, não importa o quanto eu queira acreditar. Niklas deveria ser o pagamento de Alia, seu sangue só seria útil para qualquer um de nós se ela completasse o fim do negócio.

Ainda assim, Urda é uma bruxa inconstante, e um sacrifício foi feito. Talvez ela possa ser convencida. Ela deve ser. Eu não tenho escolha. Afinal, a intenção deve importar. Minha ação foi para Alia, absolver Alia. Eu levei seu fardo para mim. Agora eu só preciso da mágica para ver isso e aceitar a troca.

Folheio o grimório pelo que parece ser a centésima vez, procurando alguma coisa, qualquer coisa que transfira sua dívida. E então a resposta é tão clara. É uma transação como qualquer outra.

Eu tenho que comprar a dívida da Alia. *Skipta*. Troca. O mais básico dos feitiços.



Uma percepção devastadora me dá um soco forte no estômago. Se eu tivesse pensado nisso antes, Alia ainda poderia estar viva. A transferência agora não a trará de volta, não importa o que aconteça, mas pode me ajudar. Se eu assumir sua obrigação, eu vou ter cumprido seu acordo, tendo assassinado Niklas, tornando seu sangue utilizável novamente. Só posso esperar que o que tenho para oferecer seja suficiente para cobrir o preço de um déficit tão insondável. No meu bolso, meus dedos seguram um punhado de ríkifjor. Sementes que florescem com magia - magia que meu pai tem acumulado. Alia estava tentando pará-lo. É hora de Urda ser reembolsada.

Eu levanto da cadeira, o cobertor no meu colo caindo das minhas pernas. Will olha para cima de seu lugar na cadeira de balanço, transe quebrado, preocupação na inclinação dos olhos. Eu corro para o quarto de Katrine por um manto. Não está chovendo, mas o manto é necessário para permitir que eu saia de casa com a camisola, mas sem perguntas. Largo uma pequena garrafa de cobalto e uma tampa de um dos baús de Katrine no bolso da capa, com os dedos tremendo de excitação. Eu sei exatamente o que fazer.

Will está de pé quando eu saio do quarto de Katrine. O fogo refletindo suavemente em suas expressões afiadas, Sofie e Agnata sussurram entre si, desenhando dentro de si - desconfiando que eu fiquei louca como a noite passada.

Quando eu passo para a porta, seus olhos seguem, e Will fisicamente faz. — Posso ir com você?

Meu coração tropeça dentro do meu peito com o significado por trás dessa pergunta simples. Ele sabe que não está pedindo um convite para passear sob as estrelas. E ainda assim ele ainda quer vir.

— Claro. — Eu digo.

Will não pega uma capa, uma jaqueta ou qualquer outra coisa - apenas minha mão. Entramos em uma noite muito parecida com a última, o sol do dia uma



memória distante enquanto as nuvens pairam no céu, o ar úmido o suficiente para se acumular nas cavidades sob nossos olhos. Como a manhã em que Alia morreu, andamos em silêncio. Desta vez, eu o guio, puxando-o pela curva de seus dedos. O vento arranca o cabelo do meu rosto a cada passo mais perto da praia.

Na beira da água, as ondas estão furiosas. Espumando perversamente. Elas se jogam contra as areias, contra as pedras que pontilham a costa como um aviso. A corneta através da floresta antes do ataque.

A brisa sopra cor em nossas bochechas, queixos e narizes enquanto nós caminhamos - mais rápido do que deveria ser para setembro, mas Will não hesita, não solta minha mão. Ele apenas continua andando.

A bruxa do mar poderia estar certa quando ela assumiu que eu não acreditava no amor. Não tenho certeza se acredito nisso agora. Mas o que eu acredito é que eu tenho uma conexão com esse garoto que não vai morrer neste mundo ou o que eu sou. Não importa o que está por vir.

Depois de um longo tempo, nos deparamos com duas pedras fortes na praia seca, planas como mesas e pareadas juntas como se fossem para nós.

Sento-me na mais próxima, sua superfície escorregadia com o borrito do mar e o orvalho que penetra no meu manto em contato. Agachado na outra, suas longas pernas subindo em um ângulo agudo na frente dele, joelhos no céu encoberto.

— O que precisa ser feito para você ir para casa?

Aperto sua mão e, em seguida, desembaraço nossos dedos, imediatamente sinto que devo.

Will coloca as mãos juntas e sopra uma respiração quente nelas, olhos em mim enquanto eu tiro a camisola da minha capa, a pequena garrafa de vidro também.

— O feitiço que me fez humana foi proferido pela bruxa do mar famosa - aquela que salvou o avô de



Niklas da morte. — Will acena, conhecendo a história como todo mundo. — O feitiço exigiu quatro itens meus para o meu retorno: o anel de Niklas, sua vida, seu sangue morrendo em meus pés e a faca que o matou.

Eu não posso acreditar que estou dizendo isso a ele mais do que posso acreditar que compartilhei minha verdadeira identidade como meritocracia, mas Will escuta calmamente, com o queixo apoiado nos nós dos dedos, os olhos azuis observando silenciosamente como se nada pudesse surpreendê-lo.

— Eu tenho o anel, e a faca esperançosamente espero que tenha voltado para a bruxa do mar, então agora eu tenho que recuperar o sangue. — Eu digo, segurando a camisola. Eu não quero contar a ele sobre o feitiço que devo oferecer. A incerteza da resposta de Urda é demais para explicar agora. Ele acredita que eu e minha magia podemos fazer qualquer coisa. E ele precisará dessa confiança na magia se tiver alguma chance de destruir os submarinos.

— O que Alia precisava? — Ele pergunta. — Ela estava aqui para matá-lo? Esse tempo todo? Quer dizer, eu realmente acreditava que ela estava apaixonada por ele.

— Ela o amava. — Digo imediatamente. É importante para mim que isso seja entendido. — Ela nunca teve a intenção de matá-lo - ela o salvou neste verão quando ele quase se afogou com seus irmãos e seu pai. Alia tinha certeza de que ele a reconheceria em um instante e se casaria com ela no momento em que ela viesse em terra como humana, que o amor em seu coração seria suficiente para satisfazer o feitiço que a manteria viva. Ele adorava ela, mas ele não a amava, e assim...

A voz de Will caiu. — E então a única maneira de ela sobreviver era matá-lo, como a lenda de Annemette.

— Sim. Apunhalado com uma faca específica, seu sangue pingando nos dedos dos pés, mas nunca chegamos a essa parte.



Will olha a camisola. — E esse é o sangue dele, então?
— Eu aceno. — E se não funcionar, você será humana para sempre?

Inspirando uma respiração profunda do ar salgado e grosso, eu aceno novamente. — Esses eram os termos.

Eu espalhei a camisola em meus joelhos, a mancha vermelha escura com raiva quando enfrenta a lua. A ametista que usei com tanto sucesso fica pesada na minha mão, a pequena garrafa na outra, brilhando como a meia-noite. Eu estalo a rolha e entrego a Will por precaução.

Então eu dirijo meus pés para a areia, a terra rapidamente para a minha sola, encontrando minha magia, segurando firme a ametista e minhas intenções.

— *Slita sasí blóð*. — Pegue esse sangue.

Brilhando, a mancha treme profundamente dentro do tecido em ruínas.

— *Slita sasí blóð*. — Eu comando novamente.

A mancha já não é só uma. Ela separa e muda.

— *Slita sasí blóð*.

Finalmente, as gotículas puxam e levantam, evaporando no ar em uma névoa vermelha.

— *Hálmr, lkr*.

A névoa se agarra a si mesma, criando um fluxo mais fino que a ponta do lápis que Will usou para marcar nosso plano no mapa.

— *Efna*.

Eu seguro a garrafa diretamente sob a ponta do córrego, e ela vai para a direita, enchendo-a diretamente para o topo. Will me entrega a rolha e eu paro o frasco.

A camisola é novamente perfeitamente branca como a neve, a renda é tão delicada quanto uma asa de borboleta, embora eu duvide que Sofie a queira.

— Runa... você não vai fazer isso agora, vai? — Will pergunta, em pânico.



—Oh! Não. Não. Claro, claro que não. —Eu me levanto, aperto firme na garrafa, minha outra mão alcançando a dele. —Mas eu gostaria de algum tempo para pensar, se você me deixar um momento.

Will fica comigo, uma relutância na velocidade. Seus olhos se estreitam. —Você vai dizer adeus?

—Eu prometo que vou te acordar. — Eu deslizo a garrafa no meu bolso e pressiono as duas mãos em seu peito. Forte e rico, seu batimento cardíaco bate em minhas palmas.

Ele pega minhas mãos nas dele. Quentes e ásperas, sua pele está lá e então se foi, a camisola em sua mão, farfalhando ao vento do mar enquanto ele se afastava.

Sento-me novamente na rocha e vejo as ondas. Elas quebram e explodem, enrolam e varrem, agitando, girando, agitando.

—Olá pai.

Eu gostaria que, se pudesse me concentrar o suficiente, minhas irmãs simplesmente apareceriam. Disparando acima das ondas, algo entre nós dizendo exatamente onde estou neste exato momento. E o que devo decidir. Eu suponho que um feitiço de invocação possa fazer isso, mesmo a essa distância. Mas amá-las como eu puder, Eydis, Ola e Signy não são Alia. Nós não temos a mesma conexão e nunca teremos.

Meu polegar roça a rolha de garrafa. Eu deveria apenas fazer isso. Me poupar o que certamente será mais do que a dor surda no meu intestino que se infiltrou desde que eu percebi que poderia voltar ao mar, deixando tudo isso para trás. Como é possível perder algo que você mal conhece? Ou alguém?

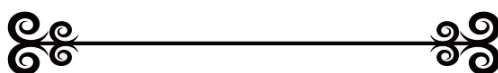
Posso dizer a mim mesma que essa dor é um efeito residual da ausência de Alia. Que eu não tive tempo de processar o que aconteceu. Para realmente aceitar isso. Mas isso não é verdade.



A dor que sinto por Alia é diferente. Eu falei sério quando falei para a bruxa do mar que parecia que um braço tinha sido arrancado do meu corpo com Alia fora. E eu aceito que talvez eu nunca me sinta completa novamente, vivendo com a dor fantasma dela segurando firme em qualquer corpo que eu esteja no resto dos meus dias.

— Oh, Alia. — Eu digo para as ondas. Eu me levanto e caminho direto para eles, tomando cuidado para remover os sapatos de Katrine dessa vez.

Então eu mergulho meus dedos na água. Eu finjo que Alia está lá nas bolhas gorgolejantes. Encharcando minha pele com um calafrio de verdade.



Embora ela não tenha dito em voz alta, as palavras de Alia ressoam pela minha mente na voz que já foi dela.

Não há mais equilíbrio.

Mas, trabalhando com as poucas bruxas restantes em terra, eu posso ajudar. Eu posso fazer a diferença. Posso restaurar o equilíbrio - restaurar o pai à quantidade de poder que ele pode suportar.

Realmente há muito que posso fazer aqui.

E o que acontecerá se eu chegar em casa?

Depois de fazer minha oferta de sementes de ríkifjor para Urda, restará apenas um punhado. O suficiente para sustentá-lo por um dia.

Um dia.

E precisarei economizar algumas para começar outra colheita se o restante das plantas morrer. Ele não ficará satisfeito e sua impaciência - e o preço físico que acompanha - não será bom para ninguém.



Se eu sobreviver ao primeiro plantio, é muito fácil ver o restante da minha vida em serviço à coroa. Acorrentada à torre, não deve ser confiada a nenhuma sugestão de liberdade. Ou talvez, acorrentada à vista da plantação de ríkifjor - dormindo entre suas flores brancas fantasmas.

Nenhuma aventura. Nenhuma vida além do dever.

E quem ajuda além dele?

Meu povo? Somente se suas ameaças de guerra cessarem. Somente se o soro evitar sua raiva. Mas mesmo assim, talvez não. Se os U-boats aparecerem em massa, estaremos em perigo ainda maior. Podemos destruí-los, destruir o programa, mas os alemães já têm esses barcos. Eles estão na água, e esses não são os únicos barcos que estão sendo feitos. Eles são apenas os mais próximos do reino do mar. De nossa casa.

Não há como dizer quanto tempo eles serão uma ameaça.

As minas também.

Ou por quanto tempo o pai usará as ações dos humanos para plantar as sementes de sua guerra, à medida que ele se fortalecer mais no meu ríkifjor. Tão forte que não há mais nada a fazer senão atacar. Por tédio, ganância ou imprudência. Não importa qual escolha eu faça, não há garantias.

— Boa noite, Alia. — Digo à água beijando meus dedos dos pés.

Então me viro e volto para a casa segura, com os sapatos e as meias de Katrine em uma mão, a outra segurando firmemente a garrafa no meu bolso.

Quando chego à pequena colina que leva à praia, vozes sussurram através do vento. A intuição dobra minha coluna vertebral e agacha minhas pernas, até que eu estou pressionada na duna, ouvindo sobre o baque do meu coração batendo nos ouvidos.



—Quando você vem? — Pergunta um homem ou menino, é difícil dizer. Ele fala com um sotaque que me lembra o pai de Sofie.

—Ao raiar do dia. — Ouço a voz de uma garota ou, talvez, a de uma mulher, baixo o suficiente para não reconhecê-lo. —O armazém estará em chamas antes do jantar.

Pressiono meu rosto na areia úmida para reprimir um suspiro.

Nosso plano está fora.



28 - Runa



Fico na praia até que as vozes e passadas passem por muito tempo. Traição estabelece uma trilha grossa em meus pulmões, como uma mancha de óleo no topo da superfície do mar, sufocando tudo ao seu alcance, enquanto permaneço imóvel, encostada na areia.

Eu entro na casa segura à meia-noite, a luz do fogo morre, enquanto um traidor dorme por dentro.

Embora a porta esteja bem fechada, os roncos de Katrine ecoam em seu quarto. Na sala principal há apenas um brilho suficiente das últimas brasas para ver o contorno das meninas dormindo no chão. Elas estão lado a lado como já haviam feito antes, só os livros de Sofie entre elas, a camisola dobrada em cima de sua última leitura.

Will tenta dormir, empurrado para o lado da porta, esperando meu retorno. Ele muda quando eu entro, olhos exaustos seguindo meus movimentos através do quarto. A colcha que eu reivindiquei como meu saco de dormir ontem à noite está pendurada em uma cadeira à mesa. Jogando-o em volta dos meus ombros, vou até ele, deslizando pela parede até o chão.



Não há surpresa nos olhos de Will. Ele está esperando meu adeus. Ele acha que sabe o que eu vou dizer antes que as palavras saiam - alguma desculpa de ser de outros mundos, não pertencer, é melhor assim.

O que eu digo é:

— Precisamos conversar.

O sono não vem facilmente. Apenas vem em tudo. No entanto, eu acordo antes do amanhecer, o céu ainda está cheio de nuvens, mas a luz muda o suficiente além das persianas para provar a hora.

Eu coloquei a chaleira, como Katrine me ensinou a fazer, preparando água para o chá. Caneca quente e perfumada em minhas mãos, eu empurrei as persianas apenas o suficiente para ver o céu mudar. Carvão para ferro para cinzas. Ele se desloca como a maré, lentamente, até que, de repente, está inegavelmente mais próximo. Em instantes, o feitiço da bruxa do mar não vai mais me dominar.

Com o chá terminado e os dedos tremendo, eu coloco a caneca no peitoral e pego uma mão nas dobras do meu vestido. O anel de Niklas, as sementes de ríkifjor e a garrafa de vidro se misturam no mesmo bolso, a ametista solitária do outro lado. Com os dedos enrolados em volta do vidro frio, eu puxo para fora.

Mesmo com pouca luz, é fácil ver a linha que delineia o sangue do ar. Onde uma vida termina e outra começa. Ou - onde uma jornada termina e a vida antiga retorna.

Eu fico lá, com certeza nas minhas pernas, observando o céu mudar ainda mais. É agora ou nunca.

Eu poderia correr para isso. Usar essas pernas enquanto as tenho. Sobre o pasto, descendo as dunas, oferecendo meu feitiço e derramando sangue em meus pés com os dedos dos pés na areia. Testando o perdão de Urda, eu poderia ir para casa. Semear sementes. Faço a minha parte para fazer do pai o ser mais poderoso do planeta, esperando que só eu possa evitar uma guerra.



Ou eu poderia ficar aqui. Tomar minhas próprias decisões. Fazer minha parte em outra luta com pessoas que precisam de mim para mais do que apenas o que posso fazer por elas - trabalhando juntas para terminar uma guerra e deter outra antes mesmo de começar.

A promessa de marfim do dia desliza em um brilho à luz de velas, rompendo as nuvens, alcançando para mim. Me chamando para casa.

Do outro lado da sala, Will fica de pé.

Se eu olhar para ele agora, meu coração vai rasgar o centro e cair no caminho, extinto. Eu não sei como Alia fez essa escolha tão facilmente. Como ela podia ver seu futuro com clareza suficiente para nos deixar, sabendo que nunca poderia voltar? Sabendo o que ela estava arriscando.

A luz do sol entra nos meus olhos, brilhante e que cega. Eu os fecho, deixando-a passar por mim em linhas pintadas através das persianas. O fogo e a fúria que senti ao beber a poção da bruxa retornam. Ela queima um caminho chamuscado através da minha pele, cauterizando cada célula, a magia que uma vez me construiu. Coleta de tecido cicatricial. Cada centímetro de progresso me escapa, me limpa, reforma o que e quem eu sou.

Quando abro os olhos, não sou mais uma sereia. Uma humana feita de sangue e ossos, sem magia. Mas ainda posso manejá-la. Disso tenho certeza.

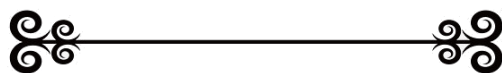
—Runa? — Will dá um passo em minha direção, com um tom incrédulo.

Eu pego meu coração, desejando que ele se mantenha unido. E então eu o olho diretamente nos olhos e coloco a garrafa de sangue de volta no bolso.

Ele vem até mim, me envolve e me puxa para um casulo de braços fortes, algodão macio, um coração palpitante.

—Obrigado. — Ele sussurra.

Enquanto pressiono meu rosto contra o calor do peito, minhas primeiras lágrimas começam a cair.



Uma hora depois, nossos braços estão cobertos de tinta de polvo.

Estamos vestidos de maneira igual, em calças e botões que eu enfeitei como o preto da meia-noite, assim como fiz com nossos vestidos na noite do assassinato de Niklas. No topo, usamos os casacos usados pelo mar, populares nas docas, furtados e adulterados pelo que Katrine tinha disponível nos calções de banho. Com alguma sorte, eles nos darão a capacidade de nos escondermos à vista.

Nossas mochilas estão cheias com mais tinta e pedras preciosas, além de armas de um tipo mais tradicional - facas, fósforos, armas e munição.

Will me ensinou como carregar a pistola que tirei do guarda, embora o risco fosse grande demais para me mostrar como atirar. Eu não planejo usá-la, mas se for preciso, espero que funcione.

Nós nos despedimos de Katrine, e então é a hora. Como equipe, saímos do esconderijo para a luz do brim, nuvens baixas.

— Encontro você no posto de controle. — Diz Sofie, os olhos verdes iluminados com determinação e certeza como Agnata está ao seu lado, muito menos talentosa em esconder os nervos dentro dela.

Will e eu concordamos, e então Sofie e Agnata se voltam para o Passo de Lille Bjerg. Ombros escovando, Will e eu viramos para o mar.

Quando as outras garotas se vão, eu tiro o anel de Niklas do meu bolso e coloco na minha mão direita. Sofie pode não gostar, mas mesmo que não seja mais necessário voltar ao mar, eu preciso desse anel como um



lembrete do passado. De Alia. Seus sacrifícios. Por que eu ainda estou aqui. E o que estou prestes a fazer. Eu vou correr o risco de ser alvo de guardas por tudo isso.

As milhas passam rapidamente enquanto caminhamos ao longo de onde o pasto encontra o litoral, para cima e para cima até que haja uma queda tão alta quanto as torres do Castelo de Øldenburg entre nós e o oceano abaixo. Nossa rota é mais longa e menos direta do que a que Sofie e Agnata estão atravessando as montanhas, mas devemos chegar ao mesmo tempo, seu caminho mais técnico com a mudança do terreno, enquanto contornamos a borda da cordilheira.

Quando eu confirmei que iria participar, decidimos cobrir nossas apostas e nos dividir, já que nós quatro juntos seríamos muito mais fáceis de detectar. Deslizar pela cidade desperta e descer até as docas em pares seria mais seguro.

As milhas passam rapidamente. Will e eu somos capazes de andar em silêncio juntos sem que isso estenda o espaço entre nós em algo estranho. Eu gosto dos momentos tranquilos com ele, onde podemos estar em nossas próprias cabeças, existindo mas juntos. Como na noite anterior, seus olhos se desviam para a meia distância. Praticando o roteiro, os movimentos, os feitiços. Isso me faz sorrir mais do que deveria.

—Não se preocupe, William Jensen. Sua rebelião é perfeitamente coreografada.

Seus olhos voltam para o aqui e agora. —Coreografia é uma coisa. A execução é outra completamente diferente.

Minha visão fica no anel de Niklas. Eu não sei disso.

Pela primeira vez nessa viagem, os dedos de Will encontram os meus enquanto ele corta na minha frente para nos levar a um conjunto de ziguezagues crescidos que desce do penhasco até a praia abaixo. Enquanto ele traça nosso caminho ao longo da espinha da praia, percebo que esse pedaço de praia nos levará pelo canal até a enseada do



Castelo de Øldenburg, com sua sacada de mármore e lembranças.

Nós não vamos entrar lá, é claro. Não, nós precisamos pular de uma rocha com a praia para a outra, e então seguir em direção à pequena lagoa onde eu mudei pela primeira vez. Depois subimos as curvas, atravessamos a mata, passamos pela pequena casa vazia e entramos na pista do mar com um tiro direto para as docas e, por proximidade, o armazém.

Quando chegamos à praia sólida novamente, Will aperta meus dedos e solta minha mão. E é uma coisa engraçada, porque eu sei que se sobrevivermos a isso, será minha para segurar novamente. O silêncio e os passos voltam, até passarmos do castelo, esqueletos de mármore na baixa luz. E pulando através da pequena lagoa superficial.

Quando chegamos à praia, eu forço Will a parar o suficiente para que eu possa secar nós dois. — *Purr klædi*.

Terminado, endireito os botões no casaco de Will. — Pegadas molhadas são uma dádiva inoperante.

Empurramo-nos entre os ziguezagues, subimos o penhasco e abaixamos a cabeça quando entramos na floresta, com os olhos do Castelo de Øldenburg se aproximando. Eles não podem nos ver. Eu sei que eles não podem. Mas meu estômago torce sob o relógio deles, o anel de Niklas apertado no meu dedo. Eu deslizo minha manga para baixo sobre a minha mão.

Sim. Eu sou aquela que enterrou seu rei e terminou sua linha. Dê uma boa olhada, porque ainda não terminei.

Eu o paro na beira da floresta, apenas à vista da cabana abandonada. — Will, aconteça o que acontecer hoje... não perca a fé em suas habilidades e comece a brotar flores.

Will ri. — Boa conversa de motivação.

— Estou falando sério e estou dizendo isso agora. Apenas me ouça - você é forte, William Jensen, e o que quer que seja, lembre-se disso.



Ele precisará dessa força se sobrevivermos por tempo suficiente para ver o pai vir. Se temos uma guerra em duas frentes e sem fim à vista.

Os olhos de Will não se separam dos meus. — Eu vou, Runa.

Satisfeita, respiro fundo e abro a mão para levantar meu capuz sobre meu cabelo curto demais.

As ruas estão vivas com o burburinho dos dias da semana. Alguns navios corajosos prontos para um dia na água, a promessa de capturas tão lucrativas quanto a ideia de minas marítimas é proibitiva. Nós passamos, queixos até o peito, tentando muito nos misturar com o fluxo e refluxo. Nossos disfarces são bons, encaixando-se bem, mas, à medida que o armazém aparece à vista por cima de uma fileira de lojas, cada olhar persistente envia meu coração batendo com força nas minhas costelas.

Quase lá.

Vamos encontrar as garotas no beco atrás de um pub no estaleiro, Voertshus³ Havnestad. Mas quando atravessamos o prédio e entramos no beco que fica nos fundos do armazém, apenas Agnata está lá.

Ela suspira ao nos ver e corre para a frente. Seu rosto brilha com lágrimas, seus olhos escuros se iluminam de vermelho.

—O que aconteceu? — Will sussurra, puxando-a para as sombras do prédio, contra um barril de lixo cheio de pão moldado. — Onde está Sofie?

—Eu - eu não sei. — Ela coloca sua cabeça em seu ombro.

Will a arranca para que ela possa nos enfrentar. Estamos amontoados nas sombras, nossas mochilas

³ Um tipo de bar com nome em alemão, pelo que entendi...



fornecendo a cobertura necessária, nossas costas para o armazém e o resto do beco.

Ela continua, cuidadosa para não usar nomes - isso é algo que discutimos. — Estávamos juntos na montanha quando ela disse que seu estômago doía. Nervos, você sabe - ela não comeu nenhum pão hoje de manhã. E então eu esperei. E esperei. E quando eu a verifiquei, ela não estava lá. Eu pensei que talvez ela estivesse perdida e tivesse encontrado outra trilha. Eu pensei que ela estaria aqui esperando por mim e ela não estava.

Agnata começa a chorar de novo, e eu quase pressiono uma mão na boca dela para manter o barulho baixo, mas temo que isso possa torná-la ainda mais alta. — E se alguém a pegasse? E se a levassem ao castelo para interrogá-la sobre o assassinato? Ou esse enredo ou algo mais?

Ela termina quase gritando, e eu tento contrariar isso mantendo minha voz calma e perto de um sussurro. — Ou ela poderia simplesmente estar trabalhando aqui, como você disse. — Olho para Will. — Devemos esperar?

Will balança a cabeça imediatamente. — Não há tempo. Temos uma janela muito pequena. Teremos que continuar sem ela.

Os olhos de Agnata se arregalam, aqueles nervos que vimos anteriormente quase disparando fogos de artifício diretamente nas órbitas oculares e na umidade do beco. Seus lábios se abrem, e eu cavo fundo no meu cérebro por um feitiço para silenciá-la, mas é tarde demais porque ela já está gritando. — Assista ou...

Brusco e implacável, algo metálico vem colidir com meu crânio. O golpe é desagradável o suficiente para me empurrar para frente em Agnata, a surpresa e o peso da mochila nas minhas costas arruinando meu equilíbrio. Minhas mãos demoram para reagir e proteger Agnata ou eu. Mas então ela se foi; o gesso da parede da taverna arranha



minha bochecha e deslizo para um monte de sacos de areia, meia inclinada, meia curvada contra o prédio.

O ferimento na cabeça que sofri nas câmaras reais de Niklas, ferida nos últimos dois dias, está aberto e líquido novamente, o sangue escorrendo do meu ferimento para o meu cabelo e para o meu pescoço enquanto grito com esse novo corpo meu se mover.

Mas não vai.

Ao meu lado, há um gigantesco whoosh, e o corpo de Will bate nos paralelepípedos, o sangue escorrendo por sua linha do cabelo. Em algum lugar atrás de mim, Agnata está gritando até que haja um whop metálico e ela fique quieta.

Minhas mãos finalmente reagem e tento me empurrar para fora da parede. Mas assim que mudo uma polegada, minha visão incha e depois se contrai, todo o sangue aparentemente saindo do meu corpo através do mais novo buraco na minha cabeça.

Estou banhada em águas rasas, encalhada e desaparecendo rapidamente.

Quando a cor se afasta dos meus olhos e o mundo escurece, ouço meu nome sair da língua de Sofie. — Runa é a mais perigosa. Não a deixe fora de vista.



29 - Runa



Eu acordo com o som do riso à minha despesa.

—Ela é uma bruxa. Talvez devêssemos queimá-la. Quem tem uma estaca?

Mais risadas. Perto, talvez perto o suficiente para cuspir, embora eu não possa vê-los.

Estou em algum lugar escuro e pequeno. Há espaço suficiente apenas para mim e para a cadeira a que estou ligada com os tipos de corda que os marinheiros preferem. Há uma mordaca na minha boca, e tem um gosto vagamente parecido com ferro, o sangue da minha cabeça ferida sugando o tecido. Fui aliviada da minha mochila e do anel de Niklas e, pior ainda, dos meus amigos - Will e Agnata estão em outro lugar.

—Segure seus cavalos. Ninguém está queimando nada. Chamas abertas perto dos barcos do meu pai, antes que ele as inspecione, definitivamente não vão ganhar brownie.

Sofie

Os homens riem novamente. Gutural. Alemão. Sim, claramente alemão.

Ótimo.



Sofie está falando de novo, e o riso dos homens morre quando eles escutam.

— Vamos gravar sua confissão do assassinato do rei Niklas primeiro. Depois disso, queime à vontade - longe dos submarinos.

Passos seguem em minha direção, e então, de repente, a luz entra no meu rosto, uma porta destrancada e aberta.

Dois homens corpulentos, em uniformes verdes, pegam a cadeira em que estou sentada e me colocam em um quarto duas vezes maior do que o que vi em terra, mesmo no castelo. Um tira a mordaça da minha boca, meu cabelo preso nela, um novo fio de sangue tilintando na minha nuca e na gola do casaco ainda em cima da minha blusa e calção.

A dor maçante se espalha contra as costas dos meus olhos enquanto eles se ajustam ao meu entorno. As luzes primeiro. Lâmpadas brilham no alto, tão ofuscantes quanto o novo dia. Então os U-boats, alinhados e prontos para inspeção - seis ao todo, os cinco que Phillip avisou a Will, além do protótipo que Sofie descreveu na Katrine.

Então as pessoas. Eu conto dez homens todos vestidos com os uniformes verdes, que levam o selo de Holstein - embora a pronúncia alemã Holstein esteja rabiscada por baixo de suas marcas vermelhas e brancas. Sofie está diante deles, segurando o bocal de algum tipo de máquina.

— Runa, querida, você não está com os olhos brilhantes e cauda? — Diz ela com um sorriso.

Eu faço uma careta para ela. — Sofie. Como você pode?

— O que? Você achou que eu fugiria para sempre por um crime que não cometi? Deixar minha família, título e todo o dinheiro que vai com isso para trás? — Seu sorriso é brilhante, mesmo na luz pálida. — Claro que não.

Ela ri e os homens riem e, querida Urda, é irritante. Embora não faça nada pela minha dor de cabeça, eu rolo meus olhos.



Sofie continua. — E você vai me devolver a minha vida com a verdade.

Sorrindo, ela se aproxima de mim, coloca o bocal nos lábios e aperta alguns botões. — Meu nome é Condessa Sofie de Holsten, Rainha Consorte do Reino Soberano de Havnestad. Na madrugada do dia 20 de setembro de 1914, observei uma garota chamada Runa assassinar o rei Niklas de Havnestad na minha cama de casamento. A próxima voz que você ouvirá é aquela dessa garota, cuja família e lar são desconhecidas.

Com uma inclinação de cabeça, ela se aproxima, colocando o bocal bem debaixo do meu queixo.

Eu trinco meus dentes juntos. Eu não farei isso. Eu não vou. Eu não vou ser gravada nessa coisa.

Sofie se inclina, sua respiração perto o suficiente para que eu possa sentir o calor disso na minha bochecha raspada.

— Você vai falar sua verdade, Runa. Eu vou tirar isso de você de um jeito ou de outro, e me ouça agora, se você for difícil, sua confissão será a última coisa que você faz.

Eu olho mortalmente naqueles lindos olhos verdes dela. — Não vai acontecer. — Então eu sorrio para ela, fúria nele. — *Fara*.

Raios vermelhos saem do meu punho fechado atrás das minhas costas e vão direto para a luz acima. O vidro estilhaça e chuto Sofie no estômago enquanto todo mundo se afasta dos cacos chuvosos.

O treinamento de Sofie entra em ação e, ao mesmo tempo que eu, ela grita: — *Skjoldr!*

Fragments de vidro saltam dos nossos escudos, tilintando como música enquanto eles batem no chão. De onde eles se espalharam, os homens observam, curvados em postura com os braços jogados sobre suas cabeças.

Uma a uma, as bocas dos guardas ficam boquiabertas enquanto encaram a única filha viva de seu comandante.



— A condessa é uma bruxa! — Grita um guarda, uma mistura de medo e retidão espumando em seus lábios.

Sofie tropeça a seus pés. — O que? Não! — Sua voz é alta e implorando para que eles a desprendam. — Não, eu não sou.

— Tu es! Assim como a sua irmã morta! — Grita um guarda particularmente corajoso. — Se enforcou por ser uma bruxa, ela fez. Todo mundo sabe disso.

A surpresa cai do rosto de Sofie, raiva em seu lugar. E então ela sorri para o homem. — Você está certo. Eu sou como ela.

Ela chama minha atenção e, novamente, dizemos nossos feitiços ao mesmo tempo. — *Villieldr!*

Conforme praticamos, o braço direito de Sofie sobe em chamas violetas, bem diante de seus olhos. Ainda é fraco, mas é impressionante, e a confusão masculina se transforma em um pânico estrito e inegável.

Seus olhos se afastam dela só porque todo o meu corpo explodiu em chamas roxas. A corda, a cadeira, tudo se queimando em uma corrente de fumaça, cinzas instantâneas.

Livre dos meus laços, ando na direção deles.

Sofie também está avançando. Os homens estão andando trôpegos para trás. Somos tudo o que disseram que as bruxas poderiam ser. Poderosas, imprevisíveis, desafiadoras de lógica.

— Queime-nos na fogueira, sim? — Eu digo. — E se nós não queimarmos?

Ainda assim, os mais corajosos sacam suas pistolas com mãos trêmulas e desajeitadas. Mas estamos prontas para isso.

Sofie inclina ambos os braços para fora, protegendo a si mesma e à maioria da minha forma flamejante. — *Skjoldr!*

Escudo e seguro, eu fecho. Novamente, eu uso a técnica de luta favorita de Oma Ragn.



— *Færa!* — Eu grito, varrendo os dois braços para fora, cercando os homens. A linha vermelha da magia atordoa-os com força e, como dominós, eles caem um a um em um amontoado no chão. Desarmados. Inúteis por pelo menos as próximas doze horas. Ainda assim, por segurança, adiciono uma camada extra de proteção. — *Ómegin. Rata.*

Sofie me ajuda a entregar o feitiço para cada um dos homens.

— Você vai destruir essa gravação, não é? — Eu pergunto, finalmente me permitindo sorrir, enquanto checava a parte de trás da minha cabeça por mais um ovo de ganso e um corte sem cura.

— Sim. Não quereria uma coisinha como essa rondando a pessoa errada para encontrar.

— Bom - foi um toque muito legal.

Ela abana as sobrancelhas. — Eu também pensei assim. — Então, ela inclina a cabeça para outro armário - este maior do que a minha pequena caneta de retenção - algo destinado a armazenamento real.

Sofie puxa uma chave do cinto e a trava se libera com um puxão rápido. E lá dentro, amordaçados e amarrados do jeito que eu estava, estão Will e Agnata.

Seus olhos são enormes à vista de nós. Eu puxo Will imediatamente, deslizando-o da cadeira, liberando sua mordaca, depois suas mãos.

Agnata espera pacientemente por sua vez, sorrindo além de sua mordaca, claramente esperando que Sofie comece a desatá-la a qualquer momento.

Em vez disso, depois que Will está livre de suas amarras, nós três simplesmente nos voltamos para Agnata e observamos a realização rastejar pelos ângulos de seu rosto. Sofie inclina a cabeça e nos dá um sorriso satisfeito. — Agora, o que devemos fazer com ela?



30 - Runa



Sofie puxa a mordaca para baixo, coloca as mãos nos joelhos e afunda ao nível dos olhos com Agnata. —O que diabos você estava pensando, nos vendendo?

Sofie não lhe dá a chance de responder. —Estava pensando que ganharia um centavo bonito, é isso. Quanto foi?

Os lábios de Agnata se fecham.

— Vale mais do que todos os nossos anos juntos, então?
— Sofie cospe, os olhos brilhando. —Mais do que minha vida?

O desespero de Agnata cresce quando a arrastamos com a cadeira para fora do armário e entramos no armazém. Os olhos da garota saltam dos guardas empilhados no chão para as cinzas, para o vidro coberto e brilhando nas lâmpadas de sódio restantes.

Lá, maciços, iminentes e inflamáveis, estão os submarinos, alinhados como Will os colocou, “como porcos para abate.”

—Eu... Sofie, você entendeu tudo errado. Por favor. Por favor, me escute!



Sofie não responde, exceto para desarmar Agnata de sua pedra preciosa.

— Eu me encontrei com eles, sim, mas foi apenas para ajudar a obter informações sobre o nosso plano. Isso foi-

— Agnata, salve-se. — Eu digo, o temperamento queimando o suficiente para que eu possa estar deixando escapar chamas roxas direto das minhas narinas. — Sabemos que eles deixaram você sair do castelo apenas para que você pudesse fornecer detalhes específicos sobre o nosso plano. Ouvimos você conversando com o guarda ontem à noite do lado de fora da casa segura.

Eu digo “nós”, e isso foi parte do que Will, Sofie e eu discutimos no meio da noite, depois que enfeitiçamos Agnata para garantir que ela estivesse dormindo profundamente. — Você estava planejando deixá-los atacar como penitência por seu papel na trama contra os submarinos. Eles pegam Sofie e eu pelo assassinato do rei, colocam Will nos submarinos, e você tem sua liberdade e uma parte da venda.

Toda a cor no rosto dela escoa. — Eu disse tudo isso. Eu fiz. Mas foi só porque eles precisavam ouvir. — Ela se vira para Sofie. — Você sabe como eles são - eles são implacáveis. E eles me acompanharam até Katrine, para que eu não pudesse deixar de reportar de volta.

Will esfrega a testa e até minha cabeça cai nas minhas mãos. Fomos comprometidos. Nossa casa segura não é mais segura. E nem Katrine. Como poderíamos ter perdido? Sim, estamos focados nos feitiços, mas ontem à noite? Ontem à noite, um guarda estava a poucos metros do nosso refúgio. Eu levanto meu rosto e olho para essa traidora. Estávamos tão empenhados em combater seus esforços que o guarda se tornou uma lembrança distante.

Sofie parece que engoliu vidro. A condessa se move como uma mulher possuída, abrindo uma mochila



recuperada e armando uma pistola em cima. Minha pistola, para ser exato.

— Eu... eu... — Agnata tenta lutar contra as amarras, a carne nos pulsos inchando contra as restrições.

— Diga-me agora, eles estão indo atrás do Katrine? Eles a têm? Sim ou não?

Agnata explode em lágrimas, a cabeça tremendo. — Não não não! Eles não sabem sobre ela! Por favor! Você tem que acreditar em mim! Não atire.

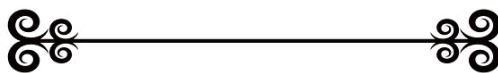
Os olhos de Sofie se voltam para os de Will e depois para os meus, mas ela não esconde a arma. Ela fica apontado para a garota - sua amiga, sua criada - enquanto ela olha para nós para lhe dizer o que fazer.

— Não temos mais tempo para isso. — Diz Will calmamente. — Seu pai estará aqui para inspecionar os barcos em menos de uma hora. Não podemos mais correr o risco de falar sobre isso.

A mão de Sofie começa a tremer, com o cano da arma. Em uma etapa, eu gentilmente levei o braço para baixo e para o lado.

Quando ela desarma, me agacho no nível dos olhos com Agnata. A garota soluça mais forte quando eu levanto minhas mãos na frente do rosto, ametista espreitando da palma da minha mão. E então eu uso toda a misericórdia que me resta.

— Ómegin. Rata.



Se ao menos houvesse um feitiço para pausar o tempo.

Com o caso Agnata, nossa janela para executar nosso plano encolheu. Mas pelo menos saber que isso ia acontecer nos colocou na porta e conseguimos virar as mesas, graças às louváveis habilidades de atuação de Sofie. No



entanto, não há como chamar isso de sucesso até que seja concluído.

Pairando sobre nós está a famosa pontualidade do pai de Sofie, porque ele não chegou na hora certa, ele está adiantado, especialmente se um acordo está envolvido e ele pode conseguir um preço melhor com o elemento surpresa. Chegue cedo; encontre coisas imperfeitas, inacabadas ou de outra forma em falta; Ganhe um desconto por desordem. Foi assim que o Barão Gerhard de Holstein correu - como um relógio, mas dez minutos antes do previsto. Não há absolutamente nenhum tempo a perder.

Nós movemos os corpos primeiro - Sofie e eu trabalhando juntas para levar homens um a um, da cabeça aos pés. Will coloca nas costas, jogando um homem por cima do ombro, um de cada vez. Ele pega Agnata em seguida, tirando-a da cadeira e a colocando em uma das carruagens que os guardas dirigiam para o castelo.

Nós os alinhamos na grama crescida de verão atrás do armazém, e então cada um pega nosso homem e começa a trabalhar. Tirando tudo, exceto suas roupas íntimas - botas, calças, botões, armas. Então, colocamos as botas na carro com Agnata, nos vestimos no restante e corremos de volta ao depósito para a última peça do nosso plano.

Estamos de pé em três, espaçados uniformemente antes dos seis navios.

—Prontos? — Eu olho para os primos, à minha esquerda e à minha direita. Eles acenam com a cabeça.

—Conjuntos? — Eles levantam seus braços cheios em uma saudação de punho duplo, pedras preciosas colocadas em suas palmas.

— Agora!

Will e Sofie gritam o comando do fogo como um só. Eles acendem como se tivessem feito isso toda a sua vida - chama roxa deliciosa saltando em direção às vigas.



Agora é minha vez. — *Vindr!* — Dirijo minhas mãos para suas chamas, e uma rajada de vento levanta e guia as chamas para cada barco.

Um e dois. Três e quatro. Cinco e seis. Subiram, dois a dois, aço pegando a chama com uma torção e um suspiro, o calor se curvando, curvando-se, curvando-se. Dentro do espaço de um minuto, eles não são nada além de lava derretida.

Quase terminado.

— *Vaxa!* — Eu grito, e com a ajuda do vento, as chamas saltam para as vigas, que pegam fogo em um instante.

— *Corram!* — Eu digo, e eles fazem, cada um extinguindo seus braços flamejantes.

Nós entramos no clarão do meio-dia, fumaça nos persegue para fora do prédio, mas está apenas começando no telhado. Se nos apressarmos, podemos sair daqui antes que alguém perceba.

Talvez.

Sofie pula por cima da porta do carro e entra no banco de trás da carro aberto, enfiando os longos cabelos em um coque e puxando o chapéu de um guarda sobre a bagunça de tudo. Eu tenho um tempo muito mais fácil, mas eu sei que vou parecer suspeita de perto. Terá que funcionar.

Will pega o motor e o carro ressoa para a vida. Ele muda algumas manivelas e engrenagens, e nós pulamos para trás e, em seguida, para a frente, enquanto ele envolve o outro carro e os homens atordoados e adormecidos.

— Do que você está sorrindo? — Eu sussurro, porque ele está de fato sorrindo e é completamente ridículo que ele tenha essa expressão em seu rosto enquanto dirige um carro de fuga.

— Eu não posso acreditar que eles têm um Vauxhall. — Diz ele. Eu não tenho ideia do que isso significa. Quando ele me vê franzindo a testa, ele acrescenta: — É britânico.



Ah. Feito pelo mesmo país que produziu o navio que destruíram com o primeiro de sua frota de submarinos. Agora eu sorrio de volta. — Traidores.

Quando chegamos na esquina do armazém, prendo a respiração. Alguns guardas notaram as chamas, mas ainda não nos notaram fugindo da cena.

Will vira-se para a pista do mar e há um carro idêntico pela estrada estreita vindo da direção do castelo. Dentro está um motorista sozinho com dois homens nos fundos - um no azul de Havnestad, o outro em um casaco tão verde quanto o nosso.

Will tensiona, e eu sei que é exatamente quem eu suspeito. O barão e o conselheiro trabalham para fazer uma venda na casa do rei morto.

Imediatamente encontro algo muito interessante para olhar pela minha janela, que dá para a cidade e para longe do veículo prestes a passar a centímetros de nós. Will apoia o cotovelo na porta, os nós dos dedos na têmpora, como se essa fosse a unidade mais chata de todas. Na parte de trás, Sofie afunda em seu assento, de cabeça baixa. Eu quase posso ouvi-la rezando.

Estamos perto o suficiente para que o pai dela possa estender a mão e tirar o chapéu sem muita dificuldade.

Will obscurece seu perfil com uma rápida saudação e eu prendo a respiração, esperando que o Barão Gerhard reconheça seu sobrinho, apesar do chapéu abaixado. O barão não permanece nem o motorista - embora o veículo diminua a velocidade do ponto de pressão para evitar a pintura de qualquer um dos carros.

Quando o passe está completo, todos nós três expiramos profundamente, o outro carro ganhando velocidade enquanto desce a colina em direção às docas, apontando para o prêmio que custa muito a todos.

Will bate no acelerador e nós subimos a colina. Quando saímos da pista do mar e entramos na cidade,



um estrondo começa. Suave, tão macio, até que, de repente, é um BOOM vulcânico e inegável - rasgando em direção ao céu enquanto as nuvens se juntam novamente sobre o Estreito de Öresund.

Eu olho no espelho lateral. Uma bola de fogo do tamanho do Castelo de Øldenburg ilumina o céu do meio-dia - o depósito e os submarinos dentro dele agora são apenas recordações e cinzas.



31 - Evie



Aí está.

Eu sinto isso com a terra tremendo. Como um vulcão em erupção. Como a inundação de águas que não podem ser paradas.

Como eu fiz quando Alia morreu. Ou quando a transformação de Runa de sereia para humana foi completa e permanente.

A magia ao meu redor e em mim mudou novamente - o equilíbrio inclinando um pouco para a esquerda, para a terra, para o lugar nas sombras. Essas sombras passaram séculos crescendo. Desde antes da tragédia de Maren Spliid e Christian IV, o rei caçador de bruxas. Antes que famílias, covens e a própria magia fosse divididas, cortada e rasgada em lascas minúsculas de um todo e jogada ao vento que soprava.

E, oh, isso é bom.

Runa e seu pequeno coven produziram a magia mais poderosa da terra em uma geração.

Desde o dia em que Nik viveu, Anna sucumbiu e eu fui feita.



A verdadeira e forte magia terrestre, exaurida por gerações, escondida, e então, fraca e cansada, dormindo por tanto tempo, está agora acordada. Olhos abertos, bocejando, levantando a cabeça. Está aqui.

E acabou de queimar os U-boats de Havnestad. Eu sei isso.

Meu caldeirão está em uso, borbulhando com um feitiço que pode mudar meu mundo para melhor também. Então, embora eu não possa ver Runa em ação, eu levanto meus olhos para a superfície e sorrio para as nuvens que cobrem o céu.

— Olhe para você, bruxinha. — Eu digo para ninguém, a não ser a relva borbulhante e os pólipos acenando. — Ainda não é humana por dia e você já fez mais magia do que a terra viu em cinquenta anos.

Eu me permito um sorriso para Runa, a pequena jardineira, plantando magia e imediatamente dando frutos.

— Ela é talentosa, mas precisa da sua ajuda. — Responde Anna.

Eu aceno, de costas para ela. — Sim, e ela vai pegar logo. Ela deve.

Se sinto a magnitude do que aconteceu em terra, sei que o rei do mar também. Ele virá. Ele já pode estar a caminho. E antes que ele chegue, eu devo estar pronta.

A alegria por Runa desaparece, substituída pela concentração que devo ter em seu lugar. A poção no meu caldeirão vibra alegremente, o vapor subindo à superfície em uma corrente infinita. Deve ferver mais do que a sopa de ervilha de Tante Hansa - ou pelo menos é o que eu acho que vai demorar - eu nunca fiz esse feitiço antes.

Eu me inclino sobre o meu caldeirão, mexendo no conteúdo com minha lança de peixe-espada. Tem sido um dia desde que eu coloquei a poção pela primeira vez, e a cor está boa - o amarelo brilhante do sol. Ajustando para a liberdade que proporciona.



Mas não está pronta. Tem todos os aspectos necessários - terra, mar, sangue - salvo por um.

Amor.

Tudo que eu preciso é o anel.

Apenas aquela palavra que salta através da minha mente me traz de volta à infância. Voltando ao tempo em que tínhamos dez anos e Nik bateu com a perna em uma pedra durante uma subida em Lille Bjerg. Não foi um corte profundo, mas estava em sua canela e sangrou como se toda a sua vida fosse fluir através dele e para a terra quando Anna e eu o carregamos para baixo.

Nik desmaiou por um momento, e nós tínhamos todo o seu peso em nossos ombros, o que não era um problema tão grande quanto seu tamanho - alto e desajeitado, os ângulos dele o faziam quase impossível se arrastar para baixo sem arranhar suas canelas e botas pior do que já estavam. Então, quando a mãe de Anna apareceu de dentro de uma loja bem perto do início da trilha, decidimos que seria melhor se eu ficasse com Nik e, juntos, eles fossem buscar o médico real.

Nik acordou assim que elas dobraram a esquina, confuso e um pouco envergonhado, suas orelhas ficando vermelhas enquanto eu transmitia o que tinha acontecido. — Mãe vai ter algo a dizer sobre isso. — Os olhos de Nik estavam em suas mãos, dedos longos brincando na grama. — 'Niklas, um rei não deveria ter cicatrizes - os olhos das pessoas estão sempre observando' — Ele disse, tentando muito imitar o padrão de fala afetado da mãe. Então ele sorriu, olhos escuros brilhando. — Sim, como se o reino desmoronasse quando eu enrolasse a perna da minha calça, mostrasse uma cicatriz e provasse que sou realmente humano.

— Culpe-me. — Eu disse, sabendo que sua mãe já não gostava de mim. — Ela vai ter o conforto em saber que sua desfiguração foi tudo culpa minha. — Tentando muito ser discreta, dei de ombros.



Um sorriso apertado cruzou o rosto de Nik. Ele jogou algumas folhas de grama e tirou um tufo de uma flor ali, suas minúsculas folhas rosadas diminuíram depois de um verão seco. Seus olhos brilharam para os meus. — Evie, você sabe que eu não ligo para o que minha mãe, meu pai ou qualquer outra pessoa pensa sobre você.

— Eu sei. — Eu disse, porque eu sabia. Embora eu fosse jovem o suficiente para pensar que as opiniões de um menino não importavam contra um mar de oposição.

Eu sei melhor agora.

E eu acho que Nik sabia melhor. Porque ele ficou quieto por um momento, mexendo com as flores, e justamente quando eu pensei que nós tínhamos acabado de conversar, meus olhos se concentraram na minha frente, procurando pelo chapéu do médico real, Nik cutucou meu braço. Quando me virei para responder, ele levantou um pequeno broche de flores. Então ele pegou minha mão e colocou o anel no meu quarto dedo.

— Obrigado por ficar comigo. — Disse ele, seus olhos encontrando os meus, corando em seus ouvidos.

Olhei para o anel de flores silvestres, principalmente porque olhar para o rosto dele era demais. — Sempre.

Nik. O que nós poderíamos ter.

O que nós deveríamos ter tido

Eu preciso desse anel.

Fechando meus olhos, eu alcanço através das águas de ônix da minha cela de prisão, no oceano aberto, em volta das minas que o rei do mar tanto teme, e na expiração quente do ar do fim do verão.

Eu imagino meus dedos na areia e corro ao longo da praia. Minha magia bombando, agitada, fluindo - tão imparável quanto a própria vida - direto da terra através de mim e para fora dos meus dedos com as palavras certas.

Eu corro passando pela Lagoa da Greta e meu primeiro covil, cheio de moluscos apodrecendo e



derramando suas pérolas, uma biblioteca de feitiços e fileiras de garrafas deixadas ao tempo.

Eu corro passando pela enseada que leva ao Castelo de Øldenburg. A varanda de mármore adicionada após a morte de Nik aparece branca e arqueada. Se eu for perceber, ainda posso ver onde meu pai uma vez atracou seu barco de pesca, o pessoal da cozinha esperando e ansioso para colocar as mãos em carne fresca de baleia para beber e comer.

Magia gira ao meu redor, renovada com o que acaba de acontecer em terra.

E ainda, eu alcanço.

Eu alcanço a origem dessa magia.

Uma fonte. Um sinal. Uma marca de onde começou.

Alcançando, alcançando, alcançando.

Até eu encontrar. Um fantasma de uma impressão. A pegada arenosa morrendo na maré.

O lugar onde as bruxas afiaram sua magia usando o conhecimento de Runa. Há magia viva neste lugar, enrolada e pronta, embora trancada, com uma chave pendurada.

Eu entro naquele quarto escuro e sinto ao redor.

Coloco minhas mãos em algo familiar.

O Grimoire Spliid.

O mesmo livro que peguei emprestado de Tante Hansa no meio da noite quando ela me viu tão claramente que eu era invisível. Aquela velha sempre via através de mim e de mim de uma maneira que ninguém mais conseguia. De um jeito que ninguém mais irá.

Este livro é outra versão - uma cópia com encadernação diferente e capa de pele de bezerro que já viu dias melhores. Mas é perfeito. Eu cavo minhas unhas e agarro.

Isso é o suficiente para me colocar lá. Me ancorar. Dando-me tempo e espaço que me permita chegar a um fogo que tenha sido muito frio.

— *Kveykva*. — Eu sussurro. As faíscas respondem de volta, reivindicando o chamado.



Um fogo ruge para a vida.

E então, eu pego a fumaça pela garganta, e escrevo minha mensagem sussurrando — *Dveljask*. — Quando está completo, para que fique até que os olhos de Runa estejam sobre ele.

E então eu me preparo para o pai dela e o anel.



32 - Runa



Dizem que cada gota de água flui para o mar, mas em Havnestad, neste exato momento, toda pessoa flui em direção ao mar em um riacho interminável.

Nosso carro está indo contra a maré, pelas ruas tortas, enquanto homens, mulheres, crianças, burros, cabras e cães saem de todas as casas, lojas e pátios da cidade, descendo os paralelepípedos com olhares atordoados, correndo em direção ao Porto. Em direção a chamas lambendo as nuvens chamuscadas por uma bola de fogo.

Digo a mim mesma que o que acabamos de fazer salvará vidas, como as que passam por nós, em algum outro lugar.

Talvez isso também os salve. Will estava certo quando disse que a guerra não conhece seus limites - a neutralidade não é um escudo. É simplesmente uma declaração que pode ser fácil de ignorar.

Somente quando as pessoas param de chegar e estamos sozinhos com o barulho do carro e a estrada aberta sobre o Passo Lille Bjerg à frente é que me deixo relaxar.

— Ei. — Eu digo para Will. Seus braços estão apoiados no volante agora, fazendo o que podem para



continuar se movendo na direção da estrada, enquanto as rodas navegam no solavanco e derrapagem de paralelepípedos destinados a solas de botas e cascos de cavalos. Coloco uma mão na crista do seu braço e me inclino. Quando seus olhos voam em meu caminho, eu lanço um sorriso cheio para ele. — Nós conseguimos, William Jensen.

Ele sorri de volta. — Nós conseguimos.

Um rápido rubor rasteja por suas bochechas enquanto ele verifica a estrada, mas então seus olhos voltam. Eu quero que eles sempre voltem.

Inclino-me mais, atraída por ele - quente e verdadeiro, e coro com a emoção do sucesso.

Ele está perto o suficiente para beijar. Sério. Não apenas a bochecha dele.

Acima da nuca que ele deixou, seus lábios são do mesmo rosa das bochechas e a combinação deixa seus olhos ainda mais azuis, como água rasa nos dias de verão e-

— Pare o carro, Will! Eu quero assistir. Vocês estão vendo isso? Temos uma excelente vista!

Eu me afasto, e há Sofie, saindo de onde ela está claramente observando as chamas.

— Não acho que seja uma ótima ideia, Sof. — A voz de Will é suave, mas severa. — Agnata nos traiu - no segundo em que esses homens acordarem, quem a conhecer na casa segura os levará direto para lá. Temos que vencê-los.

Ele está certo, apesar de merecermos assistir. Não posso argumentar com essa lógica e Sofie, aparentemente.

— OK tudo bem. Você está certo. Eu só quero me divertir. — Sofie faz beicinho.

— Você está se divertindo muito no banco de trás, eu diria. — Observa Will. — Que tal você estar à procura de alguém nos seguindo enquanto você está nisso?

— Tudo bem, mas se vocês se beijarem, eu ainda vou ver, mesmo se eu me virar. Eu tenho olhos na parte de trás da minha cabeça.



Paralelepípedos caem da estrada e abrem caminho para a sujeira pesada. As rodas agitam mais suavemente embaixo de nós. A alegria relacionada a carro retorna ao rosto de Will e seus lábios se erguem. — Vamos ver o quão rápido esse bebê pode ir.

Algumas mudanças de marcha e movimento de suas pernas e, de repente, estamos indo duas vezes mais rápido, descendo a colina, o vento chicoteando em nossos rostos. Sofie gira de volta, segurando Agnata adormecida em seu colo enquanto descemos a colina e entramos no vale, pastos verdes passando sob o céu cinzento.

Minha mão voa para minha cabeça, segurando meu chapéu no lugar. Tarde demais, eu percebo que Will também não está seguro, e o vento reivindica isso por si próprio. Sofie tenta pegá-lo, se perdendo no processo, os chapéus deslizando em um pasto pontilhado de vacas adormecidas.

Decidimos esconder o carro em uma pequena caverna esculpida à beira-mar em um penhasco na praia. Will prende a capota ao quadro e se afasta, infeliz.

— A água salgada será um inferno para o motor dela.

— Oh, céus, Will. — Sofie geme. — Diga-me que você não nomeou o carro.

Suas bochechas estão rosadas e ele faz uma careta para cobrir. — Freyja merece mais do que esta caverna.

Sofie revira os olhos. — Onde você gostaria de estacionar Freyja? Na praia, onde alguém poderia facilmente pegá-la? Ou talvez em frente à casa de Katrine, para dar aos guardas uma gorjeta grande e gorda em forma de Freyja?

Will franze a testa e eu agarro o braço de Sofie para impedi-la de responder ainda mais. Não temos tempo a perder. Sofie concorda, e ela e eu pegamos as mochilas e os conjuntos extras de botas para a coleção de Katrine, enquanto Will dobra Agnata sobre seus ombros de fazendeiro.



Ela ainda está amarrada, e nós devolvemos sua mordaca, para o caso de ela acordar e começar a gritar.

A caverna de Freyja fica a cerca de poucos metros do esconderijo. Não muito longe, mas não ideal, considerando que ainda precisamos arrastar Agnata. Ficamos em silêncio quando as nuvens parecem cair mais perto da terra, relâmpagos vindos de uma tempestade que arrebatava a água através do Estreito de Øresund. Basta acelerar o ritmo sem trocar uma palavra.

Observo as botas de Will à minha frente enquanto seguimos em frente, quase lá, tentando muito não pensar no que vem a seguir. Certamente, mais tempo gasto correndo, o esconderijo comprometido. Nenhum de nós pode ir para casa, só podemos seguir em frente. Para a próxima casa segura. A próxima missão.

Quase por reflexo, meu foco se desvia para as ondas ao nosso lado. A água escorre pela areia, deixando sua marca a cada inspiração e expiração da maré. Sua energia brilha no ar que respiramos e, embora eu não tenha comido em horas ou realmente dormido em dias, é revigorante e purificadora. Ele coloca um sorriso no meu rosto porque de repente sinto que fiz a escolha certa. Mas então algo bate no meu pé. Eu olho para baixo e sufoco um grito.

Um peixe olha para mim, preto como a noite coagulando onde seus olhos deveriam estar.

A visão disso me impede de desmaiar. Sofie bate em minhas costas com um som audível. — Ei, o que, oh meu Deus, o que é isso?

— Eu - eu não sei.

À frente, Will para e vira o mais rápido que o peso de Agnata permitir. — Gente... — Diz ele, e meus olhos imediatamente saltam para as ondas.

E lá, cobrindo a superfície, estão centenas - milhares - de peixes com a barriga para cima, os olhos escorrendo sangue podre na água.



Pai, o que você fez?

Eu olho para Will. —Precisamos voltar agora. Você pode correr com ela?

Ele não responde, ele apenas começa a correr. Sofie está assustada o suficiente, mas também sente as perguntas se acumulando em sua garganta.

Nós corremos pela praia e subimos a pequena colina onde eu ouvi pela primeira vez Agnata nos vender. Sobre a colina e depois é só mais alguns passos e - oh.

Os pequenos arbustos que disfarçam as janelas e a porta se foram.

Não há nada além de outra colina inclinada, encapotada e verde.

—O quê? — Will para. —Eu estive aqui cem vezes. Está sempre certo...

—Magia. — Eu sussurro com um sorriso. Inteligente Katrine —Eu posso sentir o cheiro. Um feitiço de camuflagem de algum tipo.

—Bem, como você consegue? — Sofie pergunta, batendo sua mochila no chão. —Katrine! Você está aí? Somos nós!

Will agarra o braço dela para tentar silenciá-la, quase derrubando Agnata no processo. —Pode ser uma armadilha.

—Espere, olhe! — Eu digo, e ambos pararam de reclamar.

A encosta diante de nós brilha e, em seguida, um buraco aparece, em forma de porta e aumentando sua largura. O cabelo selvagem de Katrine sopra ao vento, quase uma visão. Ela parece ao mesmo tempo satisfeita e horrorizada ao nos ver.

—Entrem, rápido! Runa, tem algo que você precisa ver. Ela me leva para a sala primeiro, quase me levando para dentro. Enquanto meus olhos se ajustam, meus lábios se abrem. Lá, pairando acima da lareira com palavras tão claras



quanto qualquer tinta no papel, há um conjunto muito sucinto de instruções.

*A guerra do seu pai está aqui.
Eu não posso lutar ao seu lado sem o anel.
Devolva para mim assim que puder.*

O anel.

Eu olho para minha mão, mas sei que não está lá.

Não estava lá no momento em que entrei no armazém.

Quando essa percepção toma conta de mim, Sofie está no meu ouvido fazendo todas as perguntas que ela não sussurrou na praia.

— O que é isso, Runa? O que é sobre aquele anel que é tão especial, e quem diabos está escrevendo palavras no ar com fumaça como um fantasma de terceira categoria dos meus contos de fadas, hein?

Eu engulo e pego os olhos com Will. Ele é o único que sabe, e é muito claro que ele manteve minha confiança. Atrás dele, Katrine observa com calma.

Eu respiro fundo e me viro para Sofie, que está me cortando com aquele olhar inabalável dela. — A bruxa do mar que me transformou em humana precisa do anel para evitar a guerra do meu pai, o rei do mar. Feliz?

O choque pisca em seus traços e depois se transforma em algo mais próximo da camaradagem. — E eu pensei que meu pai fosse um idiota por ajudar na guerra. Seu pai vai começar uma? Ele não sabe que já estamos ocupados o suficiente com a nossa aqui em cima?

— É exatamente por isso que ele está fazendo, Sof. — Diz Will, enquanto coloca Agnata mais gentilmente do que ela merece em uma cadeira de jantar. — Golpear-nos enquanto eles estão para baixo. Funciona no domínio do mundo tão bem quanto no boxe.

Eu concordo. — Por razões que são parcialmente minha culpa, o pai está em uma posição onde ele precisa de mais



magia. Ele tem o monopólio do mar, então ele vem reivindicar a única magia que não é dele - nossa.

Sofie aceita essa notícia ao cair na cadeira de jantar mais próxima, com os ossos pesados. — Eu não renunciei à minha família, me tornei uma bruxa e destruí a propriedade real para ser assassinada por algum merecimento mágico.

Eu respiro fundo. — Sofie, esse não era exatamente o meu plano, mas é o que temos. Neste ponto, a única maneira pela qual nós - e quaisquer outras bruxas em nossa proximidade geral - sobreviveremos a esse ataque é com a ajuda da bruxa do mar. Precisamos pegar o anel de Niklas e não podemos esperar. Aqueles peixes mortos? Eles são apenas o começo.

— Bem, todos nós sabemos que eu não tenho o anel. — Sofie fareja, cruzando os braços sobre o peito.

— Não. — Eu digo, antes de inclinar meu queixo para a nossa prisioneira. — Mas ela pode.

Sofie e eu procuramos nos bolsos de Agnata, Will observando e esperando com uma carranca. Todos nós sabemos que não vai estar lá, mas ainda é uma decepção quando não encontramos exatamente nada disso. Embora nós achemos um pequeno saco de cordão de krone.

Agnata realmente nos vendeu por mais do que apenas sua liberdade.

Will embolsa as moedas enquanto eu me agacho na frente da garota e tiro sua mordaca. A cabeça dela se inclina para o lado, cabelos escuros caídos da trança.

— *Vakti*.

No momento em que o feitiço termina, os olhos da garota se abrem e ela respira profundamente, como se estivesse debaixo d'água nas últimas duas horas, não dormindo. Os olhos dela saltam do meu rosto para os de Will antes de finalmente se fixarem nos de Sofie. Katrine a ignora completamente enquanto coloca a chaleira.



— Ainda estou... aqui? — Os olhos de Agnata se estreitam nos meus. — Eu pensei que você fosse me matar. Como você fez com os guardas. Aqueles pobres homens estavam fazendo o que ...

— Salve sua justiça. Eles não estão mortos, manequim. Sofie se levanta. — Mas você tem sorte de não ter, então guarde suas críticas para outra pessoa.

— Onde está o anel? — Pergunto, porque realmente não temos tempo para isso.

— O anel...

— Agnata, sério, eu estou pronta para queimar suas sobrancelhas, e Sofie faria pior. O anel de Niklas. — Eu estalo. — Eu o coloquei antes de ser nocauteada e arrastada para o armazém. Para onde foi? Nenhum dos guardas que revistamos tinha.

— Eu-eu — Agnata tropeça.

Sofie dá quatro passos largos e acende seu braço coberto de fogo como se não fosse nada. Sinto uma pontada de orgulho.

— Como eu aponto essas coisas para as sobrancelhas dela, Runa? Ainda estou aprendendo.

— Não! Eu vou te dizer. — Agnata grita, seus olhos fechados como se isso pudesse protegê-los. Sua voz fica mais baixa desta vez. — Apenas por favor guarde isso.

Sofie acaba com o fogo, encarando com força sua ex-amiga. — É fácil ver por que você não durou muito tempo sob o interrogatório da guarda do castelo.

— Continue, Agnata. — Diz Will.

— Depois que você foi nocauteada, eu o vendi para o homem que você ouviu na noite anterior - o mensageiro. Ele é um membro da guarda do rei, não o contingente de Holsten, então ele não estava no armazém... mas ele estava esperando no voertshus. E então me juntei a você como prisioneira no armazém.



Urda. Não podemos entrar no castelo procurando por um guarda aleatório com o anel.

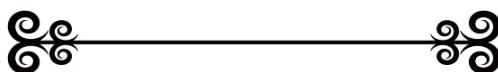
— Onde ele está agora?

Sofie acena com o braço na frente do rosto de Agnata.

— Antes de você dizer 'eu não sei', quero que considere suas sobrancelhas novamente.

Agnata torce o rosto inteiro em uma bola antes de responder. — Esse homem, chamado Møller, disse que tinha um comprador para isso. Prometeu-me outros dez por cento uma vez vendido. — Os olhos dela se abrem. — Ele planejou encontrar essa pessoa no vœertshus hoje à noite. Oito horas. Ele me disse para estar lá às nove para pegar minha parte.

Olho para Will e Sofie. — Hora de elaborar outro plano. E rápido.



Trancamos Agnata no quarto de Katrine e depois continuamos a trabalhar à mesa com canecas de chá e sanduíches abertos que Katrine preparou. Nós nos aproximamos do mapa que usamos esta manhã, mas um plano é lento para se formar.

Para conseguir o anel, temos que voltar para Havnestad, em uma taverna bem apertada, com Agnata, que já nos vendeu uma vez. Pior, o homem que estamos encontrando é um guarda do rei que provavelmente nos reconhecerá no local. Como será literalmente mais alguém na cidade. Um disfarce será essencial, mas complicado - precisamos nos misturar o suficiente para pegar o anel e sair.

Nós arrastamos Agnata de volta para a sala principal e nos revezamos trocando de roupa no quarto de Katrine, cada um encontrando algo adequado para sair à noite. Eu enfeitiço-os e os deixo escuros para que pareçam mais extravagantes do que são.



Então, eu começo a trabalhar enfeitando o cabelo de Will deixando-o mais escuro e o de Sofie muito mais vermelho.

Eu alcanço uma garrafa de tinta de lula que Katrine considerou inerte e expiro para fazer o meu próprio, quando Sofie agarra minha mão.

— Por que você não faz para si mesma o que você fez comigo? — Ela pergunta, passando a mão em volta da cabeça em um pequeno laço. O vermelho escuro parece adorável nela.

— Eu tentei desde que cheguei à praia e não vai funcionar. A bruxa do mar pegou meu cabelo como parte do nosso acordo, e nada parece mudar isso.

— Mas você já tentou desde que se tornou humana?

Eu pisco. — Não... Eu não tentei.

Sofie arqueia uma sobrancelha. — Vale um tiro, você não acha?

OK. Sim.

Ela segura um pequeno espelho. — Continue.

Meu cabelo fica pendurado no meu queixo. Eu passei a gostar de não ser incomodada pelos cabelos longos nos últimos dias, mas é muito perceptível.

Eu fecho meus olhos, respiro fundo e sinto minha magia, a ametista pressionada contra a palma da minha mão. — *Vaxa*.

Começa como um formigamento no meu couro cabeludo, depois uma queimadura. Quando eu abro meus olhos, a garota que eu estava me olha de volta, diferente, mas a mesmo, com o cabelo passando pelos meus ombros.

— Adorável, Runa. — Sofie diz suavemente.

Ela quer dizer isso como um elogio, mas de repente há pressão por trás dos meus olhos e uma lágrima desliza pela minha bochecha.

— Runa? Eu... era adorável antes.



Eu aceno minha mão para meu longo cabelo, procurando por palavras para explicar a dor sentada no meu peito. — É ela. Isso me lembra Alia.

Sofie puxa minha mão vibrante e coloca-a na palma da mão quente. — Você não tem que explicar. — Suas palavras pegam e ela olha para baixo. As palavras do guarda sobre sua própria irmã falecida pairam entre nós, uma verdade.

Eu sinto uma respiração instável. — Você pode me ajudar a trançar isso?

Seus lábios de botão de rosa pressionam juntos em algo como um sorriso real. — Sim.



33 - Runa



Esta missão poderia ser mais perigosa que deixar o armazém em chamas. É estranho pensar no que conseguimos e, no entanto, essa última peça pode desfazer tudo.

— Agora somos procurados por dois crimes. — Diz Will enquanto ele segura suas abotoaduras. Ele está vestindo um terno que o faz parecer muito importante e caro, mas não real. — Regicídio e destruição da propriedade do reino. — Soa tão oficial e gritante como ele expõe. — Provavelmente roubo também, considerando que ainda temos Freyja em nossa posse e eu não estou planejando dar-lhe de volta.

— Quatro crimes. — Eu corrijo. — Não vamos esquecer a feitiçaria. Isso é parte de como você vendeu para mim.

Ele sorri. — Sim.

Sofie revira os olhos. — Fico feliz que vocês dois se encontraram, mas vocês podem parar de me fazer querer vomitar? Porque se eu vomito, não temos tempo para limpá-lo desta seda, magicamente ou de outra forma.

Eu aprendi que o mecanismo de sobrevivência de Sofie é desviar os sentimentos reais da maneira mais vigorosa possível. Isso, ou enterrá-los. O que ela fez com Niklas - não falamos o nome dele enquanto planejamos roubar o anel, e não vamos.



— Tudo bem, todo mundo. Boa sorte. Tandsmør e eu estaremos esperando por vocês aqui. — Katrine distribui abraços para cada um de nós, até mesmo Agnata, e nos envia em nosso caminho.

A tempestade começou há uma hora e sinto o pai dentro dela como um batimento cardíaco. O céu não vai desistir. A chuva é coberta como se quisesse despejar toda Havnestad no mar. E talvez isso aconteça. Eu guardo isso para mim mesmo. O clima está deixando todo mundo nervoso o suficiente sem uma explicação adicional minha.

Entramos no carro como fizemos antes - estou ao lado de Will e Sofie sentada atrás, cuidando de Agnata. Agnata está vestida exatamente como nós, mas desarmada, seus antebraços limpos e nus, nenhuma pedra em sua posse. Nós amarramos suas mãos como precaução para nossa viagem, embora as amarras tenham que sair no segundo em que saímos de Freyja.

A estrada serpenteia pelos vales, passando pela relva dominada pela chuva, a terra incapaz de absorver mais. A água fica no topo das pastagens, brilhando quando a lua encontra uma lasca nas nuvens, quando repetimos quase o mesmo caminho que tomamos hoje cedo. Urda - ou talvez Freyja - está do nosso lado, e a estrada é suave e as rodas não entortam, embora os faróis façam muito pouco para iluminar o caminho enquanto entramos no desfiladeiro Lille Bjerg.

— Lá estão eles. — Diz Will, em voz baixa, enquanto os faróis voltam para a cidade. — Mas o que é isso?

As luzes iluminam uma fila de guardas em pé na estrada, lâmpadas a gás na mão.

— É um posto de controle. — Diz Sofie, inclinando-se para frente no banco da frente.

Meu estômago aperta. Tivemos a sorte de não termos passado por um no início do dia, mas agora os guardas de Holsten e Havnestad estão trabalhando juntos, ambos à procura dos mesmos traidores.



Felizmente, eles acham que o que foi roubado é um carro verde. Freyja é agora um preto elegante.

Will puxa para o posto de controle e muda suas feições para fazer o mesmo show que ele costumava realizar no castelo. Ele é afável, a sombra de um homem de verdade e, aqui, ele está fora por uma noite na cidade com não uma, mas três senhoras, todas vestidas com esmero para pendurar seus braços bem equipados.

Um guarda com um casaco encharcado de chuva e um chapéu de Øldenburg azul se inclina para a janela do lado do motorista, piscando uma lâmpada de gás em nossos rostos. Quando ele faz isso, dois outros homens começam a procurar o perímetro do nosso carro.

— Nome e destino, senhor?

— Remy Johansson, e estas são Frigg, Fulla e Hela. Nós estamos indo para qualquer lugar com um telhado robusto e hvidtøl na torneira. — Ele sorri para o homem. — Você tem alguma recomendação para mim e minhas garotas?

A severidade do guarda racha um pouco. Eu não estou surpreso. Os homens sempre podem se ligar à objetificação das mulheres.

Atrás de mim, Sofie está enrolada, sua mão cavando no topo do meu assento, pronta para bater em Will nos ouvidos se ele disser algo pior, mesmo que isso signifique que podemos ir embora.

O guarda inclina uma sobrancelha para Will. — Eu tenho uma recomendação, Herr Johansson, mas só se você tiver uma lá para mim.

Will ri e, ah, Urda, ele pisca. — Um homem não compartilha seus maiores tesouros, meu amigo.

Os homens que verificam nosso carro pelas marcas dos desaparecidos estão prontos e dão um sinal ao guarda da nossa janela. Mas então o sorriso do homem morre em seus lábios.



— Isso é compreendido, mas você pode me dizer, todas essas mulheres são capazes de falar?

— Claro senhor.

O guarda sorri brevemente e então seu rosto severo retorna. — Por favor, peça a cada mulher que diga o nome delas para que elss possam provar.

O sorriso de Will é esticado tão fino que é quase uma careta. — Por que, senhor?

— Acontece que estamos à procura de três mulheres procuradas em um plano para matar o rei Niklas de Havnestad. Com certeza você ouviu a notícia.

— Eu... não estava ciente de que quem estava fazendo eram mulheres.

— Sim. — Diz o guarda antes de lançar cada um de nós com seus olhos escuros. — Agora, senhoras, uma por uma, por favor, digam seu nome alto e claro para mim. Vamos começar com você.

O guarda olha para mim, na frente do carro. Aquele que mais parece com a descrição de Alia, sem dúvida. Eu sorrio brilhantemente e repito o nome da deusa nórdica que eu adotei. — Frigg.

Sofie vai em seguida, seu nome quase atropelando o meu fim. — Fulla, senhor.

Coração rastejando em minha garganta, eu deixei meus olhos balançarem para Agnata, sentada na parte de trás, suas mãos amarradas cobertas por um cobertor sobre o vestido. Eu mordo com força o interior da minha boca e olho para ela, sem saber o que vou fazer se ela nos trair. Nossas armas de fogo estão escondidas sob o tapete a nossos pés. Teríamos tempo para pegá-las antes do início do tiroteio? Ou elas nos obrigariam a sair do carro? Quantos guardas não podemos ver? São apenas esses quatro?

Agnata parece calcular isso também, olhando para o pedaço de espaço entre ela e Sofie. Will faz um sorriso apertado para o guarda. — Hela é um pouco



tímida. — Ele se vira para fechar os olhos com ela, gentileza no conjunto de suas feições. — Vamos, minha querida, diga ao homem o seu nome. A noite espera.

A boca de Agnata se abre e minha mão desliza no meu bolso, os dedos envolvendo a ametista ali. Sofie está sorrindo para Agnata como se seu rosto pudesse se partir em dois.

— Senhor, meu nome é Hela.

Eu expiro lentamente para fora do meu nariz.

— Lá vamos nós. — Diz Will. — Espero que isso seja suficiente. Tenho certeza de que seu trabalho não é fácil em um aguaceiro como este.

O guarda não faz comentários. — Tenha uma noite segura, Herr Johansson.

Com o posto de controle atrás de nós, Will finalmente exala. — Bom trabalho, senhoritas. — Do jeito que ele diz isso, eu sei que ele realmente quer dizer — Agnata.

— Eu não ia trair ninguém. — Agnata faz beicinho.

— Você estava pensando sobre isso. Eu sei que você estava. — Sofie acusa, sem olhar para ela.

— Eu tomei uma decisão ruim e agora não há confiança entre nós? Em absoluto?

— Você tomou duas decisões ruins, na verdade. — Diz Will, os olhos brilhando para o espelho. — Compartilhando nosso plano e vendendo o anel do rei.

Sofie vira a faca. — E não foi uma má decisão para você; foi uma decisão ruim para o resto de nós, e esse é o problema.

— O que você quer que eu faça? Apodrecer nas células do castelo?

Sofie ergue uma sobrancelha. — Sim, realmente.

— Podemos salvar este argumento para depois de recebermos o anel de volta? — Will pergunta. — Dirigir neste clima não é exatamente o mais fácil.

— O que... oh. — Diz Sofie, finalmente olhando para as ruas.



A água flui pelos paralelepípedos a pelo menos dois centímetros de profundidade sob nossos pneus. As rodas lutam para segurar a estrada, e nós vamos de um lado a outro pelas ruas estreitas.

Quando nós voltamos para a faixa marítima que corre paralela à costa, o estreito de Øresund se aproxima. Raios de teias de aranha no céu, e eu suspiro. A água é uma massa viva. Espumante, purulenta, agitada, fervendo. O branco da crista das ondas bate na costa com força suficiente para engolir a praia inteira. Não há um grão de areia para ser visto, exceto na pequena enseada, cercada por cordas e respeito - o covil do mar.

Desordenando a maré da tempestade, os corpos de mais peixes, todos sangrando pelos olhos, são depositados e depois embaralhados novamente a cada nova onda, incapazes de descansar. As rodas de Freyja derraparam e bateram em alguns dos peixes mortos.

— Pode ser melhor estacionar o carro aqui. — Diz Will quando uma maré praticamente lava as rodas.

— Você quer que a gente ande nisso? — Agnata pergunta, olhando para a água corrente fora de sua janela - alta o suficiente para encharcar a batinha de seu vestido junto com suas botas.

— Você tem uma ideia melhor? — Diz Sofie. — Saia.

Will pula primeiro e ajuda Agnata de suas amarras. Sofie e eu pegamos as pistolas debaixo do tapete aos nossos pés. Cada um de nós as entrega a Will, que é o único cujas roupas podem cobrir seu volume. Se for o caso, Sofie e eu temos nossas pedras preciosas - já somos procurados por coisas horríveis, e esses guardas suspeitam que somos ambos bruxos, então não há sentido em esconder nossa magia se estivermos sob fogo.

Nós corremos pela água, nossas botas batendo nas carcaças de peixes ao longo do caminho.



— Por que seus olhos são assim? — Agnata pergunta, olhando para mim, por razões óbvias.

— Magia. — Eu digo. — Sem mais perguntas, por favor.

Nós não dissemos a ela sobre os planos do pai. Nem lhe dissemos porque queremos o anel. Apesar de uma tarde de suas perguntas importunas, não há nenhuma maneira de enfeitiçarmos mais alguma coisa para ela.

O ar cheira a chuva, podridão e fumaça, enquanto os restos cinzentos do depósito se acomodam atrás do teto íngreme de uma fileira de lojas que atendem os trabalhadores das docas. O Voertshus Havnestad está no final da fila, com as telhas brancas e sujas. Não ajuda que os sacos de areia cubram a base e sejam empilhados dois à sua porta, mantendo a água sob controle.

Por um momento eu me preocupo que Møller não estará fora nesse clima - talvez ninguém vá. Mas as pessoas de Havnestad são mais resistentes do que a maioria e, apesar da chuva implacável, as vidraças da taverna brilham quentes com a luz do fogo em ambos os lados da única entrada. Eu penso no beco - uma saída lá, provavelmente da cozinha. Essas são boas coisas para saber.

Na porta pintada de vermelho, digo um rápido sussurro de "*Purr klædi*" para secar-nos. Então, nós prendemos os braços como planejado - eu mesma à esquerda de Will, Agnata à sua direita, Sofie a colocando no lado de fora.

Quando entramos no voertshus, a música está tocando, um trio de instrumentos de cordas vindo do canto. O riso encobre a sala, as pessoas satisfeitas por estarem secas, quentes e ligeiramente bêbadas. Eu nunca estive em um lugar como este antes. Felizmente, porém, Will esteve ou é realmente bom em fingir.

Nós pegamos uma mesa que tem uma excelente visão tanto da entrada quanto das portas da cozinha, que sabemos levar ao beco. Will deposita nós três na mesa



antes de chamar a garota que está servindo sem muito mais do que um olhar para ela. — O último de seu vinho de verão para a mesa, por favor, Senho...

— Caren. — Diz ela, sorrindo lindamente, largando guardanapos na nossa mesa. — Será isso por agora?

Will acena com um sorriso que faz a garota e eu corar, e Caren sai voando para o bar.

Quando ela sai, o relógio de bolso sai. Dez até as oito. — Veja ele, Hela?

Agnata é lenta na captação, mas finalmente começa a varrer cuidadosamente a taverna. Seus lábios achatam-se em uma linha enquanto ela se concentra, passando os olhos pelos rostos de perfil e visão frontal, as costas das cabeças, o corte e o palpitar dos ombros.

— Bem? — Sofie exige enquanto os olhos de Agnata saltam pela sala pela terceira vez.

Eu tenho que admitir, eu também estou impaciente - temos que identificá-lo antes do comprador. Ou antes que alguém nos reconheça. Quanto mais nos sentamos aqui, mais provável é que alguém nos aviste, apesar das mudanças que fizemos nos nossos cabelos e roupas.

— Eu não tenho certeza.

— Bem, como ele é?

— Cabelo castanho, olhos azuis, constituição corpulenta.

Sofie suspira. — Isso descreve literalmente metade do bar, Hela.

— Como você o encontrou tão rápido no início do dia?

— Eu sussurro. — Seu tempo de resposta para dar a ele depois que Will e eu fomos eliminados não poderia ter sido muito.

— Frigg tem um ponto. — Diz Will.

— Eu não posso acreditar que eu deixei você sair da minha vista. — Sofie murmura.



— Eu sinto muito, ok? Eu pensei que nós estávamos do mesmo lado, Sofie. Mas olhe, estava vazio aqui esta manhã e ele estava de uniforme de guarda. Ninguém aqui está usando um. — Agnata sussurra.

Um minuto a mais em busca de alguém do Castelo de Øldenburg, ou com cabelos castanhos e olhos azuis e um olhar particularmente ansioso no rosto.

— Ah, Caren, serviço excelente! — Cantarolam, e todos sorrimos automaticamente quando a servidora retorna, depositando quatro taças de vinho de verão guarnecidas com lascas de laranja.

Pressionando uma mecha de cabelo atrás da orelha, ela sussurra perto o suficiente para ele que eu quase me inclino para trás, seu perfil sorridente assomando bem na frente do meu. — Tão gentil de sua parte, senhor. Meus frequentadores não são mais tão elogiados.

Will sorri com firmeza. — Bem, eles deveriam ser. Há muitos frequentadores aqui?

— Ah, claro. A multidão de casamentos se foi, e está de volta apenas para os locais que se sentam em seus bancos como se fossem seus donos. E depois tem você, embora pareça familiar.

O sorriso de Will não vacila. — Eu tenho medo de nunca ter estado aqui antes.

— Ei, menina! — Um homem chama perto da porta, e a cabeça de Caren gira ao redor. Quatro homens duros com a vida do oceano chamam por ela, os copos em sua mesa vazia e pronta para mais.

Enquanto ela foge, Will toma um gole profundo de seu vinho. — Hela, que assento estava Møller nesta tarde?

Os olhos de Agnata pulam para o bar. — Segundo da direita.

Há, de fato, um homem com cabelo castanho de constituição robusta sentado ali. — Frigg. — Ele diz para



mim. — Por que você e Hela não perguntam no bar sobre o banheiro?

Eu me levanto e pego a mão de Agnata, deixando Will e Sofie para trás. Nós contornamos a multidão, seguindo para o bar. Caren está lá. Eu a encaro, sorrio e pronto, enquanto Agnata olha ao redor, supostamente por um sinal, mas ela está realmente inspecionando o rosto do homem.

— Caren, eu deveria ter perguntado antes, mas onde está-

— Agnata, você veio muito cedo!

Ah não.

O homem no segundo assento está com o rosto vermelho, e hvidtøl bate sobre o copo enquanto ele gira todo o corpo em nossa direção. É quando vejo o anel na mão dele. Seus dedos estão bulbosos do trabalho, e com o tamanho menor feito para os dedos de Sofie, ele só cabe no dedinho, acima da segunda articulação.

— Eu ainda não vendi a maldita coisa, kørreste. Gananciosa, garota, não é? — Ele ri muito alto, e apesar da música e alegria, eu sinto metade dos olhos na sala virados para nós.

Na minha periferia, Will se levanta, pegando a pistola no bolso.

Não, não podemos fazer isso aqui. Não com o anel ainda no dedo do homem.

Møller termina de rir, e é quando ele vê meu rosto. — O mudo! — Ele tropeça no banco. Alia e eu não éramos idênticas, mas com o cabelo comprido de novo e sob a luz fraca, a semelhança está perto o suficiente para o erro dele. — Todo o reino está procurando por você.

A circunferência dele se derrama no espaço entre nós - esse homem é do tipo capaz de pescar sozinho em uma baleia bebê e depois beber seu peso em hvidtøl para celebrar. — Por que você não vem comigo até o castelo? Meu comprador pode esperar.



Ele coloca a mão no meu pulso.

— Com licença. — Diz Will, aparecendo ao lado de Møller. — Deixe minha amiga, senhor.

A taberna está agora completamente silenciosa, todos os olhos no nosso pequeno círculo. Møller com a mão em volta do meu pulso. Will com a mão na pistola escondida. Sofie e Agnata, ambas de pé, com os olhos do tamanho de pratos de jantar, agora completamente reconhecíveis como a noiva condessa e seu amigo.

Meus olhos balançam para Will. Seu balanço para o de Sofie. Em um piscar de olhos, estamos todos em movimento.

Will dispara como um foguete, socando Møller no rosto. O homem tropeça para trás, mas não me solta.

— *Frijøsa*. — Eu sussurro, fazendo meu pulso ficar frio o suficiente para queimar.

Møller cambaleia para trás, o frio já escurecendo seus dedos. Sofie aproveita a oportunidade e se arremessa, arrancando o anel de sua outra mão. Ela coloca no polegar e agarra o pulso de Agnata para correr. Will pega minha mão e nós quatro agora estamos correndo, triunfantes, em direção à porta.

Mas já está aberto, e vinte guardas em tons de azul de Øldenburg e verde de Holsten estão passando por cima dos sacos de areia e entrando no salão.



34 - Evie



Está chovendo por horas, a ira do rei do mar, agora implacável.

É o suficiente para que a água chegue em cima dos meus ramos de pólipos, subindo e descendo sobre os limites da enseada. Esta taça de chá já está derramada, o conteúdo subindo pelas margens do estanho, lambendo a cerca de pedras que cercam o local.

E pior, o anel não está aqui.

Eu pedi antes da chuva começar, mas ainda está por vir. Eu sou uma bruxa poderosa, mas essa magia que eu preciso não vai funcionar sem ela.

— Evie! — A voz de Ragn atravessa o comprimento do meu covil. Ela passa pelo pólipos e pela lama borbulhante. Seu longo cabelo corre atrás dela em linha reta. — Está acontecendo!

Eu me movo para encontrá-la, mas ela está indo tão rápido que eu mal consigo me afastar do meu caldeirão antes que ela caia em meus braços, seu coração um beija-flor batendo contra o meu peito.

A velha inspira algumas respirações - e eu espero. Não há sentido em apimentá-la com perguntas estúpidas. Eu sei o que está vindo. Eu só preciso que ela confirme.



— Está acontecendo. — Ela repete, com seus olhos azul-gelo selvagens. — O ríkifjör está no fim; o equilíbrio mágico chegou mais perto do nível. Isso está acontecendo hoje à noite. Ele já está inundando as margens e reivindicando terras para que ele e seu exército possam fazer um movimento. Mas tem mais... — Ela toma mais algumas respirações. — Ele culpou as minas pela morte de Alia e pelo desaparecimento de Runa... deixou todos em um frenesi sobre elas. Mas ele está detonando elas!

Esta última parte eu não sabia.

— Os humanos as colocaram em primeiro lugar para a guerra, sim, mas ele pegou a tecnologia e fez delas a sua própria. — Ela diz, um soluço vindo. — Eu tive minhas suspeitas, mas não foi até depois que ele mentiu para todos sobre as gêmeas que eu era capaz de encontrar a verdade.

— Não é só medo; é propaganda.

Ragn sacode a cabeça, enojada. — Se fôssemos humanos, estaríamos acendendo tochas e carregando forcados.

— E se você conversar com os sereianos? Talvez você possa acalmá-los? Impedi-los de seguir cegamente?

— Eu não-

— Runa se juntou às bruxas em terra e explodiu todos os U-boats de Havnestad. — Eu digo, cortando-a antes que ela possa me dizer totalmente não. — Ela está usando sua magia para proteger o reino marinho e fortalecer a influência da terra na magia no processo.

— Ela fez? Oh, Ru. — A velha sorri. — Ela pode crescer qualquer coisa do nada, até mesmo bruxas.

Eu trago a mulher ao comprimento do braço. — Ragn, entenda que se o rei do mar trazer guerra aos humanos, ele estará lutando contra Runa. Seu pessoal será descoberto, será superado e será direcionado para prejudicar um deles.

Ela respira fundo. Mas antes que ela me responda, peço mais. Enquanto eu estiver acorrentada aqui,



isso é o melhor que posso fazer. — E se você lhes disser a verdade? Que o rei detonou suas próprias minas? Que Runa está segura, e que Alia morreu indo para terra? — Eu não enfeiticei minha amiga, mas eu gostaria de mandá-la de volta para fazer tudo isso. Para usar seu poder como rainha-mãe para plantar sementes suficientes de dúvida para evitar o pior. — Se você fizesse isso, se você contasse a eles, eles ainda seguiriam o rei do mar?

— Claro que sim. — Acrescenta outra voz. — E ela não fará isso.

Nós nos assustamos com a voz de Alia, vindo do pólipo de Anna.

Nós não fomos cuidadosos. Eu não silencieei Anna, nem nenhum de nós buscou nossa privacidade de sua presença.

Ragn se vira para Anna, com um sorriso de escárnio no rosto, e pela primeira vez sinto um traço de traição ao dar a Anna a voz que pertencia a Alia.

— E o que você vai fazer, pólipo? — Ragn cospe, não se atrevendo a usar o nome dela.

— Ela vai relatar de volta para mim, mãe.

O rei do mar está lá, orgulhoso e nadando direto para nós, vestido para a batalha. Capacete dourado sobre seus longos cabelos, músculos algemados nos bíceps e antebraços, uma placa no peito brilhando profundamente, meu tentáculo pendendo baixo em volta do pescoço. Acima de sua cabeça, até mesmo sua coroa de crânios de enguias parece estar banhada em ouro.

Meu estômago cai e torce. A magia do rei do mar me mantém aqui - é claro que ele teria uma conexão com todos os seres vivos dentro dos meus limites. Quando a realização atravessa meu rosto, o rei do mar sorri. — Bruxa, não há nada que eu não saiba, mas nunca é demais ter mais peixinhos.

— Aagir. — Ragn usa seu primeiro nome - algo que ela jamais ousaria usar. Nem mesmo aquela esposa dele tentaria



isso. — Ouça. Por favor. Isso é suicídio. Você está enviando seu povo para a morte.

Seu filho sorri para ela, sangue em seus olhos. De repente, seu rosto se assemelha ao dela e o eclipsa, a relativa juventude e o último soro de ríkifjor em suas veias o deixam brilhante como a lua. — Eu não estou forçando eles a fazer nada. Eles sabem que os humanos são a nossa maior ameaça. E não somos nada senão uma civilização corajosa.

— Corajosa? Corajosa? Estamos nos escondendo nessas águas há milênios, porque sabemos que é melhor se esconder. Nossos ancestrais sabiam disso, nossos pais sabiam disso, e você também sabia disso até preencher aquele buraco em seu coração com poder, magia e ganância. — Ragn ganha força, afastando-se de mim e desafiando-o a encará-lo, espontaneamente, queixo alto... — Não há nada de corajoso em pedir ao seu povo para se sacrificar e seu futuro para você e sua ambição.

Na última sílaba, sem hesitação, Ragn lança ambos os braços diante dela e grita um feitiço, rápido como um relâmpago. — *Fara!*

Mas o rei do mar é mais rápido.

Ele desvia facilmente com as algemas de ouro em seus pulsos, atirando o feitiço de volta para ela, golpeando-a no peito e no estômago, e enviando-a para trás.

— Não, por favor! — Eu grito, pulando para Ragn.

— *Morna, herfiligr kvennalið!*

O mesmo feitiço que ele usou em mim bate em sua mãe. Ela voa como uma bala de canhão do tamanho da lua, subindo em sua pequena estrutura. Eu ainda estou vindo para ela, e o feitiço arremessa seu corpo no meu com força suficiente para nos levar para dentro da areia.

Eu tento me sentar para checá-la, mas antes que eu possa me consertar, o rei do mar paira sobre nós duas.

— Agora você vai fazer o que eu digo, Bruxa do Mar, ou sua amiga morre.



35 - Evie



— Não o ajude, Evie. — Ragnard diz para seu filho mais do que para mim, desafiadora, mesmo quando seu batimento cardíaco diminui para um soluço ocasional contra a minha pele. — O que ele quiser de você... isso correrá o risco de perder nosso povo.

— Mãe, acorde. — Diz o rei do mar com uma espécie de desdém. — O mundo é tão diferente de antes. O programa de U-boats de Havnestad? É uma gota no balde. Toda grande nação na terra tem a mesma tecnologia. E essa tecnologia cresce a cada dia - na minha vida, os seres humanos germinarão brânquias de aço e viverão no mar. Eu preferiria me revelar pelo bem da nossa causa do que esperar que alguém faça isso por nós.

— Mas nosso povo...

A mão do rei do mar dispara, sua paciência se foi. — *Prífa ørindi.*

Ragn aproveita sua capacidade de respirar nas mãos dele. Seu corpo estremece e se contorce em meus braços, lábios finos se abrindo enquanto ela alcança qualquer oxigênio nas águas ao redor. O peito dela cai côncavo, as veias murchas, os capilares secando. Seu rosto fica



azul e seus olhos incham. Esse coração contra o meu próprio ficando quieto.

— Pare! Você vai matá-la! — Eu grito para ele.

— Apesar do que minha mãe pode pensar de mim, não sou tolo o suficiente para colocar meu pessoal nas linhas de frente. Eu preferiria que você fizesse isso.

Eu? O que eu posso fazer que ele não pode?

Impossivelmente, o rei do mar sorri. — Quer que ela viva? Transforme seus pólipos em sereianos.

Meus pólipos foram formados por aqueles que morreram naquela noite em que eu fui feita - guardas do castelo, Anna. Alia é a única adicionada pela magia em cinquenta anos. Eu nunca questioneei o que eles poderiam ser além de criaturas que subsistem aqui comigo. A espionagem de Anna é dolorosa o suficiente, mas transformá-la em uma sereia? Transformar todos eles em sereias?

— Não tenho certeza de que isso seja possível. Eu-

— É melhor você tornar isso possível ou isso será um cadáver em seus braços.

Eu olho para a mãe dele, procurando oxigênio. *Fique comigo, Ragn.*

Eu respiro fundo e alcanço o pólipo mais distante de mim, os leões que espreitam na entrada natural do meu lar. — *Frjáls lã innan haf, minn pólipo.*

Repito o feitiço duas dúzias de vezes, o mais rápido que posso.

A cada repetição, há um lampejo de luz ofuscante - e um soldado que caiu durante a batalha final se levanta, descascando do maior ramo de sua árvore de pólipo. E um novo tritão é formado - com o rosto vazio e cinza como uma estátua de Øldenburg, mas ele é inegavelmente bonito, suave e brilhante como uma árvore sem folhas sob a luz da lua cheia.

Cada feitiço tira algo de mim até que minhas palavras começam a ficar ofuscadas. Ao nosso redor, as



novas sereias estão testando seus corpos, movendo-se em uma escala girando em torno das águas escuras da minha caverna, arremessando pedaços de prata sob o céu cheio de tempestades.

Com a pouca força que me resta, termino com o pólipo mais próximo de mim e o mais importante para o rei do mar - Alia e Anna.

O pólipo de Anna está quase vibrando de excitação, e quando eu tiro as palavras e inclino meus dedos em seus galhos, ela arranca a árvore e gira, gritando, mesmo durante a luz ofuscante de sua transição: — Eu estou livre!

Ela dança em um pequeno círculo, esticando seus braços e cauda, enquanto eu respiro fundo e volto minha atenção para Alia, meu pequeno aglomerado de flores finas na sombra da árvore de Anna.

— *Frjáls lã innan haf, minn pólipo.*

Alia aparece em um flash final de diamante branco brilhante. Ela é instantaneamente reconhecível, uma versão de mármore e lua de si mesma.

O rosto endurecido do rei do mar fica folgado com surpresa. O aperto mágico que ele tem em Ragn colapsa, e eu checo seu pulso - ainda viva. Obrigado Urda.

Ele deixa cair as mãos e nada até Alia, aproximando-se como se estivesse vendo um fantasma. — Alia? É realmente você? — Ele pega as mãos dela. — Eu pensei que tinha te perdido para sempre.

Ela não responde, mas ele não se importa. Com um aceno de mão, ele produz uma tiara de aparentemente nada, colocando-a em seus longos cabelos soltos. Um presente para uma filha que só queria a única coisa que ela não podia ter.

A boca de Anna se abre, o ciúme se transforma em suas características impressionantes - ao contrário de mim e do meu cabelo prateado, ela não parece um dia mais velha do que quando a vi pela última vez em forma humana. Quando



ela fala, é novamente na voz de Alia. — Eu sou sua filha também. Eu fui fiel a você. Eu ajudei-te.

— *Gefa!* — Ele estala, os olhos piscando em sua direção, omitindo o nome que ele lhe deu uma vez.

Antes de outra palavra de protesto, a voz de Anna não é mais sua. O peso dela fica na palma da mão do rei do mar quando ele passa para Alia, tocando sua bochecha tão gentilmente que estou surpresa que ele seja capaz disso. Este homem como ele é agora é do tipo que só deixa hematomas. E ele é, mas em Anna.

— Você cumpriu seu dever, distraindo a bruxa com pensamentos de terra, incitando-a a pensar que ela poderia se tornar humana novamente, mas você não é filha minha.

Ele zomba em minha direção, onde eu agarro sua mãe falida ao meu peito. — Cinquenta anos depois, e você ainda não conhece seus limites, menina?

Os olhos do rei do mar piscam para sua mãe. — Não que eu deva ficar surpreso: mais de duzentos anos de idade, e ela nunca aprendeu seus limites também. — Ele levanta a mão.

— Não! — Eu grito, e tento cobrir Ragn, virando o rosto pálido para o meu peito.

— *Ykkarr dauðadar, móðir-morðvig!* — O feitiço explode fora dele com a força de um meteoro no impacto, engolindo Ragn em uma névoa tão escura quanto uma noite sem estrelas.

Ao nosso redor, os novos seres humanos giram, girando em um turbilhão horrível, tubarões cheirando a sangue novo. Os olhos do rei do mar estão presos na massa sombria.

O amor e a dor por seu oma Ragn estão gravados na tristeza dos olhos de Alia. As mãos dela voam para fora, como se tentassem parar o que já foi feito. A tristeza envolve Anna também. Ela já esteve perto de Ragn, mas por trás da tristeza em seus olhos, eu sei que o medo está se formando. Se o rei do mar vai fazer isso com sua própria mãe, o que ele fará com ela?



Quando a escuridão desaparece, o corpo de Ragn parece envolto em cinzas, frágil como uma casca de ovo. Longe estão seus olhos ferozes e cabelos selvagens. Sua batida do coração é silenciosa contra a minha.

— Eu não precisava da minha mãe. — Diz o rei do mar, como se ele realmente tivesse nascido o deus do mar. — Ela tem sido uma traidora para mim desde que a bruxa do mar esteve estado neste lugar. — Seus lábios se misturam com retidão. — Oh, eu sei sobre suas anotações, Evie. Suas visitas. Como ela a admirava pelo que você fez para nos proteger - suas palavras, nunca as minhas.

Ele joga em torno do que eu fiz com as mãos arrebatadoras. — Repare a peste que você criou. Matar Annemette quando ela ameaçou nos derrubar com o jovem príncipe. Mas nunca foi sobre nós; sempre foi sobre você, e foi errado para a mãe pensar de outra forma, muito menos admirá-la por isso. — Seus dentes brilham em desgosto. — Ainda assim, eu a mantive por perto, porque cada pequeno bilhete e visita me aproximaram da raiz da sua magia.

Magia - sua voz abaixa em desgosto quando ele diz a palavra. Mas está cheio de outra coisa: ciúmes. Seus dedos se arrastam ao longo da borda do meu caldeirão, a poção praticamente terminada.

Ele não sabe o que é. Ele não pode sabere. Mas há uma inclinação acentuada em seus ombros, e vejo isso acontecer antes de ele completar o movimento - meu caldeirão tombou, o feitiço mais importante que criei em cinquenta anos derramando, dourado e promissor na água morta da minha enseada.

Minha última chance, diluída. Se foi.

Minha vida é a próxima a ir.

— Eu precisava que você trouxesse Runa de volta - com certeza você sabe que essa foi a única razão pela qual você sobreviveu por tanto tempo. — Eu sei. — Mas agora, não há



retorno para ela. Então, você deve tomar o lugar dela. Cresça-me e poupe sua vida.

— Não.

— Sem hesitação? — Ele quase ri, alegria piscando nas profundezas azuis de seus olhos. — Sua vida tem sido tão horrível aqui? Você sente tanto a falta de casa que você jogaria com as graças de Urda na vida após a morte para ver todos os que você deixou em seu caminho? Sua mãe morta por sua causa. Seu pai, morto por sua causa. Sua tia, seu Øldenburg amado, sofrendo sob o peso daquele dia até que eles deixaram a terra.

Suavemente, eu coloco o corpo de Ragn na areia, deitando-a para um descanso final até que eu possa enterrá-la adequadamente, fazer o meu melhor para honrá-la como ela merece. Então, eu endireito meus ombros e me revelo para ele completamente, desafiadoramente. Cada centímetro dos meus anos, meu poder, minha penitência, afirmando na ponta do meu queixo e na presença suave dos meus tentáculos, negros, brilhantes, reais.

— Eu? — Eu cuspi. — Você me questionaria? O homem que acabou de assassinar sua própria mãe?

Isso parece deixar seus ombros mais para baixo. Eu sorrio, ganhando vapor. — O homem que se sente tão traído pelos dois seres humanos que ele salvou que está disposto a arriscar literalmente toda a sua espécie e as vidas de milhares de humanos para satisfazer sua própria ganância?

Ele parece encolher e murchar um pouco mais. Boa. Eu me aproximo mais dele, não deixando ele escapar do meu olhar. Minha ira.

— Confie em mim, Sua Alteza: a vingança não conserta um coração partido.

O rei do mar não deixa seu olhar desviar. Não olha para a mãe dele, ou para as meninas, horrorizado por cima do ombro.

— Oh, mas parece bom. — Ele diz a si mesmo. Sua mandíbula endurece e ele recupera cada centímetro perdido, peito estufado. Queixo fora. Decisão tomada. Eu só preciso que ele diga isso. — *Adeus, bruxa do mar.*





36 - Runa



Mais guardas chegam através da porta da cozinha.

Estamos cercados.

Ambas as saídas estão bloqueadas.

— Inferno e água alta. — Will amaldiçoa em voz baixa. Então ele deixa cair a minha mão e pisa na minha frente. Na frente de Sofie e Agnata também. Ele se move com as mãos para cima, lentamente se apresentando aos guardas.

— Will, o que você está fazendo? — Sofie sussurra meio gritando.

Ele não responde. Em vez disso, ele bate de novo no sorriso que usou enquanto vestia sua elegância no castelo, com o título de seu nome, o mais novo primo do rei. Ele projeta sua voz, alta e clara e pronto para tocar. — Não vamos entrar aqui, rapazes. Podemos conversar no castelo, hein?

Os guardas respondem desenhando suas pistolas.

— Isso não é uma negociação. — Diz o líder. — Vou levar todos vocês quatro para a destruição da propriedade do reino, feitiçaria e o assassinato do nosso querido rei. Eu perdi alguma coisa, Herr Jensen?

O anel na mão de Sofie e o carro do lado de fora - roubo. Mas nossos crimes não são minha preocupação. Certamente vamos quebrar mais algumas leis até o nascer do sol.



Se eles nos levarem, que seja rápido. Quanto mais cedo estivermos fora, mais cedo poderemos usar nossa magia. Nossos feitiços são totalmente inúteis aqui. Fogo e vento são muito perigosos em locais próximos. Se as balas começarem a voar e nós desenharmos escudos, provavelmente mataremos um espectador com o ricochete. Mesmo o período de sono não é bom, porque quando os guardas caem, pelo menos algumas de suas pistolas podem descarregar.

— Ah, eu não penso assim. — O líder continua. — Tirem suas coisas, então nós marchamos.

Eles começam com o Will. Três homens o atormentam quando tiram o casaco, as pistolas e limpam os bolsos de nossas ametistas extras e tintas.

— Torne o mais embaraçoso possível, senhores. O barão Jensen seria o mais aprovador. — Will diz enquanto os guardas fazem o seu melhor para arrancar seus ombros quase para fora de suas órbitas enquanto amarram seus braços atrás das costas em um ângulo bárbaro.

Os guardas se aproximam de nós três em seguida. Agnata choraminga o tempo todo que ela não fez nada errado, mas eles a procuram de qualquer maneira. Das dobras de nossas saias, eles pegam as ametistas que Sofie e eu guardamos, e minha pequena bolsa das sementes restantes de Ríkifjor também. Cada item é jogado em um saco de aniagem. Estamos totalmente desarmados. Todos, exceto Sofie, que conseguiu deslizar o anel de Niklas até a ponta do polegar, enterrando-o tão profundamente em seu punho, os guardas ainda não perceberam.

Embora Will trabalhe arduamente para manter o queixo erguido, mesmo na minha periferia, seu rosto cai enquanto desdobram nossas armas. Eu pego o olhar de Will, tentando transmitir que ele está pronto. Que ele pode chamar magia sem sua pedra. Acredito firmemente que tanto Will quanto Sofie podem ser um navio sem ajuda ou



uma muleta. Agnata, talvez ainda não, graças ao seu engano, mas eu vou protegê-la de qualquer maneira.

Terminado, eles nos alinham para a porta. Alguns guardas guardam suas pistolas, mas não todas. Os fregueses começam a murmurar de novo, os óculos raspando contra as mesas. O choque e o perigo aparentemente desgastados - eles podem voltar a discutir o programa que meu pai está fazendo do lado de fora. Algum deles decidindo que seria hora de fechar o bar e voltar para casa.

— Espera, aquela pegou meu anel. — Møller ergue a mão congelada, uma teia de aranha de decadência enegrecida e aponta um dedo para Sofie.

O líder dos guardas de Øldenburg parece reconhecer Møller. — Recupere-o, mas seja rápido.

Møller tropeça em direção a Sofie. Ela luta contra ele, mas a força dele abre as palmas das mãos.

— Ah, aí está.

Eu tomo uma decisão sussurrada. Nós devemos agir agora. — *Frijøsa*.

Eu alcanço a magia, agora na ponta dos meus dedos, não dando espaço para erros. Meus grilhões congelam e se quebram. Eu fico quieta, esperando que o guarda ao meu lado não perceba nada de errado.

Møller vai para arrancá-lo, mas Sofie gira em torno dele, o guarda lento para impedi-la. Ela aperta o punho com força novamente, mantendo o anel seguro. Møller alcança novamente, seus olhos agora com um tom sangrento de vermelho. Seus antebraços apoiavam sua cintura, procurando cegamente seus punhos nas costas.

— Não me toque. — Sofie arranca e cospe em seu rosto, o queixo erguido e digno.

Møller limpa um antebraço no queixo antes de se atirar na pistola do guarda mais próximo. Ele rouba com a mão boa e, em um piscar de olhos, ele está pressionado contra o esterno dela.



Eu mergulho para o braço do homem, empurrando-o para cima e para longe. Quando a bala explode do cano, eu grito. — *Skjoldr!* — Meu escudo explode, cobrindo o comprimento do meu corpo enquanto eu tento o meu melhor para proteger Sofie e qualquer outra pessoa em sua trajetória.

A bala bate no escudo, e com o alcance tão próximo, não tem para onde ir, mas diretamente de volta para Møller, conectando-se com aquele baú inchado.

O homem tropeça para trás, assim como Sofie e Will chamam seu fogo selvagem. Seus braços ardem e uma emoção sobe pela minha espinha quando eu fico de pé. Seus grilhões se derretem e suas mãos saem para frente. Agnata afunda-se. Sem tinta ou pedras, ela ainda está presa em suas amarras, seu fogo não é tão praticado ou forte.

Por um momento estonteante, a sala está silenciosa de novo - cada rosto fica paralisado com as chamas dançando roxas através dos braços de Sofie e Will. Mandíbulas caem abertas; os óculos também caem com um tilintar e batem no chão. Os guardas ainda estão atordoados.

— Corram! — Eu grito. Agarro Agnata por suas amarras, congelando-as com uma única palavra, e nos encaminhamos para a porta dos fundos, Will e Sofie à nossa frente.

Nós os seguimos pelo beco, passando pelas costas das outras lojas na fila. A água está aqui até os joelhos e corre o rio forte, subindo polegada a polegada. O pai terá que subir para Lille Bjerg antes que a noite acabe.

— Qual é o plano? — Sofie grita para mim enquanto nós tropejamos no final da fileira.

— Nós temos que deixar o anel para a bruxa do mar! — Will responde sobre a chuva forte.

— A bruxa do mar? — Agnata grita. — Ela é real? Você tem que estar brincando comigo!



—Cale a boca, Agnata! — Sofie arranca o anel do polegar e entrega para mim quando chegamos ao final do beco.

Atrás de nós, um grupo de guardas explode da porta dos fundos do voertshus, nos avistando. Suas pistolas já estão fora, e o tiroteio começa assim que nossas cabeças apontam em sua direção. Agnata decide que é hora de fugir - ela se afasta de nós, declarando sua inocência para quem quiser ouvir.

Nós não a paramos. Em vez disso, enviamos nossos escudos para cima e corremos pela esquina o melhor que podemos através da água corrente. Peixes mortos se acumularam contra o lado do prédio em uma pilha de lodo, e o chão sob nossos pés está ficando menos sólido no momento, a grama dando lugar à terra abaixo quando ela se transforma em lama.

Adiante, Agnata acelera no que costumava ser a rua, gritando para os guardas que ela não fez nada errado. Lembrando-lhes que ela trabalhou com eles depois de sua libertação do castelo. Argumentando que ela está desarmada.

Eles percebem ela de qualquer maneira. Dois guardas saem correndo com novos cumprimentos de corda enquanto ela se debate com eles, chutando água e palavras para eles.

Se ela tivesse ficado com a gente.

— Eu tenho ela. — Diz Sofie, e tenho certeza que há uma reviravolta.

Nós seguimos Sofie para a rua, braços erguidos e escudos para fora. Há fogo imediato, dedos nervosos no gatilho.

A chuva, o vento uivante e a lua cheia de nuvens tornam impossível dizer quais são os guardas que são Øldenburg ou Holsten, não importa. Todos nos desejam mortos pelo que eles assumem e pelo que viram. Essa é a vida de uma bruxa.



Sofie aborda os dois guardas que manuseiam Agnata, um fogo se acendendo instantaneamente enquanto ela abre uma palma em cada um de seus rostos, deixando sua marca de mão queimada nas feições dos homens contorcendo-se. Eles recuam e vão embora, e ela agarra Agnata, colocando suas mãos em chamas em suas novas amarras. Elas caem em uma explosão de cinzas.

Embora alguns outros guardas também estejam em baixo, suas próprias balas os encontram depois de acertar nossos escudos, eles ainda nos superam em número de muitos.

Eu faço contato visual com o Will. — Tome minha liderança.

Segurando nossos escudos com nossas mãos esquerdas, agachamos e mergulhamos nossas mãos direitas na correnteza. — *Slyngva fiskr!* — Eu grito, e Will segue.

Em poucos segundos, as carcaças de olhos negros de mil peixes apodrecendo voam pelo ar. Golpeando, batendo nos guardas - cortando-os nos joelhos, balançando-se no peito, jogando-os de volta na água com um esguicho voador.

— À sua esquerda! — Will grita enquanto os guardas que nos perseguem pelo beco aparecem ao redor do lado do prédio, correndo direto para nós com facas.

— *Frijøsa!* — Eu grito, as mãos ainda na água.

Uma veia de gelo endurece imediatamente onde minhas mãos entram em contato, arrastando a maré para os homens que correm diretamente para mim. Seus pés param em poucos segundos, congelados em blocos de gelo.

— Sim! — Sofie grita antes de lançar o feitiço em mais dois homens vindo em sua direção. Eles tentam pular, apenas para escorregar e cair de cara na rua.

— Deixe-me tentar. — Diz Agnata.

Nós três nos alinhamos, colocando nossas mãos em seis, e gritamos o feitiço juntos; envia vários homens a deslizar.

Sobre o meu ombro, Will enviou dois guardas



queimando, e mais três estão de bruços na água com outros ferimentos.

— Runa! Vá! Nós temos isso! — Ele grita.

Eu acredito nele, mas não vou sair até verificar os números - os guardas diminuíram para apenas um punhado. Com a confiança de Agnata de volta, nós adicionamos outro lutador e ela e Sofie estão trabalhando lado a lado para derrubar os que ficaram na rua, enquanto Will trabalha no pátio lateral.

Ele está certo: é a hora.

Escudo para cima, eu deixo um raio de luz me orientar para a praia e para a enseada da bruxa do mar um pouco além. Começo a correr, mas dou apenas alguns passos antes que uma pitada de ansiedade me pare de frio. Meus olhos imediatamente encontram Will - que está cara a cara com um guarda, lutando corpo a corpo, rolando no chão, através da água.

E apesar de ter lutado várias vezes antes, tanto nesta noite quanto nas outras, há algo no meu coração que me faz hesitar e assistir, todos os sentidos treinados sobre a briga abaixo. Seu rolar, e o guarda deixam Will tropeçando, suas mãos pressionando o lado da fila da loja.

— Mostre-me suas mãos, bruxo! — O guarda grita para Will, pistola treinada diretamente em seu peito.

Will sorri, endireita - e apresenta ao homem uma margarida feita do nada. — Mago, na verdade.

O homem suspira e reage, batendo nas mãos de Will com sua pistola. Will joga a margarida no rosto do homem e põe a mão no cano da arma.

Mas então se apaga.

Desta vez, a explosão não ricocheteia. Não há escudo.

Will tropeça para trás no prédio e cai em uma pilha na água.

— Não! — O vento rouba minha voz enquanto eu grito.

Eu mudo de rumo e corro direto para ele.



O guarda fica de pé e ergue a arma novamente. Apontando para Will enquanto ele está de costas e ele se levanta.

Oh não você não.

— *Féra!* — Com o foco do laser, a luz explode das minhas mãos e atira o homem para trás, atordoadado e aterrissando com força nos paralelepípedos, a arma se afastando enquanto a água espirra ao redor dele.

Will está do seu lado quando eu chego a ele, cara na água. Ele está tentando se levantar, mas um braço não está funcionando e ele está inalando água. Eu envolvo meus braços ao redor dele e o coloco sentado. — Will, eu estou aqui. Estou aqui. Eu entendi você.

— Você precisa... estar... lá...

— Eu sei, mas não posso... Fique quieto. — A bala não passou. Está em seu ombro, e a maldita coisa precisa sair o mais rápido possível ou ele vai receber envenenamento por chumbo. O reino do mar já viu isso um milhão de vezes com o que ganchos e arpões podem fazer com pessoas que chegam muito perto da superfície.

Sua cara empalideceu, Will tenta sorrir. — Ainda. Sem problemas.

Seu corpo estremece e o mesmo acontece com o meu. Com os dedos trêmulos, eu abro os restos de sua camisa, expondo seu ombro, manchado de sangue que nem mesmo esta água pode desvanecer. Eu coloco minha mão sobre sua ferida o mais levemente possível. — *Slita.*

Will gritará imediatamente, suas pernas batendo e chutando na água enquanto a dor passa por ele. Sua cabeça bate contra o meu ombro, cada cordão, tendão e veia no pescoço tenso.

Mas a bala e todos os seus fragmentos saem, caindo direto na minha mão.

Will respira com dificuldade, tentando reunir força suficiente em seus pulmões para dizer alguma



coisa. Antes que ele o faça, Sofie passa pela água em nossa direção, o sangue rolando por sua bochecha de um corte acima do olho.

— Eu tenho ele. — Diz ela, sugando o ar. Atrás dela está Agnata, pairando sobre três guardas despachados amarrados em sua própria corda, apoiados juntos para não cair e se afogar. Seus pés são blocos de gelo. — Vá, Runa! Vai!

— Ainda não.

— Mas você tem que chegar até ela, todo o porto vai se lavar em...

— Eu sei! — Eu grito. Sofie cai de joelhos, e sem outra sugestão de protesto, toma o meu lugar nas costas de Will, e eu corro na frente dele.

Eu jogo os pedaços de sua bala na água e coloco ambas as mãos suavemente sobre cada centímetro de pele rompida. Então eu encontro seus olhos, segurando o azul, tentando acalmá-lo. — *Leyra. Sauma.*

Will está ofegando quando minhas palmas se aquecem, a magia esterilizando sua ferida antes de selá-la. Somente quando a pele está lisa e começando a esfriar, eu movo minha mão.

E então eu aproveito o último momento que preciso.

Eu seguro o rosto dele com as minhas mãos e me abaixo para dar-lhe o beijo que eu estava doendo para compartilhar com ele por mais de um dia agora. Esse garoto que me pegou no meu pior e confiou em mim com sua vida e sua luta. O corpo de Will se derrete, toda a tensão transbordando com a água correndo contra onde estamos, sólida contra a maré.

Seus olhos se abrem, azuis na baixa luz quando a cor retorna para suas bochechas. — Runa... — Ele sussurra.

— Eu preciso ir, eu sei. — Eu digo, em pé. Eu olho para Sofie. — Mantenha-o seguro.

E então eu corro.

Eu puxo meu vestido acima dos meus joelhos e corro para a maré que vem. O fluxo e o impacto da



força total do mar me resistem a cada passo desleixado. O vento bate meu cabelo no meu rosto, cordas encharcadas batendo em minhas bochechas, testa e em meus olhos. Granizo caindo em meus ombros, fazendo buracos nos farrapos do meu vestido.

A praia não existe mais. Todos os barcos no porto se soltaram de suas amarras, acumulando-se em um emaranhado de metal e vidro quebrado. Alguns são emborcados mais para dentro do porto e do Estreito de Oresund, seus arcos apontados para o céu como homens se afogando em busca de ar antes de cair.

Muito em breve, todos eles, grandes e pequenos, passarão pelas docas para as ruas e depois subirão a rota marítima para a cidade. Se até mesmo um barco grande chegar à frente, isso pode significar o fim de todas as pessoas no bar, se algum dos guardas estiver respirando na pista e meus amigos, se eles não estiverem fora do caminho.

Enquanto corro, levanto a mão para os barcos, pedindo o que puder para impedi-los de se mover para o interior. Eu não sei se isso vai funcionar contra a força das tempestades do Pai, mas tenho que tentar.

— *Dveljask!*

Mais adiante estão os dois topos de grandes rochas, na enseada da bruxa do mar. Há um marcador histórico que mal alcança a maré agora, também o poste de madeira e a placa no topo curvando-se com o ímpeto da água.

Quase lá.

Além da entrada da enseada, meus pés são levantados do chão, e automaticamente começo a mover meus braços em um curso de natação, tentando ir mais longe. Mas eu não tenho nadado neste corpo e minhas pernas são uma desculpa para uma cauda. Eu mal estou seguindo em frente, e não tenho certeza se posso entrar nos limites da enseada. Eu olho em volta por outro caminho.



No meio da enseada há uma enorme parede de pedra. Eu posso escalar.

Melhor ainda, olhando para a parede agora, ela deve estar alinhada com a caverna da bruxa do mar. Fora de sua caverna está seu caldeirão - a parede é o meu melhor tiro.

Cada respiração que tomo é meio ar, meia água agora. Ondas correm de baixo de onde o mar está subindo, e de cima, onde a chuva ainda cai em lençóis.

O céu se abre com relâmpagos e eu dou uma olhada para a cidade. Toda luz está acesa. Janelas abertas, pequenos rostos olhando para a noite. Eles estão vendo o mundo acabar.

Não se eu puder evitar.

Eu empurro para frente e coloco a mão na parede. É escorregadia como gelo, com a água da chuva.

— *Purr bjarg*. — Eu digo, e a água foge do pedaço de rocha coberto pela minha mão.

De repente, está completamente seca, me dando apoio. Sim, isso vai funcionar. Repito o feitiço repetidamente a cada novo aperto, cada passo em qualquer dedo de uma saliência com minhas botas. Meu corpo está pesado com a água que minhas roupas podem segurar, e é preciso toda a minha força para me puxar para o lado e para o topo da parede de pedra. O granizo atinge todos os centímetros da pele exposta - meu rosto, meu pescoço, minhas mãos ardendo. Mas quando meus pés se tocam, eu fico de joelhos e então fico em pé, com o vento soprando em grandes ameaças para me mandar para o outro lado.

Mas eu seguro forte. Eu me empurro para o ponto que chega mais longe na enseada da bruxa do mar e para a tempestade turbulenta. Com toda a magia dentro de mim e toda a luta que tenho para dar, eu grito:

— *Sækja*, Bruxa do Mar! — E arremesso o anel no perverso, agitando mar.



37 - Evie



Eu não livre ainda. Não, o rei do mar quer minha magia tanto quanto minha vida.

Isso significa que ele levará o tempo dele. Drenando. Absorvendo. Até que todo o resto de energia seja sugado da minha pele. DesnutridA dos meus músculos. Esculturando marcas deixadas em meus ossos enquanto ele garante que qualquer mágica que eu tenho em mim é devidamente adicionada à sua conta.

— *Skafa fróðleikr.*

— *Drjúpa fróðleikr.*

— *Réna fróðleikr.*

— *Samna fróðleikr.*

O rei do mar não espera para seus soldados fantasmas se renovem. Esse pedaço de mim dentro deles já está correndo através do nervo que forma seu corpo real. Eu sinto isso como perda de sangue - uma imprecisão em minha mente, uma leveza sobre meus membros.

Cada gole de luz que ele rouba me envia para baixo, até que eu estou pressionada no fundo do mar e afundando. Deixando-me olhar para sua forma iminente, observando-o crescer mais forte diante dos meus olhos.

A massa dele parece queimar sob sua armadura dourada, o sol nascendo sob os fantasmas turvos de



seus generais. Sim, generais - não são suficientes para serem chamados de exército - duas dúzias, talvez. Mas a coleção deles é suficiente para que, se ele deixar este lugar com eles à sua disposição, eles possam facilmente detonar as minas, e então conduzir incansavelmente qualquer um dos corajosos seres humanos para a batalha.

É exatamente o que ele queria.

Observo-os mergulhando e girando, prontos para partir, para mover-se, para atacar, e sinto alguma outra coisa dentro de mim desaparecer. Não a minha magia - que diminuiu o suficiente para que eu seja esvaziada, a pele, a estrutura e o espaço vazio - mas o que resta da minha alma.

Anna me disse uma vez que as sereias não têm alma. Não é como o que habita os humanos. Eu não sou mais uma humana, e eu não tenho sido por muito tempo, mas eu também não sou uma sereia. E desde que me conheço neste corpo, reconheço que existe uma sombra da minha alma. Resíduo do espírito que eu já fui.

Evie. Aquela garota.

É o último que eu tenho de quem eu fui uma vez, de Nik e seu coração e o que nunca poderia ser. Do sacrifício da minha mãe e da tragédia do meu pai. Das boas intenções e sabedoria de Tante Hansa. Está desaparecendo, esse último pedaço do meu verdadeiro ser.

O rei do mar pode sentir isso. Claro que ele pode. Ele fecha os olhos e se deleita, braços acima de sua cabeça - sua coroa - em triunfo.

Minha visão está falhando com a minha alma, com a minha magia, com o resto de mim. Minha bochecha está pressionada nas areias de estanho do meu covil, e eu entro, pronta para me tornar uma com ela nos dias após o meu último suspiro. Até que eu seja ossos e nada mais.

Mas então algo flutua na minha visão. Pequeno, vermelho-fogo, redondo.



Nesse estado, quase acho que é uma ilusão. Minha mente é um presente de paz. O que eu quero e o que eu preciso aparece diante de mim antes dos meus olhos se fecharem para sempre. Eu alcanço isso, esperando não sentir nada além do fim. Mas então meus dedos passam por algo real. Difícil. Manchas de pedras preciosas presas em um círculo perfeitamente redondo.

Runa, minha pequena bruxa corajosa.

Eu coloco o anel no meu dedo anelar e ele se encaixa perfeitamente. A pedra aquece a minha pele, fundindo-se com ela. Tornando-se o epicentro de mil memórias do meu tempo na terra. De Nik, de seu amor, da magia, tanto entre nós quanto nas mentiras, eu me escondi em meu verdadeiro eu. Eu não pus os pés na areia seca, no ar salgado, sob a força total do sol por cinquenta anos, mas de alguma forma, eu sou de repente da terra de uma maneira que eu nunca percebi que era quando eu estava acima. Tudo o que foi drenado de mim voltou dez vezes.

Do meu leito de morte, levanto a cabeça e atiro meu corpo para cima, cada um dos meus tentáculos se dilatando quando giro em movimentos maravilhosos e alegres. O rei do mar observa, o queixo fechado, lutando poderosamente para não revelar sua surpresa, mas vislumbro o pânico em seus olhos.

Eu não estou morta. Eu estou prosperando com poder. Sugando tudo o que está ao nosso redor. Eu abri uma veia diretamente para o que o rei do mar deixou. E ele sabe disso.

— Soldados, linha! — Ele ordena, arrancando seus olhos de mim.

Os generais pólipos fazem o que ele manda - eles não têm outra escolha. Eles são marionetes sem cordas. Até mesmo Alia. Até mesmo Anna, que visivelmente luta contra suas instruções. Seus olhos selvagens, confusos, traídos. Ela realmente acreditava que ela ganhou sua liberdade.



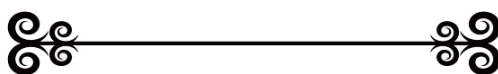
Eu sinto a menor pontada por ela. Tudo o que Anna fez para chegar a esse ponto foi em nome da independência, tendo sua própria vida, sendo a amante de seu próprio destino. Não funcionou do jeito que ela esperava, traição não pagando o que prometia.

O rei do mar chama suas garotas na frente. Alia é a primeira, sua coroa um segundo brilhante para o pai dela. Anna segue porque ela deve.

— Isso não acabou, Bruxa do Mar. — Sua voz levanta para mim enquanto ele sai nadando rapidamente do meu lar, seus soldados a reboque. O fogo de canhão de abertura de uma guerra diferente de qualquer outro a poucos minutos de distância.

Quando ele se foi e tudo está quieto, exceto pela tempestade que ele criou acima, eu respondo a ele.

— Não, não acabou.



Eu nado para o meu caldeirão, ainda caído de lado. Devolvo-o à sua base e inspeciono o conteúdo. A maior parte do meu soro caiu no mar, mas alguns se agarram às curvas do pote.

Querida Urda, por favor, seja o suficiente.

Eu pego o fogo abaixo, e o conteúdo começa a ferver, o vapor subindo para o meu rosto.

Quando está bom e quente, novamente perfuro a pele do meu peito, desta vez bem acima do meu coração. O sangue escorre para o caldeirão em pingos grossos. Depois de uma dúzia de boas gotas, desci com a mão esquerda, o anel de Nik brilhando no meu dedo.

O conteúdo deve queimar, mas ele queima. Em vez disso, o calor de uma tarde de verão flui pelo meu braço, envolvendo meu coração na doce e deliciosa



lembrança da verdadeira liberdade. De princesas e castelos de areia, e dias definidos pela maré em vez de títulos, deveres e segredos.

Não há luz ofuscante. Choque de fumaça. Cauterizante, libertador, dor do tipo só-passar por isso. Não. É mais como a vez de uma chave. Eu não mudei. Meus tentáculos ainda se enrolam embaixo de mim. Meus pulmões ainda encontram oxigênio suficiente na água para me sustentar. Meu coração bate e se curva para o que aconteceu e o que está por vir.

Mas eu sou livre.

Eu corro pelos limites do meu lar, sem hesitação. Desta vez, não será como se eu tivesse me esmagado em uma parede inquebrável de vidro quando eu chego onde o cinza da minha casa sangra no azul das águas abertas. Pela primeira vez em meio século, posso sair.

No mar aberto e em movimento rápido, busco o rei do mar e seus generais antes que seja tarde demais.

O mar está agitado, os ventos acima devastam mais que a superfície. A água está entupida de peixes de olhos pretos, atordoados por qualquer magia que o rei do mar já tenha usado. Ele pode não apenas enviar seu povo em uma missão suicida, ele pode matar todas as criaturas abaixo em sua busca pelo poder também.

Eu nado mais rápido até o gosto do sangue se instalar no fundo da minha garganta. Meu coração bate e os pulmões se apertam. Meus músculos queimam, mas o caminho à frente é claro. Eu sigo o seu edifício mágico, como se fosse a corrente mais forte no oceano.

Mais adiante, a iridescência do meio-dia do reino marinho brilha ao longe. O castelo ergue-se em espirais e pinceladas de coral e areia, cada coisa brilhante sob o mar afixada em suas paredes. Casas se agrupam no sopé do castelo, separadas da nobreza por acres de jardins, unidas em parcelas por caminhos ordenados de arenito



e pérolas. À meia-noite, no layout do relógio de sol, há uma faixa gorda de videiras, murchas e pretas.

O jardim de Runa - o ríkifjor. Todos mortos.

E é aí que os generais pólipos se congregaram. Acima deles, uma série de minas. Tempo suficiente para tirar uma boa parte do castelo, o entulho atolando com força total nas residências abaixo.

Ele é louco. Completamente louco.

Eu nado mais rápido.

— Não faça isso, Alteza! — Eu grito, tanto por ele quanto por seus generais e pelas pessoas que dormem abaixo. Eles precisam saber a verdade além do que ele os convenceu. Eu vou gritar no topo dos meus pulmões até que ele seja revelado pelo moleque que ele é.

Sua cabeça dourada gira ao redor; A verdadeira surpresa novamente toca suas feições. Abaixo, as janelas brilham com a luz, os cidadãos acordando. Sim, por favor acordem. Por favor, vejam seu rei.

— Não desative essas minas! Seu povo vai sofrer!

Rostos grogues começam a aparecer em cada janela e varanda, olhos treinados em cima.

Eu não vou deixar eles verem. Eu direi a eles. Alto.

— Seu rei-

Uma explosão rasga minhas palavras e o mar, a água atirando em todas as direções.

— *Tjald!* — Eu grito. Uma luz verde dispara da ponta dos meus dedos, correndo em direção à enorme nuvem de detritos. Em um piscar de olhos, um dossel de luz se estica e se curva com o peso da explosão, pegando a perturbação maciça e segurando o peso até que a força da bomba se dissipe.

Suponho que um dos generais pólipos não apenas armou a coisa como contada, mas também acidentalmente afastou-a. Não importa como isso aconteceu, o rei do mar percebeu que dois podem jogar no meu jogo.



—A mágica da bruxa do mar partiu a mina! Olhem isso! Os rastros ainda estão lá! —Ele grita, como se não estivesse usando sua armadura dourada e sua coroa, como se ele rolasse para fora da cama e corresse heroicamente para salvar o dia. — Eu estou desarmando-as!

É uma sequência fraca de mentiras, mas quando você é tão experiente quanto ele, é difícil. Eu não vou responder a isso. Em vez disso, garanto que não há como ele ferir o pessoal dele de verdade dessa vez.

—*Gæðalauss!* — Eu grito, tirando cada mina do seu poder explosivo. Tornando-as estéreis.

—Pare! — O rei do mar grita, e ao invés de gritar um feitiço, ele ordena os dois soldados atrás de mim. — *Sækja!*

Os homens fazem o que lhes dizem, os olhos vazios de determinação cega. Guerreiros em sua primeira vida, eles são aliviados de suas armas, mas não de sua habilidade.

Mas também tenho habilidades. — *Sjoða!*

Uma corrente grossa de água corre para encontrar os soldados enquanto eles descem, fervendo, fluindo, fervendo. Atinge seus corpos brancos como mármore com uma certa fúria, imediatamente chamuscando sua pele exposta. Eu não tinha certeza quando o feitiço deixou meus lábios se os soldados fantasmas sentiriam dor, e agora eu tenho a minha resposta. Os dois se arquearam para trás, as árvores curvadas para uma tempestade de verão. Eles não emitem um som quando o tom suave de sua pele entra em erupção, formando uma confusão de bolhas.

—*Gæðalauss!* — Eu grito mais três vezes, desarmando a última das minas. Então, eu me viro para a multidão abaixo.

— Bom pessoal, seu rei tinha planos hoje à noite para detonar uma série de minas que ele montou, para ganhar seu favor para uma guerra contra seus melhores interesses. Tudo o que ele se preocupa é poder e vingança - para ele, suas vidas são peões para serem gastos.



A voz do rei do mar fica mais alta. — Diz a bruxa que nos trouxe a morte negra e a fome da abundância! Você é um monstro do mal.

— Minha reputação é todas essas coisas e, no entanto, estou lutando contra você pela vida de seu pessoal. O que isso diz sobre você, Alteza?

Ele explode, um feitiço de mutilação em seus lábios. — *Meizi!*

Mas estou pronta. — *Skjoldr!*

Seu feitiço ricocheteia no meu escudo. Dois soldados nadam para a linha de fogo, avançando em direção à areia no segundo em que são atingidos.

O rei do mar se reúne a partir de uma posição inferior, cabelos chamuscados por magia, coroa caindo diretamente de sua cabeça, tomando o peso do feitiço. Eu poderia aturdir ele agora, mas eu quero que essas pessoas vejam o desespero em seu rosto. A crueldade. Eu não quero que eles percam um segundo de quem é o rei deles.

De baixo, ele tenta novamente, o feitiço favorito de sua mãe atirando da ponta dos dedos. — *Fara!*

Eu torço e me esquivo, luzes de laser vermelhas passando por mim, pegando uma orelha na estátua de Niklas no jardim de Alia. Os sereianos que lotam os caminhos do jardim mergulham em canteiros de flores arco-íris, mãos sobre suas cabeças enquanto se espalham.

— A bruxa do mar fala a verdade!

Meu coração pula - Eydis.

O segundo grupo de filhas do rei do mar se alinha ao meu lado, os rostos desafiadores, ousando mais uma vez deixar a torre. As três enfrentando o pai deles é mais poderoso do que qualquer coisa que eu poderia dizer.

Eydis pega os olhos dos sereianos que se reúnem abaixo. Ela se dirige a eles.

— Nossas irmãs não foram mutiladas por minas feitas pelos homens. Alia procurou liberdade para



amar um humano pedindo à bruxa do mar que a ajudasse a subir. Runa subiu para trazer Alia para casa assim que soube que a missão estava fadada ao fracasso. — Suspiros audíveis surgiram das ruas, janelas e portas rachadas. — Perdemos nossas irmãs para amor, não para ódio.

Mais suspiros. Mais olhos.

— Pergunte a Alia vocês mesmos. Seu fantasma nada junto de vocês. — Diz Eydis.

Sim, pergunte a ela.

Eu empurro minha magia pelas águas entre nós. Alcançando apenas Alia. Alcançando os laços que ligam a vontade dela ao pai dela. No olho da minha mente, eu os recolho, ajuntando-os e raspo-os. — *Bresta! Sjálfoili!*

O vínculo se rompe e os olhos de Alia se arregalam. Quando o cordão é cortado e seu livre-arbítrio é renovado, o rei do mar se encolhe com dificuldade, seu corpo convulsionando-se com uma dor física real.

Eu não acabei de libertá-la, eu cortei um fio de seu poder.

Os generais pólipó nadam ao meu redor. Eu tenho mais duas dúzias de cordas, amarradas diretamente à força que ele deixou.

Enquanto seu pai se contorce de dor, Alia encontra a voz que ele está sufocando. — Eu sou Alia! Eu sou! Eydis fala a verdade! — Ela diz para as pessoas abaixo, de braços abertos. — Runa não morreu - a magia a liga à terra agora. Ela está trabalhando com bruxas humanas para recuperar o que nosso rei roubou da terra e de vocês.

Há um suspiro alto - tanto na admissão de Alia quanto no rei do mar visivelmente sofrendo. Vejo agora que a rainha Bodil e as princesas mais velhas e suas famílias estão fora da cama, pressionadas contra as paredes externas do castelo. Embora elas estejam em silêncio e em sombras, os olhos do rei do mar se perdem para elas, o desespero afundando os cantos de sua boca.



—Ela nos deixou para os humanos! Ela traiu nossa espécie! — Ele grita, desesperado.

—Eu deixei por mim! — Alia estala. — E Runa partiu por mim. — Ela olha dele para a multidão. — O povo dela. - Runa continuará a tornar o mundo a salvo de você, pai, restaurando o equilíbrio de poder que você inclinou para o mar. Poder que você mantém para si mesmo, pai, estabilizado pelo ríkifjor.

Com cada palavra, o rei do mar estremece. É como se ela estivesse rasgando o que restava de seu controle grão por grão da pele dele.

Ele se livra da dor e se aproxima da multidão. — O que você está vendo não é a verdade; é uma mentira torcida para a luz.

—Eu não estou mentindo. Eu estou morta, pai. Não tenho mais nada a perder. Você tem tanto a perder que acabou de assassinar sua própria mãe diante dos meus olhos.

Há uma comoção enquanto cabeças se movem no meio da multidão, olhos procurando por Ragn. As oito princesas restantes reagem em choque espelhado, agarradas às mãos, ombros e cinturas uma da outra.

—Não, não é verdade! — Grita o rei do mar, e empurra Alia para longe, derrubando-a em um general de pólipos. — A magia da bruxa do mar controla essa imitação de Alia e do resto dos soldados fantasmas! Ela não sabe o que está dizendo.

Ele roda em mim, um poderoso feitiço vindo dentro dele, estrondando e pronto.

—Ela sabe exatamente o que está dizendo. — Eu cerro os dentes. — Você estava a minutos de trazer seu povo para a guerra. Eu pretendo parar você.

Eu chamo a Anna. — Anna! *Bresta! Sjálfviki!*

Os movimentos do corpo de Anna, seus lábios se abriram. Ela para exatamente onde ela está pairando em torno de uma mina, preparada para a ordem de



detonar. Ela olha para as palmas das mãos - livres para se movimentar sozinhas. E então sua cauda de mármore branco varre em um arco que flui, afastando-se das minas, em nossa direção.

O rei do mar se vira de novo, os olhos apertados. — Não!
— Ele abre os olhos, olhando apenas para mim. — Pare!

Eu aponto minhas mãos para o guarda mais próximo.
— *Bresta! Sjalfoiki!*

Ao mesmo tempo, o rei do mar solta um feitiço no meu lado desprotegido. — *Villieldr!*

O fogo mágico atinge meu lado em frente, uma queimação que se forma imediatamente na minha pele. Meus tentáculos não são poupados - três deles chamuscados, imediatamente enrolados e deformados.

Minha visão fica preta com uma dor branca e quente. Mas sou bem-sucedida e sei disso - outro corte no cordão. Eu viso cegamente outros generais pólipos enquanto minha visão gira de volta da escuridão total para tons cinzentos. — *Bresta! Sjalfoiki!*

Várias outras ligações se quebram e, com cada uma, o rei se debate com mais violência.

Quando minha visão retorna completamente, ele recupera todo o fôlego que resta e entra em erupção com o feitiço que matou sua mãe. — *Morðvig*, bruxa do mar!

Eu jogo um escudo e, com tudo o que tenho em mim, arranco os cordões restantes de sua magia dos pólipos de uma só vez, arrancando-os da raiz.

— *Bresta! Sjalfoiki! Allr minn pólipo!*

A magia irrompe de mim em uma onda sonora. Os soldados recuaram, atordoados. Eles escorregam e congelam e sacodem suas cabeças - cada reação é tão diferente quanto quando eram homens em Øldenburg, não marionetes de uma mente só.

Com cada um dos elos separados, o rei do mar se contorce como se fosse atingido por uma bala.



Um, e depois outro, e depois outro, até que, finalmente, ele está muito quieto. Seus olhos estão entreabertos de dor, sua boca pendurada.

— Morna... herfiligr... kvennalið... — Ele insulta, mas não há mágica nisso.

A agonia assombra o último de sua voz quando ela desaparece. Então ele cai. Caindo, arremessando-se, cambaleando, com a graça brutal de uma bala de canhão, direto para o fundo do mar.

E quando ele vai, Alia sobe para mim e pega minha mão - Eydis, Ola e Signy segurando a outra mão, unidas em uma coroa de flores - e assistem, livres como um pássaro com uma canção em seus lábios.

— Vá embora, vá embora.



38 - Runa



Espero pelo meu pai nessa parede de pedra, erguendo-se alta contra o vento que bate, o granizo, o aguaceiro. Olhando para as águas abundantes, não consigo ver abaixo da superfície, mas sinto cada centímetro do que ele criou.

Histeria da morte de Alia.

O desejo de vingança.

Uma crença de que não há outro caminho.

Se eu nunca tivesse vindo aqui, eu também acreditaria. Se eu não tivesse visto por mim mesma o que Alia tentara fazer, e se o pai tivesse me vendido essa história, eu estaria lá embaixo aprendendo a lutar. Pronta para me vingar. Eu provavelmente triplicaria nosso estoque de ríkifjor, fortalecendo o pai. Impulsionado pela fé cega e pelo mal-entendido, mas principalmente pelo medo.

E agora, quando olho para essas águas, não tenho medo. Eu fiz o meu melhor para honrar a minha irmã. Para me honrar. Para restaurar o equilíbrio. Se o Pai vier com um exército do meu povo, não o temerei. Eu não vou. Há tanto a temer nesta vida que você não pode viver de forma alguma se deixar que ela o governe.



Quando o amanhecer chega, os dedos azuis no escuro da noite atravessam o estreito, eu ouço. Meu nome, gritado acima da bagunça que o pai fez.

— Runa!

Eu me viro do mar. Will e Sofie estão andando pela lama lado a lado, prestes a chegar a uma profundidade onde precisam nadar. Acima da água, vejo seu ombro exposto, machucado, mas funcionando como deveria, enquanto ele se impulsiona para frente e ajuda a prima.

Até a colina, a cidade está sob ameaça. Os navios que eu enfeitei estão segurando rápido por enquanto - golpeando o aríete⁴ ainda onde os deixei - mas a maré subiu pela pista do mar, derramando sobre a primeira das lojas da cidade. Tenho certeza de que o Voertshus Havnestad e as cinzas do depósito de submarinos estão submersos agora também. Eu só espero que as pessoas da cidade tenham chegado a terrenos mais altos.

Além, as águas estão lambendo os portões do Castelo de Øldenburg. Mais uma polegada e eles vão se jogar no jardim de rosas antes de subir os degraus. Estou mais preocupada com as casas das pessoas. Mesmo a pequena casa abandonada na sombra do castelo - significava demais para alguém ser varrida uma vez.

— Funcionou? Ela está vindo? Ela vai lutar com a gente?

— Sofie pergunta, alcançando a parede de pedra. Ela está tentando se levantar para vir até mim, com as mãos escorregando.

— Eu não sei. — E eu não sei. Eu espero por essa centelha de certeza. A maneira como eu senti o sol nascer no meu último dia e no meu primeiro.

Mas não há nada. Ainda não.

⁴ Saliência reforçada da roda de proa de um navio



Eu coloco minhas mãos sobre a borda e seco o rosto da parede de pedra, ajudando-os. Sofie primeiro, depois Will. Eu a aperto em um abraço. E então ela dá lugar a Will. Uma vez que meus braços se envolvem ao redor dele, eu não quero o deixar ir - tão quente e aterrado como ele está, uma lasca de sol na chuva fria e forte.

—O que podemos fazer? — Will pergunta no meu ouvido. Então uma faísca vem para ele, e ele me leva ao comprimento do braço. —Existe algo que podemos fazer juntos?

Eu penso então em Oma Ragn, cantando no escuro. De Alia e sua linda voz, se foram agora e para sempre, cantando “A Vingança da Sereia”. Falando do poder das sereias e do que podemos fazer.

Não podemos esquecer o que os humanos pensam de nós. Ou o que podemos fazer com eles.

Da minha resposta, após a morte de Alia, com nova perspectiva.

Ou o que podemos fazer para nós mesmos, Oma.

Mas há uma terceira parte que não encontrei até conhecer essas pessoas.

Não podemos esquecer o que podemos fazer por nós mesmos. Não podemos esquecer nossos pontos fortes. Os laços que fizemos. As coisas que fizemos.

Eu pego a mão de Will e seguro a minha para Sofie. — Você vai juntar as mãos comigo?

Sofie não hesita. Ela está prestes a se juntar a Will do outro lado quando ouvimos um pequeno choro. — Posso me juntar também? Por favor?

Agnata.

Sofie aperta os olhos com força. — Claro. — Então, ela se abaixa e ajuda Agnata até o topo. Quando ela está lá e pronta, ofegante, nós nos damos as mãos novamente. Nós quatro, em um pequeno círculo, no ponto mais alto da rocha.



Não precisamos de tintas ou ametistas especiais. O que precisamos é um do outro. Para enfrentar esta tempestade e a próxima, nesta guerra e na próxima.

— Repitam depois de mim e depois vamos cantar em uma rodada. — Eu digo. Eles acenam com a cabeça. Sofie e Agnata fecharam os olhos, mas Will encontra meu olhar e eu o seguro.

— *Logn.* — Começo. — *Long haf. Logn harr. Logn sær. Logn spór. Logn ver. Logn víðir.*

Nós pedimos calma. Nós exigimos calma.

— *Logn.* — Mais uma vez. — *Long haf. Logn harr. Logn sær. Logn spór. Logn ver. Logn víðir.*

— *Logn. Long haf. Logn harr. Logn sær. Logn spór. Logn ver. Logn víðir.*

Repetimos várias vezes, o céu e o mar chorando ao nosso redor.

Quando chegamos à quinta repetição, outra voz se junta à nossa, carregando outra melodia.

É uma voz que conheço bem como a minha. Will também pode ouvir, as sobrancelhas se juntando, sem saber de onde vem. Os olhos de Sofie se abrem. Agnata também.

— Quem...? — Sofie pergunta, sua voz um sussurro arrastado apesar da tempestade furiosa.

— Alia. Essa é a voz de Alia. — Eu olho para eles. — Vocês cantam comigo? Por favor?

Vá embora, vá embora

A tempestade alta

Tece o sudário

Para quem traíra.

Enquanto cantamos junto, algo quase tangível parece se espalhar quente e verdadeiro sobre minhas costas, meus braços e nas mãos de Will e Sofie, nos conectando. Nos ligando. Will inspira rapidamente ao toque disso, seu aperto apertando meus dedos. Sofie deixa fluir sobre ela - Sofie que perdeu a irmã também, que conhece essa dor.



Ela respira, deixa fluir. Os olhos de Agnata se abrem e, pela primeira vez em um dia, ela não está protestando, mentindo ou correndo. Ela está com a gente.

Vá embora, vá embora

Abaixo da onda

Lieth o túmulo

Dele nós matamos, ele nós matamos.

Alia está conosco quando terminamos a estrofe final com uma só voz.

Há uma cadência no vento então. Uma queda de temperatura. E nós quatro na rocha levantamos nossos rostos para o céu. As nuvens da tempestade evaporam diante de nossos olhos.

Segurando firme a minha nova família, olho por cima do meu ombro para o mar.

Está quieto.

Calmante.

As ondas estão recuando. E quando a água se afasta da enseada da bruxa do mar, não é mais preta, mas tão azul quanto a chegada da madrugada.



39 - Evie



A morte do mar rei o chão abaixo de nós. Não do impacto, mas da pura magia dentro dele. Acumulada, escondida, roubado.

Ele aterrissa com um baque surdo, pesado demais para saltar e rolar, mas mágico demais para afundar no fundo do mar.

A multidão engasga com a surpresa.

O rei deles, morto na areia, sangrando magia dele como uma procissão de estrelas. Ela permeia as águas ao nosso redor, o azul profundo imbuído de cada partícula de magia que ele estava segurando para si mesmo. Ela se espalha sobre as massas como a luz do sol, cobrindo todos nós em uma renovação brilhante e deliciosa.

Quando Alia e suas irmãs terminam a música, o restante da família real se destaca das sombras do castelo. As cinco meninas mais velhas, seus filhos, suas consortes e sua madrasta. A cabeça da Rainha Bodil está erguida, e ela parece tão generosa quanto o esperado, apesar de estar vestida com roupas de dormir.

Eu espero que ela se dirija a mim. Ela vai. Espero que ela grite e me agarre.



Eu sou uma assassina agora, ninguém pode negar isso.

Abaixo, milhares de testemunhas olham para cima. Eles ficam juntos, sem saber o que fazer com a nova magia, o novo equilíbrio de poder, o corpo no fundo do mar e o confronto prestes a acontecer. Alguns cantaram junto com Alia e suas irmãs, e agora tudo está estranhamente quieto. Acima de nós, as ondas acalmam e as nuvens de tempestade se clareiam - tão silenciosas quanto abaixo.

Enquanto um reino inteiro assiste, a rainha se aproxima. A mão fantasmagórica de Alia está envolvida na minha, Eydis do outro lado. Ola e Signy nos apoiam quando ficamos cara a cara com a rainha.

Se eu fosse a garota que estava em terra, seria agora que eu começaria a me defender e a me explicar.

Eu não sabia que o feitiço iria matá-lo.

Eu não podia permitir que ele detonasse as minas.

Não havia outra maneira.

Mas agora que estou mais velha, sei que não há como explicar o que você faz. Tudo o que você pode fazer é defender suas ações e esperar que os outros vejam o bem para eles mesmos.

— Como posso te chamar? — Pergunta a rainha Bodil, e estou surpresa. A rainha registra o olhar no meu rosto e esclarece. — Eu não posso te chamar de Bruxa do Mar. Certamente você tem um nome?

— Evelyn.

Bodil aceita quem eu já fui com uma respiração fina. — É verdade o que você disse. — É uma declaração, não uma pergunta. Ela suspira, os olhos à distância abaixo de nós. — Ele também sabia disso.

Alia solta minha mão e se move para abraçar a rainha. — Tudo é verdade, mãe. Cada última palavra. — Ela olha para as mãos entrelaçadas. — Eu deixei para ir acima porque eu estava apaixonada por um humano. Eu nunca pensei que iria falhar, mas eu estava indo. E Runa subiu



para me salvar. Ela nunca quis ficar - sempre quis estar aqui com você, mas fez o melhor que pôde.

A rainha olha para mim. — Você não pode trazer Runa de volta para nós?

Estou prestes a responder quando eu me deparo com o rosto de Anna enquanto ela paira fora deste círculo, sabendo que ela poderia pertencer, mas não - e eu percebo alguma coisa. — Tem jeito. Mas eu não tenho certeza se vai funcionar, e não vale a pena o risco de descobrir. — Eu encontro os olhos de Anna, e depois os da rainha. — Se Runa se afogar, poderemos ser capazes de mudá-la de volta.

Rainha Bodil balança a cabeça. — Não, eu não vou considerar afogar minha filha para recuperá-la. — Ela toca a bochecha de Alia. — Eu já perdi muito.

— Mãe, não culpe Evelyn. — Diz Alia. — Eu sabia o que estava fazendo e estou em paz.

— Então eu também estou. — Diz a rainha. Seus olhos se levantam para os meus. — Mas a nossa monarquia é uma questão diferente.

Aqui vem. Eu mantive minha cabeça erguida, as mãos ficando suadas no aperto das garotas. Uma infância passada sob o olhar de desaprovação da mãe de Nik, a rainha Charlotte, me preparou para esse momento de certa forma, mas já faz quase uma vida desde que tive de me submeter a isso.

— Não temos rei. Nós não temos herdeiro masculino. E embora tenhamos uma princesa mais do que capaz aqui. — Ela aponta para a mais velha das garotas da Rainha Mette, Lida. — Por lei, a coroa não é dela.

Abaixo, as pessoas começam a murmurar. Eu continuo em estoica ainda. A rainha continua.

— É sua.

— Minha? — Eu digo, ou talvez eu não tenha dito, não tenho certeza se minha voz está funcionando. — Mas-



— Leve-a, por favor. — Lida oferece a coroa que caiu da cabeça do rei do mar. — Você derrotou nosso rei, o que é suficiente para colocar sua coroa sobre sua cabeça de acordo com nossas leis, mas você também salvou incontáveis vidas das minas, da guerra e de nossa descoberta. Você nos provou mais do que você é nossa rainha.

Rainha. Eles querem que eu seja rainha.

Espero que as pessoas se queixem - violentamente, em voz alta. Em vez disso, eles estão em silêncio, esperando. Lida segura a coroa do pai mais longe, esperando que eu a pegue.

Meus olhos caem para sua oferta.

A coroa é mutilada e imperfeita, o que a torna ideal para o que sou e como o reino mudou. Enfeitiçar esta coroa esfarrapada e torcida em algo incrivelmente perfeito limparia tudo o que acabou de acontecer. Não podemos ignorar o que nos criou. Suas falhas servirão como lembranças.

Eu me dirijo às pessoas abaixo, desejando que minha voz não tremesse. — Se você querem me ter, eu vou atendê-los.

Por um momento, as pessoas estão quietas. Eles sabem que estão testemunhando algo que ninguém em seu reino jamais viu. Isso está realmente acontecendo, a verdade, ao ar livre.

E então eles começam a aplaudir.

Lida muda a coroa em suas mãos de uma oferenda para algo a ser apresentado e movimentos para eu me curvar. Eu faço, e ela coloca o bracelete mutilado na minha cabeça. É pesado com o peso de uma pessoa escapando da beira do abismo.

Eu me levanto e me apresento para eles.

A antiga família real se curva primeiro. As pessoas abaixo a seguir. Todos eles aceitando.



Eu assisto, lágrimas que não caem empurrando contra meus olhos. Esta não é a vida que eu esperava. Eu nunca vou chegar em casa na cabana do meu pai. Para o fantasma de Nik. Para esconder quem eu sou por uma vida que é menos do que a minha para viver.

Em vez disso, é mais do que alguma vez ousei sonhar.

Assim que o aplauso acaba, dou boa noite a eles. — Vão dormir, gente boa, e saibam que você está segura.

Depois que a multidão se dispersa, Alia se vira para mim, sua família às suas costas. Os generais pólipos flutuam a uma curta distância. — Rainha Evelyn, você considerará um primeiro pedido?

— Claro, minha pequena sereia.

Alia coloca um sorriso orgulhoso. — Você vai me libertar?

Meu coração cai.

Os fios de magia foram cortados do rei do mar, mas eles ainda amarram todos os soldados pólipos para mim. Incluindo Alia. E Anna, que paira à parte de nós, observando em silêncio.

— Alia, não! Nós apenas recebemos você de volta para nós! — Ela exclama, olhos já rosados nos cílios.

— Eu sempre estarei com você, Ela - com todos vocês. Mas eu não posso ficar neste corpo. — Ela olha para mim. — Nenhum de nós pode. Este não é o lugar onde devemos descansar.

Eu não posso negar a ela. Nem nenhum dos pólipos que viveram tanto tempo comigo. Eu concordo. — Diga adeus, Alia.

Ela faz, abraçando suas irmãs apertadas, sua mãe. Eu.

Então Anna nada para fora, os braços para fora. Eu não estava esperando que ela viesse, mas eu a atraí. — Eu te amo.

— Eu digo. Porque eu a amo. Apesar de tudo que passamos, e tudo o que fizemos uma com a outra, eu a amo.



As irmãs mais velhas, aquelas que ela traiu, circulam em torno de nós. — Annemette, gostaríamos de dizer adeus... nós não tivemos uma chance na primeira vez.

Eu me afasto e dou privacidade a elas.

— *Pólipo, hjorð*. — Eu comando os soldados restantes.

Eles se reúnem diante de mim, seus rostos tão bonitos quanto uma lua sem nuvens, brilhando e misteriosos, ainda vazios.

— *Minn pólipo, ráða sjálfraðr*.

No momento em que digo as palavras, há uma onda retumbante, seus corpos tremendo sob o peso da magia saindo deles, libertando-os. E então eles desaparecem como grãos de areia da praia, elaborados com a maré.

A magia dentro deles nos deixa com mais equilíbrio restaurado. Não vai me matar ou até mesmo me magoar - quem eu sou não está amarrado a essa magia como o rei do mar a tinha.

Quando me volto, Anna está lá. Seus olhos azuis encontram os meus uma última vez, e ela balança a cabeça.

Eu pego as mãos dela.

— *Minn Anna, ráða sjálfraðr*.

Como os soldados, o rosto dela brilha - ela é ao mesmo tempo sólida e depois nada. Minhas mãos que seguravam as dela estão vazias. Estou vazia.

Alia dá um abraço final para sua mãe. Então as mãos dela estão nas minhas. Com um aceno de cabeça, ela está pronta. Ela olha para a superfície, para o mundo que ela esperava se juntar e assiste os primeiros dedos da aurora, iluminando o mundo acima.

— *Minn Alia, ráða sjálfraðr*.

Ela brilha, o rosto caindo ao brilho, e enquanto sua figura flutua para longe, um rastro de flores vermelhas aparece em seu rastro.

Eu recolho um punhado, dando as suas irmãs e mãe cada uma delas. Então, com as flores restantes,

eu nado até o topo do meu novo reino e deixo que elas
quebrem a superfície com uma única ordem.

— *Færa*, Runa.





40 - Runa



O alvorecer vem como um capítulo final - uma peça resolvida, o resto da história ainda está indo.

As nuvens se foram, o sol nasce cor-de-rosa e promete, o mar é uma joia cintilante por baixo, águas calmas, reluzentes, em paz.

Mas além do toque das águas, muito de Havnestad é uma pilha de lixo.

As docas estão destruídas, navios entrelaçados. Eles se abrem com feridas, suas barrigas raspadas, algumas tomando água, logo afundarão no fundo do porto. As estradas mais baixas desapareceram, paralelepípedos antigos cobrindo a praia enquanto outros foram engolidos para o mar. Do topo da parede de rocha, mal podemos ver algumas casas e as lojas anexas - tudo está escancarado, janelas e portas, o mar batendo nos sacos de areia e reivindicando-os por conta própria.

Mas as pessoas estão seguras, as casas e lojas no alto da colina intocadas. Abaixo, meu pessoal também está seguro. Por agora - a ameaça imediata dos submarinos desapareceu, mas mais do que isso, a guerra do pai acabou.

E ele também.



Ninguém precisa entregar a notícia. Eu sei disso como uma certeza dentro dos meus ossos, a magia nos unindo mudou para algo novo dentro de mim. Um dia, posso descobrir o que aconteceu, mas com a voz de Alia ainda tocando em meus ouvidos, sinto-me em paz.

O equilíbrio mágico ainda está se resolvendo; a atmosfera aqui em terra é mais pesada que antes. O que secou e quase morreu está novamente repleto de vida, encontrando seu caminho para a luz do sol.

Atrás de mim, Will coloca a mão no meu ombro. — Runa, é a hora.

Nós devemos ir. Porque o amanhecer também traz outra coisa - o perigo de ser descoberto.

Sob a nova luz, ainda somos fugitivos.

Bruxas.

Ladrões.

Rebeldes.

E para mim, uma assassina.

Os guardas que despachamos ontem à noite estarão se reagrupando, não há maior missão para eles do que nos pegar e nos fazer pagar. Eles não se importam com nossos motivos, apenas com o que fizemos por causa deles.

Há uma pontada no coração quando penso em Niklas - coloquei o julgamento sobre ele como se estivesse sendo colocado na minha cabeça, motivos incompreendidos, apenas o resultado visível. Eu tenho que viver com esse sangue em minhas mãos, assim como eu vivo com meu fracasso em salvar Alia. Mas isso não me impedirá de fazer o melhor possível até o final.

Sozinha por um momento enquanto Sofie e Agnata escalam a parede de pedras até a areia encharcada, eu pego a mão de Will. Ele se vira para mim, os dedos das nossas botas se tocando. A luz rosa o lisonjeia, apagando a exaustão em seus olhos azuis.



— Você se lembra do que você me disse quando me recrutou. — Sussurro. — Sobre o que aconteceria se fracassássemos?

Will levanta as sobrancelhas, vasculhando as lembranças daquela manhã em que Alia morreu e ficamos no campo, contornando os pontos mais aguçados de reconhecer a magia um do outro. — Algo sobre como seríamos caçados por alemães furiosos antes que os dinamarqueses pudessem nos banir por bruxaria?

— Sim. Bem, o que acontece agora que conseguimos?

— Nós fazemos tudo de novo.

Ele sorri, e eu não consigo evitar: tenho que beijá-lo - rápido e forte o suficiente para que ele tenha que dar um passo firme, quase perdendo o equilíbrio em nossa lasca de rocha. Eu agarro-me a ele e uma vez que estamos ambos sólidos novamente, nós rimos.

— Vocês dois, por favor, vamos? — Sophie sussurra - grita a metros de distância, claramente não querendo enfrentar outra rodada de guardas porque nos encontramos aninhados em plena luz do dia.

Não é preciso muito para descer, e quando pisamos nas areias negras da praia da enseada, a terra abaixo de nós é encharcada, mas sólida. Will pega a minha mão de novo, e nós andamos pelas areias laterais para a boca da enseada, onde Sofie está sustentando o marcador histórico caído da melhor forma possível contra os pedregulhos que cercam a entrada.

Tomamos uma decisão coletiva de deixar Freyja e caminhar de volta - ela está tão encharcada de água do mar que ela provavelmente não vai andar, mesmo com mágica. Começamos na pista do mar e em direção à cabana abandonada na floresta abaixo do Castelo de Øldenburg.

A casinha nos vigia em silêncio, com suas janelas caindo quando passamos. O cheiro de magia assombra esse lugar e, embora seja apenas na minha periferia, quase



me sinto em casa aqui. Neste lugar menor do que a cabana de Katrine, menor do que o quarto que eu compartilhava com minhas irmãs, com certeza. Eu desejo a chance de ficar e explorar, sentar e deixar suas paredes me dizerem o que elas viram. Espero que ainda esteja em pé quando - se - tiver a chance de voltar a Havnestad sem um preço na cabeça.

A escada esculpida em curvas de pedra até a lagoa abaixo, derretendo granizo esmagando sob nossas botas a cada passo. Os ziguezagues se acumulam até chegarmos ao lado do penhasco e à areia bruta abaixo, a praia cheia e úmida, a água ainda recuando.

— Oh, olha! — Sofie diz, apontando. — Por favor, Deus, deixe-a sem danos.

Eu olho para cima para ver um pequeno barco que, de alguma forma, deslizou pela boca estreita entre os penhascos e se alojou na lagoa. Esta pode ser a melhor maneira de viajar de volta para Katrine, os guardas que nos perseguem provavelmente não estarão na água com a condição das docas de Havnestad.

Lembro-me da nossa promessa de remover as minas flutuantes para que o comércio dos pescadores possa florescer e a Havnestad possa sobreviver sem os lucros da venda de submarinos. Com um barco e nossa magia, poderíamos começar esse processo a caminho da segurança.

Eu dou um passo para correr atrás deles, mas então meus olhos prendem em um presente ainda mais surpreendente, e eu congelo no local.

Flores vermelhas.

Elas estão flutuando a poucos metros de mim na lagoa, mas elas não são deste lugar. Elas são algo que só Alia poderia produzir.

Com as mãos tremendo, eu as pesco fora da água. Gavinhas de magia sangraram de seus espinhosos caules. Eu não posso acreditar que estou segurando isso. Um pedaço da



minha irmã, em minhas mãos, seu talento é uma coisa tangível.

Ah, Alia

Pressiono os dois dedos da mão direita juntos, nosso sinal - um, Alia; dois, Runa.

Não há eu sem ela.

— Você não está pegando flores de outro bruxo, não é?
— Will pergunta, sua voz quase sussurrando. Ele está tentando brincar, mas eu sei que é só porque ele pode ver meu rosto oscilando entre tristeza e alegria.

— Nunca. — Minha voz treme, meu queixo treme, e então lágrimas - verdadeiras lágrimas humanas - fluem quentes pelo meu rosto.

É o que eu preciso e não totalmente o suficiente.

Meus olhos piscam para ele enquanto ele coloca suas mãos firmes na minha cintura, esperando o que mais posso dizer. Ele é paciente e leva algum tempo para reunir as palavras certas. — Alia. Ela trouxe essas flores para a bruxa do mar como pagamento antes que ela soubesse que o custo seria sua voz. — Eu puxo uma respiração longa e trêmula, o significado de sua aparência subitamente grossa no meu peito. — Eu acho que a bruxa do mar me devolveu isso como um presente.

Will olha para as meninas, endireitando o barco e inspecionando-o em busca de danos. — Por que você não tira um momento?

Eu aceno, grata por não ter que perguntar.

Agarrando as flores ao meu peito, eu volto para as sombras do penhasco acima. Entre dois pedregulhos está a pequena caverna que vi naquele primeiro dia em que vim aqui para mudar, com a porta acenando.

Os limites são pequenos e escuros. Mas eles incham com magia. Perto da entrada, encontro uma ponta de uma vela e a ilumino. — *Kveykva*.



Uma chama irrompe e o espaço se revela - um pequeno paraíso cheio de livros, garrafas, potes e uma caixa de conchas de ostras, derrubada pelas águas da lagoa que visitou durante a tempestade. A magia aqui tem a mesma assinatura da pequena casa acima.

A mesma assinatura das flores.

Este lugar era a bruxa do mar. A casa também. Antes de ela se tornar o que ela é. Eu nem sei o nome dela, mas agora gostaria de saber. Talvez um dia eu aprenda.

— Alia, você adoraria esse lugar. — Eu digo para as flores e para ninguém. As pontas dos dedos flutuando sobre o conteúdo empoeirado.

Flores pressionadas contra o meu peito, eu me inclino para pegar as conchas de ostras e suas pérolas derramadas - não é bom deixar algo do mar que é uma bagunça. A areia se desloca sob o caixote e, através de uma fenda na rocha, um livro escorrega na areia.

A luz de vela encontra o título imediatamente. O Grimoire Spliid.

A ligação é diferente do de Katrine - desmoronando com amor e uso. Eu levanto o livro e coloco em uma pequena mesa feita de madeira e pedras. O livro se abre para uma passagem marcada com o tritão. Símbolo do pai. Abaixo está a passagem que encontrei em Katrine, aquela que me deu a chance de ir para casa.

O mar é sempre definido por sua maré, dar e receber a medida de seu escambo. Na magia, como na vida, o mar não dá seus assuntos de ânimo leve - o pagamento é necessário, o valor equivalente, não importa a pergunta. Uma concha, um peixe, uma pérola do maior esplendor - nenhum pode ser tomado sem dívidas a serem pagas.

Nós pagamos caro, Alia acima de tudo. O pai e Niklas também, apesar de suas motivações.



Eu coloco a vela na mesa, as flores, o livro. O passado, presente e futuro confusos atrás dos meus olhos.

É então que percebo que posso levar Alia e a bruxa do mar comigo para essa nova vida. Eu arranco as pétalas suavemente de cada flor e coloco-as ao longo da página aberta no grimório, da espinha à borda, as flores de Alia tocando cada palavra.

Minha irmã e a bruxa do mar comigo. Envoltas em uma lembrança de quem eu sou agora - uma herdeira e guardiã da magia que ainda vive nesta terra.

— Eu vou deixar vocês orgulhosas. — Eu digo, para as duas, pressionando o livro no meu coração enquanto eu saio da caverna e para a luz - o passado em meus calcanhares e o futuro bem aberto até onde olho pode ver.

Eu era uma princesa. Uma sereia. Uma gêmea.

Eu sou uma bruxa. Uma humana. Uma rebelde.

E eu apenas comecei.